



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL - PPGAS

JOSIMAR RAMOS MARINHO

COSMOLOGIA E TRANSFORMAÇÃO DO CLÃ TUROPORÃ NO
ESPAÇO URBANO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA,
AMAZONAS

MANAUS-AMAZONAS

2024

JOSIMAR RAMOS MARINHO

**COSMOLOGIA E TRANSFORMAÇÃO DO CLÃ TUROPORÃ NO
ESPAÇO URBANO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA,
AMAZONAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, como requisito à obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Ivan Gil Braga.

MANAUS-AMAZONAS

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M338c Marinho , Josimar Ramos
Cosmologia e transformação do clã Turoporã no espaço urbano
de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas / Josimar Ramos Marinho
. 2024
256 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Sérgio Ivan Gil Braga
Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal
do Amazonas.

1. Turoporã. 2. Cultura. 3. Territorialidade. 4. Identidade. 5.
Relação interétnica . I. Braga, Sérgio Ivan Gil. II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

JOSIMAR RAMOS MARINHO

**COSMOLOGIA E TRANSFORMAÇÃO DO CLÃ TUROPORÃ NO
ESPAÇO URBANO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA,
AMAZONAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, como requisito à obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Ivan Gil Braga.

Aprovada em: 18 de Setembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Ivan Gil Braga. (Orientador)
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Profa. Dra. Maria Helena Ortolan
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Prof. Dr. Raimundo Nonato Pereira da Silva
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Profa. Dra. Claudina Azevedo Maximiano
Instituto Federal do Amazonas (IFAM)

Profa. Dra. Glacy Ane Araújo de Souza dos Santos
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

“Na aldeia com meus irmãos e irmãs cheio da alegria contagiante, descascando as laranjas, com a regra de modo que, quem não quebrasse o fio da casca de cada laranja até o fim, chegaria a grande cidade... chegamos a São Gabriel da Cachoeira, Manaus, Brasília, Rio de Janeiro, Recife, São Paulo, Caracas (Venezuela), La Paz (Bolívia), Europa...”

AHKUTÓ

AGRADECIMENTOS

O mais sincero eterno agradecimento filial ao meu pai Hãusirõ (in *memoriam*) pela vida, o ensinamento do trabalho, conhecimento valioso confiado a mim sobre a cultura do clã Turoporã, a transmissão da liderança e a sabedoria do baséssé, do amor ao território, a tradição, os ritos imortais, cerimônias do cotidiano, política e convivência respeitosa e fraterna. Gratidão com saudades infinitas as minhas irmãs que vivem na eternidade, Valterina, e Oscarina, influenciadoras do estudo, da sabedoria e profissionalismo em educação, lutadoras e vitoriosas e ao sobrinho Oseas Neto que partiu prematuramente para viver junto com seu avô e tias no céu.

A atenção e crença nas palavras da Sená, Tuyuka, minha mãe, trabalhadora, conhecedora me educou para a vida e responsabilidade no serviço na conquista do conhecimento e a dignidade. Colaboradora inigualável da interlocução e explicações das cerimônias, com o conhecimento das fontes naturais dos objetos e materiais da celebração do rito e medicina natural.

Reconhecimento da família em nome dos meus irmãos Oseas, Jesus, Evangelista e a Meire, os sobrinhos e sobrinhas, geração com novos olhares para a continuidade do clã, vivificadores da cultura construtores dos novos espaços e lugares sociais diferenciados. Incluo o grupo de estudo e diálogo Feliciano Gomes (in *memoriam*), Casimiro Sampaio (in *memoriam*), Severiano Sampaio foram pacientes e verdadeiros interlocutores e íntegros Turoporã na defesa e atualização da valorosa sabedoria do clã na eminência da raiz Turoporã que reduziu em número e não na veracidade da identidade.

Salutar, mérito e convicção recebida na orientação do Dr. Sérgio Ivan Gil Braga que incansavelmente acompanhou o trabalho, nas estonteantes leituras da minha escrita, recomendações das profundas e criteriosas fontes teóricas e com muita sabedoria encaminhou a descoberta de conhecimento antropológico e social até o ponto da chegada.

A instituição UFAM, Programa da Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), reconheço o acolhimento e a valorização da capacidade do originário possibilitando a contribuição na produção científica.

Gratidão a diocese de São Gabriel da Cachoeira, à Arquidiocese de Manaus ao D. Sérgio Eduardo Castriani (in memória), eterno reconhecimento e carinho, na trilha e caminhada na Construção do Reino de Deus e o mundo cosmológico mais humano.

A sábia e conhecedora Dra. Marianina Impagliazzo dedicou na leitura do corpo no total do conteúdo da pesquisa, organizou na formatação técnica e objetivou as considerações mais profícuas da visão teórica, um obrigado é o mínimo na grandeza da dedicação no serviço desmedido.

As leitoras Ir. Edwiges Maria de Almeida de Souza (FMA), missionária e dedicada profissional em educação no contexto indígena e urbano, a professora Arminda Mendonça, indigenista, de renomado ofício em ações públicas e culturais do Estado do Amazonas, mulheres que ofereceram o tempo e a sabedoria e conhecimento, tiveram o cuidado e paciência na correção e complementação em língua português, reformulando os conceitos, as ideias na lógica do pensamento e na escrita.

RESUMO

O trabalho inicia com a origem da etnia Tukano, aprofunda a cosmologia específica do clã Turoporã, constrói a antropologia perfazendo a articulação do mundo e vida social indígena e a o não indígena. A compreensão de quem sou e somos nós por meio de análise cultural e social na antropológica do indígena na fala da origem, escuta do sábio e escrita etnográfica atualiza o sentido original, cosmológico da realidade territorial, da família, a pertença ao clã, o idioma e a identidade. A análise das dimensões culturais em constante transformação compreende a percepção diferente na diversidade cultural, o simbolismo e mistura com a visão social do não indígena, questões debatidas com as teorias e pensamentos a nível genérico no mundo cósmico, em expressões em Turoporã que faz o diálogo na perspectiva universal, civilizatória no mundo contemporâneo. As mudanças sociais da experiência do indígena consistem em interação cultural étnica na formação do clã, parentesco Turoporã e outros clãs da aldeia. Os indígenas da região todos participam da construção de uma sociedade com nova estrutura das personalidades, espírito, atitude diferenciada na convivência com os diversos sujeitos. O processo do contato com o não indígena sugere a análise das influências conflituosas, desacreditadas, perigos e competitivo da experiência transformadora de informações e interesses, o equilíbrio das duas partes frutifica outras idéias do conhecimento originário, necessita pesquisas científicas e os estudos, organização social e intercultural que acolhe os outros elementos humanos com a projeção do cuidado, da valorização do ambiente natural e sustentação da humanização. Os valores originários materiais e imateriais enriquecem a sociedade urbana, formas tradicionais e tipos dos ritos e as cerimônias beneficiam na crença e na prática cultural, caracteriza o espaço e a pessoa que vive a transformação. As categorias clânicas e grupos sociais em níveis distintos do conhecimento são compartilhadas na socialização, a política e a economia na vivência da cidade. A realidade urbana estudada possibilita a verificação da identificação na presença da cultura do Turoporã e outras 22 etnias oficiais do município de São Gabriel da Cachoeira, o modo e a forma cultural transformadora na união e a participação em cidade indígena. Parece um filme, é um grande processo da marca de luta pelo reconhecimento da importância, capacidade do indígena que possui a cultura, que se liberta das ideias negativas na sociedade múltipla e cresce significativamente atuando como sujeito dentro da dinâmica transformadora dos espaços, elimina as violências, constrói a vida e na defesa do meio ambiente.

Palavras-chave: Turoporã; Cultura; Territorialidade; Identidade; Relação Interétnica.

ABSTRACT

The cultural and social anthropological understanding of the indigenous in the speech of origin, listening to the wise man and ethnographic writing updates the original, cosmological meaning of territorial reality, family, belonging to the clan, language and identity. The dimensions understood bring a different perception of cultural diversity, symbolism and mixing with the social vision of the non-indigenous, issues debated with theories and thoughts at a generic level in the cosmic world, in expressions in Turoporã that make the dialogue from a universal, civilizing perspective in the contemporary world. The social changes of the indigenous experience consist of cultural interaction, clan formation, Turoporã kinship, other clans in the village, the region, making them participate in the construction of a society with a new structure of personalities, spirit, and a differentiated attitude in coexistence with different people. subjects. The process of contact with white people suggests the analysis of conflicting, discredited, dangerous and competitive influences of the transformative experience of information and interests, the balance of the two parties bears fruit from the original knowledge, scientific research and studies, social and intercultural organization that welcomes the other human elements with the projection of care, appreciation of the natural environment and support of humanization. Original material and immaterial values enrich urban society, traditional forms and types of rites and ceremonies benefit cultural belief and practice, characterizing the space and the person who experiences the transformation. Clan categories and social groups at different levels of knowledge share political and economic socialization. The urban reality studied makes it possible to verify emancipation in the presence of the Turoporã culture and 22 other official ethnic groups in the municipality, in the union and participation in an indigenous land and city, it looks like a movie, it is a great process of the brand's struggle for recognition of the importance , the capacity of the indigenous person who possesses the culture that frees himself from negative ideas in a multiple society grows significantly, acting as a subject within the transformative dynamics of spaces, eliminates violence, builds life without destroying the environment.

Keywords: Turoporã; Culture; Territoriality; Identity; Interethnic Relationship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Aldeias no Rio Tiquié e do afluente no Rio Castanho	27
Figura 2: Tuopará Yúpuri	152
Figura 3: Duhigó	155
Figura 4: Duhigó	158
Figura 5: Waró	162
Figura 6: Yepário	173
Figura 7: Diathó	177
Figura 8: Yupuri	181
Figura 09: Yepasuriũ	184
Figura 10: Recorte de noticiário do G1	186
Figura 11: Bairro da Fortaleza	207
Figura 12: Rua da feirinha	208
Figura 13: Recorte de noticiário	209
Figura 14: Benzedor Joanico	211
Figura 15: Material Basèssé	222
Figura 16: Folhas de Bará	224
Figura 17: Resíduo cicãtá	226
Figura 18: Óhpé	227
Figura 19: Senã Tuyuka	228
Figura 20: Cigarro cerimonial	229
Figura 21: Casca de carapanaúba	230
Figura 22: Vista aérea da Cidade de São Gabriel da Cachoeira	231
Figura 23:	234

LISTA DE QUADRO

	Pag.
Quadro 1: Famílias dos Turoporã	31
Quadro 2: A hierarquia da etnia Tukano	58
Quadro 3. Os clãs Yepa-mahsã	132

SUMÁRIO

	Pag.
INTRODUÇÃO	13
METODOLOGIA	15
OBJETIVO GERAL	
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	21
CAPÍTULO I	
<i>Análise etnográfica sobre a origem, a cultura, o território do Tukano, clã Turoporã, alto rio Negro.</i>	22
1.1 Origem e Territorialidade	22
1.1.1 Cultura da etnia Tukano do clã Turoporã	24
1.1.2 Clã Turoporã	30
1.1.3 As influências não indígenas iniciais na cultura do Turoporã	43
1.2 - Primeira Fase da Pesquisa de Campo: Territorialidade, aldeia, identidade cultural	48
1.2.1 Clã Turoporã na hierarquia do Tukano	57
1.2.2 O rito, a cerimônia do basessé	63
1.2.3 A dinâmica cultural do clã no território	81
1.2.4 Sair ou ficar no clã Turoporã	84
CAPÍTULO II	
<i>Construção das vivências étnicas, os estilos e modos diferentes no meio urbano</i>	98
2.1 Presença da influência não indígena	99
2.2 Trajetória de vida de indígenas Tukano, clã Turoporã na cidade de São Gabriel da Cachoeira	102
2.3 Transformação do clã Turoporã na cidade	113
2.4 Cultura, política interétnica diferenciada	123
2.5 A mobilidade étnica urbana	129
2.6 Cidade é “civilização”?	134
2.7 Cultura, família, criança, adolescentes e jovens Tukano Turoporã e outras novas vozes ressoam na vivência da aldeia e ecoam na passagem para a cidade	141
2.8 As interlocuções com indígenas adultos	146
CAPÍTULO III	
<i>Segunda Fase da Pesquisa: Tempo da Pandemia</i>	165

3.1 Sonhos e o perigo do vírus	166
3.2 Interlocução indígenas adultos e adultas na cidade	172
3.2.1 O registro das falas sobre a origem étnica	177

Isolamento entre a aldeia e a cidade em tempos de pandemia

3.3 O distanciamento social	194
3.4 Ritos e cerimônias culturais na prevenção, combate étnico contra o vírus	204
3.5 A pandemia e a questão indígena.	214
3.6 A cultura, sabedoria milenar, ritos, a cerimônia do básessé (benzimento), poder medicinal natural no combate ao coronavírus.	219

CAPÍTULO IV

A cidade e a vida urbana indígena em “transformação” 233

4.1 A cidade indígena	234
4.2 A cidade e o município de São Gabriel da Cachoeira a mais indígena em representação	239
4.3 Viver no centro urbano e afirmar a identidade indígena no mundo não indígena.	244

CONSIDERAÇÕES FINAIS 250

REFERÊNCIAS 254

INTRODUÇÃO

Ahkətó constrói a etnografia baseada na cosmologia e transformação da etnia Tukano especificando o seu clã Turoporã da aldeia até no espaço urbano de São Gabriel da Cachoeira no Estado do Amazonas é uma investigação científica com abordagem antropológica, enfatizando a perspectiva cosmológica, com a proposta de contextualizar o percurso indígena até a vivência na realidade urbana, a ampliação do conhecimento originário em meio aos processos vivenciais com ritmos acelerados em uma sociedade diferenciada.

O estudo e análise feito numa realidade desafiadora devido à presença dos diversos grupos étnicos, modos de vida cultural diferente, as falas da origem e, por isso, nos convida a fazer uma grande viagem mitológica, iremos descobrir fatores da composição da sabedoria da cultura étnica local dirigida da ciência do Turoporã, passaremos no tempo em que o ser humano étnico e não indígena ocupou e transitou na região, o modo tradicional da vida social, organização e diálogo permanente, entre os mais velhos e a nova geração. Estes momentos serão ricos de informação transmitida por alguém que experimentou e está neste espaço e que passa a habitar na cidade com outros indígenas e não indígenas.

Ahkətó liga a origem indígena em um espaço de interações diferente por muitos considerado de seu lugar primitivo, promove a percepção das transformações no pensar e no agir como ser originário. Constrói a abertura dialógica do usufruto dos serviços na ordem moderna material, ferramentas tecnológicas e a comunicação na velocidade interétnica impõem a superação aos obstáculos e fronteiras culturais criadas para tornar a importância da cultura universal.

O estudo de caráter antropológico cultural e social, realiza interlocução com os sábios da etnia e o testemunho sobre a vida cultural dos jovens e adultos para uma compreensão didática, da situação vivida pelas famílias na aldeia e que eventualmente habitam na cidade. São delineados fatores influenciadores causadores da transformação cultural dos hábitos, costumes que mudaram o pensamento da nova geração conduzindo nos outros fios das diversas trajetórias sem separar-se do pertencimento a origem e o clã mesmo no contato com a dita “civilização”, vida não indígena na ideia urbana como experimento cultural e social do contexto atual.

Análise e reflexão cosmológica do Pamɛri máhsã específica da etnia Tukano do clã Turoporã é realizada no Capítulo I, direcionada à origem do indígena, o significado da terra, o território habitado, a estrutura da hierarquia étnica, a constituição da organização política na aldeia, a dimensão cultural, na afirmação da identidade, a prática dos ritos cerimoniais, como o *basessé* que é a mais importante ação cerimonial cujo conhecimento milenar étnico de valor histórico da terra, abrange de cura e proteção.

A construção das vivências étnicas, os estilos e modos diferentes no meio urbano é apresentado no Capítulo II, onde a cultura dinâmica vivenciada pelos sujeitos e atores originários promovem transformações culturais no clã Turoporã decorrente da mobilidade étnica urbana e da política interétnica diferenciada. Um olhar atento é lançado na formação hierárquica entre as etnias, na reformulação do conceito do indígena de acordo com o seu papel e lugar na vida urbana.

Os depoimentos dos adultos Tukano e de outras etnias são relatados no Capítulo III, aprofundamento do diálogo, construção etnográfico pelos conteúdos dito de modo experimental é o material da análise antropológica destaca a diferente experiência da origem na vida cultural urbana, possibilita a investigação das dificuldades, os problemas e como permanece a sustentação da identidade de ser indígena. Durante o estudo no mundo urbano iniciou o período do coronavírus cuja maior característica era o isolamento. A par disto, o poder do conhecimento local milenar no combate contra os males do vírus, supremacia do valor cultural no cuidado com a vida fazendo a diferença do desempenho dos líderes políticos não indígenas.

No capítulo III tratamos questões da presença étnica no contexto da covid 19, naturalmente o indígena é interpretado como vivente no isolamento entre a aldeia e a cidade, e em tempos de pandemia é descrito a realidade vivenciada que explica a importância da prática do isolamento da realidade urbana. Há uma profunda reflexão e ao mesmo tempo a explicação dos porquês da habitação étnica na cidade, o contexto urbano pensado e considerado como lugar civilizado se compara no diálogo no ponto de vista indígena a cidade sendo a “civilização” e no momento se torna perigoso exigindo a atitude que os indígenas e os não indígenas ou toda a humanidade procure o refúgio e o afastamento da vida comum e social e a função cultural indica uma solução já existente.

O elemento natural da floresta, a terra, a água é a fonte vital da vida que super abundantemente viveja na consciência de ser indígena e propaga para a humanidade inteira esta riqueza, para este estudo a natureza é a própria e a melhor estratégia étnica na proteção e salvadora contra a contaminação para a salvação da vida existencial. A prática

do rito *basessé* se tornou arma valiosa que vigorou com a potência do conhecimento local para obter a defesa e a cura compreendendo o cuidado, além do uso do remédio natural, a observância aos princípios existenciais, valores morais e espirituais, crenças e normas da vivência, leis e regras de vida comum.

A cidade mais indígena é refletida no Capítulo IV, as análises das ações transformadoras, a existência das influências não indígenas que envolve um estudo rico do diálogo entre as duas culturas que resulta na outra forte característica cultural que constitui a urbanidade indígena e este processo está em contínua transformação com novos atores, comportamentos, conduta, linguagem, ocupação de funções públicas e a consequente participação nas decisões da ação de cidadãos. A cidade indígena constitui uma outra paisagem revela nova ideia antropológica, descobre explicações sociológicas da complexidade em que os valores elementares indígenas e os não indígenas se envolvem, o simbólico, a representação, o sentido espiritual sempre estão presentes na dinâmica coletiva.

A etnografia com análise antropológica gera o estudo constitutivo do valor cultural, numa realidade social étnica complexa do conhecimento e vida organizacional na ideia da retidão do pensamento construtivo dos princípios básicos do respeito à cultura originária, intensificar os debates no universo existencial do homem e da mulher, o sentido da ocupação do espaço físico e social, atuação das novas gerações étnicas como sujeito da cultura na sociedade local e interétnica na busca do progresso do bem-estar e dignidade em comum.

METODOLOGIA

O método da observação adotada neste estudo etnográfico busca analisar a origem étnica do Tukano e o clã Turoporã as causas do processo de mudanças e da mobilização na constante ida, vinda e permanência na cidade, baseada nos dados concretos dos processos culturais e sociais das mudanças com a perspectiva cosmológica refletida na junção dos dois mundos na sociedade urbana de São Gabriel da Cachoeira, antes concebidos equidistantes e contrastantes.

A metodologia da observação participante ocorreu no espaço do território: Município de São Gabriel da Cachoeira no Estado do Amazonas, uma área territorial de 109.181,245 km², com uma população predominante de origem indígena, com 74% dos originários distribuídos em 23 etnias diferentes; na comunicação, três línguas são oficiais:

o tukano, a língua geral e Baniwa atendendo a Lei Municipal 145, de 22 de novembro de 2002, ultimamente incluído o idioma Yanomami.

Os idiomas oficiais indígenas da região têm sido importantes no campo da comunicação, na organização da educação diferenciada utilizadas em processos de alfabetização, nas atividades religiosas celebrativas, ações na participação da política e com liberdade no uso da prática da expressão e assim, a comunicação é aceita socialmente e com particularidades dos ritos e cerimônias culturais. No Município mais indígena verifica-se um alto índice de escolarização na faixa etária de 6 a 14 anos, no total de 89,4 % da população no território municipal (IBGE,2022) que ocupa desde início da formação da cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Na observação o Ahkɛtó percebe a mudança na cultura e na sociedade e, por isso, analisará a especialmente a nova geração na dinâmica crescente do processo da saída da maloca, a aldeia destacando toda a riqueza cultural os objetivos e as finalidades, posteriormente a vida denominada em comunidade se esvazia no êxodo de vida originária para habitar nos últimos anos na cidade, sede do município. Observará as causas e finalidades e as consequências e a realidade da localização e o território dos tukano e o clã Turoporã, a situação cultural da etnia, a formação dos clãs com testemunhos das experiências vivenciadas pelos próprios Turoporã e de outras etnias na interlocução.

Ahkɛtó faz a observação e participa do processo em estudo e se ocupará dos dados empíricos e com os conteúdos será feita a verificação do início das características das mudanças e a ação destes elementos transformadores dentro da cultura e a estrutura social do Tukano do clã Turoporã no tempo da aldeia, depois nas chamadas comunidades e no presente a inserção na vivência urbana, este é o processo que parte da origem para a vida na cidade. O **ver** analisará os dados empíricos dos elementos culturais e sociais no aspecto do modo de vida e comportamental, e o **ouvir** direcionará como são os modos da fala que transmitem os pensamentos, a ideia sobre os valores da cultura às famílias, a conduta das crianças, o pensamento dos adolescentes, a ação dos jovens e adultos inserindo a sua origem no modo de vida urbana, comparar os tipos das habitações da aldeia para a habitação familiar; estar na comunidade e viver numa casa dentro do bairro e rua; mudar a unidade para o diferente, serão questões para refletir a relação originária cosmológica para o estilo urbano, o sentido do estudo e a escrita etnográfica feita pelo próprio indígena.

O atual processo da vida e a cultura será observada e analisada pelo Ahkɛtó junto com o grupo dos sábios interlocutores que falarão criticamente complementando a experiência do passado com o poder do conhecimento local do surgimento étnico e do

clã, das outras relações nos novos espaços sociais vividos pelos membros do Turoporã e as constantes mudança da realidade e da cultura originária, a resistência e a interação social do complexo e desafiador mundo urbano.

A metodologia sob o fundamento do estudo etnográfico, seguindo Malinowski (1932) que se posicionou no campo ascético, no sentido simbólico relativo aos espaços sociais, tipo uma imitação ao pensamento de Frazer (2008) e, neste aspecto descritivo outros autores consideram o lado romântico. Malinowski (1932), difundiu o estilo de descrição etnográfica sobre os espaços, onde ocorre a comunicação das novas ideias analíticas.

A etnografia de Malinowski (1932) usa os conceitos de funcionalismo antropológico e cultura que nos auxiliam na compreensão do espaço social em transformação na realidade indígena que constroem um modo de vida e hábitos no outro espaço social, isto significa, que o conceito objetivado naturalista do teórico está sendo refletido no presente onde os indígenas vivenciam a realidade urbana abrangente. No estudo de Mauss (1974) está presente o esforço da interpretação da realidade social, não apenas limitada ao conceito. Os conceitos são reconduzidos pelas pessoas que atuam como observadores com olhares distantes sobre os sujeitos e a realidade pesquisada. No presente os indígenas são agentes da informação na interlocução, estudam e fazem análises da realidade própria, propondo a valorização da origem, participam do diálogo interativo no movimento intercultural nos passos acelerados do mundo não indígena.

Malinowski (1932) apresenta o método da escrita sobre os dados observados e as informações obtidas, descrevendo de forma técnica e detalhada sempre com a atenção etnográfica na coleta de dados, na realidade em que ele fez os seus estudos. A resposta da descrição resulta na construção de uma anatomia da cultura determinada onde foi realizada a observação participante, o conteúdo específico coletado e sua importância em que a informação escrita revela o organismo social daquele lugar onde vivem os sujeitos observados dentro de uma estrutura.

A interlocução feita na língua Tukano viabiliza o trabalho cultural na aldeia indígena, verificação do que os indígenas e os não indígenas falaram e escreveram sobre nós e da cultura e a sociedade; a diferença do passado para este momento é que os sujeitos citam as experiências de vida natural, tratamos sobre: quem somos nós; o que falamos e refletimos hoje e por isso, existem expressões originárias como os nomes dos clã, *pamθrĩ máhsã*, o *basessé* não traduzidas em palavras expressas na língua portuguesa. Esta questão dificulta o entendimento para os não indígenas que não conseguem abstrair o significado

das falas em tukano ou em outro idioma étnica; as palavras são próprias da fala do originário que nomeia na lógica mitológica. A estrutura linguística tukano possui sistema próprio da fonética e sintaxe no funcionamento da comunicação. Isto porque a oralidade contém a lógica que exprime a ideia e o pensamento de modo diferente dos não indígenas, assim como os elementos não indígenas influenciadores de mudanças também não são interpretados ou traduzidos em idioma tukano ou no idioma de outra etnia.

A interlocução deverá compor as informações e destas falas será feita a coleta dos dados como a realidade atual vivida no cotidiano étnica misturada da sociedade plural o urbano. As mudanças que ocorrem na comunicação oral, as expressões locais, e o pensamento dos jovens indígenas na família, na escola expressam com outros significados, a criação das ideias e pensamentos referentes ao mundo urbano que parece ser determinante no contexto sociocultural para o não indígena. Para os indígenas as culturas diferentes se misturam na caracterização, na localização e isto permite a notificação da informação dos diferentes tipos de categorias sociais que surgem, as diferentes relações sociais tradicionais como indígenas que agregam na sociedade urbana.

A observação, a escuta e a escrita como métodos de desenvolvimento da pesquisa proporcionam a compreensão, verificação e a documentação da realidade das ações dos elementos culturais, sociais, os hábitos locais, dos comportamentos diversificados próprios do grupo ou comunidade étnica. O resultado da observação e escuta descreve os ritos e as tradições, aprofundam as particularidades na vivência e na prática de cada etnia e do clã, as características culturais são distintas e não são uniformes.

O ouvir no ato da interlocução sobre a fala dos depoentes no idioma Tukano é significativo, exige a atenção das ideias ditas em Tukano na visão da realidade e assim, descobrir as novas dimensões sociais e culturais antropológicas. A realidade étnica dos agentes é diferente do passado e no presente percebido na comunicação e no posicionamento lógico das ideias de diferentes gerações em transformação.

A observação participante é o método construído por Malinowski e Radcliffe-Brown considerados fundadores da antropologia social e posteriormente o método foi difundido pelos seus discípulos, direcionado para o objeto de pesquisa de campo segundo o campo do conhecimento antropológico e sociocultural. Radcliffe Brown três anos mais velho que Malinowski tomou a liderança da Antropologia social britânica no final da década de 1930, considerado pelos muitos teóricos como clássico do que o romântico Malinowski, ambos possuidores de ambição de status aristocrático, que se equiparam excêntricos.

Alguns pensadores afirmam que Radcliffe Brown um clássico e o romântico Malinowski, este era um egomaníaco e um dogmático e, enfim os dois são vistos como profetas. Os teóricos e pensadores ainda afirmam: “mas onde Malinowski era todo arrebatamento caudaloso, Radcliffe-Brown ordenava o seu fluxo, guiado por sua inquebrantável adesão, ainda que um tanto ingênua, aos cânones das ciências naturais do começo do século”. Malinowski e Radcliffe Brown tinham suas divergências, porém, ampliaram discussões e ideias antropológicas na década de 1930 (RADCLIFFE BROWN, 1935).

Radcliffe-Brown estabeleceu a Antropologia no seu primeiro estudo de campo nas ilhas Andaman, com o rigor metodológico na época pré Malinowski e, “pode-se dizer o mesmo de sua obra entre os aborígenes australianos, em 1910-12 que era um trabalho de pesquisa do tipo praticado por Rivers ou Seligman. Mas os resultados do seu trabalho que constituíram o material de suas primeiras publicações, demonstraram os seus poderes analíticos e representam uma importante contribuição para o assunto” (RADCLIFFE-BROWN, 1935).

A experiência dos clássicos contribui na estruturação do trabalho em antropologia e permanece na escrita e na documentação coerente, as justificativas das informações de acordo com as ideias e pensamentos relacionados ao objeto e a finalidade definida pelo pesquisador. Os Tukano do clã Turoporã e de outras etnias possuidores do conhecimento local cosmológico, com escolarização formal são parte atuante na execução da pesquisa.

Os métodos criados e usados nas pesquisas pelos clássicos iniciadores das teorias antropológicas aplicados no campo em lugares diferentes das realidades sociais originárias, aprofundarão a investigação da realidade cultural no processo das forças das mudanças sob a análise das falas, depoimentos, diálogos, discussões para transcrever com os fundamentos teóricos a explicação dos argumentos das questões objetivadas, a memória, a averiguação da problemática de mudança da aldeia, a formação social a partir de um dado originário em transformação.

A metodologia encaminhará para a caracterização do originário em sua etnia, o Tukano, a sua clã explicando a sua origem definindo quem é o indígena para compreendê-lo na realidade territorial, sendo que no processo da transformação ele permanece e as consequências na vivência com o caráter indígena na área urbana, afirmando a cultura, a sua etnia e o clã e, qual é a sua língua. Radcliffe-Brown (1935) afirma que o maior interesse do etnólogo em sua época é a forma da organização das tribos, tal como eles

existiam antes da “colonização” europeia das ilhas, eis a razão direta da observação, ainda que fosse pioneiro este método e ainda mais dependia muito dos informantes. Sugere que os informantes pudessem descrever como era a constituição das ilhas e seus habitantes nos tempos passados. Mais tarde confessou que se tratando de parentesco, que sofrera desintegração, diversas transformações e mudanças em seus costumes, mais difícil seria os nativos formularem palavras para informar sobre as relações sociais, exceto apenas os mais simples.

A metodologia direcionada a ocupação da cultura original no território físico, busca conhecimento sobre o modo de vida singular, o desenvolvimento das relações étnicas na estrutura da sociedade pelos elementos não indígenas, visto e analisado “*in loco*” nas dimensões existentes de cada processo transformador, refletido na cosmologia do vasto campo do conhecimento originário.

A técnica metodológica aplicada a realidade indígena com base empírica dos fatos, elenca tanto os fatos quanto os processos concretos, presente na história, permitirá verificar a experiência diversificada na relação cultural e social ao chegar à cidade sem a perda das suas raízes culturais, entendendo que o modo do núcleo do ser originário fundamenta a organização e estruturação da vida sociopolítica.

Objetivo Geral

Analisar o processo da transformação social do clã Turoporã e outras etnias na transposição de suas vivências na aldeia para a urbanidade na cidade étnica de São Gabriel da Cachoeira no Estado do Amazonas buscando compreender a força de transformação da realidade indígena em sua nova dinâmica sociocultural.

Objetivos Específicos

- Apresentar o saber mítico e a oralidade dos sábios para compreender o desenvolvimento da sociedade que envolvem as vivências que unem e misturam os elementos originários e os não originários.
- Identificar as mudanças de comportamentos, hábitos e atitudes dos indígenas na experiência com a relação nas duas realidades sociais distintas.
- Ressaltar a importância do diálogo cosmológico e antropológico nas interlocuções e interações dos indígenas com o meio urbano.
- Descrever as tradições, os ritos, as cerimônias, vivências clânicas coletivas na aldeia, a formação hierárquica e o *basessé* com a sua estreita relação com o uso dos recursos naturais.
- Verificar o impacto das vivências que unem e misturam os elementos originários e os não originários.
- Compreender o desenvolvimento de um grupo social que envolve vivências que unem e misturam elementos originários e os não originários.

CAPÍTULO I

Análise etnográfica sobre origem, cultura, e território dos Tukano, clã Turoporã, do Rio Tiquié¹, alto Rio Negro

1.1 Origem e territorialidade

Ahkutó², originário, indígena da etnia tukano³, nato do clã Turoporã⁴, nascido em Yuyutá⁵, lugar da chegada dos primeiros do clã a atual comunidade de Barreira Alta, rio Tiquié, município de São Gabriel da Cachoeira. O nome Ahkutó é a herança da primeira formação da hierarquia do clã, recebido na cerimônia do benzimento no nascimento. Ahkutó, filho de Haüsirô⁶, tukano Turoparã⁷, em português Ovídio Marinho (*in memóriam*) e de Senã⁸ da etnia Tuyuka, em português chamada de Maria da Gloria Ramos Marinho. A família, se compõe dos seguintes irmãos: Oscarina (*in memóriam*), Valterina (*in memóriam*), Oseas, Rose Meire, Jesus e Evangelista indígenas educadores e administradores em formação, 16 sobrinhos, o Ovídio Neto (*in memóriam*) e 04 sobrinhos netos.

A família constituída do sábio e o pai Haüsirô⁹ vivenciou a riqueza cultura e a importante, memorável e ainda vigente sabedoria de cada filho e filha que desenvolve o conhecimento da origem, com base na mitologia relacionada ao surgimento da espécie humana, destacando a etnia Tukano na estrutura da hierarquia do clã, o valor permanente da ocupação do território, a sequência dos processos históricos, o parentesco, a vida coletiva da aldeia, o contato com a diferente visão do mundo cultural não indígena de cada geração. A família participará de todo o processo deste estudo, assim como, os membros do clã que se incluem na relação e dinâmica das transformações sociais étnicas. Bem como, referências teóricas para estudo do conhecimento cultural local e análise da experiência da vivência urbana, cuja própria experiência de vida do autor coordena o pensamento, as proposições e idéias postas em discussão.

¹ Rio habitado pelos tukano Turoporã

² Nome em tukano, de benzimento dado ao pesquisador deste trabalho.

³ Etnia localizada hoje no rio Tiquié, afluente do rio Negro, distrito, em Tukano, Ciripá e em português o Pari Cachoeira.

⁴ Clã tukano ao qual o pesquisador pertence e onde ocorrerá a interlocução na pesquisa.

⁵ Traduzindo em português: Lago do perímetro do rio Tiquié que passa pela comunidade de Barreira Alta que significa “Lago do nado dos velhos”.

⁶ Nome de benzimento do Ovídio Marinho (*in memoria*), pai do pesquisador.

⁷ Etnia e o clã ao que o pesquisador pertence.

⁸ Nome de benzimento da Maria da Glória, mãe do pesquisador.

⁹ Nome do benzimento do pai do pesquisador (*in memória*).

O nome étnico dado no *basessé* no sentido da pertença do clã original, é a identidade indígena definida no ato do rito alcançando o nível transcendental da cultura, o qual ressignifica a presença riquíssima da herança imaterial dos primeiros membros do clã. Essa nomenclatura assinala a característica existencial própria de ser indígena, cuja dimensão do conhecimento cultural cosmológica faz a referência na história da vida no território, a fala da língua, o lugar de pertencimento reconhecendo a chegada dos primeiros do clã Turopará, aqueles que pisaram no início na nova terra e atravessaram o rio Tiquié a nado, na atual comunidade de Barreira Alta, assim chamada língua portuguesa.

Ahkutó possui as funções no exercício de educador, membro eclesiástico da igreja católica, pesquisador em ciências humanas possuidor das riquezas imateriais colhidas na vivência no seu clã Turopará na infância e na adolescência vivida na realidade étnica a qual ele pertence, aliada a experiência de vida no sistema religioso no regime de internato, estudo e formação intelectual na cidade. Ahkutó pertencente ao clã e vivenciou nesta realidade, tem interesse de conhecer em profundidade a riqueza cultural de seus ancestrais como pesquisador, desenvolve seu estudo e análise antropológica do clã Turopará numa perspectiva científica e etnográfica, compreendendo as dimensões originárias, concomitante com a força transformadora da formação da estrutura social, organização política e cultural, com características que definem a identidade do Turopará interrelacionado com outras etnias e os não indígenas. O estudo e a análise é decorrente do diálogo entre a realidade originária e a vivência indígena no contexto atual atingido pelas influências das forças transformadoras advindas da sociedade cultural envolvente. O sujeito indígena conhecedor da cultura dialóga sobre a vida cultural, concebendo novos significados e pensamentos sobre a realidade, a vida social e cultural da etnia originária na relação com o mundo urbano.

A investigação conduzirá o olhar da vida cultural do indígena Tukano do clã Turopará e analisar a realidade da aldeia sobre a ação das forças transformadoras na dinâmica da sociedade milenar étnica, que muda a vida cultural dos atores originários. Os contrastes de vida coletiva na constituição do clã diferenciado em cada geração e modificado nos hábitos, tradições, costumes, compenetrados na vivência em grupo na aldeia ou, também chamado de comunidade, na vivência atual no meio urbano.

As mudanças e transformações são observadas e refletidas, escuta e escrita etnográfica da junção dos fatores culturais e sociais constitutivos da relação entre a aldeia e a cidade. Ressalta a caracterização do valor da tradição sobre o conhecimento cultural

que corresponde à cosmologia a fim de contextualizar a interpretação dos princípios básicos do universo existencial da coletividade que regem a vida humana.

O diálogo do conhecimento cultural auxiliado pela metodologia etnográfica, ação da interlocução intermediando com os sábios indígenas, as gerações adolescentes, jovens, adultos depoentes, construindo as idéias na releitura das ideias dos pressupostos dos teóricos antropólogos, sociólogos e outros. Para o sábio do clã Turoporã é dever a transmissão do princípio e valor cultural para as novas gerações comparando o modo de vida cultural milenar na relação com o pensamento atual. A dinâmica da realidade que envolve a cultura originária resulta na conexão da coexistência das transformações vindas da cidade na abordagem das atrações, vestimentas, atitudes que ainda não eram vivenciadas e este processo atinge na atualidade as etnias, formando uma cultura diferente diante do vasto mundo em transformação.

O conhecimento cosmológico étnico pertencente aos indígenas adentra na realidade mudada, do pensamento da cultura para compreender a realidade urbana, o olhar do futuro na perspectiva indígena floresce em duas realidades, envolve a sabedoria dos velhos e desvenda as experiências de crianças, adolescentes e jovens em tempos e épocas de vivências em suas aldeias ou comunidade e na cidade

A etnia Tukano e o clã Turoporã no contato das duas realidades do processo histórico em constante transformação cultural evolui com a outra mentalidade de viver como o modo de consumo, o ter os objetos não indígenas, a classe social diferente com outros elementos vindo da vida urbana. O novo olhar neste processo social urbano que percebe como articulam novos elementos culturais, a habitação, o trabalho de roça é diferente da ocupação profissional, os horários, as compras, sistema econômico substituí o sistema da troca habitual, os comportamentos, tipos de linguagem, possibilitando o surgimento de novas ideias e pensamentos num processo de vida na luta pela afirmação da identidade no contexto social misturado.

1.1.1 Cultura da etnia tukano do clã Turoporã

A cultura dos Tukano própria do clã Turoporã pertencente a eles continua revelando a harmonia intrínseca com a natureza física, os animais, a importância das riquezas materiais e imateriais usadas e, as tradições do rito o imaterial, as cerimônias, a comunicação, a arte, que contém o fundamento, o significado da existência indígena dentro do território ocupado pelos primeiros do clã. O espírito da cultura originária consolida os níveis do valor material e imaterial desde os primeiros originários chegados

no território e, neste lugar, desenvolveram modo de vida e ocupação espacial, sendo que na atualidade os habitantes permanecem vivos nos mesmos lugares da vida do clã, organizam, constroem os modos e formas de persistir na cultura com perspectivas futuras.

A cultura Turoporã vinculada no território interage com o elemento dialógico com outras etnias e, na atualidade conectada entre duas realidades a originária e a não indígena se imbrica na realidade urbana na convivência complexa constituída entre as etnias e clãs, articulando com os não indígenas outros elementos antes ainda não conhecidos no contexto originário.

A área de abrangência dos Pamūsé Diítá¹⁰ (terras de transformação) engloba as terras do igarapé Turi, principal afluente do Rio Papuri, localizado à margem direita do mesmo rio. Salientando, o conceito território, o dos Turoporã está inserido na área indígena do Alto Rio Negro, no noroeste amazônico, demarcado e homologado no dia 14 de abril de 1988 com uma superfície aproximada de 8.150.000 ha (oito milhões cento e cinquenta mil hectares). Esta região fronteiriça do Brasil com Colômbia é também conhecida popularmente como cabeça do cachorro, devido à semelhança da linha que contorna o território brasileiro como uma cabeça de cachorro. (MARINHO, 2012, p.41).

O Tukano e outras etnias originárias vivem no território vasto ultrapassando a visão geográfica delimitada não indígena pelas origens e localização diferente e isso é importante para construir o lugar da vida, conhecer a prática da cultura própria porque consta no espírito o sentido sagrado da terra e compreende a fonte do momento da evolução humana citado no rito do nascimento de cada ser originário e que continua viva na cosmovisão que se expressa na oralidade e estruturada na política do clã. A ideia da terra pensada no sentido da categoria basessé da existência dos seres forma a opinião para cada originário no processo da transformação, na luta em favor do espaço físico permanente na história. A articulação dos elementos originários e dos não indígenas, viventes na terra, possuidores da cultura ocorre em negociação e profundo diálogo com a parte não indígena, as instituições de diversos níveis compreendidos na defesa da terra e vida existencial abordando os assuntos como a saúde, a ecologia, a educação ambiental, em comum acordo na ação dos movimentos sociais que são instâncias necessárias ao debate da cultura diversificada com a significação profunda na defesa da causa da vida.

Desde o pamərĩ máhsã existe o dinamismo do processo da influência das forças externas que interferiram e interferem na vida dos habitantes na aldeia, ou em outro contexto, abre a disposição da análise sobre as influências e a possibilidade da exclusão

¹⁰ Terra da evolução das espécies humanas

ou inclusão causada pelas ações interventoras dentro das duas realidades culturais diferentes, cuja conexão, deve ser compreendida na origem de outras características no cotidiano da vida sociocultural dos Turoporã e outras etnias.

A aldeia indígena, típica moradia, um lugar social da coletividade compõem as características culturais próprias e dentro desta realidade verifica-se a conexão com os novos elementos culturais urbanos que se imbricam na conduta, hábitos e outras questões sociais marcantes do indígena em cada processo da vida étnica inicialmente vivida no contexto originário e agora se observa a diferença no modo de pensar e ser. A transmissão da sabedoria dos mais velhos em relação aos novos do clã podendo perceber a facilidade ou dificuldade no diálogo que articula a perspectiva de vida social e cosmológica dentro da realidade transformada.

Os tukanos do clã Turoporã vivendo fora da aldeia, como na cidade munidos do conhecimento cosmológico, praticantes da tradição cultural se espalham na sociedade, sendo que as novas gerações na maioria habitam, no presente, fora da aldeia em diversos territórios e lugares não indígenas. Assim são reformuladas, as ideias, o pensamento, os conceitos segundo a forma da vida cultural na cidade com diferentes tipos de diálogo interagindo na sociedade. A vida cultural em outros contextos continua na força do ser étnico, com experiência da convivência cultural tradicional, por exemplo, no processo vivenciado na sociedade urbana com outros habitantes a fala da língua portuguesa numa realidade dinamizada de relações culturais.

O originário faz a referência da terra habitada recria as nomenclaturas sagradas específicas, então o espaço da sociedade é construído com base na cosmologia indígena ora em constantes intervenções culturais não indígenas e, por isso, esta realidade passa a ser investigada para identificar o que foi transformado no espaço físico, no tempo e espaço, os períodos na vida cultural da sociedade indígena e, os dados em diversos modos complementares são descritos segundo o método etnográfico que analisa a parte modificada da vivência dos originários.

A mudança cultural dinamiza e articula dois elementos culturais interiores da estrutura social do tukano Turoporã da aldeia e exteriormente com as características da cidade equilibrando a estrutura cultural urbana. A vivência cultural no mundo urbano conduz a outro processo interativo porque, movimenta a cultura na construção de um outro espaço peculiar da comunicação entre os indígenas sem deixar esquecido os hábitos e tradições nem se afastar da origem e, sim, desenvolve os elementos interculturais no encontro das etnias. Este processo misturado dos indígenas e não indígenas é o objeto da

etnias, assim se reconhece em cada uma delas as raízes fincadas na origem associada no pertencimento da localização. O território possui o significado histórico da vida e as ações da prática do cotidiano de relevância cultural no habitat, isto é explicado por eles conhecendo a estrutura cultural e social, ideia condutora na construção da sociedade organizada, a forma política e econômica com os modos culturais próprios.

O território tem profunda importância e valor da terra, lugar físico da aldeia, a origem e o desenvolvimento social e cultural de cada etnia e seus clãs hierárquicos. Hoje chamada comunidade é o contexto do conhecimento cosmológico considerado um valor sagrado e profundo compartilhado pelos habitantes indígenas na abrangência do território do Turoporã e outras etnias da região.

A territorialidade e o território de posse na concepção yepa-mahsã¹¹ correspondem, de modo geral, a todo espaço geográfico percorrido pelo ancestral e seus irmãos, que no decorrer dos anos construíram suas habitações, roças, plantações, praticaram seus ritos cerimoniais, praticaram caça e pesca. A construção do parentesco durante a trajetória histórica é iniciada com a saída para terras do Rio Tiquié e Rio Castanho, até alcançar ao local da atual comunidade do Trovão Poço, onde jazem os restos mortais do velho Ũremirĩ Capitari Turo¹² – grande kumu¹³ (grande conhecedor) e Baya (dono dos cânticos). Conta Wehsemi, Rafael, de Barreira, que Doetihro, quando repassou o cargo de liderança ao Ũremirĩ antes de seu encantamento na frondosa antiga aldeia de Tioweri Wií (Turi Igarapé), quando já findava seus dias terrenos, seus filhos sabendo o que estava a acontecer imploraram para que deixasse a herança dos conhecimentos da vida e da morte. (MARINHO, 2012, p.31).

No território cada grupo do Turoporã organizou sua estrutura social com o sólido reconhecimento cultural do parentesco que estabelece a existência da liderança desde os primeiros Turoporã dito acima, que neste lugar desenvolveram a vida, a cultura ensinada em todas gerações neste habitat constituído por eles e dentro dela está a memória, o orgulho de saber até o tumulto dos restos mortais deles, agora muitos lugares se tornaram matagais, porém, é uma parte da história mais valorada pelo seu conteúdo do início da habitação e a vida originária, continua viva no lugar segundo os relatos e da elaboração dos conteúdos científicos para serem discutidos e analisados na antropologia e outras ciências humanas. Verifica-se a importância do território, a ocupação e a habitação, cujo fator cultural dialoga com os diferentes contextos étnicos e não étnicos, trata-se da diversidade cultural dos aspectos materiais e imateriais existentes no mundo indígena.

¹¹ Tukanos originários

¹² Nome do primeiro do nosso clã

¹³ Sábio e cantor

A cultural local se fundamenta muito na mitologia da origem, o território, a formação étnica tratada na expressão da oralidade em que o originário explica o significado do território, lugar fundamental do desenvolvimento da vida cultural, assim se compreende o conhecimento local do sentido cosmológico, histórico, a tradição, a fala do idioma próprio sendo o núcleo da vida cultural específico, a afirmação da identidade estabelece o pertencimento e a organização social diferente.

O reconhecimento territorial na formação cultural é destacada pela importância e também porque deste saber se constrói a identidade de ser indígena, o núcleo da vivência nas dimensões das raízes mitológicas determina o seu lugar físico e como surgiu a espécie humana originária. Esta perene sabedoria justifica o sentido da identidade cultural com a lógica da narração mitológica, que caracteriza o ser indígena, o pertencimento ao clã, a aldeia, o espaço ocupado no território. A prática dos ritos e cerimônias que são partes integrante da tradição inclui a importância que envolve a natureza física e espiritual do indígena, a vida dos animais, a terra sagrada, a hierarquia dos clãs e estas dimensões juntas transformam em valores e princípios notórios imateriais difundidos na alma de cada indígena, esta ideia é assim formulada pela influência da espiritualidade cristã católica predominante nos lugares onde existem as aldeias.

A identidade constituída da parte física, forma o pertencimento de cada membro do clã, a cultura ligada na formação da estrutura social, o sentido cosmológico são aspectos básicos da identidade e viabiliza a relação social refletido na estrutura política e econômica e de outras dimensões que caracterizam a tradição cultural e a organização social.

Antes de iniciarmos nossas abordagens especificamente sobre o clã Turoporã, priorizo uma apresentação integral dos Yepa-Mahsã. De acordo com a mitologia dos Yepa-mahsã, como são denominados pelos membros dos grupos linguísticos que nos acercam como os Desana, os Tuyuka, os Yebá-mahsã e outros. Nossos ancestrais emergiram nas águas do hopenkôdiá¹⁴, que significa “Rio de Leite”, a atual Baía de Guanabara, Rio de Janeiro. Os Pamirĩ mahsã, gente de fermentação, os precursores dos atuais Dahsea, deram início a longa viagem na canoa de transformação sob a aparência estrutural de uma enorme embarcação, denominada também Cobra Canoa de um andar, sob o comando do eminente Doetihro. Os Pamirĩ mahsã contornaram todo o atual litoral brasileiro e, em certos lugares por onde passaram foram nomeados de casas. Estes lugares são conhecidos por nós até hoje, nos ritos cerimoniais. (MARINHO, 2012, p.39).

A tradição da origem que forma o saber étnico é importante no modo de pensar do clã Turoporã, legitima a explicação da expressão Pamirĩ mahsã que se refere a origem da

¹⁴ Lago do leite. Baía da Guanabara (RJ)

etnia e do clã, palavra que não possui uma tradução como ocorre em outros idiomas na escrita, descreve o sentido do início do aparecimento dos Tukanos e dos clãs. Pela compreensão compõe a escrita científica em cada pesquisa, o embasamento da questão do mito é admitido neste parecer para designar a viagem e todo processo do surgimento dos indígenas, valido no diálogo entre as etnias embasa a cultura indígena dos Tukanos e outros. Os Turoporã pensam e afirmam na dimensão do Pamirĩ mahsã no conteúdo do mito, a origem do ser humano no território habitado:

Os Turoporã se autodenominam as terras desta região de Marĩ pahmisé díta¹⁵, Marĩ pamiséwiáke¹⁶, Marĩ pamisé ohkó marĩ¹⁷, para o Kimarõ¹⁸ Sabino Pádua a região deveria denominar-se Centro Tukano em sua memória do passado. Segundo Kimarõ Sabino, antigamente todos os Yepa-mahsã, desde o primeiro até o último do clã, moraram aqui até a dispersão dos clãs. O território é também compartilhado por outros grupos linguísticos, com os Desana, Hupdah¹⁹, Pira Tapuia e outros. (MARINHO, 2012, p.43).

O conhecimento local é o cerne da cultura no saber da hierarquia dos Tukanos e dos clãs a experiência do diálogo entre os clãs, o significado do território, a região, a natureza, os animais com denominações dos fatos e acontecimentos realizados, as existências das riquezas naturais, as imateriais que constituem a construção cultural social do clã, o conhecimento local imaterial de todo o indígena transmitido para as novas gerações clânicas que reconhecem como o grande valor da cultura do ser originário.

1.1.2 Clã Turoporã

O clã Turoporã é um grupo, familiar, constituído por parentes pensados sob o diálogo com os sábios da equipe de interlocução, reavalia a hierarquia patriarcal para afirmarmos a composição das famílias tradicionalmente patriarcais, classificatória de irmãos maiores para os menores. Algumas famílias dos Turoporã ainda habitam em nossas comunidades segundo o croqui destacado acima que mostra o território, inclusive a comunidade de Barreira Alta no rio Tiquié, bem como permite visualizar as outras comunidades. É notório que as famílias Turoporã, a maioria da geração nova estão espalhados no contexto urbano de diferentes lugares fora do território original habitando no nacional e no exterior.

¹⁵ A terra da evolução da espécie humana

¹⁶ Lugar das nossas primeiras roças

¹⁷ Nossos rios, banhados pelos primeiros do nosso clã

¹⁸ Tukano do clã superior ao Turoporã.

¹⁹ Último clã na hierarquia das etnias

A vida e habitação fora da aldeia e do território de origem não rompe a afirmação da identidade e características fundamentais originárias. O quadro 1 foi organizada por Marinho (2012) junto com o grupo dos sábios tendo como base da pesquisa e muita escuta para definir cada um na aldeia, a comunidade ao qual pertencem a hierarquia atualizada por Ahkutó. Os sábios informantes do clã foram o Feliciano Gomes (*in memória*) que falou em diversos momentos do qual pode-se escutar valores do clã que constam nesta pesquisa e o perdemos no percurso da vida; o Severiano Sampaio fez parte do diálogo com muito conhecimento; Casimiro Sampaio (*in memoriam*) em vida transmitiu em falas muito ensinamento e o perdemos também neste mundo; e Gloria Marinho, a Senã Tuyuka que com suas falas e práticas da tradição está presente e muito atuante na manutenção dos princípios fundamentais da cultura Turoporã.

Quadro 1: Famílias dos Turoporã

Nº	DAHSEA YE'MERÃ	PEHKASÃ YE'MERÃ	Nº DE CASAS	Nº DE FAMILIAS	Nº DE POPULAÇÃO	HIERARQUIA
01	Yuyutah *	Barreira Alta	3	3	15	Alta Hierarquia
02	Bohteá pūri bu'á *	São Jose II	4	4	23	Média Hierarquia
03	Bĥkĥrã Batáh *	Santa Luzia	4	4	35	Média Hierarquia
04	Wehkiya Piító Piító*	São Lourenço	4	4	20	Alta Hierarquia
05	Ūtantítah*	São Francisco	1	2	09	Média Hierarquia
06	Bĥpóra **	Trovão poço	3	3	17	Baixa Hierarquia
07	Ciripah *	Pari cachoeira	5	6	20	Alta Hierarquia
08	Yāpā wí ***	S.G. Cachoeira	8	8	65	Média Hierarquia
09	T. Indígena ***	T. Indígena Balaio	5	5	50	Alta e média hierarquia
10	Behkoawí ****	Santa Isabel do rio Negro	4	4	15	Alta e média hierarquia

11	Bih'pahkarã wi ****	Barcelos rio Negro	3	3	09	Alta Hierarquia
12	Manao *****	Manaus	4	4	22	Alta hierarquia
13		São Paulo	2	2	6	Alta hierarquia
14		Pacaraima - RR	3	3	9	Alta hierarquia
15		Natal - Rio Grande do Norte	2	2	10	Alta hierarquia
16		Alemanha	1	1	3	Alta hierarquia

(*) aldeias localizadas no Rio Tiquié; (**) Aldeias localizadas no Rio Castanho; (***) Aldeias localizadas em São Gabriel da Cachoeira; (****) Santa Isabel do Rio Negro; (****) Manaus; (***** R. G. do Norte; (***** São Paulo; (***** Alemanha.

Os membros do Clã Turoporã vivem nestes lugares perto ou longe, interagem com outras culturas, em espaços totalmente diferentes, atravessaram mares e na posição dos interlocutores há tempos se procura informações de Plácido Carneiro Marinho e Carlos Eugenio Prado Marinho, que saíram da comunidade de Barreira no rio Tiquié e não mais retornaram. Não esquecemos de citá-los no quadro para constar nas informações da hierarquia do clã. Em memória dos falecidos e falecidas, somos solidários com as famílias dos membros hierárquicos, sentimento das eternas saudades.

O pertencer ao clã é um orgulho pela formação recebida do sábio, mostrar a alteridade originária naturalmente provem da origem, forma de valorização da vida, ritualizada. E mesmo em outro lugar, o Turoporã e outras etnias afirmam a sua vida cultural. No quadro acima, evidenciam-se informações sobre o lugar e território em que vivem especialmente o Turoporã. Esta informação não tem como referência a consaguinidade para o parentesco, como ocorre com o material da análise clínica na prática dos não indígenas, a exemplo do exame de DNA que contém informação da relação biológica. A sabedoria não indígena busca explicar a definição da identificação de uma pessoa pela genética, enquanto, que na cosmovisão do Tukano Turoporã se aplica o sentido do parentesco pela origem da etnia do clã, que define a linhagem e o pertencimento ao clã. É a lógica do pensamento e reflexão elaborada pelos primeiros do clã na origem, que se re-atualiza pelo rito do *baséssé* no nascimento.

O rito do *baséssé* no nascimento incorpora o espírito do poder transcendental. Ação inicial que integra a vida do originário contra os males físicos, espirituais; fortalece a luta nos desafios; também fortalece contra problemas, sofrimentos, inimizades, a luta cultural, social e transcendental compreendido no conhecimento local. O trabalho do diagnóstico feito pelo pajé rege o *baséssé* quando se usa a expressão “sangue” no sentido da purificação do líquido corporal, sanar as dores eliminando os vírus²⁰ impuros causadores das doenças existentes no sangue. Para o tratamento da saúde o pajé recomenda o uso de material retirado das árvores, ramas, raízes, folhas, cascas, a seiva das arvores, para utilizar como os chás que matam os vírus e as células geradoras das doenças, é a ordem cultural que valoriza as riquezas material e imaterial para fins salutareis do corpo e da mente.

A expressão **sangue** no conhecimento Tukano Turoporã, designa a essência do líquido da vida natural da folha, tronco, a raiz são as seivas medicinais que brotam da fonte específica, por exemplo o látex da seringueira ou outro tipo de sumo das diversas árvores possuidoras de material para ser extraído. O material natural tem o valor econômico e serve no uso das diversas finalidades rituais e produtos para a comercialização dos cosméticos e, ainda na discriminação da existência de espécies de espíritos invisíveis (micróbios, venenos), a vida dos animais silvestres e os peixes.

O nome cultural indígena dado no *baséssé* é o amago da vida do originário, será usada distintamente nos chamamentos dentro das circunstâncias rituais participado pelo sujeito possuidor do nome, assim, expande a constituição das considerações do parentesco como valor instituído desde a origem, que liga a cosmologia intrínseca a natureza e o saber definido no poder transcendental. Nesta função ritual se concebe o princípio a existência e a ação das atividades como atribuições sociais, seguido das normas dos processos educativos para a maturidade, cujos níveis são discursados no *baséssé* dirigido para a criança recém-nascida e aos seus pais e ensinam a prática das normas, regras e leis que regem a vida social cultural na maloca da aldeia.

O *baséssé* é o fazer da efetivação do sentido amplo do pertencimento a vida étnica configura a hierarquia do clã na aldeia a fim de atingir o efeito forte da fórmula ritual escolhido, o nível e a categoria intelectual mantida em sigilo, conhecida somente pelos sábios iniciados membros de cada clã, que conhecem e afirmam a sustentação do

²⁰ Seres microscópicos considerados inimigos invisíveis que podem causar o óbito ao ser humano.

saber cultural do seu nome e o pertencimento a determinado clã, a hierarquia dos irmãos maiores para os menores configurando o parentesco.

Com relação aos termos de tratamento posicional na escala hierárquica, os Turoporã sugerem três critérios de tratamento: todos os clãs que estão acima da sua posição são os mahmíkerã²¹, os que estão abaixo são os Nihãkerã²² e os avós de Ñekisimiã²³ os guardiões dos saberes do clã ou de avós paternos. Quanto pertencente ao grupo dos irmãos menores, é importante dizer que o indivíduo, que é mais velho em idade que um menino de avô ou servo, vai ser chamado de (avô) por todos, independentemente das diferenças etárias. Na realidade, esses termos não têm muita relação com a idade, se baseiam na relação de reciprocidade e respeito as posições políticas do sistema hierárquico (MARINHO, 2012, pp. 47-48).

O clã tradicionalmente possui um sábio que pode ser chamado também de avô - É o especialista que transmite ensinamentos dos valores culturais nos capítulos posteriores será especificado o trabalho do sábio que possui a atribuição de orientar o pessoal do seu clã. O sábio é obedecido e respeitado pelo ensinamento da origem cosmológica do clã, considerado como a raiz, o avô, o pé ²⁴ que pensa e conhece a estrutura, a formação cultural e social do clã Turoporã. Na cultura étnica a origem e a posição do clã é a referência maior do conhecimento local e a partir dessa concepção se compreende a tradição, a organização da vida da sociedade, dos valores culturais locais étnicos.

O método etnográfico auxiliou na descrição da vida cultural étnica para organizar as ideias já existentes na vida cultural da aldeia e a relação da mudança dos aspectos culturais, aborda o conhecimento cultural do mito, a vida da aldeia, o surgimento humano, os ritos, as cerimônias, organização social e o tipo de ações do *basessé*, localização, agricultura, arte e demais questões da vida cultural e social do Turoporã.

O conhecimento local do contexto cultural imaterial e social dialoga com as teorias do conhecimento antropológico, a partir da pesquisa na elaboração do calendário de trabalho, as ações e metas a serem executadas, a dinâmica da coleta das informações sobre dado objeto de estudo. Analisar este processo verificando o estilo e o modo de vida indígena, a experiência das influências, os desafios das mudanças de pensamento político e econômico com outras perspectivas do conhecimento da realidade indígena, a condição da cultura na dinâmica das mudanças profundas ocorridas ainda na vida da aldeia e todo o processo de vivência na cidade, permite averiguar e analisar a relação da cultura e a

²¹ Irmão do clã maiores

²² Irmãos menores do clã

²³ Avós

²⁴ Esta nomenclatura na visão do Turoporã deriva também do sentido da raiz.

vida social dos indígenas com os não indígenas que crescem na atualidade. Estas ideias formuladas refletem o que afirma Oliveira (1996):

“Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo (ou no campo) esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto sobre o qual dirigimos o nosso olhar já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade. Esse esquema conceitual, disciplinadamente apreendido durante o nosso itinerário acadêmico (daí o termo disciplina para as matérias que estudamos), funciona como uma espécie de prisma por meio do qual a realidade observada sofre um processo de refração se me é permitida a imagem” (p.15).

O pensamento de Cardoso de Oliveira evidencia e potencializa a compreensão dos dados investigados e analisados, os objetos a serem aprofundados no caso do sujeito indígena, a realidade indígena na atualidade e questões estudadas com base concreta. Corrige, portanto, o erro cometido antes pelos olhares externos sobre os elementos atribuídos aos povos originários. Na atualidade, a presença de muitas influências dos elementos culturais dos não indígenas muda o sentido de aldeia que poderia ser considerada mais pura, mais simples. Hoje configurada com a percepção que passa pela complexidade, contida historicamente devido os processos em constantes mudança considerado questão para a pesquisa e formulação da reflexão científica.

A realidade cultural em transformação produz o outro olhar diferente da vida da aldeia devido à forte influência posta por elementos não indígenas em relação a língua, os costumes, a tradição das cerimônias, a habitação, a alimentação, o papel social, o trabalho do saber cosmológico existente na lógica indígena além de tantos outros elementos culturais originais.

As modificações ocorridas no campo cultural e social originário afeta o sentido do conhecimento local, o pensamento, o modo de vida e a estrutura social no tempo e no espaço, contexto diferente em comparação entre a vida cultural dos antigos e o modo de vida dos novos. Por isso, é necessário iniciar sobre as causas transformadoras dos primórdios do contexto originário, verificar os atos e comportamento dos mais jovens, dialogar mais sobre o processo da vida da etnia para compreender os percursos significativos realizados e que permanecem na vida cultural do sujeito tukano Turoporã.

O olhar do pesquisador indígena direciona o processo da mudança que consta na história, época, tempo e o espaço relacionado a vida originária, aborda a importância que explica a ideia da persistência de cada momento da vida cultural e social, sustentação da

verdade do conhecimento local na dinâmica imbricada com a vida cultural não indígena no contexto urbano que muda o hábito, a tradição, a língua na comunicação vivenciada na atualidade do estado da vida indígena e dos outros grupos sociais vindos da aldeia para o contexto não indígena. A cultura originária estudada está aberta para a vivência de novas experiências no tempo distinto, época da mistura com as outras culturas no espaço ocupado antes somente pelos indígenas que passam a interagir com as etnias e outras culturas, compartilhar os hábitos e os elementos culturais da etnia tukano, do clã dos Turoporã com outras etnias e os não indígenas no contexto urbano.

A transformação na sociedade e na cultura promovem também a reflexão dos sábios numa realidade com o seu conhecimento local buscando a compreensão do que ocorre no processo das ações, averiguando e colhendo as informações, para verificar as modificações culturais nos hábitos e na organização social. Os sábios dialogam sempre com os adolescentes e com as crianças, jovens e adultos da etnia e do clã que vivem no sistema cultural determinado no tempo, refletir com base no que eles pensam das mudanças ou como acontece na visão significativa da raiz, da origem e quais são as forças modificadoras da época, período nos lugares territoriais habitados por eles e iniciado na aldeia.

Os indígenas instruídos pelos sábios, assim como os teóricos brancos, embarcam no rumo tornando-se aprofundadores da compreensão da cultura, com olhares atuais estruturando o tempo no ciclo de suas atividades, na profundidade dos conhecimentos, da cultura originária que é ensinada as novas gerações. O sentido originário desde o momento que assumimos a corporeidade humana, como difunde a narração mitológica de cada etnia versada no conhecimento do Tukano e de cada clã segundo Marinho (2012):

“Todos os yepamahsã²⁵ da etnia tukano e os clãs seguem o tempo e a época, são pessoas de afinidade e parentesco, confessam esta versão de serem filhos oriundos de um único seio maternal, surgidos de um único cigarro, usado por deus criador e da única cuia de ipadu²⁶ criadora dos seres, e de único instrumento moderador do poder do yaígu²⁷” (p. 42).

A dimensão cultural corresponde ao poder na formação da hierarquia contida na origem. O patriarcado sustenta o poder do líder e para a posteridade, o simbolismo

²⁵ Etnia tukano, povo da evolução da espécie humana.

²⁶ Traduzido em português, significa: Cuia onde deposita o pó da folha de coca consumida no benzimento e cerimonia.

²⁷ Traduzido em português, significa: Cajado usado desde a viagem mitológica da canoa cobra, símbolo da liderança, poder e sabedoria.

sobrenatural do exercício da liderança e o cuidado da vida dos membros do clã na manutenção do território na formação da estrutura social tukano e a essência da sua organização e a política do clã Turoporã. A mudança ocorre significativamente no processo atual na presença e atuação da mulher na educação, política, saúde dignifica a sabedoria o cuidado e a divisão do trabalho.

A temporalidade dinamiza a atividades geralmente em comuns e da relação com outras etnias no diálogo sobre as questões importantes a pesca, a agricultura na territorialidade, o tempo cíclico dividido de acordo com os fatores sociais a serem feitos como, a mudança de um lugar para o outro, a reciprocidade no parentesco.

Na experiência do teórico Evans-Pritchard, que vivenciou aspectos culturais estudando o contexto social dos Nuer, concebe um “tempo estrutural”, que definia a realidade social baseada em diferentes atividades realizadas ao longo do ano, um calendário ecológico cujo tempo valia conforme o momento e as ocupações deste povo. Esta visão poderá conduzir a reflexão e aprofundamento.

Casamentos e outras cerimônias, lutas e pilhagens, podem, igualmente, fornecer pontos do tempo, embora, à falta de datas numéricas, ninguém possa dizer sem fazer longos cálculos há quantos anos aconteceu um fato. Além disso, uma vez que o tempo é para os Nuer uma ordem de acontecimentos de significação importante para um grupo, cada grupo possui seus próprios pontos de referência, e o tempo é em consequência, relativo ao espaço estrutural, considerado em termos de localidade. Isso se torna óbvio quando examinamos os nomes dados aos anos pelas diversas tribos, algumas vezes por tribos adjacentes, pois consistem em inundações, epidemias de pestes, fome, guerra etc., porque a tribo passou. (PRITCHARD, 1978, p.118).

Evans-Pritchard cita fatos ocorridos no tempo, como atividades feitas pelos Nuer relacionado com o acampamento ou a aldeia, lugar de origem da “tribo” com características e particularidades em tempo de chuva que viviam na aldeia e na estiagem nos acampamentos. Para os Nuer os tempos maiores são quase que estruturais, os acontecimentos que relacionam as mudanças nos grupos sociais, organização de acordo com a experiência nova, as relações ecológicas influenciam na estrutura política e social, então a realidade e o ciclo ecológico são conceitos da experiência dos Nuer, variam nas experiências coletivas humanas e desenvolvem outras continuadas vivências.

A relação do tempo é uma reflexão que amplia a compreensão das novas experiências e conceituação dos processos vivenciados no tempo pelo clã Turoporã. É possível observar como a “tribo” e cultura passam por experiências determinadas no

tempo, espaço e a época; os desafios enfrentados nos processos naturais naquele local dos acontecimentos.

Na transformação cultural o clã Turoporã, segue o ciclo da vida da aldeia, lugar de origem, muda as atividades e modo de ação para o contexto da interação da comunicação na estrutura urbana. Esta realidade social se observa nas profundas experiências como narram as crianças, os jovens e adultos de diversas idades em tempos na aldeia que vivem na comunidade e experimentam a atual intervenção dos outros elementos culturais como os modos habituais, comportamentais da cultura não indígena.

A fala em Tukano de várias faixas etárias mostra os processos de vivência na aldeia, do contato com a natureza, da comunicação com o mundo do mistério da floresta, os inanimados, os animais de várias espécies que formam a categoria e níveis do conhecimento local. Por outro lado, a relação com a vivência urbana abre outra noção da realidade seguida pela interação de uma organização econômica e cultural complexa. As novas gerações Turoparã e outros clãs lutam para manter o estilo de vida, naturalmente ocorre tensão, conflito de idéias e comportamentos na relação da sabedoria e o conhecimento dos avôs, dos pais e o diálogo sobre o conhecimento cultural indígena. O nível da aprendizagem na visão cosmológica do Turoparã e das outras etnias se intensifica e assim, pode-se verificar a capacidade do indígena dialogar realizando a vivência com diferentes realidades culturais e sociais.

Os membros do clã de todas as gerações são ensinados pelos sábios na oralidade realizada no cotidiano, para o jovem conhecedor da narração mítica. Nesta educação aprende o sistema da organização política e cultural do clã. Desta forma o originário afirma a identidade étnica concedida a ele na sabedoria cosmológica, se torna capaz de interpretar os significados concretos do mundo invisível, do animal, do imaginário seguindo o raciocínio do momento evolutivo que explica a emersão como seres aquáticos transformados em humanos habitantes das novas terras ainda não pisadas por nenhum ser humano.

A narrativa mitológica é a de uma longa viagem *pamuri yukusu*²⁸, continua-se neste percurso e todo conteúdo da sabedoria originária se baseia no processo mítico de evolução da espécie humana, origem da formação das hierarquias, da tradição cultural. A oralidade que exprime o caráter do mito da canoa cobra explica a viagem marítima litorânea, o momento da evolução dos seres inanimados até atingirem a fase do processo

²⁸Traduzido em português, significa: Cobra, interpretada como uma canoa viajante.

da vida humana, que é o conhecimento principal narrada por todas as etnias, que formula a definição da identidade de cada etnia, a classificação na hierarquia dos clãs e a ocupação do território.

A narração mitológica cita que o próprio indígena tukano é o sujeito da história, a liderança, responsável, considerado o dirigente da canoa cobra liderado com o nome de Doétiró²⁹ que comandou a viagem da canoa cobra, em rumos distantes geográficos, deixando simbologias em cada espaço trafegado.

A oralidade mitológica sobre a evolução da espécie humana cita o momento da mudança do estado inanimado para o humano e o início da vida, base do conhecimento nos novos processos da história e de cada etnia. Os clãs desenvolveram o modo de viver e pensar, a estrutura do parentesco com o método sistematizado na forma de diálogo. Estes aspectos caracterizam a afirmação da identidade do indígena desde o momento que assumiu a espécie humana existente na prática cultural, econômica, uso das técnicas de sobrevivência, hábitos, costumes, organização social e política próprias da etnia. Adan Kuper (2008), cita Lévi-Strauss para explicar o sentido “primitivo”:

“Não havia nada particularmente primitivo sobre essa forma de pensamento. O tipo de lógica do pensamento mítico é tão rigoroso quanto a ciência moderna, insiste Lévi-Strauss, e a diferença reside não na qualidade do processo intelectual, mas na natureza das coisas ao qual este é aplicado. Em o pensamento “selvagem” (ou inculta não domesticada) trabalhava em formas comparáveis ao pensamento científico sofisticado, e aos processos que produzem grande arte. Até onde ele está correto, teorias científicas podem ter muito em comum com os mitos amazônicos, cientistas podem pensar de algum modo como artistas, e talvez nós todos pensemos ao menos às vezes, como os índios amazônicos. (pp. 30-31).

A etnia Tukano e o clã Turoporã trazem no pensamento, a idéia mítica na concepção do conhecimento local na evolução como núcleo da vida e da cultura indígena. Kupper entende o “primitivo” não como uma situação estática, mas sim representada em diversas formas, tal como o conhecimento do Turoporã com seus princípios culturais, valores milenares e formas experimentais, que possibilitam o diálogo com as mudanças e não perde a sua essência substancial com as novas experiências de existência do ser Tukano.

O conhecimento mítico coordena a sapiência na cultura, exprime a capacidade no uso das técnicas e métodos na arte, as cerimônias e ritos, as categorias culturais da sabedoria na vida étnica, que evoluem e continuam transformando em conexão com o

²⁹Traduzido em português, significa: nome do líder na etnia Tukano.

novo processo e, acredita-se, que essas riquezas imateriais foram dadas por “deus” denominado em tukano oãkϣ, entidade criadora das riquezas permanentes que perduraram em toda a vida cultural e social étnica.

A estrutura cultural e social organizada da vida étnica continua em funcionamento, mas com a diferença da “diminuição” dos mais antigos e anciãos que morrem. A carência dos sábios causa a mudança do ensinamento sobre a realidade cultural, no imenso distanciamento das novas gerações e, por isso, surge um pensamento diferente sobre a continuidade do aprendizado dos valores culturais pertencente ao trabalho dos mais antigos. Sobre o conhecimento dos antigos, Oseias Marinho (2012) escreve o seguinte:

O conhecimento de um sabedor é correspondente a uma biblioteca, não dividida formalmente em áreas de conhecimentos. Seus notórios saberes envolvem os campos da saúde, cantorias, da cosmologia, da natureza, da sociologia, da filosofia, da antropologia etc., deles as pessoas interessadas pesquisariam e aprenderiam as ciências dos nossos antepassados em Tukano ti turí kahsé³⁰, para dar a continuidade à valorização e a manutenção dos conhecimentos tradicionais que os conhecedores sabem. Percebe-se, portanto, que, a decisão final em determinados momentos cabia aos mais velhos a partir da sua experiência na solução do conflito (p. 59).

A mudança da vivência cultural e social são processos considerados experiências dos novos elementos transformadores, que atingem a dimensão comunitária do indígena direcionado para outra realidade e, assim sendo, as novas gerações tendem a deixar de lado os valores indígenas e do conhecimento devido a atração das outras forças culturais não indígenas consideradas do mundo “civilizado”, mesmo no processo que parece rompimento da origem, o indígena resiste na sua identidade. A cultura indígena é uma “civilização”, pois o Turoporã conhece a origem, possui a estrutura social, desenvolve as capacidades intelectivas e sociais em qualquer tempo e época. Por isso, os adolescentes e jovens, as futuras gerações vivem a “civilização” deles, porém, mesmo entre as mudanças e misturas culturais, identificam sempre indígenas Turoporã considerados os filhos e netos dos pam̃ri mahsã paramerã³¹, assim como vivem outros indígenas.

As características da “civilização” indígena Turoporã permanecem na resistência entre as diversas forças urbanas transformadoras, esta realidade pode ser relacionada com a ideia de Marcel Mauss (1974) sobre a vida dos indivíduos e a ideia da propriedade existencial da terra, as cerimônias, o papel dos indivíduos em cada geração dos clãs.

³⁰ Livro do conhecimento nível determinado

³¹ Traduzido em português: Netos das pessoas evoluídas em espécie humana.

Do outro lado, se se acrescentar que as vidas dos indivíduos, motrizes dos clãs e das sociedades superpostas aos clãs, asseguram não só a vida das coisas e dos deuses, como a “propriedade” das coisas e que asseguram não só a vida dos homens, na terra e no além, como ainda o nascimento dos indivíduos (homens) herdeiros únicos dos portadores de seus prenomes (a reencarnação das mulheres é assunto completamente diferente), os senhores compreenderão que entre os pueblos já se divisa uma noção de pessoa, de indivíduo confundido no seu clã, mas já destacado nele no cerimonial, pela máscara, pelo título, por sua posição, seu papel, sua propriedade, sua sobrevivência e seu reaparecimento na terra em um de seus descendentes dotado da mesma situação, dos mesmos prenomes, títulos, direitos e funções. (MAUSS, 1974, pp.21-216).

A cultura indígena herdada pertence a eles com a prerrogativa que pertenceu como propriedade aos primeiros do clã e na sequência das gerações sustenta que estas mesmas propriedades e características próprias são heranças, determinantes na identificação do Tukano Turoporã e das outras etnias, porque trata dos originários, reconhecidos como indivíduos e “pessoas” na acepção de Marcel Mauss (1974). A herança cultural e social possuída pelo novo ser pertence a posteridade no clã e todo indígena recebe o direito a herança na etnia Tukano, do pertencimento definido desde o seu surgimento, de pertencer a raiz de cada etnia, que significa assumir funções sociais, possuir um nome, deter a herança da raiz dos avôs, a estrutura da hierarquia do clã e do território.

O valor imaterial é um aspecto espiritual e metafísico dos ritos direcionado para a vida e cerimônias culturais com efeitos de terapias, curas, benzimentos e ações de festa com importância específica do conhecimento da cosmologia do uso das forças invisíveis do humano a todos os níveis e categorias que caracterizam o ritual e a cerimônia das festas, as curas e a invocação espiritual da defesa física contra os inimigos visíveis e invisíveis, enfretamento de situações das rivalidades étnicas, superação diante de doenças e da recente pandemia.

O bem-estar humano e espiritual são fruto das garantias estabelecidas nos ritos e as cerimônias das ações culturais e festivas com efeito da segurança, o cuidado integral humano e do interior produzido no poder do conhecimento cultural. O sentido interior ritual e da cerimônia se concretiza no fazer da imunização do corpo e a purificação da mente, o espírito para que o indígena permaneça são inteiro para promover o equilíbrio mental, a vida saudável individual e coletiva, manter o desenvolvimento intelectual. Marinho (2012), comenta sobre o valor do rito e a importância da cerimônia do basessé, trabalho dos “sábios”:

Para nós este assunto do rito e da cerimônia são questões sagradas incorporadas no mito e da cosmologia, normalmente são tratadas pelo

sábio e este termo “sábios” segundo a fala do Yupuri ³² para alcançarem a categoria de sábios, nos tempos remotos dos Turoporã falou se muito do termo “iniciação”. Assim sendo dizem os sábios do clã que passaram por mais rígidos processos e etapas de formação física, psicológica e intelectual como sempre cito, são eles os bayas³³, os kumuã³⁴, os yaíwas³⁵ e aclamadores³⁶. Estes sábios ou conhecedores é quem coordenavam as festas, o sistema econômico, defendiam suas propriedades, afastavam e curavam os males com uso oral das terapias, repassavam os sabres para a nova geração. Na minha infância eu vi meus avós paternos costumavam se reunir para fumar e comer o patú³⁷, olhei onde ficavam conversando e crendo com seus poderes faziam previsões das coisas boas e ruins que estava para chegar e, preparavam a prevenção ou defesa com a defumação do breu, estas pessoas são nesta pesquisa recebem o tratamento de “sábio”ukūrimahūn³⁸ (p.32).

O rito realizado em cada etapa da existência indígena e a cerimônia do cotidiano são ações essencialmente culturais da vivificação do conhecimento local em forma de uma festa, fala, canto, dança com profundo sentimento de respeito cultural com o teor religioso ligado ao transcendente. A exigência da parte de quem organiza, simboliza a supremacia de quem rege o ato e a realização e o valor daquilo que promove; por parte dos participantes cabe observar com olhares atentos, em cada processo manifestado, em que atende o espírito e a interiorização cultural no momento social.

A força do poder ligada com o transcendente caracteriza a função do rito do nascimento a cerimônia do *basessé* dos Tukano Turoporã. O que nos remete a ideia de Radcliffe-Brown (1935, p. 72), ao afirmar que os nativos andamaneses pesquisados por ele usavam atitudes rituais para domesticação da natureza. A prática ritual em cada cultura e etnia possui diferenças nos atos, funções, finalidades e efeitos sendo que para os Tukano inclui a espiritualidade, a interação com a natureza, a dimensão biológica intrinsecamente ligada à vida natural, dando importância a ecologia como fonte de vida equilibrada, fortalecimento da mente e do psicológico.

A prática do rito possui uma finalidade das aptidões mentais com o uso do material concreto e se torna um conhecimento cultural dos antigos e vigora esta verdade no tempo presente entre as novas gerações e, por essa razão os Turoporã reconhecem a verdadeiro o teor ecológico no viver em harmonia com a natureza numa relação afetiva, de saúde e

³² Líder Tukano. Viajou na mítica cobra canoa

³³ Os cantores e dançarinos do clã

³⁴ Diagnosticadores étnicos

³⁵ Curadores de categorias específicas.

³⁶ Versadores e animadores dos grandes eventos do clã

³⁷ Pó alucinógeno usado pelos sábios nos ritos e nas cerimônias, nos diálogos.

³⁸ Sábio eloquente e coerente na fala e oralidade étnica.

bem-estar, a coletividade compõem a clareza estabelecida no conhecimento étnico que existe desde o Bũ'pó³⁹ ao Doéthiro⁴⁰. Segundo Marinho (2012), esta concepção surge do primeiro momento da evolução do ser humano, quer dizer, “do Doéthiro compartilhada com os seus irmãos, pela nomenclatura antropológica que chamaremos posteriormente de pais fundadores dos clãs tukano na lógica étnica determinada do saber cultural na posição hierárquica do clã em harmonia com a natureza”, o clã é o núcleo da identificação originária e a composição do diálogo interétnico.

1.1.3 As influências não indígenas iniciais na cultura do Turoporã.

Escutado na interlocução do grupo dos sábios conhecedores se nota a presença do elemento não indígena desde o momento dos Pamiĩ mahsã porque já se comunicavam entre as duas realidades culturais e, em outros momentos realizavam trocas de objetos entre eles as armas de fogo por parte dos não indígenas para o uso do indígena na luta para a conquista do território. No encontro com os não indígenas, missionários e outros lhes davam os adereços e objetos de artes e muitos deles considerados originais possuidores da vida incorporada na matéria.

A existência da influência chegada ao ambiente da aldeia, como disse na versão da sua fala o pai Haũsirõ⁴¹ testemunhou a experiência do modo não indígena, alfabetizou-se como os missionários salesianos e como líder étnico viajava para outras cidades da bacia do rio Negro até Manaus, comunicava-se no idioma português, conhecia o meio urbano e conversava, enquanto que a mãe Senã⁴², Tuyuka estudou e habitou em Manaus na década de 1950, no internato das irmãs salesianas, mantenedora de Ensino na Instituição “Patronato Santa Terezinha” onde experimentou as transformações graduais e a mudança constante na sua vida cultural indígena.

A experiência da família sabe como iniciou a existência das formas externas influenciadoras e como conduziu-os no processo de saída da aldeia para o contexto dos não indígenas, esta situação envolve a geração atual das mudanças produtoras dos elementos culturais não indígenas e modos, implementado na vida cultural da criança, adolescente, jovem indígena de ambos os gêneros étnicos.

³⁹ Força do deus criador. Denominado trovão.

⁴⁰ Primeiro tukano, que comandou a viagem do mitológica narrada na canoa cobra.

⁴¹ Nome do basessé do pai do pesquisador

⁴² Nome basssé da mãe do pesquisador

As gerações seguintes percorreram momentos da infância, adolescência, juventude e vida adulta saindo da aldeia no processo educativo não indígena dentro do mundo afastado, a ida para o internato dos padres e das irmãs da congregação salesiana vindos da Europa, Espanha e outros países colonizadores que atuaram no território indígena desde 1940.

Por parte dos indígenas Oseias Marinho (2012), reconhece a importância do ensino como método pedagógico étnico no sistema do clã complementado com a sabedoria no ingresso ao outro sistema de ensino e aprendizagem dita a não indígena experimentada pelas crianças, os adolescentes e jovens:

A etnia tukano e o clã Turoporã usa o método educativo na origem de forma oral na coletividade que antes culturalmente ágrafa. Naquele tempo de sua evolução e ocupação da terra, obviamente não conheciam as formas de escrita gramaticais e, por isso havia somente a oralidade, cujo método, de suprema importância pedagógica de ensino, tem sido “cultivada” como uma ferramenta cultural milenar do trabalho dos sábios, falada com fidelidade pelos pais e avôs pertencentes ao clã. No processo atual compreendemos a diferença ensino e aprendizagem não agrafa subsidiada na oralidade, constituem embasamento para o mito, nas ações e experiências cotidianas, nos exemplos e informações do significado cosmológico, forma de conhecimento geográfico com referência aos lugares, aos feitos e invenções, a forma de organização, destaque das lideranças, sobre os primeiros Turoporã, o lugar de habitação e o território do clã (p. 69).

Os indígenas educados pelos sábios saem da aldeia adolescentes e jovens indígenas reproduziram a mistura do distanciamento social e cultural trazendo para a sua vida a experiência da parte não indígena a mudança da mentalidade da sociedade conectada com a étnica, cultural e do cotidiano. A mudança que ocorre na junção dos dois processos da saída da realidade étnica e de estudo no outro sistema com métodos específicos, não foi tão agradável e pacífica, é composto de dois modos que contribuem o rompimento original e a luta para participar da fase da aprendizagem da gramática, vocabulário, comunicação na língua nacional, que condicionou a buscar a vida no contexto dos brancos fluido dos elementos e métodos não indígena.

Marinho (2012) destaca:

“Os livros de produção etnográfica dos missionários contêm dados originais das etnias e dos grupos linguísticos do Rio Tiquié, os quais apresentam informações mais realistas para o estudo fortuito de um olhar preconceituoso dos costumes e hábitos dos seus vizinhos, cuja elaboração do projeto de “pacificação e mudança cultural”, baseou-se no paradigma de condicionamento da domesticação e submissão dos indígenas (missionário branco). Esta domesticação objetivou forçar no abandono das suas tradições que veio sendo mantido desde a sua origem. Estes documentos contendo estes relatos não se encontram ao

nosso alcance, ficou apenas restrito a determinadas pessoas” (pp. 87-88).

O método do internato com a prática pedagógica com estratégias colonizadoras desenvolveu mudanças na vida original para a criação da ideia de ser “civilizado”, mas, o indígena tem a civilização do conhecimento, a vida da maloca, a comunidade tradicional cultural e ele é integralmente originário guardado pelos sábios de cada etnia e o clã, antes ainda da produção e composição das pesquisas, uma realidade pouco atingida pelos agentes externos de pesquisas, para os não indígenas considerada como uma sociedade não ágrafa.

A cultura da região de Pari Cachoeira com suas similaridades está inserida internamente no mundo vasto das culturas distintas na complexidade social, submetendo-se às relações étnicas em diferente contexto sociocultural no tempo e no espaço. Neste sentido, Paulo Freire (1967) diz: “... a partir das relações do homem com a realidade, resultante de estar com ela e de estar nela, pois são atos de criação e recriação e decisão que vão dinamizando o seu mundo” (MARINHO, 2014, p.44)

A educação tradicional não indígena e a evangelização priorizada pelos missionários ofereceu o aprendizado da leitura e da escrita, a fala obrigatória em língua portuguesa, esta pedagogia feita naquela época proporciona reflexão sobre o grande nível da produção de ideias. Esta pedagogia aplicada pelos não indígenas ajudou a mobilização do uso do poder coletivo do aumento da parte organizativa, facilitou para o indígena iniciar a fase da interlocução com os sábios a questão e debater entre eles com a exclusividade na abordagem da interpretação da realidade. Promoveu a interação e possibilitou pós fase da educação do internato a busca da organização sistematizada das comunidades sobre o conhecimento, unindo as duas fontes de conhecimento proporcionada pelos sábios originários e dos missionários.

Qualquer razão e motivo que atinja a cultura e a natureza nesse lugar, afeta diretamente o ser da pessoa humana, por isso, a luta sempre é pela dignidade, pelo respeito tendo em vista o bem-estar de todos os habitantes do território. Dallari afirma:

...o ser humano é associativo por natureza. Isto já foi afirmado mais de dois mil anos pelo filósofo grego Aristóteles, quando escreveu que “o homem é um animal político”, querendo dizer em linguagem de hoje que o ser humano é um animal que não vive fora da sociedade. (Dallari, 2004, p. 28). A afirmação de Dallari condiz com a caminhada dos indígenas que têm a visão do mundo e da política sem aderir a um partido e tem a consciência coletiva munida de aspectos culturais desde a infância. (MARINHO, 2014, p.47).

A imbricação da cultura e sabedoria indígena com a formação intelectual de cunho cultural dentro do internato religioso do missionário, não rompeu as raízes míticas,

a espiritualidade e o desenvolvimento do conhecimento indígena, que são partes culturais e saberes com outros formatos e métodos. Mas contribuiu para viver com outros comportamentos e atitudes segundo os olhares da educação e a religião europeia dos brancos.

O processo da educação missionária e a catequese não é uma constatação de julgamento e sim uma parte descrita no processo de mudança, esta dinâmica pode ser refletida na composição dos trabalhos e as produções de análises e pesquisas etnográficas segundo o ponto de vista da questão nas obras da atuação dos pesquisadores não indígenas e indígenas, investigadores da cultura da nossa realidade que citam a transformação desta realidade ocorrida naquela época como fato cultural e social.

Adam Kupper cita Levi Strauss (2008) que trata da “lógica do concreto” e a forma simples do avanço da ciência e como as informações científicas se aperfeiçoam e acompanham as sucessivas transformações.

E, ainda assim, há certamente uma grande diferença entre o ideal estabelecido de pensamento científico e o que Levi-Strauss chama de “a lógica do concreto”. As teorias científicas deveriam ser aperfeiçoadas. O entendimento deveria avançar. Não se volta atrás na ciência. Mas, colocando de forma simples, se um argumento avança virando um argumento anterior de cabeça para baixo, então em algum momento alguém irá efetuar uma transformação seguinte na posição inicial. Uma série de transformações estruturais tende a acabar onde se iniciou. E parece que modelos sucessivos de sociedade primitiva representam transformações diretas, mesmo mecânicas de seus predecessores. (KUPER, 2008, p.31)

A cultura indígena é uma realidade concreta imbricada e misturada com a não indígena, o originário sustenta para não perder a essência da identidade, mantém os valores inerentes no conhecimento próprio como o dos Turoporã que vivenciam a mistura nas estruturas da vida da aldeia na forma singular no sistema colonial da chegada missionária e tipo de educação implementada na época. Os Turoporã constituem o originário que experimenta o exercício metodológico da mentalidade externa e, também outros indígenas da região lutaram e lutam para permanecer com as características básicas da afirmação da identidade essencialmente ligada a origem que, dinamizando o pertencimento conecta à sociedade plural dos modelos de vida cultural não indígena.

A cultura Tukano no clã Turoporã tem raízes práticas que são base da identidade e se constitui de características imbricadas com outras etnias e os elementos não indígenas muda na ação das tradições, os significados a maneira e a forma da organização social, as práticas culturais que são relidas e, sugestionam novos olhares no momento atual. As influências externas são pensadas como as complementariedades na conceituação e outras

ideias surgem com as novas abordagens ritmadas no compasso da transformação, no corpo, vestimenta, alimentação, trabalho e, assim, aumenta a dinâmica do movimento que envolve os indígenas no contexto urbano, a mistura cultural do indígena com o branco, da aldeia para a cidade, da fala em tukano para o português que se processa num contexto intercultural.

O novo olhar sobre a cultura e a identidade indígena emerge porque abre o diálogo no contexto político, religioso, econômico e social no cenário já existente, o qual reorganiza e mobiliza em cada processo em transformação articulado com as novas propostas na luta pelos direitos. Esse processo é dinâmico, como explicita Silveira e Silveira no advento da convenção 107 da Organização Internacional do Trabalho – OIT: Várias comunidades e povos passaram a se organizar para fazer frente às ações interacionistas do Estado brasileiro. Em consequência estabeleceu uma articulação entre sociedades indígenas e organizações não governamentais, com importantes mudanças para a afirmação dos direitos indígenas. Surgiram propostas educacionais formuladas por organizações não governamentais e estudiosos das universidades que enfatizam a língua materna dos povos como estratégias de valorização e conservação de suas identidades culturais étnicas. (MARINHO, 2012, p. 32).

Este caminho é longo e árduo, construído de modo dialógico na relação interétnica e multicultural, e suscita a democratização da educação escolar, incluindo os povos indígenas segundo a organização para inserem no processo construtivo crescente como estratégia da política educacional diferenciada. (MARINHO, 2014, p.52-53).

A primeira fase do trabalho de campo no encontro com os membros da família possibilitou o reencontro com a cultura religando com os laços da etnia Tukano em união do clã Turoporã, refleti no diálogo sumamente falado em língua Tukano o contexto atual da realidade. Neste encontro contactou-se com os sábios, os membros da família do pesquisador, analisar os processos e as questões sugestionadas no trabalho que devem ser aprofundados, comprovar e certificar com a obtenção dos dados do assunto abordado,

A realidade do contexto nacional do período da pesquisa e estudo ocorreu a desvalorização da ciência, ataque sistemática da vida humana, enfrentamento do processo difícil da existência da vida no mundo, o pesquisador destemido prosseguiu o seu trabalho superando a dificuldade do investimento econômico, as distancias geográficas, quando a pandemia ceifava milhões de vidas humanas na face da terra, o distanciamento e a fuga se fizeram presentes renovando a experiencia da origem étnica, vivenciada neste processo da pesquisa de campo. É com o sentimento de bravura, que o pesquisador deposita a confiança de si mesmo, coragem e esperança na ciência e poder de eficiência na cerimônia da cura do *baséssé* dos sábios Tukano, dos chás naturais e defumação e outros ritos e diversas cerimoniais inicia a ida para o campo no longínquo município de São Gabriel da Cachoeira.

1.2 Primeira Fase da Pesquisa de campo: A territorialidade no hoje, na aldeia, e a identidade cultural.

A primeira fase da pesquisa ocorrida na imensa região da “Cabeça do Cachorro”, com coragem e boa vontade, mesmo sem recurso econômico cumpriu o planejado, compondo a metodologia da observação da etnia Tukano, clã Turoporã, a vida cultural e social, a relação da realidade urbana com o contexto em transformação. Esta fase ocorreu no período de 28 de dezembro de 2019 a 27 de janeiro de 2020, na cidade de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, Brasil, situada no extremo norte, na parte oriental da Amazônia brasileira, mais conhecida na região por Cabeça do Cachorro⁴³, nome dado por alguns pesquisadores e intelectuais que passaram na região pelo formato geográfico como se encontra contornada a delimitação do mapa físico no limite com o território colombiano e no Brasil. Esta região compreende a Terra Indígena do Alto Rio Negro.

São Gabriel da Cachoeira é um município brasileiro, cuja sede é denominada com o mesmo nome. Localizada no “interior do estado do Amazonas, Região Norte do país” na fronteira com a Colômbia e Venezuela, no extremo noroeste do Brasil, o município também é conhecido como "Cabeça do Cachorro", por seu território ter forma semelhante à da cabeça desse animal”. Com base em “estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua população era de 46. 303 habitantes em 2020, fazendo deste o décimo-terceiro município mais populoso do Estado. Em São Gabriel da Cachoeira, nove entre dez habitantes são indígenas, sendo o município com maior predominância de indígenas no Brasil”.

A metodologia da observação participante aplicada no contexto cultural, na realidade formada pelos pequenos grupos sociais destacando a etnia Tukano, assim denominado na antropologia e dos seus clãs se observou a cultura, modo da vida, o modo da organização, a classificação hierárquica da sociedade no sistema endogâmico chamados de sib e siblins. Kupper cita Tylor (2008), estudante de direito e pertencente aos antropólogos e estudiosos teóricos britânicos, fez trabalho de investigação da organização social da estrutura do matrimônio primitivo, desenvolveu ideias sobre o matrimônio dialogando de forma política comparativa em relação a família e a propriedade privada do Estado na época. Nesse contexto surgiram ideias para definir o ser humano na sua origem.

⁴³Formato do mapa

A sociedade primitiva era originalmente um todo orgânico, que então se dividiu em dois ou mais blocos idênticos em construção (esta ideia remetia a Spencer). As unidades constituintes da sociedade eram grupos descendentes associados, exógamos, denominados clãs ou grupos familiares [gents], que mantinham bens e mulheres em comum. Em torno de 1880 havia um amplo acordo (apesar da contínua discordância de Maine) de que estes grupos eram originalmente “matriarcais”, traçando uma descendência apenas pela linhagem feminina. O casamento se fazia em termos regulares de mulheres entre homens de grupos de ascendência diferentes. Estas formas sociais, não são mais existentes e foram preservadas nas línguas (especialmente em terminologia de parentesco) e nas cerimônias de povos “primitivos” contemporâneos. (KUPER, 2008, p.20).

Kupper (2008) citando Tylor explica a formação dos grupos sociais para compreendermos a ideia do clã e a estruturação da cultura estudada por ele, que descende da linha materna e ainda se formavam também os elos de parentesco na associação de grupos. Para o Turopará a hierarquia descende dos Tukano e de outros grupos na linhagem paterna. A estrutura cultural do clã, hierárquica, organizada, articula no sentido coletivo patriarcal, na relação do matrimônio e desenvolve o parentesco iniciado na família, estende no grupo relacionado a troca das mulheres, negociando politicamente com os membros de outras etnias que são considerados primos.

Marinho (2012) cita no comentário a organização social e a política da estrutura do clã Turoporã:

A nós indígenas “O grupo fortalecido coletivamente ocupou um território e dentro dele construiu a sua história, desenvolveu o sistema de parentesco dentro do clã, assim como também as relações estabelecidas com os “cunhados”, que construíram as “políticas” das “trocas de mulheres”. A importância do clã é a expressão etnográfica apropriada e abrangente que corresponde ao reconhecimento do território e aos referenciais da etnia tukano com pai fundador UremiriTuro⁴⁴. Conhecemos os irmãos da linhagem de Doéthiro⁴⁵, sua descendência é legítima no pertencimento entre os tukano, sua ocupação na estratificação social dos membros do clã Turoporã é reconhecida legalmente pelos irmãos de ascendência e descendência na hierarquia do povo tukano” válido para toda a geração (p.54).

A formação do parentesco, significado na família patriarcal, casamento com as mulheres das outras etnias na extensão de cada espaço do território constitui a sociedade originária; estrutura da hierarquia patriarcal dos clãs, valoriza o parentesco desde a origem e continuam firmes no diálogo na relação do casamento com os membros de outras etnias. No âmbito econômico a observação dos parentes, cunhados são os sujeitos diretos para a reciprocidade da troca e outros atos sociais e cada etnia compartilha o conhecimento o

⁴⁴ Primeiro turopará transformado em espécie humana.

⁴⁵ Turupoã, irmão do UremiriTuro.

valor do conhecimento cultural e, os Turoporã conhecem bem o sentido ascendente e descendente do seu clã e quem são os parentes nesta relação interna e externamente com os membros das outras etnias.

A relação com o outro constitui o valor primordial na organização social e hierárquica do Turoporã do pertencimento e na qual dialoga com o reconhecimento do parentesco, razão existencial contida desde a origem. Como afirmou Kupper (2008), “estar no mundo existencial não é uma representação ou substituição”, estar no mundo hoje para o indígena é o erguimento da cultura originária, a valorização da formação do clã que produz efeitos na pertença étnica como parte da ciência e do saber cultural cosmológico.

As categorias cultura, política e tradição dentro do território são importantes questões debatidas para explicar na imbricação no perímetro físico, a natureza, na estrutura social ocupado, a formação do clã da sociedade Ttukano Turoporã e, estes aprofundamentos caracterizam o teor da resistência e percorrem dentro das instancias do diálogo em vários processos transformados e mudados na sua constituição social étnica. A mudança relaciona a força externa das ações e condutas não indígenas sendo percebido no cotidiano, e a sensibilidade do viver a diferença logo cresce, na luta para manter a vida cultural, a política, forma de organização com a identidade original convivendo a diferença no encontro com a realidade das outras culturas.

O estado da transformação na experiência indígena formam momentos graduais no processo da história, transparece a diferenciação percebida na conceituação da vida considerada primitiva que não sugestiona a vida na aldeia, no sentido de que o pertencimento de uma cultura original é o estado de vida com o pensamento cosmológico interagindo com a cultura urbana, cada etnia salvaguarda a sua identidade desde os primeiros seres humanos de cada clã e, com esta sabedoria originária, desenvolvem a ligação com a cultura na sociedade diferente.

A análise da realidade indígena é o cálculo do nível de afetamento da ação transformadora considerada ação diferente na cultura e na identidade misturada no contexto indígena e urbano, que requer maior estudo do processo da nova experiência social e cultural. Kuper (2008) trata da idéia de uma sociedade em constantes mudanças e transformações sem ater-se unicamente e radicalmente apenas no passado da história:

O termo implica algum ponto de referência histórico. Ele presumivelmente define um tipo de sociedade que antecede formas mais modernas, análogo a história revolucionária das espécies naturais. Entretanto, as sociedades humanas não podem ser tratadas retroativamente até um ponto singular de origem. Tampouco há algum

meio de reconstruir formas sociais pré-históricas, ou de classificá-las e alinhá-las em uma série temporal. Não há fosséis de organização social. (KUPER,2008, p.22).

Os indígenas Tukano Turoporã possuindo a origem seguem em meio aos processos de mudanças no caminho para o futuro, coexistindo na relação das forças influenciadoras; mantém a forma cultural na vida sendo os sujeitos com outras novas experiências de vida social que na realidade que se misturam com ideologias, pensamentos e doutrinas, superam as barreiras criadas do desprezo da cultura originária, o negacionismo do conhecimento étnico, a desconsideração da capacidade intelectual, o ato do racismo que chegam a denegrir a característica da cultura originária e a não valorização dos sábios.

A imbricação cultural gerada na conexão da cultura originária com as demais no espaço e em formas e modos de vida inicialmente sobrepostas, gradualmente se complementam na prática entre as distintas culturas, porque o caráter e a identidade do originário existe na razão de ser que os sábios Turoporã proporcionam. O conhecimento local desde a origem, é um valor existencial e duradouro, atemporal que corresponde a um conjunto de elementos socioculturais, as tecnologias, a ligação com a natureza, o domínio da agricultura, divisão de trabalho e outros valores.

A concepção e saber local indígena difere com algumas afirmações dos não indígenas; situação recorrente em qualquer discussão especulativa de determinados assuntos entre a conceituação do conhecimento local, da política, da medicina e teorias dos não indígenas que porventura julgam a cultura do Tukano Turoporã e de outros indígenas de mero mito e folclore, lenda, contos e estória dos antigos. A cultura local, a tradição dos Turoporã tem raízes mitológicas, um valioso ensino metodológico com a lógica própria dos sábios solidificando a afirmação intelectual e a identidade étnica desde a origem, muito antes da chegada dos não indígenas invasores, dos missionários e do início do consumo dos produtos industrializados já havia a cosmologia e a sabedoria originária.

Radcliffe-Brown (1930) na realização da pesquisa de campo ainda na época pré Malinowski, com rigor metodológico atuou entre os aborígenes australianos nas ilhas de Andaman entre 1910 e 1912. Analisou a realidade do “primitivo” e os costumes locais, observou a formação do sistema social compreendendo o significado que poderia ser entendido numa relação de fatos sociais.

Na concepção de Durkheim, a sociedade é essencialmente uma ordem moral. Em seus últimos estudos, ele concentrou-se cada vez mais

naquilo a que chamou o “consciente coletivo” os valores e as normas de uma sociedade. Estes foram implantados na consciência do indivíduo através do processo de socialização. Nas “sociedades primitivas”, era predominante essa esfera socialmente condicionada da consciência do indivíduo, enquanto em sociedades com sistemas complexos de divisão de trabalho, a área de individualidade é maior. (RADCLIFFE-BROWN, 1935, p.66)

O pensamento sociocultural étnico é coletivo, dá autenticidade na sociedade em que todos os membros da etnia tem a consciência dos seus compromissos e papéis sociais que se transforma e muda em cada processo das novas situações mais complexas que surgem na vivência da cultura originária transformam as normas, as regras e leis sociais e formas de vida com distintas particularidades que segundo Radcliffe-Brown (1930) os elementos sociais são socializados para a vivencia das realidades das sociedades maiores e que se tornam mais complexas. O autor revela o poder do colonialismo e, isto ajuda a esclarecer o contexto em análise.

A vivência imbricada da cultura originaria transforma o espaço físico, as atitudes indígenas, o pensamento originário para o urbano, fazer e ser diferente na pertença da sociedade são as dimensões que conjugam na interação cultural da sociedade no diálogo entre as etnias e os clãs distintos e surgem novas relações étnicas e não étnicas, do individual para o coletivo diversificado.

O clã Turoporã na mistura social com os outros clãs de outras etnias interagem numa extensa região⁴⁶ convivem no diálogo encurtando as distâncias geográficas e superando muitos acidentes naturais e no processo da transformação esta característica coletiva no espaço social é chamada cidade que engloba a todos com a denominação de população regional.

Na imbricação do indígena e o não indígena o espaço aumenta a junção das culturas, as posições políticas na organização social, as diversas concepções cosmológicas, cujas posições, os pensamentos proporcionando a reelaboração dos conceitos relacionados na caracterização da cultura e forma de vida indígena na condição das inúmeras ideias teóricas que constam nos trabalhos científicos produzidos pelos não indígenas. Kuper (1978) quando se refere ao século XIX, diz que foram elaboradas ideias sobre as sociedades primitivas, consideradas tradicionais como realidades que antecipavam a modernidade e com as quais baseamos para conhecer a sociedade original dos Tukanos Turoporã que processam a transformação social e cultural.

⁴⁶ Região do triângulo Tukano, município de São Gabriel da Cachoeira habitado pelas 22 etnias indígenas.

Cada um concebia o novo mundo em contraste com as “sociedades tradicionais”, mas por trás desta “sociedade tradicional” eles discerniam uma primitiva ou primeva, a qual configurava verdadeira antítese da modernidade. A sociedade moderna era definida, acima de tudo, pelo Estado territorial, a Família monogâmica e a propriedade privada. A sociedade primitiva deve ter sido, portanto, nômade, ordenada por laços de sangue, sexualmente promiscua e comunista. Houve também, progressão na mentalidade. O homem primitivo era ilógico e supersticioso. As sociedades tradicionais eram submetidas a religião. A modernidade por sua vez era a idade da ciência. (KUPER, 2008, p.29)

A cultura indígena é cheia da sabedoria e ciência com práticas e possui a formação da estrutura da sociedade como a do tukano do clã Turoporã que sai da aldeia, imbrica com o outro sistema e tipo de organização política e social, a espiritualidade e conectam com o mundo chamado “moderno” pelas forças das mudanças causadores de transformações no modo de vida contemporânea. O contato com diferentes culturas em diversos processos por parte do indígena não há diminuição do valor cultural e do conhecimento originário porque abre espaços para outras vivências da cultura com outros tipos de concepções que formam a complexa estrutura urbana.

Os Turoporã mantêm as suas tradições dentro da sociedade complexa que significa que permanecem vivas mesmo com as forças da transformação; as características continuam na formação da estrutura tradicional familiar, regras de parentesco vigentes, os indígenas passaram a viver a dimensão da interação, da multiplicidade multicultural.

A dinâmica da mudança realiza o processo da aldeia ocorre na extremidade de uma área geográfica diversificada, com uma paisagem natural diferente das demais regiões, põe o desafio econômico e físico até então, realidade social antes isolada em relação ao centro urbano e acesso de serviços modernos. A região étnica liga intrinsecamente a paisagens naturais, a vida cultural com atividades dos clãs, a língua com a comunicação distinta, estilo de vida e organização social diferenciado dos demais grupos coletivos, que estabelecem relações mútuas, sem se dividir politicamente ou tentar impor limites entre si e com o diferente.

A região da Cabeça do Cachorro é ampla, universalizou fortemente a cultura e o mundo cosmológico indígena. Pierre Bordieu (2010) aprofunda a ideia da região ampliando o sentido e o significado:

“Com efeito, a confusão dos debates em torno da noção de região e, mais geralmente, de “etnia” ou de “etnicidade” (eufemismos eruditos para substituir a noção de “raça”, contudo, sempre presente na prática)

resulta, em parte, de que a preocupação de submeter à crítica lógica, os categoremas do senso comum, emblemas ou estigmas, e de substituir os princípios práticos do juízo cotidiano pelos critérios logicamente controlados e empiricamente fundamentado na ciência, faz esquecer que as classificações práticas estão sempre subordinadas a funções práticas e orientadas para a produção de efeitos sociais; e, ainda, que as representações práticas mais expostas a crítica científica (por exemplo, os discursos dos militantes regionalistas sobre a unidade da língua occitânica) podem contribuir para produzir aquilo por elas descrito ou designado, quer dizer, a realidade objetiva à qual a crítica objetivista as refere para fazer aparecer as ilusões e as incoerências dela” (BORDIEU, 1979,p.112).

O pensamento de Bordieu explica sobre a região e a etnia, a realidade, com critérios categoriza a identidade social indígena da região com a presença dos sujeitos, assim sendo, a região do rio Tiquié é o lugar onde está localizado o clã Turoporã e outras etnias, esclarece a etnicidade vinculado a origem, corrige os erros objetivados no espaço social em todo processo histórico, coloca em evidência as características da sociedade cultural étnica que são marcantes e determinantes, emite uma visão coerente, havendo possíveis afirmações que em algumas situações o pensador indígena e não indígena fogem da realidade por desconhecimento melhor da etnia e da região.

Os indígenas habitantes daquele lugar, região ou território com realidade social distinta fazem a discussão sobre a ocorrência das mudanças social e cultural mesmo na imensa distância tem um ponto e momento de encontro realizado no diálogo. A organização política dinamiza a coletividade indígena cujo ponto comum, com base no saber étnico, dialoga sobre a realidade atual com as novas perspectivas, o uso da razão e da lógica com parecer crítico para construir ideias e pensamentos reais interagindo com todos os habitantes étnicos, organizações, movimentos indígenas e outros que vivem na imensa região.

As etnias adotam na comunicação com as diversas expressões linguísticas e formas de raciocínio lógico que são próprias deles, a maioria delas não são traduzidas em língua portuguesa, isso remete ao mito e outros fatores originários que explicam a existência das palavras e expressões. Os fatos que originam estas expressões são individuais ou coletivos que referenciam a alguma pessoa e realização coletiva, na ciência não indígena, por exemplo, recorre assim a etimologia da palavra região (régio), tal como descreve. Bordieu (2010) citando Emile Benveniste trata sobre a ideia do princípio da divisão: “ato mágico, no sentido propriamente social, de diacrisis que introduz por decreto uma descontinuidade decisiva na continuidade natural (não só entre as regiões do espaço mas também entre as idades, sexo etc..), Regere fines o acto que consiste em traçar as

fronteiras em linhas rectas em separar o interior e exterior, o reino sagrado do reino do profano, o território nacional do território estrangeiro”, neste ato há uma fixação da relação de luta resultando a delimitação legítima.

O conhecimento local, a cosmologia é a base da experiência natural dos Tukano Tuopará habitante da região, considerado a pertença ao território, afirma a sua origem com raras e profundas explicações que correspondem a sabedoria mitológicas temporais e atemporais. O conhecimento temporal são ciclos na vida cultural e o atemporal é o contato com a natureza que comunica com o transcendente, com os seres inanimados das águas, da floresta, do ar, das órbitas e outros com outros animais, usufrui as riquezas materiais e imateriais impares na dimensão cultural e social no espaço de convívio, para os não indígenas pode parecer e ser pensada como uma região ainda desconhecida, porém, muito cobiçada pelas valiosas riquezas naturais e minerais de alto valor a ser explorado.

O indígena desta região vivente com o conhecimento cultural e com a experiência, naturalmente é a sua realidade que sustenta a sua existência e vida social. Bordieu (2010) traz esta reflexão sobre a região:

“Ninguém poderia hoje sustentar que existem critérios capazes de fundamentar classificações “naturais”, separadas por fronteiras “naturais”. A fronteira nunca é mais do que o produto de uma divisão a que se atribuirá maior ou menor fundamento na “realidade” segundo o elemento que ela reúne, tenham em si semelhanças mais ou menos numerosas e mais ou menos fortes (dando-lhe por entendido que se pode discutir sempre acerca dos limites de variação entre os elementos não idênticos que a taxinomia trata como semelhantes). Cada um está de acordo em notar que as “regiões” delimitadas em função de diferentes critérios concebíveis (língua, habitat, tamanho da terra etc.) nunca coincidem perfeitamente” (BORDIEU, 2010, p.114-115).

A região, na concepção originária do clã Tuopará habitante na localização geográfica com profundidade do sentido mítico da origem, não há limites racional e físico educativo, assim, a região para o indígena não possui fronteiras como “divisão” étnica, a cultura, a sociedade e sim, formas de diálogo e de pensar na construção de parentesco que explica a formação de grupos diferentes. A razão quantitativa do originário possui a construção ou representação matemática da mente é o pensamento e a ideia humana, porém, não é o fechamento ou o distanciamento humano e cultural da própria vida natural.

O espaço territorial é reconhecido pela chegada do clã e esta forma de pensar pertence na concepção do grupo, sobre esta realidade social a que pertence, em meio a sinais, emblemas e estigmas, o sujeito pensante pode manipular a propriedade simbólica segundo o seu interesse material.

O pensamento do indígena sobre a região constitui a referência originária do mito, fato, pessoa, acontecimento é um compreensão também no uso popular corriqueiro da palavra que assume a nomenclatura determinada havendo uma posição de liderança, evento, a política e na realidade este pensamento ou esta referência caracteriza a ideia do espaço físico, os acidentes geográficos, a população destacada pelo modo de vida no lugar e, inclusive cria a diferença entre os habitantes daquela região em relação a outros habitantes de outras regiões⁴⁷.

“Bastará um exemplo, colhido dos acasos da leitura: “É preciso prestar homenagem aos geógrafos, eles foram os primeiros a interessarem-se pela economia regional. Por vezes eles mesmos tendem a reivindicá-la como uma coutada”. A este respeito escreve Maurice Lévi-Strauss: “Admito que deixemos ao cuidado do sociólogo e do economista a descoberta das regras gerais – se as há – a partir do comportamento das sociedades humanas e do mecanismo das produções e das trocas. A nós pertence-nos o concreto presente e diversificado que é a manta de retalhos multicolor das economias regionais (...). Os inquéritos regionais dos geógrafos apresentam-se frequentemente como estudos extremamente minuciosos, extremamente aprofundados de um espaço determinado” (BORDIEU, 2010, p.108).

Podemos abstrair no pensamento do teórico no sentido da produtividade, o sistema de trocas que são ações próprias da sociedade local dos indígenas na região, diversos interesses e olhares coexistem sendo conhecida e reconhecida, a lógica econômica pode afirmar que pela pobreza e pouca produção de produtos os habitantes são postos teoricamente nas fronteiras das regiões periféricas no aspecto do “desenvolvimento”⁴⁸ da imensa nação, pelo desconhecimento da realidade social indígena diferenciada causa algum pensamento negativista na relação da forma de vida cultural e social indígena.

A cultura étnica trás valores específicos, do conhecimento, das habilidades tanto quanto a ciência metódica elaborada pelos não indígenas com pareceres e conceitos próprios na prática linguística da oralidade mítica explica a origem e a localização do Turoporã. Para compreender a profundidade do conhecimento local, étnico, é necessário a reflexão com o auxílio da ciência social, a antropologia, a história, e muitas outras abordagens das ciências humanas reconhecidas e válidas no mundo do saber que refletem encurtando o desafio da posição física, ultrapassam os limites regionais, identificadas nas produções dos princípios produzidos na sociedade, línguas e culturas, superam o isolamento e a exclusão calculada como soma de atributos apenas materiais.

⁴⁷ Lugares de vivência de grupos, movimentos, comunidades étnicas.

⁴⁸ Os indígenas se desenvolvem também em cada processo histórico.

1.2.1 - Clã Turoporã na hierarquia do Tukano

A intelectualidade clânica na pesquisa de campo exigiu o diálogo com o vovô Feliciano no âmbito da cidade criou-se algumas idéias referentes as mudanças internas e externa do clã Turoparã. Para a coletividade, ele é reconhecido e respeitado, no nosso clã, é um sábio renomado e procurado para aprender dele o conhecimento local. O seu nome de *basessé* é Bu`ú, e o nome de batismo na Igreja Católica é Feliciano Alves Gomes. Nasceu no dia 05 de maio de 1944, em Onça igarapé, o pai se chamou pelo nome de batismo Genésio Gomes, Turoporã Tukano e a mãe se chamava pelo nome de batismo Lina Alves, da etnia Tuyuka. Este sábio é um dos principais interlocutores nesta pesquisa, e com ele é possível dialogar sobre cultura, o conhecimento mítico de origem, a história da organização sociocultural que continua no outro tempo e espaço e, toda essa narração significa o valor do clã Dahseá Turoporã curá bahsemó⁴⁹. O local do diálogo foi na cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM), Brasil, no período de 06 a 12 de janeiro de 2020.

Neste percurso da oralidade, escuta e escrita formamos o grupo do diálogo Turoporã vovô Feliciano, Severiano, Oseas, Casimiro, a Senã⁵⁰ Tuyuka componentes constitutivos e como tal, terão destaque no tratado deste capítulo e nos outros especificamente na fala da cultura e sabedoria do clã que se imbricam na formação cultural sendo Tukano do clã Turoporã no espaço cultural urbano, eles sustentam, reconhecendo a origem mitológica e a história do clã desde Turi igarapé, até a chegada no rio Tiquié habitado até o momento presente, acompanham a pratica da tradição na formação da dinâmica social e cultural contida na junção indígena e a não indígena.

O clã é importante porque caracteriza o ser da pessoa do indígena, a identidade cultural justificada na oralidade do saber cultural do conhecimento local, o saber do conteúdo doutrinário, moral, ritual, cerimonial com base mitológica compreendida na análise etnográfica do método de estudo da cultura do Tukano Turoporã riqueza mantida desde a origem dos primogênitos⁵¹ da etnia e do clã.

O princípio do valor cultural herdado dos pais, mães, famílias e sábios especialistas no conhecimento cultural, da cosmologia e explicações míticas em diversos níveis que sustentam as raízes étnicas e, na atualidade muitos fatores complementam na

⁴⁹ Grau do benzimento próprio do Tukano

⁵⁰ Nome de benzimento na etnia Tuyuka

⁵¹ Os primeiros iniciando com aqueles que evoluíram como espécies humanas na cachoeira de Ipanoré, no rio Waupés.

realidade cultural e os próprios indígenas interpretam na cosmologia segundo seus critérios. Isso estava previsto pelos sábios devido as constantes mudanças do tempo, espaço, dia, noite em horas, meses, anos e outras consequências que atingem a vida e a estrutura social originária.

O conhecimento local cosmológico indígena refletido pelos sábios em cada processo vivido pelo clã, assim, como existem teóricos renomados em cada campo de conhecimento da ciência elaborada são elencados para o diálogo e discussão dentro de cada área científica, a etnia Tukano, o clã Turoporã, contém os sábios detentores do conhecimento local fundamentado à luz da cosmologia existencial que caracteriza a cultura e a organização social.

O clã Turoporã na hierarquia compõem a primazia existente no momento da evolução da espécie humana, a constituição hierárquica do primeiro ao último, entendido no processo da vivência da aldeia, a moradia da comunidade dentro do território ensinada nas posteridades, ensino cultural e social valioso a cada um dos membros.

Elaborado por Marinho (2012) com base no modelo de organização social do Sistema Político dos Nuer, tal como apresentado por Evans-Pritchard (1978), com o intuito de apresentar didaticamente a divisão hierárquica do grupo linguístico Yepa-Mahsã (Tukano) em concordância com os sábios ainda viventes com a certeza da formação construída há milênios atualizado com nomenclatura.

Quadro 2: A hierarquia da etnia Tukano

Dahsea Dìhpokarikahrã (Seção Primária)	Doetihro X Yepario Yepa Suriã X Yupahkó
Dahsea mahsã ma'misimĩã kurare (Seção Secundária)	Yepa yupuri Yepa Ôa kahpea Yeparã Oyé Yupuri Mími Siípe Yupuri Pamô
Sessão terciária	Ñirãpe porã Iremirĩ Sararó Iremirĩ Sa'kuró Iremirĩ Buberãã Yupuri Diípe Buú porã Turoporã

	Ñahoriporã Kimarõporã Kohãpá Bohsó kahperiáporã Ahpikeriporã Bohsoá Baaporã
--	---

Fonte: Marinho (2012, p.45)

Tukano Turoporã se estrutura na hierarquia da origem, a raiz, o clã sustenta a parte importante na afirmação da identidade, com base sólida ligada na narração mitológica do pertencimento ao território habitado, determinado pela característica da vida coletiva. Só não consta o clã dos moradores do centro distrital de Pari Cachoeira pela sua origem geradora incestuosa e não aceitável na hierarquia dos clãs, são filhos de um incesto, mãe solteira, motivo pelo qual não admite na hierarquia da etnia Tukano.

O parentesco é construído na escala hierárquica étnica, avôs, pai e mãe, família, pertencente na aldeia onde nasceu, com o significado de pertencer ao clã vivente num determinado território regional, conhecedor da sua origem desde os mais velhos que ensinam para os filhos e netos na infância a prática da tradição cultural da etnia e do clã.

Atualmente, as práticas de tratamento terminológicos vêm sofrendo modificações contínuas nos pós contato com não indígenas. Cada família, seja do maior e menor na escala hierárquica, passou a viver, teoricamente indiferente individualizados. Apesar das modificações, os termos de consideração e a classificação ainda são praticados, para salubridade de nominação da criança ou para curar o mal (doença), encontro com seu irmão (parente) ou com membro de afinidade. Pode-se dizer que “A terminologia de parentesco do grupo linguístico Tukano Oriental é uma variação do tipo dravidiano. Sua descendência é patrilinear gerido com casamento de primos cruzados” (ATHIAS 2007, p. 55). A terminologia do parentesco diz respeito ao termo que se usa para chamar os parentes e dirigir-se ou referir-se. Na índole da terminologia dos Turoporã, darei início à sua descrição pela ordem de geração a partir dos “avós”, seguindo para os “pais” e, depois, para os “netos” (MARINHO, 2012, p. 50-51)

O parentesco existe na origem com a linguagem própria, é a lógica, a racionalidade que vigora e rege o modo de ser e pensar Tukano é a razão que coordena o saber do sistema hierárquico e do nível do clã na linhagem étnica, para que o diálogo e troca de serviços, a oferta na participação interna, na forma organizacional social. O parente descende de todas as gerações é um valor cultural e neste sentido confiamos e aceitamos no nosso conhecimento à pessoa do avô Uremirĩ, dito em Tukano

marĩdɛhpɔ́⁵², mariñehgɛ⁵³, de dɔpɔkã⁵⁴. A primazia indígena e a cultura própria está presente na raiz surgido no pamɛrĩ mahsã⁵⁵ e, cada etnia tem os primeiros, assim, os tukano do clã Turoporã forma a família e o parentesco, com muito respeito ao pai, sábio, líder, político, guerreiro, conquistador, vencedor detentor dos atributos e méritos confirmados na recitação evolutiva dos sábios ou pais fundadores do clã, narra a história que se revive no rito e cerimônia especialmente no baséssé e no rito de iniciação.

Segundo as observações anteriores podemos identificar a característica principal do modelo social dos Turoporã, como tendo uma maior valorização do lado dos parentes masculinos. Portanto, a terminologia do parentesco é patrilinear e agnática, o pertencimento se dá pela ordem de nascimento. Neste caso, a senioridade feminina é tida como mero pertencimento no clã mesmo que ela seja a primeira filha, sem muito prestígio. Nota-se nestas sociedades a existência do paradigma de nomeação a todo varão primogênito de Yupurí ou de Doétihro, para o feminino de Yepário. Estes títulos são mais perceptíveis nas cerimônias da dádiva dos donativos (dabucurí); no momento do ritual do cigarro de reciprocidade, tanto do lado ofertante quanto do lado do recebedor. Durante esta festa, geralmente, são recitados todos os clãs Yepa-Máhsã, o que faz celebrar o significado de unidade do clã. O início do discurso segue a regra ditada pelo Doétihro, com a evocação do pai mítico fundador da etnia. (MARINHO, 2012, p.46-47)

O clã Turoparã possui a linhagem paterna, no pensamento político cultural, masculiniza as tradições, o avô Ƴremirĩ entendido como a cabeça, a raiz corresponde a primogenitura, a primazia e o poder possuído no seu ser e da sua pessoa, as atribuições pertenceram a ele, o dom da liderança força e sabedoria e do conhecimento cosmológico, cultural, as forças das dimensões do humano e espiritual que se uniram, integrados na pessoa dele, não excluindo a parte feminino em que as mulheres também podem assumir o nome e a herança dos poderes e forças do líder. Na posteridade partindo do primeiro segue na hierarquia toda a formação política, social e cultural do Turoporã que recebe esse nome no benzimento carrega a mesma força e característica do primeiro do clã, assume poderes humanos, espirituais e sobrenaturais. Assim:

Ƴremirĩ kũ heriporã tutuaró kuopu⁵⁶ foi benzido com as forças especiais espirituais invisíveis, era chamado de úpicó⁵⁷, praticado devido aos irmanados de sua própria natureza, porque ele tinha uma vida em que podia ser visto ou não visto. Este poder sobrenatural era para a sua própria defesa, pensado especialmente contra os animais ferozes que poderiam lhe atacar e as doenças que poderiam atingi-lo. Na dimensão

⁵² Nossa cabeça, sinônimo da nossa “raiz”, o “pé”

⁵³ Nosso avô

⁵⁴ Nosso pé

⁵⁵ Seres da evolução em espécies humanas

⁵⁶ Ƴremirĩ deixou a força do seu coração

⁵⁷ Força invisível em outros momentos, visível

humana palpável Uremirĩ podia estar presente ou sumir da visão das pessoas ou na guerra podia ser invisível para não ser atingido nos ataques inimigos, este fenômeno fazia com que ele não fosse mirado e acertado pela flecha inimiga e nem mesmo dos tiros das armas dos brancos, são nossos poderes da cultura (MARINHO, 2012,p.49)

O reconhecimento cultural prioriza eminentemente a capacidade e a sabedoria do Uremirĩ, por isso, depositamos ele como dupokã, para a posteridade o chama de avô do Turoporã, que governou com a força dos seus poderes humanos do trabalho, conquistas de territórios, e sobrenaturais tidos desde o início de sua existência. As armas artesanais eram utilizadas para a caça e a pesca e quando ocorria conflito era utilizado para enfrentar e lutar contra o inimigo, como em qualquer contexto social temporal.

No Turí igarapé primeira maloca do clã Turoporã como em qualquer contexto humano surgiu entre os irmãos algum tipo de hostilização por não concordarem com algumas ações do líder Turoporã e iniciou o processo de migração para os novos territórios na região. Nesta época já havia chegado o homem branco no território do rio Waupés e os Turoporã já teriam tido algum contato com os “colonizadores”, os invasores em terras alheias os não indígenas. A transformação acompanha a história indígena do local, vieram os missionários da igreja católica e os não indígenas que teriam dado a arma de fogo aos Turoporã, que serviria para realizar a caça para suprir de carne na alimentação, isto faz entender que as influências não indígenas já atingiram os Turoporã.

O modo e pensar de ser Turoporã está ligada no Uremirĩ pelo poder exercido no clã devido a todo o processo da vinda dele e seus irmãos para nossa terra, inicialmente pela insatisfação dos seus parentes começou a sofrer algum tipo de perseguição, as fofocas, a inveja na sua própria família e pela parte dos seus cunhados que causaram desavenças e mal-estar e desunião. Uremirĩ decidiu junto com sua família sair do Turí⁵⁸ igarapé e vir de mudança territorial para a região, até então, desconhecido, o rio Tiquié, uma terra não habitada. Numa longa caminhada pela trilha na floresta chegaram à nova terra no rio Tiquié. Apenas havia a etnia dos “macús”⁵⁹ nômades, que acolheram o Turoporã.

Na mudança do território, a família Turoporã segundo Marinho (2012) comenta que além dos seus pertences trouxeram todos os materiais sagrados, inclusive a caixa dos ornamentos de bukurãbahsá⁶⁰, estes ornamentos na visão deles tinha o espírito e a vida e,

⁵⁸ Lugar da primeira habitação dos Turoporã

⁵⁹ Última da hierarquia étnica, cientificamente Hupd'as

⁶⁰ Dança tradicional cerimonial

somente a pessoa iniciada na função do canto e dança podia tocar nos ornamentos originais, manipular e usar que até hoje assim consideramos. Ainda Marinho (2012) diz que este material de ornamento festivo foi feito com pena da arara, da garça e de papagaios, era a plumagem utilizado nas grandes cerimônias e festas considerados sagradas e com estes instrumentos acreditavam que fazendo o uso vivenciavam a dimensão do poder espiritual invisível; e trouxeram também os animais domesticados, especialmente as araras através das quais deveriam extrair as penas para confeccionar os ornamentos utilizando as plumagens.

O nome do clã Turoporã se refere à situação conflitiva que resultou na mudança de território original rumo ao rio Tiquié. É uma denominação pejorativa que incrimina o clã como sendo ruins e tendo praticado as ações criminosas, assopradores e detentores do mal. Os inimigos do Uremirĩ disseram que os Tukano Turoparã são chamados assim, porque na mudança do lugar inicial para o rio Tiquié foram julgados por terem praticado atos como envenenamento no assopro ou por fazerem maldade contra os outros. No Turi igarapé berço da cultura do clã permanece viva até hoje nas últimas etnias classificadas do clã, chamados Ahpũkeria⁶¹ e Baaporã⁶² e as gerações.

A nova terra, o lugar da chegada do Uremirĩ no rio Tiquié chama-se hoje comunidade de São José, na margem direita, onde foi construída uma grande maloca que o recém-chegado com sua família toda habitou a algum tempo. Fizeram roças, praticaram a caça e a pesca para a alimentação. Realizaram os ritos do clã, como a tradição para manter as características únicas que perseveraram em qualquer lugar e tempo. Na nova terra ocorreram as cerimônias e grandes festas como dabucuri⁶³ exaltação em forma de grande discurso da tradição que existe à luz da sabedoria cultural.

Os netos do Uremirĩ são ensinados a reconhecer nas solenidades e no cotidiano a origem de sua etnia e a formação do clã que sustentam a história de ser Turoparã: como também o valorizar a ação conquistadora do espaço e a bravura do avô, que interviu no território ainda não conhecido e não habitado, enfrentou doenças como a malária, curou com a ajuda dos recursos naturais, prosseguiu a existência, determinou o território não com documentos burocráticos modernos, mas chegou a onde ainda não haviam habitantes permanentes, organizou o clã da sua maneira e sua capacidade de ser o primeiro líder, o sábio.

⁶¹ Nome étnico “patas do camarão”

⁶² Nome da etnia “filhos do nado”

⁶³ Festa cerimonial da oferenda e gratidão

Em diversos processos o que permanece é a afirmação de ser Turoporã e este conhecimento originário passa a ser descrito no relatório, do estudo, do diálogo sobre a história de vida, desde o início, a chegada e até o limite do percurso do espaço territorial ocupado pelo Uremirĩ e herdada para a sua descendência. Demarca evidentemente a extensão da terra ocupada e vivida em primeiro lugar pelo avô do Turoporã e que esta verdade continue viva comprovada na etnia e no conhecimento do clã, a terra pertence e sempre será a terra do Turoporã. Avalia-se com atenção a composição da análise como contribui Leenhardt (1979) com o trabalho coletivo desenvolve-se pressupostos sobre a escrita etnográfica na elaboração dos conceitos e descrição, interpretação e outrora demonstram serem inadequadas para o processo em jogo

1.2.2 - O rito, a cerimônia de baséssé.

A vida indígena e a formação cultural compreendem o rito na tradição do nome, a primogenitura estabelecida no clã e no cerimonial do parto, o nascimento, o significado do útero materno em que o conhecedor com poderes acessa na oração e naquele momento revalida todas as capacidades geradoras da vida no corpo da mulher e mãe. A parte material da alimentação do leite materno e todo o acompanhamento da alimentação benzida do pajé para o filho, a filha e a mãe como o mingau de tapioca. Essa prática significa junção de todo sangue desperdiçado no momento do parto.

Os ritos cerimoniais de nascimento são preciosos, requer experiência cultural, conhecimento na sequência de recitação do conteúdo, neste rito o conhecedor entra em contato com os seres do mundo em que vivemos: gente do espaço cósmico, omemahsã⁶⁴, a'tipitakarã⁶⁵: gente das casas das terras, das montanhas, das casas das pedras, das águas, das árvores, dos insetos, das serpentes, da casa, dos animais grandes e pequenos que andam a noite, do mundo das minhocas, dos habitantes das águas, das praias. Outros seres que não foram citados precisam ser notificados da presença do novo ser no mundo, no momento da emersão dos seres na cachoeira do Ípanoré⁶⁶, citamos que nem todos tiveram a sorte de emergirem, estes seres aos nossos olhos são todos os habitantes naturais da face da terra bióticos e abióticos, por isso, pelo fato de não ter emergidos vivem enfurecidos conosco e são autores dos males que nos prejudicam, a nossa saúde – em forma de enfermidade. Neste contexto não detalhamos, a'téukunsénii⁶⁷, próprios a serem tratados no seu devido momento e tempo, assim diziam nossos pais, nossos avós, saudoso We'semí⁶⁸. (MARINHO, 2012, p.58).

⁶⁴ Seres do vento

⁶⁵ Terra simbolizada de útero materno

⁶⁶ Cachoeira da transformação das espécies humanas

⁶⁷ Oralidade nosso conhecimento

⁶⁸ Nome de benzimento do tio Rafael

A tradição da sacralidade do rito e a manifestação das cerimônias tem as referências na mitologia, fundamenta o ato cultural, a participação no rito do parto, a cerimônia do nascimento organizado no nível do saber e do conhecimento cultural. A visão cosmológica do Turoporã compenetra na tradição e esta dimensão confirma a pertença como membro do clã, possuir as raízes imanentes, sentimento do parentesco indistinto afirmado da identidade. O rito do nascimento e a cerimônia da basessé para a família são ações indispensáveis para a saúde, o psicológico e o espírito étnico, reconhecidos os princípios e valores do conhecimento do Turoparã.

Ahkuthó assinala que as interferências do mundo externo são inevitáveis, mas, permanece a resistência da vida que começou nas águas profundas do outro lado do mundo (wamudia – lado oriente onde nasce o sol) da origem da vida e de todo o mundo, com a grande canoa e longa viagem, o que nossos pais não conseguem conotar nas suas falas do tempo útil que o Pamuri Yukusu⁶⁹ levou para contornar todo litoral brasileiro, entrando no rio Amazonas, seguindo pelo rio Negro finalmente entrou no rio Diakahsá⁷⁰, rio Uaupés. Esta trajetória se resume nas palavras da reflexão mítica resumindo du'poropϑ, ahtipatimahsã marikateropϑ⁷¹, significa a origem da humanidade e do mundo. Marinho (2012), assim descreve a habitação e da pertença ao território no sentido da habitação.

“Pela oralidade do mito sabemos que certo dia foi dito em tukano do pamϑriyukusϑ aportou na mística casa de transformação dos seres humanos, preparação, iniciado, começando na Cachoeira de Thompaduri (ipanoré)⁷² como ponto de chegada a nova terra conforme indicava o Yaíϑ⁷³, que acabara ter chegado no centro do planisfério terrestre, e no centro das casas do sol nascente, do sol poente, norte e sul estava no ϑmukôta'tiádekó⁷⁴. Este lugar referencial mitológica chegada da viagem após ser muito longa custou vidas dos milhares saídos no wamϑdia, deles nossos pais denominaram de “pamϑrimahsã”⁷⁵ aos passageiros vindos o abordo do barco pamϑriyukusϑ, até aqui ainda os pamϑrimahsã não tinha aparência física quanto a nossa, eles eram vistos de animais, peixes e aves. Como consequência estas mesmas personagens após desembarcarem e saírem pela primeira vez no mundo através do buraco de mahsãpamϑri-pé⁷⁶,

⁶⁹ Canoa da transformação

⁷⁰ Local da nascente do rio lugar da transformação

⁷¹ Antigamente quando não havia seres habitantes nesta terra.

⁷² Cachoeira de Ipanoré

⁷³ Cetro do pajé

⁷⁴ No meio ou o centro do dia existencial

⁷⁵ Seres transformados

⁷⁶ Buraco da transformação

mahsábáhuaripé⁷⁷ surgiram com aparência humana, como nós podemos ser vistos atualmente” (p.87).

A oralidade com a base do saber mítico na prática ritual inerente a vida do Turoporã na aldeia e o uso dos métodos das cerimônias, caracterizam a identidade do Tukano Turoporã e correspondem a hierarquia, vida política, social e cultural com a força advinda do baséssé realizado desde o nascimento, a benção da família, a sua alimentação e defumação do ambiente vital do clã. A identidade cultural processa do valor do conhecimento local de ser verdadeiro indígena com o reconhecimento na cerimônia do rito diferente de uma fotografia ou um documento burocrático não indígena.

A narração mítica da evolução da espécie humana até a construção do lugar da habitação sabiamente dito na oralidade permanece no conhecimento na versão Tukano e do clã Turoparã, afirma que os seres formaram as diferentes etnias, vindos a bordo da canoa cobra. A viagem até a chegada na cachoeira foi um grande processo da evolução em espécie e formas humanas e, assumindo o estado de seres humanos surgiram os clãs na ordem hierárquica étnica, assim cada grupo ocupou os territórios munido das tradições milenares, a organização social com o líder e toda a sociedade como consta no acontecimento histórico dos povos testemunhado e dito na celebração de uma grande festa na nova terra.

A característica social se organizada no saber, o conhecimento cosmológico presente em cada etnia, sendo que para os Turoparã é a base da prática do falar no momento festivo, cuja tradição, caracteriza a identidade da pessoa do Turoparã. O valor cultural que existe desde o início permanece no simbolismo do uso de instrumentos culturais materiais, de convívio comum na maloca. A sabedoria e conhecimento prático da cultura permanece na habitação urbana, no trabalho da roça além de outros elementos considerados como tradição do clã, seja a manipulação e confecção dos instrumentos musicais, adornos, pinturas, passos da dança, cantos e estrofes da música, a comida, as bebidas como o kaápi⁷⁸ e o caxiri⁷⁹ são elementos principais coexistentes na afirmação da identidade e são propriedades simbólicas concebidas no sentido imaterial.

⁷⁷ Buraco do surgimento dos seres

⁷⁸ Bebida alucinógena milenar consumida pelos iniciados e sábios nas grandes cerimônias

⁷⁹ Bebida fermentada consumida por todos numa festa

A prática da cultura do clã Turoporã permanece sempre viva porque são kití⁸⁰, okũsé⁸¹, reafirma a ocupação do território depois da evolução dos seres, o conteúdo transmitido na oralidade e todo o saber são condutores da cerimônia repleta do simbolismo contido no ambiente. O ato do festejo, revive o oculto em manifestação do originário, o acolhimento dos convidados e parentes para consumir a bebida e a comida, principalmente o diálogo sobre o *basessé* e elevar o sentido do espírito do bem a todos.

O contato com membros do clã sobre o rito é expresso ao pesquisador pelo sabedor tukano Sabino Pádua,

o que nos foi ensinado, vale para toda a geração os seres evoluídos em espécie humana, já eram os tukanos Turoporã tomaram o kahpi⁸², dançaram kapiwaia⁸³ e usaram as flautas sagradas. Depois das comemorações os representantes dos povos saídos do buraco de emersão, o cabeça se dirigiram as terras localizadas atualmente atrás da comunidade de Santa Luzia (ki kahseríya pito⁸⁴) por um período não conhecido como diz o sabedor Sabino Padua (ele tukano do clã Kumarõporã⁸⁵) até a dispersão destas terras em busca de novas terras a começar em Yhébuáwihtó⁸⁶, continua Sabino: nosso cabeça o Wauro⁸⁷ e o seu cunhado Bo'tea⁸⁸, estando na foz do pequeno riacho do Æ'conha⁸⁹ construiu sua canoa, concluindo eles e seus familiares se despedem das terras tradicionais para a direção da foz dos grandes rios e das grandes cidades. Deste processo para frente cada povo, cada clã seguiu seu o plano de ocupação territorial a todos os cantos dos rios Papuri, Waupés e Tiquié, se preparou a busca pelas novas terras a partir das terras banhadas pelo igarapé Turi pelos nossos pais fundadores do nosso clã e seus cunhados assim que contavam nossos pais e nossos avós, os nossos lugares históricos.

O rito condiciona a essência do viver e ser indígena naquela realidade; consiste em entender o sentido de estar neste lugar, habitar em harmonia com o conhecimento local da natureza humana para progredir na ocupação física e identificar que o espaço é habitado pelo indígena e do território pertencente a ele; as riquezas naturais e imateriais com que posteriormente foram de nominados de povoações. A expressão do rito dos Tukano Turoporã processa do mito da origem e a evolução da espécie humana dos indígenas e de outros seres, refletida na oralidade como alicerce da cultura e do

⁸⁰ Histórias

⁸¹ Diálogos

⁸² Música que convida a servir a bebida alucinógena Kapi

⁸³ Parte da dança “serve a bebida alucinógena”

⁸⁴ Foz do igarapé da casca da mandioca

⁸⁵ Clã primeira dos Tukano

⁸⁶ Antiga maloca do morro da garça

⁸⁷ Clã líder do Tukano

⁸⁸ Clã aracú

⁸⁹ Lugar mítico

conhecimento local de cada etnia, sustentáculo da estrutura da vida social, cultural, política e organização da etnia o Tukano, do clã Turoporã e de outras etnias.

O paməĩ máhsã do estado aquático para o vivente humano habitando na superfície terrestre se organizaram em clãs, ocuparam os territórios determinados e diversas transformações são marcantes no desenvolvimento político e social forma a cosmologia permanentemente reconstruída a visão sociocultural, aprofundando a permanência das características iniciais verificada quais são os elementos que sofrem as possíveis mudanças e transformações na estrutura da sociedade indígena.

O diálogo expressa alegria e animação é a própria forma de interação na comunicação entre os indígenas, é a característica marcante na cultura, relaciona o ser no mundo cosmológico que perpassa do nível imaterial da oralidade para a materialização da experiência da prática do rito, a tradição além de outras ações culturais do cotidiano. A comunicação o ensinamento oral direcionado de pais para os filhos e filhas, as crianças, adolescentes e jovens feita pelo sábio Tukano conota um valor que capacita e encoraja a se identificar como pessoa histórica e cultural e, esta capacidade norteia na interlocução comprovando que o diálogo trata do saber cultural que envolve o indígena e a humanidade no discurso da verdade mítica, o Turoporã fala de si mesmo da sua própria humanidade para a posteridade. O originário e, assim, como os de outras culturas afirmam de si mesmo no processo dialógico como os demais, assim afirma:

“de modo algum sustento que tinha existido uma tribo, uma língua em que a palavra “eu-mim” (veja que o desdobramento em duas palavras) não tinha surgido e não tenha exprimido algo nitidamente representado. Pelo contrário, além de possuir pronomes, muitas línguas marcam-se pelo uso de abundantes sufixos de posição, que manifestam em grande parte as relações que há no tempo e no espaço entre o sujeito que fala e o objeto de que fala. A palavra “mim” é onipresente e, entretanto, não se exprime pela palavra “mim” e nem pela palavra “eu”. Porém, no vasto campo das línguas, sou bisonho” (MAUSS, 1974, p.211)

A linguagem falada é muito importante para todo o ser humano esta característica cultural da fala em Tukano na oralidade, afirma o próprio originário, a si mesmo no diálogo com outras pessoas compartilha a sua natureza a identidade desenvolvida desde o processo da evolução da espécie humana, assim, manifesta a tradição cultural. O elemento simbólico da fala na oralidade do Tukano expressa os princípios culturais da convivência social, expande a participação direta de cada indígena na exposição e pelas atividades do cotidiano e, coletivamente na participação dos movimentos, assembleias, reuniões, execução de projetos de trabalho comunitário e festa que envolve o clã.

O clã Tuopará caracterizado na vida coletiva cultural executa o trabalho, constrói a organização transformando em momento de festa; na alegria compartilham reconhecendo sempre o parentesco, a territorialidade manifesta a reciprocidade festiva da vida cultural, degustando a comida da carne de caça, fruta, peixe, os insetos, as larvas, bebem o melhor caxirí fermentado por diversos sabores de frutas, caldo de cana-de-açúcar, assim se celebra da mesma fonte da saúde e da vida existencial mais animado e de esperança humana.

A vida cultural dos povos étnicos se dinamiza e não é estática no tocante das inúmeras formas influenciadoras das ferramentas, os meios e serviços que os atrai na atualidade, algumas características transformaram ainda na aldeia e, dentro do tempo porque em cada época no processo histórico ocorreram muitas e novas interferências sociais e culturais, mudando as características da vivência étnica, as práticas tradicionais de vida na organização social.

A dinâmica cultural do ponto de vista antropológico, revela nesta realidade a memória, o pensamento social e político étnico, o nível transcendental na relação com a natureza fixando o raciocínio lógico do conhecimento local para decifrar o significado das palavras ditas no valor distintivo da língua em Tukano. A realidade cultural refletida no presente pelos sábios que atualmente são poucos, os originários idosos tornam notórios os saberes culturais vigentes no clã denominados de kumuã⁹⁰, os bayaroá⁹¹, Yai⁹², com os papéis sociais de curandeiros, artistas, sacerdotes, ervateiros, guerreiros, sociólogos e filósofos no cumprimento da sua função clônicas.

Com as instruções dadas pelos Yaiwá, Kumuã e Bayaroá, os iniciados iam assimilando os conhecimentos básicos, até atingirem o patamar de conhecimentos de seus orientadores, segundo Evans-Pritchard na sociedade dos Nuer “Os meninos estão sob as ordens de seus pais e irmãos mais velhos e somente tornam-se membros completos da tribo com os privilégios e responsabilidade que isso acarreta, quando da iniciação” (Evans-Pritchard, 1978, 188). De acordo com a citação do Evans-Pritchard apesar da distância a forma de preparar os jovens podemos notar que há alguma semelhança dos Nuer em relação aos Yepa-mahsã (MARINHO, 2012, p.77).

Os sábios orientam o iniciado segundo o rito e acompanham no ensino étnico e, cada indígena cresce no conhecimento local torna o herdeiro dos primeiros do clã para continuarem na prática da tradição cultural e social em forma de agentes que exercem papel responsável pelo bem, a saúde, justiça, paz e no equilíbrio mental e espiritual das

⁹⁰ Diagnosticador das doenças e possíveis desafios culturais do clã

⁹¹ Cantores e dançarinos do clã

⁹² Cura e retira os males e defende com o seu poder sobrenatural o clã

gerações dos seus filhos e netos. Eles que determinavam o ensino do conhecimento, as normas a serem observadas pelos seus filhos, netos e esposas, segundo as leis da sociedade do sistema tradicional do clã.

O conhecimento local embasa os papéis culturais e sociais e tradicionalmente corresponde a hierarquia étnica; há uma classe conhecida com o termo “sábio” considerados os mais profundos conhecedores da ciência e dos valores da etnia e do clã e, são elo do diálogo na ação do rito das cerimônias. No parágrafo acima estes grupos foram determinados com o idioma Tukano cada um deles tem a legítima pertença a classe pensante dos anciões e de outras funções das classes que atuam.

Os sábios, pajé, kumuã⁹³, yai⁹⁴ figuras tradicionais exercem funções próprias para a sociedade, trabalham em conjunto na sua etnia e no seu clã, discutem, decidem, orientam os indígenas mais novos no cotidiano no equilíbrio psicológico, cuidados com a saúde, a mente e o corpo, os valores da geração dos filhos na continuidade do clã, transmitem a cosmologia política, econômica desde o pamərĩ mahsã as normas da cultura a serem seguidas pelos membros da nova geração da etnia a fim de evitar transtornos sociais e culturais de uma etnia, tendo sempre em vista a afirmação da identidade. O conhecimento local contido na classe dos sábios, em alguns casos herdado de pai para o filho, capacidade intelectual em que os indígenas persistem em viver salvaguardando - menos divulgado devido a pouca investigação e limitada fonte escrita - corresponde à escuta da fala do sábio e, através da fala chegará a profundidade da ciência do conhecimento originário. Afirmo Marinho (2012):

“O sábio e líder Ovidio Marinho haũsirõ (*in memoria*), meu pai me falava que os filhos dele devem saber e conhecer sobre a ciência dos mais velhos, a liderança, medicina, cuidado do território herdado aos filhos masculinos é dever de aprender junto com seus pais aquilo que é valor imenso da etnia e do clã. Primeiro como eu sou líder tenho que animar, envolver e convidar a todos para diversos momentos coletivos da comunidade para trabalhar, rezar, cultuar aos nossos ancestrais, conviver junto com todos da aldeia ou comunidade, assim como, nossos pais e avós viveram nestas nossas terras, não haverá sentido se perdermos todos os valores do clã, o benzimento e outras cerimônias, que são os conhecimentos nossos, o benzimento, a nossa dança, o nosso território em que vivemos, modo de viver do tukano, a maneira de ser indígena” (p.45)

O ensinamento paterno do pai Haũsirõ é respeitado e valorizado, porque é um bem imaterial deixado para os filhos, a cultura fortalece o espírito, engrandece o sentido

⁹³ Grupo de diagnosticadores

⁹⁴ Diagnosticador dos males

de ser Tukano Tuopará, por isso, foi necessário a escuta da fala deste sábio, que tornou permanente a sabedoria local na compreensão do significado do campo espiritual Tukano, aspiração transcendental vivenciando o saber cosmológico. Na tradição o pajé, o yaf⁹⁵ são considerados os sábios porque tem o papel de ensinar os valores que regem a vida do indígena como a arte de ser e viver no mundo imaterial e material.

Os pais e as mães indígenas são mestres no cotidiano ensinam a trabalhar, pensar e viver segundo os princípios morais da cultura de construir casa, fazer roça, caçar, pescar, manuseando o arco e a flexa, o pusá⁹⁶ para pegar peixe, construir a barraca da pesca e caça, a coleta de frutas silvestres, derrubar a floresta para fazer a roça, como caçar a cutia, a paca, tatu, a anta, como armar o matapi⁹⁷, como usar a minhoca, a saúva como isca para pescar o aracu e o pacu e outros peixes, além de tantas outras habilidades e artes no acesso e uso de recursos da natureza para o sustento e subsistência.

O ensinamento familiar é cultural, ecológico transmitido como princípio originário do saber local, a relação educativa, metafísica e cosmológica no reconhecimento dos lugares, a interação social, a sobrevivência, defesa da vida, a manipulação dos objetos que referenciam ao conhecimento local. Haüsirõ⁹⁸ proclamava com eloquência a mitologia que reúne toda categoria do conhecimento local da cultura do Tuopará, transformando-o dos níveis de *baséssé* ele conhecia e praticava ações, guardados com sigilo e a ética do valor de pertencimento ao clã, e esta atitude coerente pertencente às categorias hierárquicas do clã, solidifica a estrutura social do clã.

A paternidade no clã herdada pelo Haüsirõ no legado dos ensinamentos aos filhos Tukano Tuopará vivenciado junto com a família o Haüsirõ sempre estará presente na família na ação do respeito a natureza, o uso racional da terra em toda a posteridade da organização social solidificada, na estrutura política e cultural hierárquica do clã na importante ocupação da extensão territorial e na interrelação com outras etnias ou não indígenas na relação dialógica vivente nesta região.

O sábio Haüsirõ líder, sábio, político ainda cheio de vida foi vítima de acidente fluvial ocorrido no dia 24 de maio de 1990. Morreu prematuramente no auge do trabalho cotidiano, articulação política no distrito do rio Tiquié, deixou órfãos os filhos e filhas, netos Tuopará e a esposa Senã⁹⁹, sendo viúva passou a viver resistindo com muita

⁹⁵ Benzedor diagnostico

⁹⁶ Artefato da pesca manual

⁹⁷ Armadilha da pesca posta no rio ou na cachoeira

⁹⁸ Nome de benzimento do pai do pesquisador

⁹⁹ Nome de benzimento da mãe do pesquisador

dificuldade no cuidado, e até mesmo da continuidade de viver na comunidade de Barreira Alta no sustento e sobrevivência da família, pela perspectiva e o olhar de vida étnica, terminou a existência muito cedo. A causa do acidente, posto na justiça, pendeu vários anos, até que alguns anos atrás uma juíza deu o veredicto afirmando que Hausirõ foi o culpado de sua própria morte. O Hausirõ não vive mais neste mundo não pôde mais fazer a defesa contra a posição jurídica contraditória, injusta e manipulada na relação do fato real, considerada falsa pela família da vítima na ação de uma juíza nefasta e parcial ter cometido como seu o veredicto final do processo.

Neste mundo a justiça é questionada na forma como os agentes exercem perante a lei, forma tendenciosa, racista, partidária, politizada, possuidora de agentes institucionais que privilegiam alguns e excluem e condenam outros, transformada em interesses e privilégios, subserviente a mentira, ao poder e ao dinheiro, reacionária, que favorece aos poderosos e ricos materialmente. Para os filhos e a esposa Senã do Hausirõ restou mergulhar no sofrimento da grande injustiça, mais ainda sentida quando a causa envolve os pobres indígenas que subsistiram mais de 500 anos da invasão deste país.

A perseverança na luta permanente frente a estrutura dominante, excludente, violenta e seletiva socialmente estratificada, com coragem resistiremos firmes pela nossa vida cultural e social indígena. A família e posteridade da geração de Hausirõ repudiarão sobre a injustiça e clamarão por dignidade, perseverando com coragem na resistência. A sabedoria do pai e líder continua viva e consta neste trabalho pela vida de Hausirõ, a fala e pensamentos são escritos no dizer dele que ressoa nos ouvidos dos filhos e netos, e a reflexão memorável como pensadores inteligentes em antropologia, testemunhamos a superação de todas as barreiras étnicas, raciais, econômicas sempre impostas pela estrutura social desigual, burocrática e servil.

Ahkutó filho de Haüsirõ reconhece a profundidade do valor e significado do muito e debatido conhecimento local cultural e faz a documentação cuidadosa do conteúdo em estudo, elevado nível da pesquisa e investigação, analisando o exemplo e a sabedoria na raiz o conhecimento cultural, a liderança herdada pelo pai Haüsirõ que em vida marcou a capacidade do diálogo, debate e a luta articulado com sabedoria do seu papel social e cultural na aldeia e nas assembléias do diálogo com os não indígenas. O clã Turoporã torna viva a memória do grande líder, inteligente, audaz, catequista de formação espiritual, marceneiro qualificado profissionalmente, político engajado no movimento indígena e trabalhador em projetos sociais da época. Haüsirõ já viveu a transformação cultural e social da época e o testemunho deixado por ele intermedia o conhecimento, a

espiritualidade e a ciência em construção social marcado no respeito da sabedoria, amor a terra, a cultura da etnia e do clã afeiçoado como sempre gostou de fazer e lutou enquanto vivente.

A memória da liderança e a sabedoria paterna continua na organização coletiva; ficou sendo a referência a todas as comunidades localizadas abaixo do distrito de Pari Cachoeira no rio Tiquié. Mantemos vivo o legado do grande sábio, líder, livre, espontâneo, sem interesses particulares, articulador que viveu na comunidade de Barreira Alta, nome original Yuyutá .

Haüsirõ exerceu os papéis dos sábios, ser um kumũ, Bayá, Yaí ele era preparado, iniciado no rito tinha muita resiliência no controle emocional, regime de alimentação e outros cuidados, mantinha a autoridade com esforço e dedicação. O que se comia nesta fase: ovos de caba, gafanhotos, maniuaras servas, minúsculas fatias do beiju bahsekaberó (depois do uso das palavras encantadas), das bebidas eram servidos pela menina que não sofreu o processo de menstruação ou pela mulher infértil, tal cuidado era para evitar o estrago a aptidão do acúmulo e memorização do seu mestre. O saudoso ahkutó um dia ele me disse assim “nossos pais, nossos avós” adotou esta metodologia “oral” de repasse do conhecimento precisou ser respeitada e observada com persistência, e que desse processo se fez florar a cultura do clã (MARINHO,2012).

O conhecimento cultural, o exercício da função é a essência da vida do tukano, inclui na prática desde a etapa do nascimento no rito de iniciação, passando nas etapas preparatórias e a chegada para a execução da função do papel cultural na sociedade. A valorização das tradições da cultura continua com a mesma importância do ritual do nascimento, cuidado dos alimentos, no aspecto cerimonial e o estado da mente e do espírito, do psicológico do candidato com o consumo do patú bahseque¹⁰⁰; mērõ bahseque¹⁰¹, vômitos com água, esses são cuidados básicos recomendados e legados pelos pam̃rimahsã¹⁰² aos seus filhos, netos para manter a sanidade corporal e espiritual.

O consumo dos itens citados são partes cerimoniais, reviver o rito de iniciação envolve o conhecimento local na prática profundamente espiritual do Turoparã masculino, após atingir os oitos anos são retidos em casernas distantes, observados e acompanhados numa casa coletiva; para o clã, constituem ambiente sagrado e específico para a orientação cultural, a formação intelectual, racional dos jovens em diversas áreas

¹⁰⁰ Ipadú benzido

¹⁰¹ Cigarro benzido

¹⁰² Seres transformados

de conhecimento, consolidando a maturidade do equilíbrio psicológico, força física e disposição para definir no caráter indígena. Os mais velhos desenvolvem o trabalho específico cabe a eles ocuparem uma área de formação para o ensino aprendizagem e das práticas no acompanhamento de adolescentes, aqueles que estão em preparação junto aos sábios para dedicarem uma função dentro do clã a serviço das áreas anteriormente citados no parágrafo anterior. Afirma Marinho (2012),

Durante o período preparatório de formação os jovens passavam a maior parte de seu tempo ouvindo as oratórias do mestre, cabendo a cada aprendiz ouvir e memorizar, em vista do repasse dos capítulos baseou no método básico da oralidade. Articulada no consumo do patú¹⁰³ e o cigarro, preparados pelos mestres formadores, este hábito visava fortalecer a memorização e abria mais animo e atenção nos ensinamentos nas tardinhas diárias até altas horas. Segundo as normas, os hábitos, os horários matinais de tomar o banho correspondiam entre 02 a 03 de cada manhã, costumavam reunir os iniciados para primeira aula do dia em volta do fogo. Esta prática de ouvir e memorizar o sucesso competia além do esforço pessoal e efeito do uso do cigarro e patubahseke¹⁰⁴. Terminado o tempo de preparação os formadores comunicavam as lideranças da casa comunal sobre o acontecimento, eles se organizavam uma festa de grande porte, nesta celebração um dos formadores mais antigo colocava algumas gotículas de água com folhas do buyuyu, esta simbologia faz tornar - se que o candidato foi preparado com eficiente e restrito uso a determinados alimentos e atividades físicas até o final de sua vida. Após a esta celebração cabe aos recém-formados a ordem de zelar e manter firmes a sua função social, a não observação destes requisitos, preanunciava o prejuízo físico e a sua mente – em tukano de suriasé¹⁰⁵ o que vai concluir o patamar de mahtigu¹⁰⁶, em certos momentos estes descuidados costumava gerar conflitos violentos com suspeitos de estragos e até a óbitos. O uso da prática do vomito da água é assunto básico, recomendado o uso destas práxis os Turoporã vieram se mantendo a história da sua evolução e manutenção dos saberes identifica através do conteúdo e a finalidade destes atos sociocultural eminentemente da etnia do Turoporã (p.89)

O rito e a prática das cerimônias são valores na cultura étnica produzem efeitos segundo a necessidade de cada pessoa na doença e alcançar as finalidade desejadas com a proteção e direção do período da iniciação da vida étnica de acordo com o conhecimento transmitido no ver, ouvir e fazer, se aprende vivendo e praticando, e esta ação pedagógica na interlocução, é analisada no uso do método da escuta, é uma exigência e postura de todo o aprendiz mediante ao mestre que lhe ensina com autoridade e eficiência, forma e método que não atinge muito a geração atual para efetivar a transmissão cultural. A oralidade atribuí ao trabalho pedagógico do sábio Turoporã e

¹⁰³ Ipadú, alucinógeno, usado pelo pajé nas reflexões

¹⁰⁴ Ipadú benzido para as cerimônias diversas

¹⁰⁵ Dificuldade e problema na vivência das orientações do rito ou das cerimônias feitas.

¹⁰⁶ Enlouquecido por não cumprir as orientações da cerimônia ou rito.

outros, a transmissão da prática cultural de diversos segmentos para que seja ouvida e aprendida pelo iniciado, são dizeres da experiência vivida por todo o membro do clã na captação dos conteúdos provenientes da narração do sábio na leitura e no olhar da realidade.

O rito é a celebração cultural da essência do ser étnico espiritual pelo sábio do clã com uso de objeto material, a proclamação em palavras com coerência para não cometer erros e efeitos negativos em relação ao ambiente, a pessoa que se submete a esta função, são momentos específicos duradouros na percepção racional, na existência vital do indígena embasado no conhecimento dos sábios conhecedores. Esta concepção dirige a importância dos momentos contempla a ação cultural e específica, comungada na vida espiritual, parte importante que corresponde ao conhecimento local comunitário, festivo e celebrativo realizado no clã do Tukano Turoporã.

Entre os temas específicos refletidos sobre o clã na dimensão do rito de iniciação do nascimento e as cerimônias, consiste, na sequência, o processo da puberdade, a juventude e a vida adulta concebidas de formas diferentes na cultura não indígena. Na ação cerimonial, destacamos o rito de iniciação no sentido e a importância cultural e vivência social étnica que sustenta a vida da comunidade, entre tantos outros momentos expressivos com seus níveis de conhecimento local cosmológico e prática cultural.

A identidade cultural caracterizada na vivência interna do clã sistematizada dentro da organização sociocultural, no sentido comunitário da vida do Turoporã e da existência do valor cultural amplamente ligada a transcendência, onde a etnia e o clã coexistem em harmonia com profunda comunicação com a concepção do sagrado da natureza e em toda vivência contempla o saber cultural consubstanciado em dois níveis, material e imaterial, em cada momento cultural dos Tukano no clã Turoporã. Esta é a valiosa educação recebida desde o nascimento pelo indígena como um novo membro da etnia e com o *baséssé* é acolhido numa perspectiva da dimensão humana e espiritual.

A cerimônia do *baséssé* da criança contextualiza a ação do sábio membro do clã conhecedor local que pronuncia o nome posto no rito do nascimento pelo pajé com a citação do primeiro do clã, com teor mítico, político e científico no ato cultural, com o uso do cigarro, a água e, para a mãe, faz o *baséssé* da alimentação do beijú, do migau, do peixe, da pimenta o alimento inicial e outros materiais que caracterizam e especificam o estado da sanidade e a purificação materna, cujo ato é a tradição do clã, que integra a vida interna invisível e a vida externa visível pertencendo a uma estrutura de organização da sociedade étnica.

A ação cultural clânica do rito do nascimento da criança e a cerimônia do *baséssé* atuando no poder da dimensão espiritual, integram o ser indígena no conhecimento local com a eficácia da ação, produz o efeito interno espiritual, intelectual da proteção contra os males no corpo, fortalece o funcionamento cardíaco e a pressão arterial, equilibra o estado emocional e o sentimento do espírito indígena, gerando o bem que salva a vida humana.

O sentido inverso do *baséssé* é o *doasé*, muitos interpretam em português como assopro e negação da vida, inversão da ciência e da sabedoria étnica e, da mesma forma esta ação espiritual cultural quando usada para o mal, pode gerar enfermidade, o ódio e a violência, provocar efeitos prejudiciais no ser humano, fracassos na vida profissional, desajustes na relação conjugal, empobrecimento, assassinato, abandono da aldeia, doença incurável que leva ao óbito.

O clã valoriza o *baséssé* para a cura realizado no nascimento da vida que inicia conferida no processo do rito de iniciação, é o momento de grande renovação da presença espiritual de um ente do clã vivido no passado, por isso, na adoção do nome étnico do recém-nascido o ente do passado reintegra nessa sociedade, um espírito do novo Turoporã Tukano ou de outra etnia. A cerimônia da *baséssé* e consagração na qual se concebe o nome do seu avô o *dupokã* para todas as gerações do clã, segue a herança do primeiro do clã.

O *baséssé* realizado para o recém-nascido feito pelo pajé parente da criança, solidifica um bem para toda a vida, uma força no coração e consagra a criança para a vida cultural promissora de sabedoria, saúde mental e corporal. Por isso, é considerado sagrado porque sustenta a vida e toda a existência dessa pessoa humana, ampara a função social, a retidão das ações que ele deverá realizar e indica o que a pessoa deverá reassumir, incorporar-se no nome do avô, o poder e a sabedoria, as capacidades de liderança política, artes e virtudes que competia ao avô.

A cerimônia de iniciação no cumprimento da prova vencendo a dor a resistência no consumo da comida e força física, imprime caráter no espírito e coração do recebedor expressado no nome, o fortalecimento do coração, enriquece o conhecimento local, ele participa no nível da visão cosmológica do Turoporã vivendo na temporalidade histórica do clã. O nome é sigiloso e só poderá ser revelado nas cerimônias de outros benzimentos e dentro do rito proclamado pelos sábios no decorrer da vida, como uma forma de restringir e preservar contra os males, os inimigos, danos morais e para que a pessoa exerça com autoridade e equilíbrio a função social cultural junto com toda a etnia e o clã.

A escolha do nome tem relação com a raiz do início do clã, da família, ligação com aquele que gerou a classe e o grau herdado aos filhos, relacionado a posteridade do Uremirĩ, considerado o avô. Este conhecimento da primogenitura é o fundamento cultural do conhecimento local da hierarquia, citado naturalmente no benzimento em que o pajé usa na sessão do rito de iniciação. O *baséssé* feito pelo pajé, geralmente por um membro do clã, formaliza e atesta a vida existencial do novo Turoparã, estabelecendo a autorização para participar na organização social e cultural, iluminado pelo efeito de ser um ou uma Turoporã, novo e nova, que trazem a esperança para o clã, munidos da proteção contra os males produzidos pelos eventuais inimigos, o perigo das doenças.

As ações iniciais da cerimônia do *baséssé* tem os efeitos vigentes recebidos do primeiro banho no igarapé, a primeira refeição, a queda da cicatriz do corte do cordão umbilical, o nascimento dos dentes, na proteção contra os vírus e dos seres invisíveis, os inimigos opostos da vida que causam o mal no ser humano.

No contato com os Turoporãs foi relatado que conforme os sábios kumuã¹⁰⁷, bahsétuoñarã¹⁰⁸ nas interlocuções numa data não conhecida nossos ancestrais queimaram o wihõ¹⁰⁹ visíveis são do mundo humano e não visíveis a do sol, kumu, yawá, bayaroá¹¹⁰ após deste comportamento surgiu no mundo uma doença desconhecida e difícil de ser explicados, os kumuãTuroporã¹¹¹ se reuniram para diagnosticar a origem, em comum disseram o surgimento causado pela queima do wihõ, os males provindo da queima o mundo científico chamou de vírus, conforme o meu bisavô Júlio Gomes e puseram a fazer *bahsesé*¹¹² para pôr fim o mal no mundo.

Podemos dirigir neste estudo a vida dos diroás¹¹³ e a filosofia dos ancestrais desanas¹¹⁴, toda e qualquer prática culturais dos ancestrais desanas¹¹⁵ visou a origem de muitas males no mundo dos humanos, eu queria só acrescentar a falta do cuidado com certos materiais da nossa cultura material e imaterial dos Turoporã mereceu respeito, por exemplo os materiais considerados sagrados usados nos ritos, as cerimônias todas elas tem vida e foram benzidas e tem força no seu funcionamento, defende o coração e protege

¹⁰⁷ Grupo de pajés e diagnosticadores

¹⁰⁸ Benzadores que fortalecem o espírito do indígena

¹⁰⁹ Essência usada na cerimônia

¹¹⁰ Diagnostico, pajé, cantores e dançarinos

¹¹¹ Diagnósticos Turoparã

¹¹² Benzimento

¹¹³ Primeiros grupos sociais

¹¹⁴ Clã de outra hierarquia

¹¹⁵ ibidem

contra os perigos, do mal, da inimizade, portanto, considerado o fortalecimento no nível corporal e espiritual.

O rito repleto do conhecimento local envolve o valor cultural desde a iniciação e cerimonia do *baséssé*, que são a formalização da tradição na estruturados na cultura dos Tukano Turoporã, que englobam as dimensões existenciais e vitais do ser indígena. Assim, será compreendida em todos os tempos, consagra e fortalece no corpo, no espírito da vida do indígena, seguido na observância das regras, para que efeito do sagrado e o novo ser, possa conviver na sociedade e observar normas do cuidado com a alimentação, cumprir as ações determinadas pelo pajé em cada processo de vida, a conduta e comportamento condizente na relação com as pessoas, que habitam no mundo que o envolvem.

No clã, após o *baséssé* no rito de iniciação e da realização das cerimônias, o novo indígena é cuidado pelos pais que adotam especial atenção e simplicidade, obedecendo a orientação do rito do benzimento, devido o nome ser considerado espiritual e herdado de algum dos avôs. Por isso, merece todo o respeito além do cuidado, porque na concepção do clã Turoporã ele se torna herdeiro de todos os conhecimentos possuído por algum dos avôs, os dons. Todas as características voltam a ser assumidas, vivenciadas e utilizadas, sendo assim, as riquezas da cultura do conhecimento e a tradição do clã permanece viva e eficaz.

O *baséssé* determina a função cultural social do novo Tukano clã Turoporã, no aspecto sociocultural é um ato solene para todo o clã, porque benze o coração, o centro vital da vida do novo indígena com o nome do avô. O rito sagrado como foi escolhido e dito no nascimento este novo ser é encaminhado para crescer e viver com a nobre missão de destaque no clã da etnia. No descumprimento das normas culturais estabelecidas, o indígena não consegue assumir com firmeza os atributos confiados a ele, quando não se manteve na vigilância e na observância do resguardo, como requisitos rituais fundamentais determinados na vida sociocultural étnica.

O conhecimento local do clã Turoporã educa o que é necessário pois a realização de cada rito ou o ato cerimonial cultural para o crescimento e amadurecimento as prescrições que foram descritas pelo pajé principal, agente do rito, na ordem do benzimento, a desobediência provoca na vida da pessoa uma situação inversa sendo prejudicial no aparecimento e causadores de doenças, males, as incapacidades, os sofrimentos corporais, espirituais, psicológicos e emocionais. Ainda como consequência, o indígena se torna incapaz de assumir uma função dentro da etnia e no clã e fica

dispensado de toda a atribuição recebida no rito do benzimento, o indígena pode continuar com o nome do avô, porém, permanece na insignificância.

O Ancião Feliciano Gomes afirma o seguinte:

“O Turoporã marĩkátiró pahíró tutuaró niĩ¹¹⁶ não brinca com a vida, ama a vida e nela se realiza, toda a criança que nasce passa pelo rito de iniciação do benzimento do coração, recebe um nome que pertenceu a um dos avôs do clã e, ele é todo especial, importante e reverenciado por todos do clã, ele recebe os poderes imaterial espiritual tido pelos avôs, daqueles que viveram e fizeram parte da hierarquia do clã, motivo que tanto orgulha para darmos a importância com o sentimento que continuaremos historicamente dando a importância da vida. O que sabemos é nosso, do nosso do clã, é dado ao novo Turoporã, ele revive a condição do espírito que já foi no passado de algum avô clânico, agora damos o poder, a capacidade com talento, a inteligência, a liderança, para ser forte e guerreiro e conquistador além de outras funções espirituais concedidos nesta ação do rito. Essa pessoa é humana e espiritual para liderar, animar e governar o nosso clã.”

O novo Tukano do clã Turoporã ou de outra etnia e clã não perde a essência originária mesmo vivenciando em outros ambientes e contextos diferentes de sua origem, pelo fato de nascer e pertencer ao clã Turoporã ele tem a garantia da pertença e prossegue a vivência no clã e reconhece a herança do nome proveniente de alguém vivido na primeira geração, considerado a raiz, o avô dentro da estrutura hierárquica. Ao novo membro do clã as atribuições consistem no sentimento de manter vivo o espírito da pessoa que existiu e que continuará presente na história da vida do clã, através da existência de quem receber este mesmo nome. O nome do novo e da nova Turoporã segue a hierarquia dos clãs, assim como, das outras etnias caracterizadas no conhecimento tradicional, em que confirma o saber e o conhecimento local de si mesmo e dos outros na organização cultural e social que continua na posteridade.

O sentido do *baséssé* ao novo e a nova do clã Turoporã transmite do primeiro do clã a força e a veracidade da liderança, confirma a identificação do nome atribuído fazendo reassumir espiritualmente, intelectual, cultural e socialmente todos os dons e as qualidades tidas pelo parente do passado, perfazendo de um certo modo o reavivamento no conhecimento do ser atualiza os atributos tidos pelo ente que viveu com todos os poderes, característica, ações, capacidades e outras forças que se tornam vivas neste pensamento concebido na tradição dos Tukano.

Ao membro do clã cabe a escolha dos nomes é o momento sagrado um atributo dos pais da criança, que seguem a origem da hierarquia dos nomes de cada um dos

¹¹⁶ O clã Turoporã tem grande poder do conhecimento cultural

primeiros do clã Turoporã segundo o critério hierárquico, compreendido de alguém da primeira geração do clã. Os sábios relataram em campo que a compreensão na abordagem do termo “novo Turoporã” Doé (pai de – Hausirõ). Hausirõ teve sete filhos, chamou deles (eles?) de: a 1ª – Diatho, 2ª de Yupahkó, 3º Doé, 4º ahkutho, 5ª duhigó, 6º Yupurí o 7º Hausirõ. Vejamos, o 3º filho de Hausirõ recebeu o nome de Doé e o 7º filho de Hausirõ. Esta condição na linguagem dos Turoporã interpretamos de (dukayusé¹¹⁷) a sequência do uso do nome do espírito de seus pais, avôs e antepassados congruente “novo Turoporã”. Literalmente dotados com todos os poderes de seu ancestral que existiu passado, consoante a nossa cultura professa na grande casa sagrada de Ohpenkódiá Wi¹¹⁸.

O rito na sacralidade harmoniza os atributos étnicos culturais como o indígena deverá realizar tornando o sujeito na função específica no clã, a ação conduz a participação dos pais orientado pelo pajé que executa o rito desenvolvendo a sabedoria cultural do clã. A cerimônia no sentido transcendental atualiza a memória como um revigoramento da ciência cultural do Tukano Turoporã, considerado eminentemente um valor imaterial, mantido em sigilo e apropriado com respeito e praticado com muito cuidado, para não cometer erro na lógica do conhecimento cultural e na forma aplicado no rito reconhecendo a chegada do novo membro do clã e para posteridade.

Na fala do sábio Casemiro Sampaio:

Para nós daseá Turoporã¹¹⁹ o nome é muito importante porque assim fomos ensinados pelos nossos avôs sempre estará presente em nossos rito e a cerimônia nos momentos de grandes festas mencionadas com a autoridade, a nossa raiz étnica, a vida, o nome, todo o nosso conhecimento adentra no corpo, no coração é o nosso principal conteúdo do conhecimento como indígenas, essa verdade da fala e do ensinamento vem dos tempos e dias desde o surgimento e a evolução dos nossos avôs da primeira geração e classe doo nosso clã. Os outros, os brancos e os de outra etnia nos reconheçam e respeitem para que os acolhamos, para que mantenhamos o nosso diálogo e a comunicação não podem brincar conosco, porque nós sabemos e afirmamos quem somos nós.

O novo do clã Turoporã e todos que nascem no clã passam pelo rito de iniciação e orientados pelo pajé vivem na família e todo iniciado assume a tarefa de cumprir as orientações e normas que conduzem o novo Turoporã membro do clã em toda a sua existência, possuidor de um novo espírito e novo coração, para percorrer os caminhos de sua vida e fazer sua história. A força da cerimônia do *baséssé* e a consagração integral no

¹¹⁷ A hierarquia do clã pela sequência de cada um segundo a nomenclatura

¹¹⁸ Lago do leite

¹¹⁹ Tukano Turoporã.

corpo físico, no espírito e no pensamento, é uma nova pessoa que se apodera do conhecimento e dá a continuidade à pertença étnica do clã Turoporã. Este novo indígena mantém a continuidade do clã sempre viva e presente, com novas perspectivas relacionadas à convivência e com as mudanças constantes e inevitáveis que atingem o contexto cultural Turoporã.

Para o ancião Feliciano Gomes:

“Ser benzido, no conhecimento é maríkatisénit¹²⁰ defumado com cigarro do conhecimento, defumação do breu, com cicâtá¹²¹ e com o envolvimento espiritual do cosmo possui um bem com profundo significado, liga a vida espiritual intocável, imuniza contra os perigos das doenças e dos males, destaca incomparavelmente o espaço social cultural no sentido hierárquico. O benzido entra em sintonia ao mundo invisível dos espíritos no sentido cósmico, ser intocável mediante os inimigos, escondido contra os males, ele é chamado e convocado para semear e frutificar o bem e a unidade da etnia e do clã Turoporã. O poder do conhecimento e da ciência do nosso mundo indígena não é o desejo de ser e fazer maldade em relação aos outros, a existência e o valor da vida sempre foi uma questão da nossa defesa, por nós e por todos e, por isso, a luta é contra o mal, as doenças, os invasores e os inimigos que tentam atacar a nossa terra, o território, a vida, a cultura e o nosso clã e da etnia.”

O rito de iniciação do recém-nascido seguido da cerimônia do *baséssé* é a essência vital permanente dado ao indígena iniciado ele ou a ela o nome indígena do clã Turoporã de acordo com a hierarquia social complementa a utilização dos elementos visíveis rituais ligados no espírito são o cigarro, o breu, e o cicâtá, ainda hoje são materiais naturais utilizados e valorizados na etnia, essas riquezas culturais que caracterizam e imprimem caráter na identidade do novo Turoporã e permanecem vivas no fundamento da identidade cultural. O poder da defesa espiritual fortalece os membros da etnia e de outras etnias e enfraquece os inimigos no decorrer de suas vidas, os que defendem com a força recebida na infância, demonstram na relação social vivificando gradualmente o bem corporal, o equilíbrio emocional, o psicológico, o respeito a alegria condizente no espírito de cada ser humano étnico.

O indígena iniciado na etnia reconhecido pelo nome hierárquico habita na família, na aldeia dentro do território e cada habitante reconhece pelo nome o seu parente da etnia e do clã, a função que exerce em seu clã e exteriormente na relação no convívio com outros grupos e clãs, a saudação no cotidiano e nas cerimônias passa a ser a regra observando a hierarquia constitutiva no parentesco e, este reconhecimento abre o diálogo

¹²⁰ Essência da nossa vida.

¹²¹ Resíduo da ceiva da árvore utilizado para o benzimento e defumação.

e facilita a convivência com o diferente, a troca de objeto e produtos, a realização do casamento fortifica a estrutura do sistema de parentesco.

O rito cheio do conhecimento cosmológico, referência do local dos povos originários condiciona o território habitado, as práticas tradicionais a hierarquia, o parentesco e a falta destas dimensões dificultariam a convivência, podendo ser considerado como alguém estranho e inexistente na hierarquia do clã sendo rejeitado e considerado como o desconhecido do meio social cultural.

Segundo o ancião Severiano Sampaio,

“A benção espiritual do pajé realizado do benzimento é um ato que descreve todo o acervo do conhecimento mitológico da formação do clã Turoporã, que somos nós, não há como duvidar, ninguém vai mudar a nossa identidade com o nome que qualifica o novo Turoporã para viver a nossa identidade na terra que sempre foi nossa terra, o espaço em que vivemos. A identidade está presente na nossa característica da oralidade, a dança, a arte de fabricar os artesanatos, a estrutura social do clã, a política da liderança, saber cantar e tocar instrumentos, exercício da chefia está relacionada com o saber e o conhecimento que temos desde a nossa origem e cheio do poder e a força marcante na relação com outras etnias, destacando nossa maneira de ser e nossa natureza cultural no mundo étnico em que nós vivemos. Desde o princípio fomos determinados para sermos assim e somos herdeiros certos para viver esta memória como conhecimento do nosso avô Uremirê ação do benzimento desde o nascimento de cada membro do clã”.

O indígena Turoporã e de outra etnia e clã tem feito novas experiências de vivência nos últimos anos, o deslocamento de sua realidade ímpar para o centro urbano complexo, vivenciar a experiência na realidade caracterizada pela pós-modernidade, que infiltra no contexto étnico muitas mudanças e profundas transformações, produzindo as preocupações mediante a força influenciadora no contexto de qualquer grupo. A cultura indígena passa a ser contextualizada na diversidade no espaço cultural e a tradição, os valores morais e éticos, o sentido hierárquico constitutivo da sociedade do clã, modifica na vivência étnica no território, a estrutura social do parentesco e a vida comunitária original.

1.2.3 A dinâmica cultural do clã no território

As transformações e mudanças ocorrem na vivência do indígena e são analisadas a intensidade das forças das ações exteriores e inevitáveis, que atingem a realidade social resultando em outras características diferente da vida cultural étnica. A cultura e a sociedade indígena transformam da aldeia, a comunidade como a de Barreira Alta

habitada pelos Turoporã e outras comunidades do clã no vasto território, destacando a idéia de que sempre teve presença não indígena interferências na cultura local.

Para Marinho (2012, p. 84),

Dentro do território dos Turoporã, não há presença dos não indígenas com permanência fixa. O que pude perceber é a de presença de pessoas temporárias como pesquisadores antropólogos, linguistas, e pessoas envolvidas com a saúde indígena (DSEI). Um exemplo prático em Barreira Alta atua duas ONGs: a Saúde Sem Limites (SSL) e a Pró-Amazônia, na prática não é percebida a presença deles na área de sua atuação, durante os dias da minha estadia na Comunidade de Barreira Alta, não pude encontrar com nenhum dos representantes das ONGs, entre os meses de fevereiro a abril de 2012. Na Comunidade São Jose II atuam profissionais de uma ONG Instituto socioambiental – ISA/Rio Negro, que assessoraram a implantação da escola modelo de Educação Escolar Indígena Piloto de nome Yupuri, em troca efetuam pesquisa para seu aprimoramento profissional.

A presença do elemento não indígena para a pesquisa e outros no atendimento ao serviço indígena gera a força da influência de pensamentos e comportamentos ligados com as culturas diferentes que atingem a ordem cultural e social originária, pelo diverso tipo de contato, muda a vida cultural da concepção cosmológica da partilha e troca para o modo econômico capitalista de consumismo, a compra e a venda, aparecem mudanças do comportamento, os mais jovens adotam outras relações sociais mais individualistas do que comunitárias; novas tendências de adereços e adornos nas orelhas e punhos, unhas pintadas, como cabelos coloridos, “piercings”, danças, músicas, gestos e a fala de expressões em português e palavras em língua inglesa, intenso consumo do uso de celulares com acesso nas mídias e comunicação global pela internet, além de muitas outras forças violentas ou mais amenas.

As forças externas interferem na afirmação da identidade e nos valores constitutivos originais étnicos porque estimulam a ida ao encontro dos atrativos do mundo urbano globalizado. Neste processo se rompe a vivência cultural da aldeia, sendo impedido de viver o desenvolvimento integral do jovem Tukano do clã Turoporã, na realidade caracterizada pelas raízes de origem. Assim, as novas gerações não acompanham mais os pais, distanciam-se da comunidade e do contexto que vivenciariam melhor a prática cerimonial e dos ritos reservados propriamente aos Tukano e outros.

O distanciamento faz passar a vida indígena para a aventura no contexto urbano, muito desafiador e perigoso no nível cultural, encontra diante das dificuldades da fala e da comunicação, deparam-se com barreiras na participação social, estudo e na realização do trabalho profissional e econômico.

O processo da modificação da raiz da origem étnica preocupa, a outra caracterização étnica e o estado crescente do número de jovens Turoporã e de outras etnias, sobre o pouco conhecimento do local de sua origem e o pertencimento ao clã. A influência causou a dificuldade no uso da língua paterna e outros fatores causadores da desvinculação da ordem dos níveis e graus do benzimento, o nome, o sigilo e o teor sagrado concedidos no rito desde o nascimento.

O indígena Tukano do clã Turoporã e outros se distanciam da origem, constroem outro modo de pensar e ser indígena, vão iniciar tudo de outro modo de vida, desde a origem por motivos de transformações e mudanças do espírito, do sentimento. Qual será o seu caráter, o psicológico em relação a natureza e de todas as pessoas que o cercam? O mundo não será mais natur como afirmou Kupper (2008)al, passará a viver em meio aos distúrbios sociais, de movimentos e grupos, sons mecânicos e se deparar com o consumo da tecnologia e, se houver chance, oportunidade no acesso ao mundo industrializado, para integrar e sobreviver na outra realidade, fora da realidade contextual mitológica e crença antes compenetrada no contexto étnico.

Na fala do ancião Severiano Sampaio:

“Podemos estar em outros lugares fora da nossa comunidade com muita liberdade, falar outra língua, vestir outro tipo de roupa, comer a comida diferente que o nosso beijú que a pimenta e o chibé, beber outro tipo de bebida diferente que o nosso caxiri. A verdade é que não vamos deixar a nossa origem do Turoporã, os costumes, a língua tukano, o nosso conhecimento, as nossas aparências e nome do rito de iniciação e continuaremos sempre como Turoporã porque temos a nossa força espiritual e conhecimento para não sermos derrubados por outro alguém, a força interior está no fundamento da origem que sustenta em todo o nosso ser e viver, vale as mudanças de vida de pensamento que seja o bem de cada um e da nossa comunidade.”

O sábio indígena Tukano do clã Turoporã pensa que o indígena em outro lugar não poderá perder a identidade e a raiz cultural porque está ligada na mente e na alma e, muitos saíram da aldeia do seu contexto cultural étnico e do clã e moram no encontro ao mundo urbano, uma realidade totalmente antes desconhecida. A vida cultural é diferente e não é desordenada, e os indígenas não são preparados para vivenciar numa realidade fora da comunidade de origem, o ambiente não indígena baseia na organização mais cosmológica conectado no mundo globalizado, do consumismo, antes desconhecido nestes termos. A dinâmica da compra e venda dos produtos comercializados que atraem indistintamente, mesmo numa margem difícil ao acesso a meios e serviços não indígenas. Esta questão analisa a face oposta ao mundo social cultural da raiz originária, é mais

danoso, desconecta a convivência comunitária, suprimida pela competitividade entre as posições sociais que não são mais os clãs.

A sociedade não indígena sendo complexa desconhece o parentesco, por isso, surgem os preconceitos, discriminação e desprezo ao indígena e aos outros grupos de minoria, deixando sempre à margem social, dependente da vontade alheia, na progressiva desigualdade social. Neste sentido crítico observamos que o indígena parece um competidor das cotas para o acesso ao estudo e ocupação social, busca da inserção das políticas afirmativas ou corre o risco de ser considerado incapaz, e no caso do indígena acaba sendo interpretado e visto como um adorno para representar e comentar em forma de dramatização folclórica, ataques de violência, menosprezo e em certos casos até o assassinato.

1.2.4 - Sair ou ficar no clã Turoporã

O Pamərĩ mahsã da geração mediana e nova no processo de transformação no dilema de permanecer ou descer da aldeia para viverem na cidade, antes instruídos pelo sábio étnico de permanecer no território do Tukano do clã Turoporã o ambiente próprio e sólido, a estrutura cultural favorável ao grupo coletivo habitante do lugar vivido pelos seus líderes, a maloca e vida social, a importância de nascer e viver na terra do pai e da mãe, que são os seus principais sábios educadores na aptidão mental, psicológica, formação espiritual e mestres no desenvolvimento sociocultural.

O processo da descida étnica se torna maior do que a subida devido as decisões e escolhas, os originários que descem para outro lugar do território, carregam toda a bagagem cultural relacionada na raiz de sua origem, a língua, o clã e desenvolvem na existência correspondente aos avôs ocupantes do espaço físico que marca a afirmação do ser Tukano Turoporã passadas várias gerações. Na mobilidade de descida da aldeia para a cidade há o enfrentamento das novas circunstâncias na interação cultural.

“Em outras palavras, processos de inclusão e as distinções entre categorias étnicas não dependem da ausência da mobilidade, contato e informações, mas implicam efetivamente processos de exclusão e de incorporação, através dos quais, apesar das mudanças de participação e pertencimento ao longo das histórias de vida individuais, estas distinções são mantidas. Em segundo lugar, há relações sociais estáveis, persistentes e frequentemente vitais e não apenas atravessam essas fronteiras como também muitas vezes se baseiam precisamente da existência de status étnicos dicotomizados” (BARTH, 2000, p.26)

Os indígenas possuidores da cultura diferente em relação a tantas outras, mantém o pertencimento do clã de origem, porém, os masculinos se locomovem, viajam, ultrapassam os seus territórios, é um processo muito discutidos e com cuidados sobre a

permanência ou a saída da etnia e do clã. Não abandonam as características da origem mesmo transitando em diversos espaços físicos com a relação social própria. A origem continua o viver urbano, a concepção da categoria terra, a natureza, ser comunidade, o saber cosmológico ligado ao valor sagrado e a inter-relação com as etnias existentes e os não indígenas.

Na condição das mulheres indígenas ocorre a saída da aldeia e do clã no casamento e se incluem no pertencimento nas outras etnias, o clã e o contexto social diferente e em algumas se unem ao esposo não indígena, enquanto que o homem indígena dificilmente casa com uma mulher branca a não indígena, diferente das indígenas que constroem família com um alguém não indígena da cultura no urbano.

As complexas relações sociais no urbano para o jovem e a jovem indígena resulta na mudança da concepção do mundo existencial e conseqüentemente sentido da afirmação da identidade, a ocupação da terra mudou para o sistema da compra e a venda, antes era um tratado cosmológico, cultural e político na vivência indígenas. A fusão cultural no contexto urbano transforma o ser humano, para o indígena a cidade modifica a forma da valorização dos animais, as riquezas naturais geradoras das fontes da vida, o respeito aos homens e as mulheres, os animais aquáticos, as aves que e tantas outras riquezas naturais que se transforma em mercadoria. Muda a concepção dos bens e presente na terra determinados por Deus Criador e o método da exploração do direito ao uso e exploração racional por parte dos indígenas e não indígenas.

A cosmologia da origem da terra e do universo constitui o sentido sagrado e o valor da terra, por isso é defendida pelos indígenas como cita o sábio Severiano, é o compromisso político e social do exercício da cidadania indígena na inter-relação étnica, organizar racionalmente o uso e a exploração das riquezas naturais. Pela importância e o valor da terra e das riquezas contidas nela é o assunto refletido na cosmovisão do Turoporã que designa a posição do melhor ecologista, defensor da vida da natureza, o território, a maloca, a casa e a comunidade com uso do conhecimento local. O senso coletivo desenvolve a cidadania com o profundo sentimento da pertença a etnia e o clã, sentimento comunitário, cuja característica define a cultura originária.

O sentimento coletivo e responsável compartilhado fundamentam a organização da vida política, o uso racional da terra e a exploração das riquezas orienta as formas equilibradas de extrativismo, o clima, a sustentabilidade como prática cultural e social, diferente dos pensamentos das ações não indígenas de hoje, que politizam a terra, comercializam e corrompem no lugar do cuidado ecológico.

A terra ligada com a vida é ocupada de modo racional e tradicionalmente em uma pequena proporção para fazer no cultivo de agricultura de subsistência, temporariamente se cultiva a maniwa, pimenta, ingá, cucura, cajú, mari, batata, cará, cana-de-açúcar e outros tubérculos e frutas para o sustento da família, seguindo o ciclo vital do solo e da floresta no espaço da roça que muda o ciclo sem causar a devastação, a poluição dos rios, lagos e igarapés pelo valor do ensinamento e a mitologia dos sábios.

O extrativismo indígena é vinculado na exploração da madeira e palhas das palmeiras para construção de habitação, a coleta de frutas da bacaba, ingá, açaí, ucuqui, mari, buriti e outros sem derrubar as palmeiras e as árvores frutíferas na época do amadurecimento do fruto, como foram orientados pela mãe, a deusa desde a criação do mundo. As árvores somente são derrubadas, as que são selecionadas para tirar o tronco, as fibras, seiva e as folhas que servirão para a construção da maloca e outros serviços e utilidades.

Os Turoporã e outros aprenderam a extrair a sorva, o cipó, o ouro e outras riquezas naturais do subsolo em pequena quantidade racionalmente, evitando a poluição e a devastação e o esgotamento da ordem natural da vida da terra, com a responsabilidade de manter a vida natural do ciclo da terra e da floresta, os povos originários não tem o pensamento egoísta do acúmulo dos bens materiais e do poder dominador.

Na cosmovisão indígena com o teor do conhecimento cultural evidência o sentido da vida ligada na transcendência desde a origem no sentido individual e coletivo, explica a existência étnica e as relações interétnicas na história e sem esta concepção cosmológica não haveria alguma outra explicação que possa fundamentar a construção da verdade gerada pela narração mítica.

A dimensão da identidade da cultura se constitui com a comunicação na língua étnica que ultrapassa o território de ocupação na interação com outras culturas diferentes na prática da tradição muito usadas e expressadas no *baséssé*, os ritos, organização sociopolítica, as artes, cerimônias que transcendem na ordem mítica nos atos da tradição local.

“Se um grupo mantém sua identidade quando seus membros interagem com outros, disso decorre a existência de critérios para determinação de pertencimento, assim como as maneiras de assinalar este pertencimento ou a exclusão. Os grupos étnicos não são apenas ou necessariamente baseados na ocupação de territórios exclusivos, e as diferentes maneiras através das quais eles são mantidos, não só as formas de recrutamento definitivo como também os modos de expressão e validação contínua devem ser analisadas” (BARTH, 2000, p.34)

O Tukano Turoporã interage com os demais na afirmação do pertencimento ao clã pelo conhecimento cultural obtido na infância aprendido na narração mítica feita geralmente pelo sábio no ato cerimonial chamado mahsācuraribeshewéro¹²², proferido no *baséssé*, nas cerimônias em que ocorre o diálogo com os membros de outras etnias, bem como na vivência interétnica durante a festa do dabucuri e em outros momentos solenes tradicionais. O conhecimento local cultural clânico é expresso no ato que demonstra o reencontro da prática para as novas gerações, todos participam nos atos como uma forma e uso da técnica pedagógica feita pelos sábios, líderes, os pajés e outros que narram com suavidade e eloquência da verdade do conhecimento cosmológico indígena interpretam a mitologia em diversos contextos.

A vida cultural social étnica constitui na tradição das expressões rituais festivas compostas em graus e níveis do conhecimento local e aprofunda nas ações dos exercícios culturais em tempos distintos de vivências, “carregam” o conhecimento em todo o lugar, o valor do seu clã, nas migrações e mudanças, transferência de um lugar de moradia e habitação, por causa da coleta e sobrevivência ou no advento da epidemia ou, ainda, quando vitimados pelo assopro ou conflito interno.

Turner (1974) reconhece a tarefa árdua do professor Evans-Pritchard (1965) quando se trata da magia primitiva e religião no estudo dos povos antigos.

“A vida “imaginativa” e “emocional” do homem é sempre, e em qualquer parte do mundo, rica e complexa. Faz parte de minha incumbência exatamente mostrar quanto pode ser rico e complexo o simbolismo dos ritos tribais. Também não é inteiramente correto falar da “estrutura de uma mentalidade diferente da nossa”. Não se trata de estruturas cognoscitivas diferentes, mas de uma idêntica estrutura cognoscitiva, articulando experiências culturais muito diversas” (EVANS-PRITCHARD, apud, TURNER, 1974, p. 15).

A diversidade cultural dos Turoporã na prática e a forma e o lugar da ação dos ritos, envolve a cognoscência, as aptidões mentais e do conhecimento local, e por isso é complexa para compreender a tradição a herança que descende desde os primeiros do clã que transportaram historicamente aos novo espaço do territorial estabelecido no rio Tiquié¹²³. A forma da transmissão da vida no cerimonial da construção da maloca, as roças, pescarias, coleta das frutas ocupando a nova terra, do território com o sentimento do clã dentro do local de chegada na atual comunidade chamada de São José. Passado algum tempo, o clã Turoporã foi envolvido por intrigas e entraram em conflitos no seio

¹²² Citação de cada clã indígena

¹²³ Localização do clã Turoporã

da família, por causa dos maus tratos dos animais de criação doméstica, e cada família tomou seu rumo no território conquistado e além da questão do problema com os animais envolveram também a situação da agricultura nas roças, provocaram até as guerras e isso causou a divisão dos Turoporã entre si.

Os filhos do Urēmĩrĩ, parte foi habitar para o sentido da jusante do rio Tiquié, na margem direita, em um local chamado maloca Daçurá, surge a distinção de grupos dentro do clã e a classificação de partes elementares do parentesco e suas ramificações. Ali viveram em uma grande maloca por muito tempo até a chegada dos missionários da igreja católica, as famílias, os clãs, os indígenas receberam os nomes e sobrenomes diferentes da origem do rito e da cerimônia cultural. Depois de viverem numa grande maloca chamada Daçurá, cada clã formou família dando a continuidade da etnia e do seu clã, seguindo o mesmo critério hierárquico. E esses grupos formaram comunidades identificando com os nomes e sobrenomes não indígenas, porém, se mantiveram na continuidade de vida cultural e de acordo com a hierarquia do clã e vivem nos locais até o momento presente. De acordo com Barth:

“Quando se opta por considerar como característica primitiva dos grupos étnicos seus aspectos de unidades portadoras de cultura, há uma série de implicações de longo alcance. Somos levados a identificar e distinguir os grupos étnicos pelas características morfológicas das culturas pelos quais eles são portadores. Esse ponto de vista contém uma opinião preconcebida a respeito da natureza da continuidade dessas unidades no tempo; e dos lócus dos fatores que determinam a forma dessas unidades” (BARTH, 2000, p.29)

Os grupos étnicos em cada processo histórico portam as características de suas origens culturais e os Turoparã seguiram uma parte do clã que habitava na mesma maloca se deslocou para a atual comunidade de Boca de Estrada, sentido jusante, à margem esquerda do rio Tiquié, e se estruturaram abaixo do Daçurá¹²⁴. A outra do clã se deslocou para o sentido montante e fixou do lado direito do rio Tiquié e fundaram a atual comunidade de Barreira Alta.

Outras malocas do clã Turoporã fundadas dentro dos novos processos da ocupação na época hoje são denominadas com os nomes religiosos: comunidade de Santa Luzia localizada na margem direita do rio Tiquié, no sentido montante; a comunidade de São Francisco localizada na margem direita no sentido montante; comunidade São José, ambas localizadas no rio Tiquié, território do clã, marcadas pelas relações interétnicas hierárquicas internas e com outras etnias.

¹²⁴ Localização do antigo lugar habitado pelo clã Turoporã

“Relações interétnicas estáveis pressupõe precisamente esse tipo de estrutura de interação: um conjunto de prescrições que governam as situações de contato e permitem uma articulação em alguns setores ou domínio de atividades específicas e um conjunto de interdições ou prescrições em relação a determinadas situações sociais, de modo a evitar interações interétnicas em outros setores, com isso, partes das culturas são protegidas da confrontação e da modificação” (BARTH, 2000, p.35)

O Urēmĩrĩ¹²⁵ com a sua família tomou outro rumo com articulação e inteligência expandiu na relação interétnica, construiu outro processo histórico adentrando o igarapé Castanho localizado na margem esquerda do rio Tiquié no sentido montante, e em todos os lugares vivenciou intensamente, no diálogo, a prática da tradição do *baséssé*, fez a interação da cultura interna e externamente com outros clãs e de outras etnias e multiplicando a sua liderança e conquistando novos espaços territoriais a nossa terra. No presente as mudanças deixaram estes lugares que foram existência de aldeias, transformadas em matagais, lembram-nos e recordam-nos o desbravamento da ação e tudo o que o nosso raiz e avô fez, eis a nossa sabedoria cultural é o ensinamento histórico deixado para todas as gerações do clã.

O espaço territorial habitado pelos membros do clã Turoporã estendeu dentro do igarapé Castanho até a Buporã a atual comunidade de Trovão lugar vivido pelo Urēmĩrĩ até a morte e ali consta o túmulo do grande líder o primeiro Turoporã. Neste mesmo lugar o vovô Feliciano Gomes habita, construiu a comunidade, com o sentido de guardar o valor cultural do clã, o rito de iniciação, a puberdade e a juventude em seu maior tempo de vida depois de ter convivido com os seus pais na comunidade localizada dentro da “onça igarapé” à margem esquerda no sentido montante do rio Tiquié, acima do atual distrito de Pari Cachoeira, lugar do seu nascimento e depois se mudou para o alto rio Castanho e fez o mesmo percurso do Urēmĩrĩ.

O vovô Feliciano afirma a importância do conteúdo do conhecimento cultural do clã, experimentada por ele, a forma do conhecimento local repassado a nova geração pelo método da oralidade para que o membro do clã. Consideramos original o ensinamento em qualquer tempo e lugar, porque ele viveu intensamente a vida cultural da aldeia sendo o mais antigo que ainda vive no presente e possui a informação para ensinar a toda a posteridade dentro do território habitado e dos demais que partem para viverem fora do território habitado da raiz e avô, o Urēmĩrĩ.

¹²⁵ Primeiro do clã Turoporã

Buporá¹²⁶, comunidade de Trovão referencial no espaço físico porque ali está o tumulo do Urēmĩrĩ segundo a informação do vovô Feliciano, não cresce o mato permanece sempre o campo limpo, isto é, para todo o Turoparã vigora o poder, a força de liderança e conquistas impetradas na terra e na areia do lugar, o grande revive, o primeiro, a cabeça dos Turoporã.

A palavra do sábio no conhecimento local cultural do Turoporã é de respeito e acolhido, contempla a fonte da versão direta via narração dita pelo mais antigo, com respeito e reconhecimento a sabedoria do vovô fortalece a identidade de um valor desmedido e muito significativo do Tukano e o clã Turoparã. O sábio Feliciano Gomes afirma:

“Desde a infância eu vivi com o meu pai e a minha mãe e os meus avôs. Aprendi a viver com meu pai (risos, gargalhadas) e recordo muito aquele tempo, a alegria é tudo o que meu pai me ensinou, em primeiro lugar dizer que sou Turoparã e em palavra me ensinou a defender o território, a nossa palavra (ciência, conhecimento) para ir a pesca, caçar, fazer roça, plantar e colher. Guardo o kihtĩ¹²⁷ né, escutei tudo que meu pai falou sobre nosso clã, me ensinou sobre o benzimento, ele me ajudou a usar bem a capacidade e a inteligência de dialogar com os cunhados, na nossa língua o utamúrĩmahsã¹²⁸.”

O reconhecimento a valorização do conhecimento do sábio originário para os Tukano Turoporã é a coerência da narração, seguida nas categorias racionais, o embasamento mítico, logica natural, níveis espirituais que constam no ato dos ritos, as cerimônias tradicionalmente ditas e feitas, por exemplo no *baséssé*. A cultura está no cuidado do território, o lugar do clã, o ordenamento social, os ritos e as ações na cura do estado da saúde com vários graus do poder de beneficiar e a busca das soluções segundo as necessidades do indígena, a sabedoria guardada com sigilo os dizeres e as fórmulas do conhecimento da cultura específicas do clã. A fala do vovô explicita os valores do conhecimento local, a cultura indígena que categoriza a sequência da lógica e racional do rito e da cerimônia que respalda a hierarquia, o clã constituído desde o berço da origem. Ainda lembrando Barth (2000) que diz:

“A característica crítica passa a ser então: a auto atribuição e a auto atribuição aos outros. A atribuição de uma categoria é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica, mais geral, determinada presumivelmente por sua origem e circunstâncias de conformação. Nesse sentido organizacional, quando os autores, tendo como finalidade a interação, usam identidades étnicas para se categorizar e categorizar os outros, passam a formar grupos étnicos” (p. 31-32)

¹²⁶ Comunidade do vovô Feliciano, alto igarapé Castanho, local do tumulo do Urēmĩrĩ

¹²⁷ Mito ou história do clã

¹²⁸ Etnias ligadas ao parentesco

O conhecimento local corresponde cada categoria, a caracterização que fundamenta a cultura do originário de acordo com a faixa etária, solidifica a identificação e a organização política e social a todas as gerações de pai para seus filhos, o diálogo na escola da aldeia sobre o conteúdo na hora da refeição, nos trabalhos, na pescaria, nos momentos de festas, na caçaria proclamando nos momentos cerimoniais de *basessé*, explicando o rito do nascimento, o casamento de acordo com a estrutura do clã e assim também se faz em relação aos valores de outras cerimônias com a mesma prática cultural original. O grupo étnico e o clã é a família com a ideia do hoje, o viver com o pai para o indígena Tukano Turoporã é a aprendizagem na melhor escola formativa, é descobrir o significado na dimensão cosmológica em que o Turoporã vive e ensina, no cotidiano o exercício da ação cultural decorre no aprimoramento do conhecimento, o equilíbrio psicológico e espiritual. Algo semelhante a experiência de Victor Turner:

“É verdade que já no início de minha estadia entre os ndembos tinha sido convidado por eles para assistir as frequentes realizações dos ritos de puberdade das mofas (Nkang'a), e tentara descrever o que havia visto com a exatidão possível. Mas uma coisa é observar as pessoas executando gestos estilizados e cantando canções enigmáticas que fazem parte da prática dos rituais, e outra é tentar alcançar a adequada compreensão do que os movimentos e as palavras significam para elas” (TURNER, 1974, p.20)

A experiência do pensador citado faz refletir sobre a aprendizagem do indígena, a cerimônia, o rito e a cerimônia em palavras ditas, as músicas, as regras condicionam o ver e o participar, os estilos culturais e sociais na vivência do Turoporã que sustenta a cultura. A cultura sendo patrilinear infunde uma característica na prática do conhecimento local rico de simbolismos referentes aos conhecimentos cosmológicas e cosmogônicos, transmitidos na oralidade daqueles capítulos dogmáticos, se aproximando da tese da sucessão funcional exercida no clã, expressão utilizada por certos antropólogos sociais funcionais.

O ensinamento cultural e social aos novos Turoporã equivale a pertença e o reconhecimento na hierarquia informada nos ensinamentos a todas as gerações, os filhos que seguem o ensinamento devem afirmar com orgulho a continuidade da origem, a função cultural exercida e que pertencera ao pai no clã: “eu sou filho do kumũ, automaticamente serei um grande kumũ, sou o filho do bayá, o futuro bayá, e assim serei o sucessor do meu pai e do meu avô”. Naturalmente os pais estimulam os filhos na sucessão, para que sejam os herdeiros para agir, pensar e tomar atitudes que competem a

função sagrada, dito e do *basessé* do momento do parto daquele indígena. Turner cita Van Gennep (1960) que definiu os ritos de passagem como "ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social de idade".

“Os atributos de liminaridade, ou de *personae* (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas se escapam ou se furtam à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial. Seus atributos ambíguos e indeterminados exprimem-se por uma rica variedade de símbolos, naquelas várias sociedades que ritualizam as transições sociais e culturais. Assim, a liminaridade frequentemente é comparada à morte, ao está no útero, à invisibilidade, à escuridão, à bissexualidade, as regiões selvagens e a um eclipse do sol ou da lua.” (VAN GENNEP, apud TURNER, 1974, p.117)

A tradição cultural não tem limitações, são atribuições, ações sempre vivas, o clã pela mudança cultural e transição de épocas e tempo continua na sustentação da estrutura e funciona com a ação de cada indígena responsável em manter a relação da vida cultural dos habitantes da aldeia, segue no ciclo natural cosmológico a celebração dos ritos e cerimônias momentos específicos da transmissão do conhecimento local o desenvolvimento cronológico e a idade mental para viver na sua realidade. As partes doutrinárias próprias do clã, que somente os pais biológicos ministram valorizando ao sucessor a fim de aprender a cumprir as atividades do cotidiano, no clã o ensino e aprendizado atinge um dos ápices pedagógicos no rito do uso do “murõbahsekaró”¹²⁹, cuja dimensão potencializa a palavra com o autêntico conhecimento local e ação da autoridade indígena. O Turoporã assimila o conhecimento local cultural, por exemplo, na cerimônia de iniciação para o masculino em que se afirma: “eu sou homem”, isto é, “ukusémahsĩgu”¹³⁰ é mahsigunipukũ¹³¹, uma atribuição referencial valorizada, reconhecendo o papel social sustentado na cultura étnica.

A cultura Turoporã possui a herança do conhecimento local dos avós, da primeira classe do clã, os que assumiram a espécie humana no pamērĩ mhásã na cachoeira de Ipanoré¹³² no rio Waupés¹³³, assumida no sentido da liderança do Uremirĩ em plena união com a consideração de parentes e irmãos na observação da raiz, avôs, os chefes, as cabeças do clã considerado de parentes e, usam essa parte para discursar destacando as

¹²⁹ Cigarro vital benzido

¹³⁰ Conhecedor e que sabe falar da sua etnia e do seu clã

¹³¹ Um indígena conhecedor sábio da cultura local

¹³² Cachoeira da evolução das espécies humanas

¹³³ Rio, afluente do Negro onde localiza a cachoeira de Ipanoré

categorias do conhecimento cultural do Turoporã. Originário vovô Feliciano afirma que para o Turoporã há uma aceitação que o primeiro, a cabeça, o chefe, irmão maior e avô, o melhor é o Uremirĩ aquele que trouxe e deu-nos o conhecimento local ético, fez a história na conquista de território e que iniciou toda a reflexão da ciência e cosmologia.

O sábio Feliciano Gomes afirma:

“A nossa origem, marĩmáisísé¹³⁴ do grupo Turoparã, foi assim: nosso Urēmĩrĩ avô logo após o momento da saída do pam̃rit̃¹³⁵, o aparecimento como ser humano, ficou no território do Turĩ igarapé (mariádítá¹³⁶). Viveu com seus irmãos, caçavam, trabalhavam na roça, conversavam sobre o conhecimento do grupo. Habitavam na maloca todos juntos. Já mantinha diálogos com os seus cunhados, convidavam para o trabalho e a festa do dabucurĩ¹³⁷ era feita para os Turoparã.”

O conhecimento local na história dialogado com os outros clãs torna harmonioso no ponto de união dentro dos ritos, os atos da profundidade das cerimônias, com os momentos alegres, descontração dos ritmos, a arte das danças e cantos, desde modo supera as barreiras da divisão e desafios étnicos e, nas respostas ditas e respondidas contagiam no ambiente interno dos Turoporã. A cultura indígena não se restringe, ela é compartilhada com os membros de outras etnias numa vivência interétnica é inconfundível e inquestionável porque ainda são da mesma forma e no mesmo sentido feito e vivido pelo primeiro Tukano do clã Turoporã, o Uremirĩ. O primogênito do clã, desde o momento da transformação em espécie humana habitou no Turi Igarapé é o lugar de origem do clã, com o idioma falado que é o Tukano com a qual comunica o teor do conhecimento cultural da história da origem e da estrutura social.

A concepção material e imaterial, na ocupação territorial se realiza no *baséssé*, a prática do rito antes da construção da maloca é uma tradição, fazer o *baséssé* com a defumação do breu pelo pajé e, depois da defumação de todas as áreas onde será construída, por isso, concebe-se que em cada parte há forma de vida dentro da arquitetura estilizada na simbologia de seres, instrumentos, atores que viveram e habitaram naquela maloca, revestida da mística, a arte, pintura e descrição espiritual e transcendental para amparar e proteger todas as pessoas na maloca com cuidado e respeito.

A habitação originária denominada “maloca” expressa a vida em cada ponto, o detalhe das características fundamentais, cuja vida dos habitantes sendo coletivo consiste na partilha dos bens materiais e imateriais, com a ocupação do corredor central de grandes

¹³⁴ Conhecimento do clã

¹³⁵ Buraco da pedra da evolução da espécie humana

¹³⁶ Nossa terra e nossa vida

¹³⁷ Festa do oferecimento e oralidade da sabedoria

cerimônias, de evento e reunião com expressões políticas que decidem do destino da organização do clã e cada espaço da estrutura física inspira a informação e comunicação do valor cultural. A arquitetura originária tem um sentido e significado mítico étnico, significativamente cada família tem o seu recinto para habitação, não há sentimento de culpa e pecado, é reservado e respeitado por todos na mesma condição e sentimento de parentes. Victor Turner (1964) utiliza o termo “communitas” para destacar o sentido de comunidade entre os Ndembu, que pode ser aplicado aos Tukano:

“Prefiro a palavra latina *communitas* a comunidade, para que se possa distinguir esta modalidade de relação social de uma “área de vida em comum”. A distinção entre estrutura e “communitas” não é apenas a distinção familiar entre “mundano” e “sagrado”, ou a existente, por exemplo, entre política e religião. Certos cargos fixos nas sociedades tribais têm muitos atributos sagrados; na realidade toda posição social tem algumas características sagradas. Porém este componente “sagrado” é adquirido pelos beneficiários das posições durante os “rites de passage”, graças aos quais mudam de posição. Algo da sacralidade da transitória humildade e ausência de modelo toma a dianteira e modera o orgulho do indivíduo incumbido de uma posição ou cargo mais alto” (TURNER, 1964, p.119)

Na cultura Turoporã predomina a hierarquia, na vida coletiva há especificidades que se estrutura da habitação indígena ocorre a prática dos ritos considerados sagrados e as grandes cerimônias de festa a do dabucuri¹³⁸, onde cada qual se posiciona no ato do canto e a dança no toque japurutu, carriçu¹³⁹, osso do veado, casco de jabuti, várias evoluções da dança tradicional dos anciãos que duravam dias. A evolução da dança comandada pelo Baiá no dabucuri, forma do diálogo com os cunhados, vivência espiritual, social e eminentemente prática significativa da cultura.

O rito possui o núcleo cosmológico, o sentido mítico que caracteriza a cultura numa verdadeira expressão corporal envolve o indígena na saúde, a tradição com o efeito do *basessé* permanece no mundo com o fortalecimento espiritual na mente e bem-estar no corpo e equilíbrio emocional viabilizando a convivência social. No rito cita o deus criador como interventor do surgimento das coisas no princípio do mito pirõ yuk~~us~~ em que se crê e aprimora o ato de deus como a fonte de toda a existência, o modo invisível, sustento da vida original, que tem suma importância na mística e vida transcendental vivificada por todas as gerações. Há um suporte religioso, mítico e conhecimento cultural que é realizado apenas pelo pajé, o Yaí iniciado e preparado para esta função que opera a iniciação de todo o Turoporã pertencente à etnia.

¹³⁸ Cerimônia festiva dos oferecimentos e a partilha

¹³⁹ Instrumentos que dão o ritmo das danças tradicionais.

No rito Turoporã entende-se a diferenciação proclamada em cada etnia e nos clãs, a origem é a mesma, mas o raciocínio lógico diferencia na citação em cada categoria do conhecimento, ao determinar a vida do ser humano, a sua relação existencial no mundo. Ocupam as categorias do valor da vida na floresta, a força da natureza, das frutas que servem de alimento, os animais, pássaros, das roças que ocupam o espaço físico para produzir a alimentação, trabalhar para conseguir a carne de caça, a prática racional da pesca, conhecimento do mundo natural das aves, relação do mundo existencial dos peixes e tudo o que existe no mundo. Por esta via da relação da terra e da natureza, há uma determinação das ações que o indígena irá realizar e que não poderá fazer dentro do cosmo, afirma o sábio Feliciano Gomes:

“Desde o momento do pamumeatikaró¹⁴⁰, nós tukano Turoparã, já somos pessoas humanas, assumimos as características humanas, a língua, a arte, as aparências físicas, habilidades e os que não são indígenas nos chamam de indígenas e, nós fomos feitos como humanos pensantes, falantes. Waikurã¹⁴¹ os animais também já ficaram no mundo animal deles né, assim como, as árvores na sua espécie, os peixes no mundo das águas, e tudo o que existem na terra assumiu a sua natureza e até hoje estão no mundo deles, nós respeitamos e devemos cuidar como eles vivem, cada um recebeu a vida no mundo.”

O clã Turoporã são indígenas pensantes universalizam o conhecimento local cosmológico, a visão de ser no mundo, o animal cada qual no seu habitat, e esta forma de conhecer abre o debate com as teorias humanas e existenciais não indígenas, mesmo antes da fase de alfabetização no processo da comunicação em língua nacional e da ciência organizada pelos institutos e programas políticos não indígenas já são educados e ensinados na cultura. O conhecimento local constitui de inesgotável grau de informações pela razão interligada com a natureza e, por isso, se sustenta em sentido de status e posição hierárquica na diferente concepção e convive com o diferente na hibridação cultural.

Para Turner (1964), a passagem de uma situação mais baixa para outra mais alta é feita através de um limbo de ausência de "status". Em tal processo, os opostos por assim dizer constituem-se uns aos outros e são mutuamente indispensáveis. Ainda mais, como qualquer sociedade tribal é composta de múltiplas pessoas, grupos e categorias, cada uma das quais tem seu próprio ciclo de desenvolvimento, num determinado momento coexistem muitos encargos correspondentes a posições fixas, havendo muitas passagens entre as posições. Em outras palavras, a experiência da vida de cada indivíduo o faz estar exposto alternadamente a estrutura e à *communitas*, a estados e a transições” (p.120).

¹⁴⁰ O nível e o momento do nosso surgimento como seres humanos

¹⁴¹ Animais sivistres

Os membros do clã Turoporã portadores do conhecimento local desenvolvem a construção seu habitat na condição humana, os círculos de diálogos internos e externos, a relação social com os diferentes, socializam com outras etnias desenvolvendo e ampliando o valor cultural sob as categorias de organização na vida social, interpretam os acontecimentos atualizados considerando a hierarquia étnica da classificação do maior para o menor. O discurso oral genealógico e a não aceitação da superioridade ou a inferioridade na hierarquia dos clãs de forma errada, pode gerar conflitos na relação social influenciando nas cerimônias especialmente na hora do consumo da bebida do caxirí.

Os conflitos étnicos e clânicos cometidos como toda a pessoa humana ocorrem na incapacidade do diálogo ou desconhecimento da sua cultura e se conflitua contrariando toda a alegria citada, a ação do respeito e outras vezes no consumo da bebida fermentada alteram-se os ânimos, porém, originalmente dentro da etnia e do clã há uma união, vivência coletiva como princípio geral da cultura, a relação do parentesco, a partilha da alimentação, participação no trabalho da roça, a presença nos ritos e cerimônias.

O clã Turoporã possui a característica cultural étnica e a clareza do conhecimento cosmológico, dialogado, cujo conhecimento local, sustenta a organização e a política social do clã desde a origem, dispõem de regras e normas de relações sociais seguindo a denominação pela sequência e a categoria da hierarquia e da classificação do clã, com a segurança para não cair no erro da distorção no discurso do ritual e cerimonial.

O sábio Feliciano Gomes diz:

“*Utamurimashã*¹⁴² já existiam desde o início e se comunicavam com os membros de outras etnias, como os Tuyukas¹⁴³, Dessanos¹⁴⁴ considerados os cunhados como início do processo de casamento entre os Turoporã e outras etnias que faziam parte do diálogo. O diálogo constrói a troca de produtos, peixes, carne, farinha, se realiza o casamento dando a sequência do parentesco, e neste processo se faz a partilha do conhecimento do benzimento da prática do rito do nascimento da criança, da primeira menstruação da menina moça, da troca de alimento e frutas e outros objetos da cerimônia do dabucurí.”

A comunicação e o diálogo étnico interno na região desenvolve a interação com os demais indígenas por meio do casamento, ocupação do território são fatores que sustentam a estrutura social na cultura dos Turoporã, com o sentido do princípio da vida e do mundo, politicamente exclusiva deles e em determinados atos transforma em momentos específicos da socialização. Os Turoporã mencionam a sua história

¹⁴² Cunhados, grupos do diálogo

¹⁴³ Outra etnia de diálogo

¹⁴⁴ Outra etnia de diálogo

considerando como o seu status social, no nível da relação interétnica Turoporã, por exemplo, casa-se com os desano Duhpotiróporã¹⁴⁵ cruzam-se em etnias de dois grupos vividos na região há muito tempo, “in loco”, este processo poderá ocorrer também com etnias distintas a reciprocidade de serviço e ajudas em vários sentidos socioculturais que significa a unidade dos clãs.

O cruzamento entre os Tukano que concede sua irmã em casamento ao Desano ou vice-versa, este processo ocorre também entre Tukano e com os membros de outras etnias. Para não ficar em débito, o Desano também cede a sua irmã ao Tukano fazendo uma troca. Os Turoporã são patrilineares ou agnáticos, portanto, os filhos que nascerem dos tukano com a Desana serão tukano, enquanto os do Desano com a Tukana serão Desanos. Temos duas etnias, no Tukano denominamos de bahsukũ¹⁴⁶ e de bahsukó¹⁴⁷, os seus pais são cunhados e as mães as cunhadas e, essa tradição ocorre desde o tempo da evolução da espécie humana.

A relação matrimonial étnica estabelece cumprimento dos tratos construídos entre as etnias distintas, dois clãs, e considerando o valor do nível da classificação hierárquica, um tukano pode pedir em casamento a filha de sua irmã. Normalmente a irmã não pede o casamento da filha com o seu sobrinho, o filho do seu irmão, porém, observa sempre o status do maior na hierarquia.

O valor do casamento é o ensinamento para a nova geração da etnia Tukano e do clã Turoporã são todos os filhos dos irmãos do Tukano e do mesmo clã, os primos irmãos, continuarão sendo irmãos e parentes os ni'kũporã¹⁴⁸ observando a ordem de nascimento de ma'mi¹⁴⁹ a ni'hã¹⁵⁰, e os filhos dos Desano com as tukanos serão pakahrã (sobrinhos e sobrinhas) e as filhas das tukanos desde a filha da irmã do irmão da alta hierarquia e até a filha do último do clã, sejam eles filhos de pais de diferentes etnias, se mantem a unidade das mães entre si que se consideram “pakorã”. Automaticamente pais dos seus pais são avôs e avós: G2, G1, G do ego (MARINHO, 2012).

Antes do contato com os não indígenas havia diálogo, o parentesco, a organização social estruturada na cultura, as residências eram denominadas as casas comunais, os membros do clã residiam numa mesma habitação chamada de maloca no sentimento

¹⁴⁵ Nome de benzimento dos dessanos

¹⁴⁶ Primo

¹⁴⁷ Prima

¹⁴⁸ Filhos do único pai, avô, raiz, primeiro

¹⁴⁹ Irmão maior

¹⁵⁰ Irmão menor

espiritual do rito ensinado e vivido e das cerimônias mantidas vivas no cotidiano. A transformação da cultura envolvente deu o surgimento das novas ideias e mudanças implementadas com outros pensamentos no advento dos missionários da igreja católica, as casas comunitais cederam o lugar às casas nucleares, o que mais tarde gerou a formação das comunidades.

O antigo sistema cultural da vida indígena existe nas comunidades onde vivem os clãs denominadas de famílias com etnias e clãs diferentes como por exemplo, de um lado Tukano e do outro o Desano no mesmo espaço geográfico. A influência adentrando na sociedade do Turoporã mudou o comportamento, vida social, o pensamento gerando a mescla dos aspectos culturais não indígenas, causou a tendência de não segmento à vivência da prática ritual, o afetamento da rica estrutura da construção do sistema do parentesco tradicional e, no presente é comum encontrar as consequências com outras formas de vida na relação do casamento do Turoporã com os membros das outras etnias, esta prática para um kumũ¹⁵¹ implica aprofundar na concepção da origem do uso das considerações o a'kasuasé¹⁵², ordem de adoção heriporãbahseró¹⁵³ segundo a tradição.

CAPÍTULO II

Construção das vivências étnicas, estilos e modos diferentes de vida em meio urbano.

O indígena permanece na cultura da sua origem habitando em diferentes contextos na vivência da realidade urbana transformada, na prática da tradição, a fala do idioma reconhecendo os riscos transformadores da possível exclusão de si mesmo e da sociedade. Construir vivência urbana assinala que o indígena que não possui a identidade sólida poderá ficar fora do tratamento do parentesco e ser desconsiderado ou ignorado na vivência cultural, impossibilitado da aceitação clânica e ser excluído da hierarquia dos clãs no sistema de parentesco cultural que permita o diálogo.

A vida urbana influencia outro modo de vida cultural, as modificações do diferencial entre o sentido do parentesco, o casamento, vida de trabalho e o grande

¹⁵¹ Diagnosticador dos males,

¹⁵² Tratamento, consideração ao parente e aos cunhados

¹⁵³ O nome do benzimento cerimonial do nascimento

enfrentamento da diversidade intercultural, por diversos processos chega ao nível cultural e social no urbano do hoje, construindo estilos e formas de adequação do originário no contexto do branco em terra indígena.

2.1. Presença da influência não indígena

O contexto do Turopará com mínima influência antes, aos poucos com a chegada de missionários, dos comerciantes, foi transformando os aspectos da educação para não indígena e a catequese da doutrinação religiosa católica feita pelos missionários, que pregam que “somos filhos de um único pai, igualdade social”. As ideias sociais e espirituais da evangelização, são questões norteadora para a análise da vida cultural da aldeia e a não indígena da coletividade para o individual.

A cultura do clã Turopará abre para a duplicidade dos nomes étnicos e a da religião católica no sacramento do batismo atribui outros nomes não indígenas, visto os sobrenomes especialmente dos portugueses que identificam a região. Muitos dos quais, provenientes dos invasores portugueses europeus, para a identificação dos indígenas, sendo que a original baseada nas cerimônias culturais originárias, são diferentes da ocidental eclesial e estes nomes e sobrenomes são utilizados nas instituições públicas com outras finalidades diferente que os nomes clânicos.

O processo da doutrinação da Igreja Católica no meio dos povos indígenas do rio Tiquié, não extinguiu as raízes e fundamentos étnicos culturais do lugar, analisa-se a resistência e a força originária no reviver das comunidades, a luta na vivência das características política e social própria do Turopará, analisando os aspectos vigentes para compreender o motivo da institucionalização das relações do parentesco, as causas da mudança no sentido da habitação na maloca, vivência dos ritos, a realização das cerimônias.

A cultura e a estrutura política e social do Turopará é milenar no desenvolvimento da prática sustenta as características das etnias permanentemente na afirmação da identidade. Das cerimônias se faz o discurso especializado sobre a cultura embasado na cosmovisão. O tratado mitológico da origem e do desenvolvimento do clã, configurado na diversão e alegria contagiante desafiando em metáforas aos membros de outros clãs e etnias com a oralidade que demonstra o conteúdo com orgulho, a superioridade e o poder na diversidade.

A afirmação da identidade cultural de todos os membros do clã com a importância permite expor e responder a pergunta na evolução do diálogo, a troca de idéias, assim a identidade e a cultura se ampliam no fortalecimento social. A forma da interação social

supera a imposição e a violência que ocorrem entre as culturas e pensamentos ideológicos que vem do exterior pelo desconhecimento da cultura local, acabam considerando que os povos originários são deploráveis e insignificantes.

Os grupos étnicos são possuidores da cultura não vivem escondidos ou não são refugiados na floresta na vivência étnica, os desconhecedores originários ficam com vergonha e são considerados incapazes de assumir a identidade, o desconhecedor é ignorado no diálogo, posto à margem do ritual e da cerimônia. Assim fala Feliciano Gomes:

“Māriyéukūsémáhsisé¹⁵⁴, não podemos cometer erro na fala ao dialogarmos com os cunhados, primeiro devemos sempre partir da origem e exaltar a hierarquia do nosso clã Tuopará, aí ninguém pode nos discordar a nossa afirmação. Nós devemos respeito aos outros que são os cunhados e eles também nos devem considerar e nos respeitar, esta é a atitude de pessoa que conhece e somente o sábio pode saber dialogar conosco, não podemos cometer também o erro a ofensa e intimidação, a superioridade do irmão maior, o clã superior vem da origem. O rito e a cerimônia é o momento especial do discurso do nosso conhecimento e da verificação do grau do conhecimento do outro.”

A cultura transmitida para as gerações é o trabalho educativo paterno e materno, com o uso da pedagogia da escuta, e depois de forma específica o sábio continua como mestre de ensino, ele faz uma reflexão epistemológica de cada cerimonia e rito praticado em diversas celebrações tradicionais, conduzidos com um raciocínio lógico em cada temática, corrige o pensamento e a ideia própria de cada etnia e clã no imenso campo do conhecimento do invisível para a compreensão do indígena, do racional para experiência do cotidiano, do inanimado para o histórico, do invisível para o concreto, narra o conhecimento, a sequência dos fatos e descreve em cada nível a categoria voltada para o sujeito histórico.

A proclamação cerimonial tradicional do dabucuri liderado pelo sábio do clã com a presença dos promotores da festa da oferta, outra parte receptores com o consumo do fumo, caxirí, danças logo na abertura e entrada abre o momento do discurso sobre a estrutura cultural completa resume todas as categorias do saber, os clã e exterioriza congratulando pela cultura expõe a arte, compartilha com o público com segurança a coerência científica da mesma forma como ocorre nos grandes eventos cerimoniais envolve os participantes de diversas idades, gêneros, etnias e o clã com confiança para ouvir o sábio e conhecedor étnico referenciando o clã do Tuopará que salvaguarda e demonstra a cultura viva em todas as gerações.

¹⁵⁴ Nosso conhecimento dito na fala

O dabucurí é o momento do posicionamento étnico e o clã expressa o profundo significado da cultura e, deste modo repassa para a nova geração a importância e a valorização da origem, na prática os novos indígenas também participam da cerimônia na atitude da escuta e veem no proceder de cada momento. Dabucurí a tradição cerimonial é o exercício da partilha, proximidade do parentesco reconhecendo a comunhão do alimento, a produção que permanece a identidade cultural étnica. Ser étnico é reconhecer a si mesmo e orientação a criança, adolescente e a juventude passa pela prática e eles se inserem na realidade dentro do contexto social do tempo e na época deles, a atual, do advento das condutas e comportamentos e formas de vida genéricas superficiais, diferentes.

Michel Foucault (1926-1984) faz uma discussão destacando também a ideia da construção do pensamento sobre o “outro” e o estigma da “desordem”, em que trata da visão complexa da realidade social enquanto tal. O sujeito segundo o teórico inserido no espaço social, possibilita a condição para a análise metodológica social e antropológica. Os sujeitos indígenas são seres coletivos e étnicos, com características próprias de organização social e política. De modo pejorativo, na não compreensão da sua realidade, são considerados seres incapazes, autores do atraso ou estigmatizados pela desordem moral, cultural e socialmente. A cosmovisão indígena é ampla, compreende categorias de conhecimentos distintas de uma etnia a outra, coordenam a toda coletividade as formas e modos de vida próprias e não há como incluir numa ideia advinda fora e tentar descrever o contexto juvenil étnico ou admitir uma forma qualquer de pensar, que não seja antropológica e social para analisar este contexto original que se transforma paulatinamente.

Os sábios Turoporã percebem as mudanças e continuam orientando as novas gerações para conhecer e valorizar da sua origem dando importância nos aspectos do conhecimento local que são transmitidos para a juventude e ao adolescente o princípio da identidade. A visão antropológica aprofunda as ideias dos originários com os dados empíricos, experienciais que explicam as concepções do sujeito local dada a informação real, condizente, cabível para ensinar as gerações novas étnicas.

As épocas são diferentes com reais mudanças na vivência atual do Turoporã, inclui outros indígenas de outras etnias e os clãs distintos, a sequência das novas gerações para ampliar o olhar no processo atual de vivência em comunidade e outros contextos focalizando a realidade que circunda. O processo dinâmico é adverso e, a transmissão da cultura continua porque o indígena pensa na unidade étnica, fortalece a resistência da

coletividade e a vivência na atualidade a realidade entre aldeia e fortes influências externas na experiência de vida no contexto urbano.

O diálogo com os mais idosos é importante especialmente na interlocução possibilita a compreensão do mundo originário, a exposição de ideias sobre a questão antropológica e cultural vivido na aldeia no passado e na sociedade urbana no presente que subsidiam a vida coletiva do indígena. O ensino cultural amparado nas diretrizes básicas no modo diferenciado, ainda no processo da articulação direcionada para a visão do adolescente e jovem no tempo atual do mundo originário, para ele a vida cultural na mistura da cultura envolvente e se torna desafiadora. Desenvolve então, um assunto que deve crescer no âmbito educativo, político e do movimento em que ele deverá discutir, viver, ao longo de sua história, isto é, importante porque compreende o debate como uma questão de estudo e espaço para a análise crítica das causas e efeitos, mas, este assunto não causa tanto interesse e curiosidade devido à ação dos valores influentes que atuam com força no pensamento.

2.2 Trajetórias de vida de indígenas Tukano, clã Turoporã em São Gabriel da Cachoeira.

A dinâmica da vida cultural indígena Tukano do clã Turoporã e outras etnias que se deslocaram e continuam-se deslocando no contínuo movimento da aldeia para a cidade, com eles são transportados o valor cultural, as riquezas imateriais e práticas que caracterizam a existência. No contexto urbano e na grande mistura étnica muda a vida, transforma o olhar diferente para o mundo que surge, surge as experiências vivencia dos outros acontecimentos, e pelas quais advém as outras perspectivas da família, da infância, adolescência e juventude indígena que habitam temporariamente ou passam a residir sempre na cidade de São Gabriel da Cachoeira ocupando suas vidas com o estudo, trabalho, casamento e, partir daí, surge uma sociedade urbana pluriétnica e culturalmente diversificada.

Agier (2011) diz:

Desde a cidade como um todo até os espaços de interconhecimento (ruas, conjuntos de becos, praças, e suas áreas contíguas), a noção de região é útil no registro das identidades. Mas trata-se de identidades relativas, porque as fronteiras das cidades não são nem mais verdadeiras e nem menos construídas que as etnicidades. (p. 70)

Agier pensa que em cada região existem registros das identidades, são diferenciadas, a escola de Chicago com os trabalhos antropológicos e sociais de Boas, Lewis, Malinowski (1920-1930), iniciou a organização de trabalhos com os dados empíricos e com uso dos instrumentos teóricos metodológicos. Esta escola é a fundadora da investigação da realidade urbana no campo das ciências sociais com o auxílio da etnografia.

No espaço urbano continua presente a estrutura sociocultural da vida étnica, cada etnia e os clãs, a organização e o funcionamento fundamentado no conhecimento local cultural destacando o clã Turoporã e, esta característica, correspondente a vida de cada clã de acordo com o ciclo da natureza, as estações concomitantes com as ações tradicionais imbricada na cultura da cidade.

O sentimento originário estruturado na cultura permanece na experiência do contexto urbano. Permanece a base na política social e organizacional da vida desde a origem do Tukano e o clã Turoporã. O pertencimento histórico consiste na vivência da prática cultural e tange o ato considerado o núcleo da defesa da vida e da natureza. Na cidade, a correlação humana com a natureza, o meio ambiente e com os não indígenas constituem as forças no combate contra as estiagens, inundações, os males e vírus que atacam a vida e o ambiente étnico. A luta pela vida no ambiente da cidade, discute as problemáticas sociais e culturais na junção indígena e a não indígena e as ações causadoras da modificação do espaço natural na construção das casas, ruas, prédios, igrejas, escolas.

A luta para fazer o movimento social faz com que a coletividade assuma outra faceta e passe a ser o instrumento prático cultural dos jovens na busca pela dignidade, justiça e a paz na cidade, na realidade cultural complexa e a projeção política. A identidade do clã Turoporã constituído na aldeia e em todo o processo na passagem do rito e a fase da iniciação para a vida adulta, via de acesso aberto da legitimidade indígena, é uma verdade segundo os interlocutores, é a essência do ser indígena e a mais importante dimensão do indígena no seu clã.

Segundo Pritchard (1978),

“O clã é o maior grupo de linhagens que pode ser definido tornando-se como referência as regras de exogamia, embora se reconheça um relacionamento agnático entre os vários clãs. Um clã está segmentado em linhagens, que são ramos divergentes de descendência de um ancestral comum. Denominamos os segmentos maiores em que se divide um clã de “linhagens máximas”, os segmentos de linhagem máxima de “linhagens maiores”, os segmentos de uma linhagem maior de “linhagens menores” e os segmentos de uma linhagem menor de

“linhagens mínimas”. A linhagem mínima é aquela normalmente mencionada por alguém quando se pergunta qual é a sua linhagem”. (p.11)

O clã segmentado na linhagem, na visão do Pritchard (1978) é reconhecido do maior para o menor na hierarquia, assim, para o Tukano o clã ocupa a hierarquia estabelecendo a linhagem em cada etnia e coletividade destacada a estrutura do parentesco, da origem de todos os filhos, netos, de seus cunhados ou de suas irmãs. Nos casos extremos dava a participação dos filhos dos exogâmicos e esta forma de estrutura social preconizou a valorização dos conhecimentos do clã, continuando sistematicamente ensinada em todas as gerações identificados através da fala, no modelo de construção de casas, na culinária e uso de hábitos de reciprocidade. O clã possui as características das práticas culturais, sociais, econômicas e políticas internas, sendo assim, o conhecimento local é restrito, interno e não é compartilhado com as outras etnias e o clã. Cada grupo possui o valor cultural e, se abre para o diálogo tradicionalmente somente por meio do matrimonial há a relação com os sogros, cunhados. No ambiente urbano o parente próximo insere na formação política relacionada as mulheres dos clãs diferentes para constituírem a relação matrimonial e abertura para o diálogo.

O indígena urbano ou a urbanização indígena segue as normas e hábitos com simbolismo interpretados na reflexão dos sábios sobre o que permanece como elemento da raiz cultural e como ocorre as transformações no conhecimento, pensamento e sentimento. Isto faz pensar o início da gestação da vida para a cidade, mesmo que o indígena já tenha passado pelos ritos e cerimônias tradicionais desde o nascimento. Sustenta no cotidiano o valor cultural contínuo no processo de vida na cidade, permanece a experiência do parto. O outro modo de vida cultural compara a nova mãe indígena preparada, participante dos ritos da mulher e da gravidez não demorava em receber o novo ser, ao contrário, aquela que não se preparou, não passou pelas cerimônias sofre complicações no momento do parto. O cuidado é importante no acompanhamento cerimonial da gravidez, neste caso somente são explicados os motivos pelo kumũ¹⁵⁵ que acompanhou até o parto, a morosidade, podendo cuidar da gestação e a vinda ao mundo do novo membro do clã.

As influências do mundo neocolonial que visa a produtividade e o lucro do valor material não transforma o indígena isolado de suas raízes, inicia a convivência incluindo

¹⁵⁵ Diagnosticador

o diferente na diversidade cultural urbano. O ato de violência, discriminação, preconceito que exclui é o desenvolvimento idealizado pelos não indígenas. A reflexão gera a questão sobre se o indígena fosse deixar a identidade e o sentimento original, a sua raiz cultural, como viveria culturalmente, socialmente na cultura em mistura. Estaria inserido no sistema cultural e doutrinal não indígena, ser bem acolhido sem a definição cultural, a participação na decisão política, e como seria a defesa da natureza, a ocupação da terra. O indígena habitando na cidade ou sendo urbanizado atua compondo o debate, diálogo com as instituições, incluindo outras etnias com uma ação cidadã.

O indígena urbano também usa a capacidade de ler a realidade faz o questionamento, as críticas e propõe que a vida urbana seja mais inclusiva na organização e, neste sentido, formou-se um grupo de interlocução constituído especificamente de sábios do clã Turopará: Feliciano Gomes, bu`ú¹⁵⁶, o mais velho, considerado o nosso avô residente na comunidade Trovão, alto igarapé Castanho; Casimiro Sampaio (in memórian), que no processo desta pesquisa “perdemos”, esse grande e experiente sábio interlocutor do clã; Severiano Sampaio (Suegϣ) residente na comunidade de São Francisco, rio Tiquié; Oseias Marinho (Doé) mestre em antropologia (UFPE), professor, residente na sede do distrito de Pari Cachoeira, rio Tiquié; Maria da Gloria, Senã, tuyuka, mãe do pesquisador, residente ora em São Gabriel da Cachoeira e ora em Manaus. Este grupo do clã Turopará, são valiosos, relíquias do clã, são os interlocutores e estarão presentes em citações, depoimentos, comentários referentes às ideias apresentadas nesta pesquisa. Por isso, com grande orgulho será exposto o conhecimento verdadeiro com a importância educativa, nesta tese do aprofundamento do conhecimento, destacamos uma afirmação sobre “ser Turopará”, em depoimento de Oseias Marinho:

O objetivo do grupo é escutar os sábios da etnia Tukano do clã Turopará sobre a nossa etnia, sobre o clã na realidade atual; analisar a situação da formação da hierarquia, reavaliar o conhecimento clânico; o valor da mitologia desenvolvido que rege e encaminha para a vida e, as ações de vivência no processo da vida da etnia Tukano e em especial o clã Turopará. A interação das informações provenientes do diálogo reformula opinião frente as novas experiencias de vida, válidas para compor outras ideias antropológicas, na abordagem a cultura e a organização social, proporcionam o entendimento sobre as transformações de um verdadeiro panorama do processo de reformulação dos conceitos e pensamentos.

¹⁵⁶Traduzindo em português: Peixe tucunaré

O diálogo dos sábios na cidade mantém o modo da vida do clã do cotidiano da aldeia; revela que os originários possuem as contribuições no aspecto da experiência, são intelectuais, cultos, conhecedores da cosmologia e outros diversos campos do conhecimento local.

As ideias são redigidas e documentadas com a escrita que pertence a gramática não indígena, aprendida e possibilitou a documentação compondo a redação do conteúdo escutado e escrito sobre o conhecimento cultural originário na língua portuguesa. O conhecimento da língua portuguesa e o domínio na gramática, por parte do pesquisador no ensino primário, condicionou a coleta e a documentação de acordo com a técnica do ouvir e escrever. Inicialmente Ahkútó estudou no sistema não indígena, na comunidade de Barreira Alta, na escolinha denominada “D. Jose Domitrowich”, homenagem ao antigo bispo da Prelazia do Alto rio Negro. Coursou os primeiros anos escolares no sistema de ensino e aprendizagem não indígena, obtendo a capacitação na leitura e na escrita, ministrada pela professora e prima, com o nome não indígena, Maria Francisca Aguiar Marinho.

A escrita inventada pela antiga civilização fenícia e evoluída no decorrer de século 4 a. C., como avanço da civilização, segundo estudiosos, a escrita alfabética surgiu, possivelmente, na Síria, em torno do ano 1500 a.C. entre os povos mesopotâmios para registros das necessidades econômicas na época. As duas fases de aprendizagem e vida escolar sincronizam, no trabalho do pesquisador, as duas faces de conhecer e estudar no modelo escolar não indígena tradicional e, por outro lado o movimento da educação diferenciada organiza e projeta o esforço nas series iniciais da escola a escrita na língua paterna, isto é, o sistema bilíngue não individualiza a aprendizagem no modo do conhecimento indígena e a dos brancos, que na colonização com seu método não distinguia desvalorizando aquilo que se aprendia em casa, neste caso exclui o ensino oral dos pais e o exercício do conhecimento dentro do clã.

A fase escolar vivenciada no ambiente não indígena conduziu a certo tipo de afastamento da vivência da raiz étnica, rumando para chegar ao conhecimento da gramática da língua portuguesa, aprimorada com a aprendizagem na escola salesiana de primeiro Grau “D. Pedro Massa”, em Pari Cachoeira, rio Tiquié, nome da escola em homenagem a outro bispo da Prelazia já citada anteriormente. Coursou o nível de 4^a a 8a série, na época o primeiro grau correspondente aos anos de 1978 a 1983. A aprendizagem da escrita em língua nacional representa nesta pesquisa grande importância, para compor as ideias contidas no conhecimento, as informações que serão colhidas expressando

graficamente o simbolismo significante comprovadas e testemunhadas na fala de cada um dos interlocutores.

Para Goody (1987),

ao tomar como tópico a escrita e a tradição escrita, por exemplo, não pretendo sequer sugerir que sejam estes os únicos fatores envolvidos em qualquer situação específica, mas apenas que eles são significativos. (...) Como consequência, escolher um tópico significa não só que se corre o risco de inflar a sua importância como, o que é ainda pior, de parecer que se acredita que as questões humanas são determinadas por um único fator (p. 13).

No processo de observação da realidade procedeu-se com atenção na escuta da fala dos interlocutores considerando o conteúdo significativo. Esta coleta em seguida passou num outro momento a transcrição de todo o material compondo a escrita. A pesquisa assume um valor documental das informações, registra os valores étnicos centrado no conhecimento dos sábios, iniciados no rito cultural para serem os transmissores do conhecimento para as gerações futuras, com todo o cuidado baseando no conhecimento e na vivência étnica do clã Turoporã citados acima. Compõe-se na escrita o conteúdo do conhecimento que solidifica a afirmação categórica e a fundamentação de ser indígena, evidenciada a partir da origem, da pertença étnica e da vivência no clã em determinado território e a passagem dos ritos de iniciação e das cerimônias.

A escrita se baseia no conteúdo das ideias dito pelos interlocutores, vivifica a crença dos nossos pais que vivenciaram no mundo cosmológico dos Tukano envolvidos no espírito do conhecimento baseado na prática dos ritos e cerimônias em etapas consideradas como períodos do preparo e formação profissional cultural do futuro Turoporã, com acompanhamento dos especialistas do seu clã como: Yaí, bayaroas, kumuã¹⁵⁷ e aclamadores, guerreiro, sábios, valentes podendo renovar com sucessão, para transmitir as suas funções clânicas para as novas gerações. De acordo com Goody (1987) sobre a escrita:

...levando a progressos cumulativos no conhecimento e métodos, se bem que esses processos dêem por sua vez origem a perplexidades de diferentes espécies. Tudo isto faz parte das potencialidades reflexivas da escrita, as quais assumem noções de consciência a ambos os níveis, tornando o implícito explícito e o resultado mais acessível à inspeção, à argumentação externa e à posterior elaboração (p. 196).

¹⁵⁷ São as classes dos sábios das etnias e dos diversos clãs com suas especificidades.

A escrita da pesquisa compõe-se das ideias ditas pelos sábios, que consideram a etapa do “período de iniciação”, o processo corresponde ao tempo hábil e necessário para assimilação do preparo para a solidificação na oralidade teórica, seguida da prática e da vivência que irá executar quando chegar à idade adulta bem como o exercício de diferentes funções na sociedade étnica ou outra.

A prática da cultura étnica é um processo de vida, questão averiguada na coleta dos dados obtidos pelo pesquisador no ouvir das ideias ditas pelo interlocutor e escutando com atenção na explicação sobre as mudanças de vida comunitária, da natureza física, mental, intelectual e espiritual causada na cultura e vida social do Turoparã e de outras etnias. As raízes culturais permanecem e as mudanças são percebidas na escuta que o próprio sábio fala sobre o seu clã e de toda a etnia compreendida na realidade étnica envolvida nas fortes influências externas.

Oliveira (1976, p. 17) chama à atenção, do possível olhar da maloca por um etnólogo:

“Nesse sentido, para esse etnólogo moderno, já tendo ao seu alcance uma documentação histórica, a primeira conclusão será sobre a existência de uma mudança cultural de tal monta que, se de um lado veio a facilitar a construção das casas indígenas, uma vez que a antiga residência exigia um esforço muito grande de trabalho, dada a sua complexidade arquitetônica, por outro lado veio afetar as relações de trabalho (por não ser mais necessária a mobilização de todo o clã para a edificação da maloca), ao mesmo tempo em que tornava o grupo residencial mais vulnerável aos insetos, posto que os mosquiteiros somente poderiam ser úteis nas redes, ficando a família à mercê deles durante todo o dia. Observava-se, assim, literalmente, o que o saudoso Herbert Baldus chamava de uma espécie de “natureza-morta” da aculturação. Como torná-la viva, senão pela penetração na natureza das relações sociais?”

A percepção das mudanças exige novos usos dos conceitos para análise devido as misturas e transformações internas do clã e da etnia que é a circunstância atual onde persiste a prática dos valores tradicionais da origem, que abrem uma perspectiva antropológica relacionada a vida e ao conhecimento propriamente étnico, cultural e social, que remete a rediscussão devido aos desafios, vulnerabilidades que ocorrem na dinâmica da transformação e requerem a reformulação do conteúdo conceitual, das ideias e dos pensamentos. O olhar e o ver sobre a realidade cultural com atuais e novas concepções sobre o aspecto sociocultural existente na vivência étnica partindo sempre da visão cosmológica da origem e os diversos olhares externos das influências externas.

Oliveira (1976, p.18) afirma, que:

“Evidentemente tanto o Ouvir quanto o Olhar não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da

investigação. Ambos se complementam e servem para o pesquisador como duas muletas (que não nos percamos com essa metáfora tão negativa...) que lhe permitem caminhar, ainda que tropeçadamente, na estrada do conhecimento. A metáfora, propositadamente utilizada, permite lembrar que a caminhada da pesquisa é sempre difícil, sujeita a muitas quedas... É nesse ímpeto de conhecer que o Ouvir, complementando o Olhar, participa das mesmas precondições deste último, na medida em que está preparado para eliminar todos os ruídos que lhe pareçam insignificantes, i.e., que não façam nenhum sentido no corpus teórico de sua disciplina ou para o paradigma no interior do qual o pesquisador foi treinado. Não quero discutir aqui a questão dos paradigmas; pude fazê-lo em meu livro *Sobre o pensamento antropológico* (1988b), e não temos tempo aqui de abordá-la. Bastaria entendermos que as disciplinas e seus paradigmas são condicionantes tanto de nosso Olhar quanto de nosso Ouvir”

A interlocução com os sábios decorre do método do ouvir sobre a realidade atual deixada pelas fortes influências na chegada dos missionários, comerciantes, garimpeiros nos diferentes condições e estado de vida da etnia e do clã que modificam a autonomia do pensar e existir no mundo.

O pensar e olhar perene no rosto do indígena, o modo de viver com a liberdade ligado na natureza, no meio ambiente saudável em harmonia com a família na comunidade. O olhar do conhecimento da realidade verifica a grande dependência coletiva na vida urbana, diferente da união étnica e do clã que visa o bem comum. Comenta o sábio Sibí:

“As mudanças causaram o medo, uma grande confusão e peso no nosso modo de viver, ser e pensar Turopará com a chegada dos brancos, parecia que a nossa cultura e a tradição era totalmente errada e a dos não indígenas seria melhor e maior no mundo, mas nós até hoje somos fortes nesta resistência para que ninguém seja para o bem não condene, pise e diminua o valor da nossa cultura, a verdade do nosso saber que existe até hoje, assim, como todas as pessoas que tem sua cultura e tradição que vivem neste mundo.”

As influências não diminuem e não extinguem a cultura originária, os sujeitos superam a violência porque o valor da vida no pensamento cultural indígena transcende as mudanças estruturais sociais, o sistema organizativo, político, a ciência e do conhecimento de sustentação e manutenção étnica, o calendário, o tempo infinito cabe a cada etnia ocupar de modo que atenda às necessidades vitais, os trabalhos, as práticas tradicionais, o plantio da roça, a colheita. Aplica-se a regra social, cultural e existencial indígena correspondendo a ciência de visão totalmente ecológica.

As fortes influências exteriores transformaram a concepção da vida e da cultura coletiva dos Tukano Turopará na concepção do território, a casa comum, para outro estilo de vida denominada comunidade. A habitação da maloca passou a ser individual e

familiar, por divisão em quartos separados, passando a viver numa casa separada por cada família. O cotidiano assumiu outras características diferentes da vida coletiva, ações e ocupações, seguindo os horários no tempo e no espaço, modificados progressivamente por influências das forças e idéias doutrinárias da catequese dos missionários e de outros agentes não indígenas.

As vestimentas mudaram as formas de uso por outros tipos, do natural para roupas industrializadas, calçados adotados nos pés e outros elementos investidos no corpo indígena, que envolvem a aquisição e o valor econômico. A adoção dos comportamentos como portar-se na hora de comer na mesa, diferenciaram o modo indígena de fazer refeição no chão, independente do horário da manhã, a tarde ou a noite, de dormir na rede, trabalhar segundo os horários predeterminados.

A mudança e a influência afetou o conhecimento e o espiritual do rito tradicional a cerimônia da pajelança, devido a interpretação depreciativa religiosa da igreja católica. A educação não indígena diferente da etnia e do clã, adotada no sistema de internato executada, tinha por método educativo não permitir a fala no idioma Tukano, exigia aprendizagem de se comunicar em língua nacional que ajudou a utilização do conhecimento no tempo atual.

A influência religiosa não teve problemas devido a vivência indígena com valorização a natureza, a vida em comum e respeito a vida facilitou a permanência da religião católica institucionalizada. Além da religião a questão do consumo do produto industrializado como o consumo dos alimentos e bebidas e outros produtos externos transformou o momento da experiência de ter contato com os produtos não consumidos antes e estes fatores mudaram os comportamentos e os modos de vida dos originários. Este processo ocorreu a partir da década de 1940 do século passado, assim, afirma o sábio Sibí:

“Antes da chegada dos padres e irmãs missionários de batina e habito e outros, nós Tuopará vivíamos em comum, com nossos pais, parentes, primos falávamos em nossa língua tukano, vestíamos com recursos da natureza, escutávamos diretamente dos nossos velhos sábios o ensinamento que eles nos davam com toda a segurança e confiança aquilo que tínhamos que saber, riqueza própria nossa conquistada na melhor escola era vida da família e comunidade, as práticas do conhecimento era a prática do jovem homem no trabalho em comum, a pescaria, a caça, um plantio da roça, o casamento e as grandes cerimônias festivas eram momentos celebres do rito da prova de conhecimento e autoridade, assim era a vida social e cultural desde a nossa origem.”

As influências externas mudaram as características originárias, a identidade cultural, o sentido do parentesco, o sistema de casamento, a vivência comunitária com os irmãos maiores, a relação com os cunhados, que os Turoporã mantinham antes como valor. Sofreu várias modificações também nos aspectos de relações étnicas, sociais e denominações próprias da etnia e do clã, que será apresentado como exemplo, a ocorrência da mudança nominal e original do indígena da comunidade, assim fala Marinho (2012, p.87):

Para o não indígena o nome Yuyutah¹⁵⁸ com o nome de Barreira Alta, específico a ponderação maciça da troca dos nomes indígenas aos não indígenas, os nomes do rito de iniciação Hausirõ mudou-se para o Ovidio, a maloca que era casa comunal para casas nucleares. O mais importante para os estudos antropológicos desta pesquisa sobre a influência legitimou na divisão interna entre os Turoporã em três grandes grupos de sib a siblin, no batismo da religião católica receberam os sobrenomes dos invasores portugueses: Marinhos de Barreira a Alta hierarquia, Sampaio de São Francisco e Santa Luzia a média hierarquia, Gomes de Trovão Poço da baixa hierarquia. Esta dinâmica de ida e vinda constante fragmentou a organização tradicional dos Turporã, cito prestígio de autoridade de mahsãmami¹⁵⁹.

O contexto atual está mudado na nomenclatura das aldeias, mas, os sábios continuam considerando o valor do nome de origem dos lugares, o nome originário com a língua do Tukano Turoporã, mesmo nas comunidades que se tornaram lugares com denominação em língua nacional e que forçam a mudança da conotação e do estilo tradicional de vida comunitária.

O processo seguido do contato com a cultura externa transformou-se em luta e a resistência indígena devido a indestrutível consideração dos parentes na escala dos valores hierárquicos, porém, com interferência de outros elementos compreendidos com outra perspectiva que nos permite observar a diferença nos valores do clã, que normalmente é chamado pelo nome não indígena. Há mudanças também na compreensão do sistema de trocas e dos viveres, quando são feitas, a outra parte visa receber algo em troca por parte dos irmãos menores e, as forças influenciadoras geram novas opiniões, outras perspectivas da existência de medo e incerteza, pensamentos e outras idéias afetam a cultura do clã Turoporã.

A observação da realidade étnica e a escuta da ideia dos sábios que descrevem a sustentação da origem, assegura o poder cultural na ação do originário com o teor da verdade mesmo nas interferências de outros elementos sociais que provocam as

¹⁵⁸ Traduzindo: Onde os primeiros do clã nadaram na chegada na travessia do rio Tiquié.

¹⁵⁹ Traduzido em português: Irmão maior do clã.

modificações nas conceituações inevitáveis, os argumentos complementam a ciência antropológica como pensa Oliveira (1976), referindo-se ao pensamento de Radcliffe-Brown (1935) sobre a observação ligada a religião:

“Sabemos que autores como Radcliffe-Brown sempre recomendaram a observação de rituais para estudarmos sistemas religiosos. Para ele, "no empenho de compreender uma religião devemos primeiro concentrar atenção mais nos ritos que nas crenças" (Radcliffe-Brown, 1973). O que significa dizer que a religião podia ser mais rigorosamente observável na conduta ritual por ser ela "o elemento mais estável e duradouro" se a compararmos com as crenças. Porém isso não quer dizer que mesmo essa conduta, sem as ideias que a sustentam, jamais poderia ser inteiramente compreendida. Descrito o ritual, por meio do Olhar e do Ouvir (suas músicas e seus cantos), faltava-lhe a plena compreensão de seu "sentido" para o povo que o realizava e a sua "significação" para o antropólogo que o observava em toda sua exterioridade. Por isso, a obtenção de explicações, dada pelos próprios membros da comunidade investigada, permitiria se chegar àquilo que os antropólogos chamam de "modelo nativo", matéria-prima para o entendimento antropológico. Tais explicações nativas só poderiam ser obtidas por meio da "entrevista", portanto, de um Ouvir todo especial. Mas, para isso, há de se saber ouvir.” (p.19)

Os indígenas são sábios organizados e adotam o modelo de crença dando o sentido à cultura e suas atividades, o sábio interlocutor explica a ligação do originário com a natureza, os animais, o cosmo, outras etnias num processo da interpretação da realidade visível condicionada na formação científica dialogando com a ciência dos não indígenas ampliando o saber da cosmologia, a ocupação do território e as transformações relacionadas na realidade da vida étnica e o clã na atualidade. Este processo atual causa mudança nos indígenas e atinge a identidade cultural social na qual o objetivo do estudo da antropologia social apresenta os fundamentos da reflexão como pensou Evans-Pritchard (2005):

O objeto da Antropologia Social é bastante diferente. Como demonstrarei em seguida, estuda o comportamento social, geralmente em formas institucionalizadas, como a família, sistemas de parentesco, organização política, procedimentos legais, ritos religiosos, e assim por diante, além das relações entre tais instituições; estuda-se em sociedades contemporâneas ou naquelas comunidades históricas sobre as quais existe uma informação adequada para a realização de tais investigações (p.15).

Os diferentes contextos com novas relações socioculturais, os comportamentos e a consideração do parentesco entre as etnias indígenas e entre os não indígenas são formas de novas vivências. Para os indígenas este processo inicia desde os territórios e locais de origem. A estruturação política e as transformações verificadas em diferentes momentos históricos dão outro sentido conforme o trabalho de campo e a observação, a análise, o diálogo e a escuta.

A observação e a escuta abrem o caminho para estar na realidade, pisar no chão sagrado e conviver na grande dinâmica étnica e conhecer por sua própria natureza o indígena, que tem a particularidade de silenciar, guardar em sigilo os conhecimentos, os valores culturais imateriais, a resistência que seja para o bem e não poderia ser narrada para qualquer pessoa ou de qualquer modo, não é uma omissão, mas uma atitude coerente com a verdade da própria etnia.

O diálogo com interlocutores é de respeito aos princípios da nossa cultura, confiança e firmeza nas ideias extraídas do conhecimento local, porque trata de uma explicação do saber próprio do clã, ato de concordância em explicar que o trabalho é a valorização mais profunda do nosso conhecimento. Detalhar no âmago da origem e a composição da vida do curá¹⁶⁰, o clã¹⁶¹ Tukano Turoporã que vigora e reafirma na análise e interpretação com outros pontos de vista, a realidade de vida sociocultural na aldeia e a experiência no centro urbano. Combinamos encontrar com o grupo na cidade para encurtar as distancias geográficas, momento de estar neste contexto, onde pudéssemos organizar para os momentos de falar e ouvir passo a passo da oralidade de suas narrativas.

2.3. Transformação do clã Turoporã na cidade.

A grande parte do clã hoje, reside na cidade, residentes, passa-se a discutir a mistura dos clãs e por, descreve que muitos indígenas inclusive nasceram fora da aldeia e registrada no cartório não indígena com outra identidade, porém, continuam pertencente aos seus clãs. No período da pesquisa de campo pude percorrer, estar e fazer uma leitura analítica cultural e social do Tukano, clã Turoporã e outros indígenas do território, município físico. Quando foi possível identificar a localização, distinguir a existência e habitação das comunidades das etnias Tukano especialmente do clã Turoporã e outros, o diálogo transcorreu por intermédio do grupo de reflexão. O momento especial foi marcado pela interlocução feita na cidade com os Turoporã ainda viventes do nosso clã que com suas falas testemunham a grande ênfase na sabedoria, valorizada em todos os tempos, descreve-se abaixo as questões relevantes na problematização do assunto em estudo com características de dizeres e documentar o conteúdo valioso.

O método da observação participante, a escuta e a escrita embasaram a realização da pesquisa no final de ano de 2019, na cidade de São Gabriel da Cachoeira, município

¹⁶⁰ Grupo étnico Turoporã.

¹⁶¹ Classificação hierárquica do Turoporã Ttukano.

do mesmo nome, cuja época é similar para os Turoporã, assim como para as outras etnias, vivenciar a interação neste espaço social urbano. A cidade se caracteriza pela aglomeração no espaço físico de indígenas de diversas origens étnicas, advindos de diferentes territórios, lugares, malocas e comunidades espalhados na extensa região. Mesmo assim, percebe-se a mobilização das famílias e a mescla das etnias, produzindo nova paisagem de vida étnica e dos clãs.

A dinâmica da descida ocorre durante o ciclo anual com menos intensidade da aglomeração porque há grupos que realiza com essa mobilidade por razão de interesses e atividades, assim como, há famílias étnicas residentes e outras em trânsito que deixam a vida do centro urbano e retornam para as suas aldeias. As comunidades durante o ano se esvaziam dentro do território étnico e os seus membros retornam no final de ano. É o sentido da dinâmica de idas e vindas dos indígenas em grande movimento no território.

A escuta no ato da interlocução concedeu a percepção da força, da luta da resistência de ser indígena e pela narração, conhecer sobre os motivos da saída de indígenas de suas aldeias para a cidade que os atrai; considerando o processo da decisão dos mais jovens ou das famílias que migram para a o contexto urbano que contribuiu para o êxodo das aldeias. As idas e vindas constantes transformam o modo de vida cultural, modificam o pensamento com marcantes interesses particulares e coletivos que se inserem nessa mobilização. Os sábios refletem e analisam também estes fatores com a preocupação de manter a raiz da etnia e do clã, além do não esquecimento sobre o conhecimento original cosmológico e mitológico.

As mudanças tornam muitos indígenas transformadores da realidade por terem ido a cidade, são transeuntes no processo que transpõe a realidade indígena misturada por etnias e clãs, mundo dialógico, compartilhamento com o estilo da vida cultural urbana, a cidade considerada indígena é a mesclada da faceta não indígena com algumas opiniões que propiciam o não acolhimento indígena no contexto, pois, ainda persiste a ideia do do ser primitivo e o urbano progressivo no nível material. Assim pensa Simmel (1973)

A luta que o homem primitivo tem de travar com a natureza pela sua existência física alcança sob esta forma moderna sua transformação mais recente. O século XVIII conclamou o homem a que se libertasse de todas as dependências históricas quanto ao Estado e à religião, a moral e a economia. A natureza do homem, originalmente boa e comum a todos, devia desenvolver-se sem peias. Juntamente com maior liberdade, o século XVIII exigiu a especialização funcional do homem e seu trabalho; esta especialização torna o indivíduo incomparável a outro e a cada um deles indispensável na medida mais alta possível (p.13).

A transformação consiste na luta em relação a opinião da situação primitiva dada ao indígena e, neste sentido as influências são superadas na busca da independência com a ação e função para ressignificar como ser livre no pensar e agir na continuidade de sua existência. Os jovens ensinados com os valores étnicos na escuta da fala dos sábios enfrentam na conexão cultural diferente outro modo de pensar, a visão do mundo, modo do raciocínio diferente, os comportamentos do indígena da realidade cultural na aldeia são naturais onde se vive a liberdade.

A liberdade indígena e a proximidade com a natureza, caracteriza os tempos memoriais dentro do território, as aldeias, comunidades com as experiências comunitárias, mudam no ambiente urbano atingido pelos fatores influenciadores das mudanças o Tukano do clã Turoparã e as outras etnias na migração para a cidade, incorporam outros elementos culturais e sociais nas suas permanências em tempo de duração curta ou longa e muitos, em épocas determinadas e cíclicas retornam da cidade para as aldeias. O dinamismo cíclico das ações culturais ocorre numa rotatividade em grande movimento sociocultural, uma relação interétnica na conexão da aldeia e o centro urbano expande uma outra imagem com nova caracterização na paisagem do convívio social. George Simmel (1973) escreve sobre a vida urbana:

Os relacionamentos e afazeres do metropolitano típico são habitualmente tão variados e complexos que, sem a mais estrita pontualidade aos compromissos e serviços, toda a estrutura se romperia e cairia no caos inextrincável. Acima de tudo, esta necessidade é criada pela agregação de tantas pessoas com interesses diferenciados, que devem integrar suas relações e atividades em um organismo altamente complexo. Se todos os relógios de Berlim se pusessem a funcionar em sentidos diferentes, ainda que apenas por uma hora, toda a vida econômica e as comunicações da cidade ficariam transtornadas por longo tempo (p.17)

As etnias e a parte dos não indígenas se agregam na cidade, porém, com interesses e finalidades diferentes, ambas as partes conectam numa realidade urbana tornando-a complexa permeada entre a mescla nas atitudes e comportamentos culturais e hábitos em grande movimento; o contínuo fluxo da produção das características que formam as ideias e ações no cotidiano com diversos tipos de interesses devido à grande mobilidade populacional. No ambiente urbano os indígenas não são livres para construir, por isso, é preciso reconstruir o modo de viver, pensar, acabam sendo os coautores das ações e vivem as transformações em si mesmos e para os outros na prática da cultura local com o uso da língua, comportamentos e alimentação além de outros elementos não indígena.

A realidade da cidade transparece com o comportamento modificado nos diferentes modos de vida, as questões culturais e sociais são fatores marcantes em todas as instâncias no município de São Gabriel da Cachoeira, como o mais indígena do país, notavelmente diferenciado nos aspectos sociais mais complexos, circundado pela bela paisagem da natureza na terra indígena.

O contexto do alto rio Negro além de ser uma região indígena com forte característica em sua realidade social e cultural faz com que o pesquisador não deixe de olhar veemente a beleza natural marcante bem com o aspecto humano e os significados mitológicos, isso, é uma prerrogativa mundial com cobiças pela razão da biodiversidade destacados em diversas pesquisas, obras produzidas, documentários e reportagens sobre a vida humana, a floresta, a fauna e a flora fonte da ciência cosmológica.

O contexto urbano de São Gabriel da Cachoeira é uma realidade de interesse natural os estudiosos e pesquisadores, lugar e espaço de disputa na busca das informações para transformar em ciência de vários campos do conhecimento. E ainda há campos a serem explorados que irão construir novas referências do conhecimento no mundo em transformação do meio ambiente, diversidade cultural originária, forma de organização política e valiosos minérios. A análise das mudanças, os questionamentos, concordância, ou discordância sobre a realidade dos habitantes não restringe, no sentido romântico das propagandas publicitárias e econômicas, os atrativos turísticos que são implementados em diferentes projetos políticos participativos.

Na dinâmica social atual, a população indígena transita permanentemente no território, as viagens que movimentam constantemente na dispersa localização geográfica territorial, ações realizadas em coletivo e famílias antes consideradas isoladas se locomovem com frequência nas idas e vindas da aldeia para a cidade.

A movimentação e a residência no contexto urbano não extinguem a afirmação da identidade cultural, pode ser interpretada como um fenômeno cultural na cidade fora da tradição e dos costumes. O trânsito frequente na cidade dos Turoporã e assim, muitas famílias étnicas se tornam residentes urbanos marcada com a mobilidade acelerada numa velocidade que diminui as distâncias geográficas e barreiras culturais e sociais.

O resultado da mobilidade indígena não significa deixar a sua terra, a sua origem e viver em outro lugar. O diferencial para os que viviam nas aldeias algumas décadas passadas a possibilidade de ir para a cidade era muito difícil, devido aos custos e a distância a carência dos meios ou que houvesse a escolha e a decisão do meio urbano como um lugar para residência devido a origem étnica. Os indígenas considerados

urbanos continuam sendo originários é a nova forma que transformou a sociedade, porque as novas gerações não se livram mais do sistema influenciador no campo da educação do sistema religioso, na busca de emprego.

Em vários momentos da discussão foi citado o processo da transformação iniciada desde a vida da aldeia, porque o sistema de internato, a “integração” e nacionalismo, o usufruto e aquisição dos produtos industrializados eram pensamentos governamentais e educativos da época.

Um momento muito marcante, ocorreu no ciclo do ouro na década do final de 1980 para o início dos anos de 1990 fortemente no rio Tiquié, no nosso território do rio Castanho trajeto e passagem de todos os garimpeiros indígenas e não indígenas para a Serra de Traíra¹⁶², na fronteira com a Colômbia, momento de venda dos produtos que era desconhecidos pelos indígenas da região do rio Tiquié, eram incessantemente consumidas e a aquisição dos produtos correspondia ao valor monetário do ouro. Os indígenas obtinham os produtos com facilidade comprando por meio de vendedores ambulantes em pequenas embarcações que sistematicamente trafegavam o caudaloso rio Tiquié. O processo do ciclo do ouro não desenvolveu e não melhorou a vida social e econômica do indígena. Somente a riqueza mineral foi explorada sem o retorno de forma controlada e não havia nenhuma fiscalização o que causou a violência cometida pelo Estado, a invasão da terra e morte dos indígenas no confronto com os não indígenas e militares.

Antes, retornando à memória de vida do pesquisador, em sua família seu tempo de infância, não há como esquecer a presença constante do não indígena na prática mercantilista, chamado de regatão¹⁶³. Os indígenas compravam os produtos industrializados, como o sal, açúcar, sabão, anzol, linha de pesca, roupas masculinas e femininas, bolacha, leite, café, cachaça e outros produtos. Os indígenas das aldeias pagavam com seus produtos extrativistas, a farinha da mandioca, galinha etc.

Os atrativos industrializados urbanos não indígenas existem em grande proporção e o consumo cresce entre os Tukano e de outras etnias, em especial os jovens do clã Turoporã com pouco costume do consumo dos produtos diferentes nas comunidades de origem. A forma econômica da compra e venda e o costume é alterado não apenas na

¹⁶² Peixe, nome científico *hoplias malabaricus*, popularmente chamado traíra. O nome do peixe é atribuído ao igarapé que serve como passagem para o garimpo.

¹⁶³ Barco de agente não indígena que comercializava objetos industrializados aos indígenas nas aldeias do beiradão.

alimentação como também com outros produtos comprados, porque era difícil viajar para a cidade de São Gabriel da Cachoeira ou outras cidades com recursos próprios.

O processo do movimento do garimpo promoveu fortemente a mudança de vida e cultura indígena do nosso contexto e junto com o fim do apoio do governo brasileiro na década de 1980 resultou o término do sistema de internato ministrado em parceria com o trabalho dos padres missionários salesianos e das irmãs religiosas salesianas no trabalho educativo e catequético. O fim do internato justifica com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069/1990, com este fechamento do internato masculino e feminino, as famílias se aglomeraram no centro do distrito de Pari Cachoeira, no rio Tiquié, para acompanhar o estudo dos filhos.

Ao mesmo tempo surgiu o ciclo da exploração do trabalho de garimpo, que mudou completamente a vida comunitária e trabalhos coletivos, acarretando maior circulação de dinheiro e com o tempo, no distrito de Pari Cachoeira, uma corrida econômica de forma desintegrada, sem perspectivas, e assim abriu-se discussão das políticas sobre a terra “indígena”, na busca de proteção territorial em razão da luta com marcas de violência, devido à invasão e ataque contra os indígenas do território, pelos não indígenas na exploração ambiciosa do minério. Quase todos os moradores indígenas do rio Tiquié do triângulo Tukano foram se aventurar no garimpo na fronteira com a Colômbia, permanecendo no local, uns por mais tempo e outros menos no trabalho da garimpagem.

O sistema de internato trabalhado pelos missionários e missionárias realizou um trabalho permanente, tratou da educação para os indígenas com metodologias e políticas vigentes na época e depois do estudo eles retornavam para a aldeia, sendo que este processo favorecia a permanência dos adolescentes e jovens nas aldeias, muito pouco iam para a cidade no caso das indígenas servir como domésticas às famílias não indígenas. A consequência do término do processo missionário do internato deu origem o enfrentamento do problema social para as famílias que ensejavam a continuidade do estudo de seus filhos surge a questão da moradia perto da escola, que para a calha do rio Tiquié era Parí Cachoeira, a precariedade da alimentação obrigou os pais que tinham que acompanhar os filhos para seguir os estudos na única escola que tinha sido gerenciada pelos missionários que continuava oferecendo o curso e, este processo causou o abandono das malocas, da vida comunitária, das roças e territórios, período final da corrida da riqueza mineral.

O ciclo aurífero que atraiu para o campo da exploração mineral e o fim do sistema de internato rompeu a vida cíclica dos indígenas, causaram modificações do lugar de

habitação para a aglomeração em Pari Cachoeira, processo da mescla de diversas etnias e clãs locais, surgiram novos relacionamentos sociais e modos de vida cultural interétnica, a questão social marcante do fim do sistema de internato que aparentemente acolhia os indígenas para o estudo e os mantinham verticalizados com modos e costumes regrados e acompanhados no crescimento espiritual e intelectual das crianças dos adolescentes e jovens, muitos indígenas passaram a aderiram aos novos comportamentos e estilos de vida, na comunicação e vida individualizada.

O indígena experimentando o pensamento comercial e consumo de produtos industrializados mudou o contato com a natureza e da ecologia como fruto do tempo pós ciclo do ouro. A realidade não pensada segundo a sabedoria indígena como seria a vida na realidade étnica que voltou à pobreza e a marginalização e, este processo impulsionou profundamente o surgimento do êxodo rural de indígenas que iam e voltavam acabaram ficando na cidade causando as preocupações para a manutenção e a busca dos caminhos para a sobrevivência, não enfraquecer os movimentos educativos e sociais culturais étnicos, por isso, com o intuito da busca de novas perspectivas muitas famílias, levaram filhos crianças, adolescentes e jovens para o contexto urbano.

O ciclo aurífero atingiu fortemente a vida e a cultura originária de todas as etnias inclusive o do clã Turopará, devastando a natureza na extração desordenada do ouro ocorrido no território do rio Tiquié, na nossa área territorial do Castanho e seus afluentes o igarapé Peneira e o igarapé Tapurú até chegar ao igarapé Preto na divisa do Brasil com o país vizinho, final da década de 1980 e o início da década de 1990 tempo de duração forte do garimpo em nosso território na serra do Traíra, na fronteira com a Colômbia. Atraiu múltiplos transeuntes na corrida da busca do ouro, o processo fortaleceu o crescimento da atividade comercial na cidade de São Gabriel da Cachoeira, com o negócio de compra e venda de produto mineral aumentou as lojas de produtos de consumo, atraiu pessoas de todo o Brasil, o enriquecimento dos não indígenas aumentou em grande proporção. Pessoas de culturas diferentes e os empreendedores quase todos provenientes de diversos Estados do país que chegaram para dominar o campo de abastecimento de produtos e material de venda construindo outra forma de estrutura econômica.

A fase econômica do ouro liga a vida cultural urbana com o comercio afetou o ciclo da vida cultural indígena da troca, impactou a estrutura social comunitária causando as fortes mudanças no pensamento do sentido coletivo da aldeia, gerou conflitos de terras, violência, a manipulação desregrada da natureza, intensificou o uso das outras idéias

sobre os valores como os cálculos, conceitos, números e outras características de vida, vindas do contexto urbano e que, por parte do indígena, ainda eram pouco conhecidos os tipos de práticas pertencentes aos não indígenas. O mundo complexo possui as especificidades assinaladas por Simmel (2006)

Pontualidade, calculabilidade, exatidão são introduzidas à força na vida pela complexidade a extensão da existência metropolitana e não estão apenas muito intimamente ligadas a sua economia do dinheiro e caráter intelectualístico. Tais traços também devem colorir tais conteúdo da vida e favorecer a exclusão daqueles traços e impulsos irracionais, instintos, soberanos que visam a determinar o modo de vida de dentro, ao invés de receber a forma de vida geral e precisamente esquematizada de fora. Muito embora tipos soberanos de personalidade, caracterizados pelos impulsos irracionais, não sejam absolutamente impossíveis na grande cidade, eles são não obstante, opostos à vida típica da grande cidade (p.17)

A mistura da cultura indígena com a cultura urbana manteve a característica coletiva da aldeia, diferentemente da essência econômica que determina a organização social, cabendo distinguir como transforma a relação humana na cidade, antes verifica-se que no ciclo áureo do ouro houve grande movimentação do dinheiro, o capital de giro, com isso, impulsionou o consumo de todos os tipos de produtos industrializados que se encontram no contexto urbano. O mundo urbano, na corrida econômica, vende a moda, meios informatizados, constitui no funcionamento das instituições com distintas relações sociais, os tipos de linguagem, as estruturas físicas construídas, sistema organizacional e político, no funcionamento dos meios e serviços.

A prática do comércio característica da cidade contrapõe à prática cultural da partilha e a vida coletiva indígena porque não é uma atividade indígena, logo é a nova característica econômica que gera muitas desigualdades na vida social urbana, exige a compra dos produtos, consumo desenfreado e idealizado como lugar da formação intelectual. A cultura dos não indígenas pela ideia do centro desenvolve o pensamento econômico capitalista do trabalho, e o interior como a fonte da mão de obra e do serviço. O padrão cultural do dinheiro e do lucro, reveste o poder e consequente domínio. A matéria prima é produzida pelo indígena, trabalhador do interior e comunidade com os produtos da região o extrativismo e a agricultura de subsistência segundo Simmel (1976)

A economia monetária e o domínio do intelecto estão intrinsecamente vinculados. Eles partilham uma atitude que vê como prosaico o lidar com homens e coisas; e, nesta atitude uma justiça formal frequentemente se combina com uma dureza desprovida de consideração. A pessoa intelectualmente sofisticada é indiferente a toda a individualidade genuína, porque dela resultam relacionamentos e reações que não podem ser exauridos com operações lógicas. Da mesma

maneira, a individualidade dos fenômenos não é comensurável com o princípio pecuniário (p.15).

A questão econômica individualizada com os valores materiais e a existência humana, faz com que a cultura se caracteriza mesclada com a sabedoria e hábitos com suas lógicas, são elementos não indígenas que a realidade complexa e comercial diferencia da convivência comunitária. O modo de vida econômica indígena valoriza a troca de bens enquanto o comércio é seletivo no modo de ter, na relação de consideração do parentesco, porque o giro do capital da venda e do lucro supera a característica originária, e com essa mudança mudou também o sentido de parentesco e a relação social compartilhada, afirma Simmel (1976),

Todas as coisas flutuam com igual gravidade específica na corrente em movimento de dinheiro. Todas as coisas jazem no mesmo nível e diferem uma das outras apenas quanto ao tamanho da área que cobrem, No caso individual, esta coloração ou antes descoloração, das coisas através da equivalência em dinheiro pode ser diminuta ao ponto da imperceptibilidade, entretanto, através das relações das riquezas com os objetos a serem obtidos em troca de dinheiro, talvez mesmo através do caráter total que a mentalidade do público contemporâneo em toda a parte imprime a tais objetos, a avaliação exclusivamente pecuniária de objetos se tornou bastante considerável (p.19).

A questão econômica mencionada pelo teórico como o valor monetário dinamiza a sociedade e transforma a mentalidade das pessoas na realidade, na cultura indígenas há uma prática da partilha e não da compra e venda, a qual, pouco a pouco foi penetrando no ciclo do ouro e no presente em especial com o advento dos programas do governo federal que são suporte emergenciais que suprem algumas necessidades vitais dos povos originários e outros auxílios da aposentadoria dos idosos, pensão, bolsa família, auxílio maternidade e outros.

O comércio e o consumo influenciam profundamente ao indígena a integrar-se no mundo do trabalho e, motiva a saída constante dos indígenas, inclusive dos Turoporã, das comunidades de origem. Algumas famílias deixam a comunidade para passar certo tempo ou residir na sede do município, assim sendo, é comum encontrar os Turoporã na cidade, muitos acham favorável ir viver na cidade como alternativa de melhorar a qualidade de vida no mundo do branco e, por isso, muitos deles vivenciam outros costumes diferentes da vida de origem da aldeia. O viver na cidade, é comum deparar-se com problemas típicos sociais, violências e conflitos na ocupação por um pedaço de terra para fazer roça.

As orientações dos sábios que trabalham na afirmação da identidade contribuíram na capacitação de ser agente o sujeito indígena tendo a sabedoria e inteligência aplica no

estudo, o serviço de sua competência no contexto urbano, estar na aldeia é periódico do recesso de estudo, quase não consta mais na perspectiva de vida dos jovens atividade na roça, pescaria e outras ações não deixaram na prática.

O sábio Feliciano e Marinho (2012) tratam das mudanças do comportamento e da visão étnica cultural na experiencia de vida urbana:

“Muitos não conseguindo retornam na comunidade de origem mais endividados, preocupados com outros problemas muitos sábios perdem seu prestígio exercido no interior clã. A dinâmica de vinda e volta, gerou desequilíbrio no contexto da prática cultural, na cidade os sábios não se encontram no sentido coletivo com os demais irmãos, como sido os encontros coletivos costumeiros, nas práticas dos ritos e das cerimônias onde a consideração do parentesco eram importantes e na vivência urbana são quase que desconsiderados. Os conhecimentos do clã são disputados entre si em troca de mais valia e, observa-se que a cidade é um ambiente de invenção e venda os conhecimentos tradicionais de um povo, de um clã, em troca de dinheiro, comida e bebida. O diferencial do viver na aldeia e a urbana transforma o estado de ser indígena na comunidade garantido e orientado pela atuação de sábio (curandeiro) normalmente é feito pela consideração de filho, neto, irmão, pai e avôs, constatou também que o papel precioso do sábio Turoporã desequilibra os princípios originários legados pelos seus ancestrais, por exemplo: o yaíga do velho Doé¹⁶⁴ indicou o centro da terra na antiga maloca de Tuoweriwiká¹⁶⁵, antes de encarnar ele reuniu todos os seres vivos dos quatro cantos da terra, fez revisão geral de todos os capítulos cerimoniais, previu o futuro de sua descendência dos dias felizes e de angústias etc. terminando ele afirmou não abandonarei e “sim ficarei nesta maloca” e foi engolido pela terra e, disse ainda peço que mantenha a unidade de irmandade, e fazei o uso dos bahsesé para que ameis uns aos e não troca com valores como eu tenho feito. Precisa-se mais de complemento.”

A vida cultural na aldeia é aprender o conhecimento cultural com as forças espirituais, são características pertencente aos originários da etnia Tukano, o clã Turoporã e outros não se restringem em alguns aspectos tradicionais na vida sociocultural, o viver no urbano diferencia como complementação e a experiencia de superação no processo de outro estilo de vida que não se fazia presente antes na estrutura social e cultural originária, e isto, descaracterizou o modo de ser indígena e da organização da sociedade própria.

Nesses últimos tempos, verifica-se o número reduzido da existência dos sábios, devido a idade avançada, a fragilidade biológica causando as mortes. Wirth (1967) já havia reconhecido, as razões que preocupam no enfrentamento das influências atingindo em diversas formas as culturas tradicionais ou de “folk”, produzindo as mudanças

¹⁶⁴ Nome de benzimento que significa peixe traira.

¹⁶⁵ Traduzido em português: Casa de silêncio e de escuta.

estruturais da sociedade, outros elementos infiltram nos modos das vivências ou práticas culturais indígenas no contexto urbano:

“Uma vez que a cidade é produto do crescimento e não da criação instantânea, é de esperar que as suas influências sobre os modos de vida não consigam apagar por completo os anteriores tipos de associação humana. Em maior ou menor grau, portanto, a nossa vida social tem a marca de uma anterior sociedade rural (folk society), cujos sinais característicos de organização eram a vida agrícola, a casa senhorial e a aldeia. Esta influência histórica é reforçada pela circunstância de a própria população da cidade ser, em grande medida, oriunda do campo, onde persiste ainda um modo de vida remanescente desta anterior forma de existência. Daí que não se devam registar variações abruptas e descontínuas entre os dois tipos de personalidade: a urbana e a rural” (WIRTH, 1967, p.46)

O teórico Wirth (1967) menciona as transformações que crescem na sociedade, que antes tinham as suas próprias características como no caso dos indígenas que vivem em contextos urbanos, ao que convencionou chamar de sociedade ou cultura de folk, o que se quer chamar à atenção, é que essas transformações não apagam por inteiro as vivências indígenas nas aldeias anteriores mesmo que no processo presente tenham uma nova experiência na cidade. As grandes influências da cultura envolvente eram previstas pelos sábios que a cultura deveria sofrer mudanças e precisavam estar todos preparados para resistir no futuro.

A continuação dos educadores e sábios do clã é a garantia do conhecimento local para a posteridade que põem em risco na continuidade do ensino e a transmissão do conhecimento indígena tradicionalmente pela presença das outras características de culturas diferentes, da descaracterização identitária da vida tradicional envolvendo toda a atividade étnica antes exercida eficientemente na orientação dos sábios. A continuidade da história e a vida da cultura indígena passa em cada geração, mas, as novas gerações não correspondem aos ensinamentos dos sábios porque aderem à influência da cultura envolvente especialmente ao uso das novas tecnologias dedicada o tempo e que esta sensação os afasta do interesse da aprendizagem sobre o conhecimento originário.

2.4. Cultura, política e a organização interétnica diferenciada.

A inserção da dimensão política da vida da maloca e na interação neste outro processo da mistura na sede do distrito de Pari Cachoeira já envolvida com a presença dos indígenas e os não indígenas ainda em menor proporção, houve influências dos outros elementos culturais na comunidade Ciripá, no alto rio Tiquié, instalaram indígenas que saíram das aldeias por motivo do estudo. Crianças, adolescentes, jovens e as famílias

mudaram para a sede supra, onde formaram pequenos bairros, com ruas ocupadas por diversas famílias e clãs étnicos diferentes. A realidade não é mais totalmente indígena pela presença militar, missionaria, agentes da saúde, dos políticos, muitos ocupam o novo território pertencente as outras etnias ocorreram com a intermediação do diálogo interétnico, o que possibilitou a construção das casas, a roça, pesca, impulsionou um processo de reestruturação da vida cultural e comunitária com a convivência interétnica aberta enfrentando os desafios de outra organização, superação dos problemas de ordem econômica, afetiva, espiritual, procurando manter a vida livre natural originária.

A instituição escola não indígena localizada na sede do distrito é o único caminho para que os filhos curse o ensino fundamental e médio, movimentos, discussões, seminários, encontros pedagógicos com projeto de educação diferenciada, além de, depois do término dos cursos, muitos adolescentes e jovens seguem para a cidade onde vivem e crescem com outros aspectos da cultura. Mesmo assim continuam sustentando a afirmação da identidade originária. No território étnico iniciou-se o movimento político educacional da implantação das escolas indígenas na década de 1990, para propiciar a permanência do jovem, adolescente e criança indígena na sua aldeia e comunidade, etnia e clã aprendendo o conhecimento milenar e vivendo as raízes culturais com os seus pais intensa articulação política educacional na instituição da FOIRN e base organizacionais de diversas etnias da região.

O processo de êxodo da aldeia ocorre pela razão do interesse de cada família para o bem do ensino dos filhos e filhas tornou ainda mais preocupante dar prosseguimento ao nível da formação intelectual pois no distrito a escola não oferecia mais para os indígenas a habitação, essa possibilidade transformou em decisões múltiplas. A opção única ainda gerou a mudança para a cidade na dinâmica da ida e da vinda constante dos indígenas para o centro urbano. O que causou o grande êxodo para a cidade, envolveu toda a região do município, a interação social caracterizada resultou na dinâmica que muda a perspectiva do ser étnico, da vida cultural da aldeia em uma nova vivência interétnica no meio urbano, isto é, o processo caracterizado pela soma a mistura crescente que desenvolve formas de vida com características culturais dos indígenas urbanos.

O estar no centro urbano os afasta da realidade étnica, ali se inicia uma outra nova situação da vida cultural e social étnica pelo fator do isolamento da sua realidade originária e a realidade urbana que também não é a realidade pertencente a vida e a cultura étnica, é uma mistura e profunda conexão entre diversos elementos dos sujeitos sociais. O ingresso a realidade urbana na vida indígena causa a concepção do isolamento social

diferente da vida cultural que transforma uma vivência de estar no mundo civilizado com outros modos diferentes da visão cosmológica próprio dos habitantes urbanos, outros tipos de raciocínios e comportamentos, outros interesses que estabelece uma outra relação na cidade.

O isolamento que era visto dá perspectiva da longa distância da aldeia para a cidade agora mudou porque houve uma aproximação das duas realidades de modo que os originários da aldeia, dos lugares de vida original vivenciada na maloca. Estilo de comunidade perto da natureza envolta de igarapés, nas trilhas, nos lagos e nas localidades longínquas nas margens dos rios, agora vivem na cidade e podem pisar, sentir e ver com outros olhares, andar nas vias, no asfalto, carros, lojas, casas, longe da natureza e dos animais silvestres, da roça fornecedora de sustento. Para Wirth (1967):

Jamais a humanidade se distanciou tanto da natureza orgânica como sob as condições de vida características das grandes cidades, o mundo contemporâneo já não corresponde a um quadro de pequenos e isolados grupos de seres humanos disseminados por um vasto território, como uma sociedade primitiva descrita por Sumner. A característica distintiva do modo de vida do homem na idade moderna consiste na sua concentração em gigantescos agregados, ao redor dos quais outros centros menores se aglomeram e a partir dos quais irradiam as ideias e as práticas a que chamamos civilização” (p.45).

Wirth compara as fases da história em diversos processos e diz que a vida urbana se distancia da vida ligada a natureza, esta é a realidade das culturas analisadas, na situação interétnica pode ser interpretada como isolada da relação com a natureza pela passagem para o contexto urbano denominado de “civilização”, mistura a vida cultural da aldeia como o passado e a mentalidade atual na conexão da cultura indígena e a não indígena, e não é um contexto unificado porque várias etnias e culturas se envolvem face a aglomeração de uma população que compõe os habitantes na cidade.

A população urbana misturada forma sociedade diferente de outras realidades como produto social de diversas ações como as atividades indígenas das visitas aos familiares e parentes, trocas de objetos de arte, venda de produtos e compras de materiais e alimentos necessários com atitude modificadas. A socialização de várias ações culturais resulta numa tendência de dissociação da origem mudando na relação com os não indígenas ou as reações dos não indígenas para com os indígenas. Simmel (2006) diz que:

“O caráter inconsciente fluido e mutável dessa impressão parece resultar em um estado de indiferença. Na verdade, tal indiferença seria exatamente tão antinatural quanto a difusão de uma sugestão mútua indiscriminada seria insuportável. A antipatia nos protege ambos esses perigos típicos da metrópole, a indiferença e a sugestibilidade indiscriminada. Uma antipatia latente e o estágio preparatório do

antagonismo prático efetuam as distancias e as aversões sem as quais esse modo de vida não poderia absolutamente ser mantido. A extensão e composição desse estilo de vida, o ritmo de sua aparição e desaparecimento, as formas em que é satisfeito tudo isso, com os motivos unificadores no sentido mais estreito, formam o todo inseparável do estilo metropolitano de vida. O que aparece no estilo metropolitano de vida diretamente como dissociação da realidade é apenas umas de suas formas elementares de socialização” (p.20)

As diferentes percepções da vida da cultura do indígena da aldeia para o espaço urbano mistura muitos elementos referentes a vida do cotidiano, modos de interação, comunicação e ele se depara com outras situações pondo as sugestões, opções, outros caminhos abertos além da finalidade da formação social a relação social com os indígenas e os não indígenas provenientes de outros contextos socioculturais. A presença e permanência indígena na cidade não é conflituosa, conforme já foi dito antes, as ações mais corriqueiras de retirar e utilizar os proventos obtidos da aposentadoria, recebimento dos benefícios dos programas sociais do governo federal, como a bolsa família, auxílio emergencial e outros.

A dinâmica da chegada a cidades e seus movimentos são ações econômicos, sociais, culturais e políticos com dimensões variadas. O valor obtido dos benefícios dos projetos, investem no sustento e consumo das coisas materiais necessárias e úteis, a alimentação para cada família e, estes aspectos citados evidenciam a forma da inserção no modo cultural urbano com os objetivos dos programas, vivenciam uma experiência que ultrapassa o valor material.

Os indígenas das aldeias e comunidades na cidade experimentam a vida urbana com a corrida de muitas ações ao mesmo tempo vivenciam a velocidade do funcionamento de uma estrutura social não mais natural, porém, construída, fechada como propriedade, vias projetadas, prédios, instituições, lugares determinados que exigem habilidade e outros conhecimentos na socialização.

As formas e modos de vida na cidade imbricadas com a vida da aldeia numa estrutura da nova paisagem com seus sinais indígenas marcantes transformados que se inserem na cidade com específicas relações que ocupam o lugar.

“Cada atravessar de rua, com o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade faz um contraste profundo com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, numa quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. Nesta, o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente de modo mais habitual e uniforme. É precisamente nesta conexão que o caráter sofisticado da vida psíquica metropolitana se torna compreensível – enquanto a posição de pequena cidade, que

descansa mais sobre relacionamentos profundamente sentidos e emocionais” (SIMMEL, 1976, p.14)

A mudança do pensar e comportar da aldeia toca o sentimento, o psicológico a parte interior do indígna com maior intensidade caminho percorrido da ida e vinda entre a cidade e aldeia, a sua ação se modifica do vir remando, a utilização do motor rabeta¹⁶⁶, de custo baixo, porém, lento na locomoção; outros ainda os barcos comunitários e uma pequena minoria conseguem uma carona no avião dos militares para chegar a cidade. A volta da cidade para aldeia significa levar os elementos culturais diferentes com a idéia configurada com outros significados, de sinais, cores, objetos, pessoas de cor branca entre outras influências especialmente na linguagem.

A vida urbana configura as formas e modos ajustadas a sociedade dentro do sistema de domínio do intelecto, aparecem os estigmas do bem ou do mal, as propagandas e mídias que divulgam o belo atrativo do mundo modernizado, a superioridade cultural, o uso sistemático monetário, cálculos, consumismo desenfreado, um lugar social muito mais complexo que simultaneamente acolhe todos os grupos sociais, parece um lugar livre e ao mesmo tempo fechado devido às normas e regras, além da diversidade das origens. Sobre a intelectualidade presente na grande metrópole.

A vida metropolitana, assim, implica uma consciência elevada e uma predominância da inteligência do homem metropolitano. A reação aos fenômenos metropolitanos é transferida àquele órgão que é menos sensível e bastante afastado da zona mais profunda da personalidade. A intelectualidade, assim, se destina a preservar a vida subjetiva contra o poder avassalador da vida metropolitana. A intelectualidade se ramifica em muitas direções e se integra com numerosos fenômenos discretos. (SIMMEL, 1976, p.15)

O modo de vida metropolitana segundo o teórico implica na intelectualidade, conceituada em diversos aspectos como possibilidade de progresso de formação intelectual sem a comparação da vida na aldeia, do nível de conhecimento local cosmológico. Ergue uma reflexão ampla sobre como o pensamento se distinguem na mistura do viver e estar no contexto urbano.

A vida cultural social na cidade desenvolve a convivência do indígena com os não indígenas, uma estrutura que combate a estratificação, a divisão, mas divulgada como uma unidade nas ações de cunho educativo, religioso, político para atender a sociedade local. O contexto urbano aparentemente subdividido de muitos territórios demarcados;

¹⁶⁶ Motor que possui um longo sustento da hélice, usado costumeiramente nas viagens pelos indígenas.

interiormente são adversidades e a interação cultural unívoca com diversos olhares dos indígenas com o não indígena.

A aldeia e a vida urbana com suas características e simbolismos particulares, formas e modos de vida a complexa vida social urbana inclusiva, mas devido à força do capitalismo o ser indígena fica a margem no modo de viver cultural urbano. O fator econômico afeta o desenvolvimento intelectual, dificulta o avanço dos aspectos nos conhecimentos da ciência e desfavorece o exercício das atividades, as vivências equivalentes ao respeito e a dignidade de todos. De acordo com Wirth (1967):

“A influência que a cidade exerce na vida social, do homem é superior ao que a parcela urbana da população faria julgar, pois a cidade não é apenas, cada vez mais o lugar de habitação e de trabalho do homem moderno, mas também o centro que põe em marcha e controla a vida econômica, política e cultural, que atraiu à sua órbita as mais remotas regiões do globo, configurando um universo articulado de uma enorme variedade de áreas, povos e atividades” (p.45)

A experiência da vivência no contexto urbano é conflituosa. É conflituoso para o espírito cultural indígena a existência das outras forças culturais e ações com significados próprios não indígenas totalmente restritivas no funcionamento como o trabalho profissional, cargos, salários, o uso da linguagem técnica. As diferentes relações sociais, fomentam adentrar no mundo industrializado e moderno para o consumo dos produtos e suprir as necessidades básicas e como ocupação esporádica de tempo de estada para visitar algum ente familiar ou para o estudo, tratamento de saúde e outras razões objetivadas.

A realidade urbana complexa abre-se num importante diálogo com a experiência da pesquisa de campo feita por Evans-Pritchard (2005), na África, entre as tribos Nuer. A partir do teórico citado equivale conhecer e discutir como a presença étnica Tukano e o clã Turoparã, provoca outra relação social transformadora do panorama cultural, da vida social, política e econômica. Cada família ou clã que vive num território determinado exerce uma relação social própria, interage numa realidade social ampla e adversa.

A aldeia em relação à cidade se aproximou mutuamente, os indígenas eram aldeados e muitas famílias étnicas que migram para a cidade se tornam residentes no espaço de indígenas urbanos ou urbanização étnica, mudam a vida cultural étnica nos aspectos vivenciais, que compõem a cronologia e processos históricos. No aspecto social e da ciência ocorreu o avanço do estudo, ocupação do trabalho para a melhoria de vida, casamento, função política, motivos que fazem os indígenas mudarem individualmente

ou junto com as famílias do clã para organizar, resistir e lutar no movimento permanente na vida digna do centro urbano.

2.5. A mobilidade da etnia urbana

A mobilização direta das etnias como processo dinâmico no urbano desenvolveu intenso fenômeno da ida para a cidade inicialmente com a finalidade mais contundente de participar da implantação dos movimentos de exercício da cidadania na política pública da educação, a saúde, o meio ambiente, a terra, a riqueza e muitas famílias se tornaram residentes no sentido de permanecer na cidade. O movimento é a junção étnica e dos clãs diversificados, articulado na arte e o saber como a manifestação cultural étnica caracterizando no espaço além da organização, discussão da participação coletiva tomadas das decisões atendendo diversos tipos de projetos culturais sociais.

A mobilização de cunho político e coletivo está relacionado com a forma de vida na cidade, as etnias e clãs oriundos de diversas aldeias se estabelecem na área territorial urbana, para participar do ciclo de evento no campo da educação, para os cursos de indígenas professores de aperfeiçoamento pedagógico intercultural no mundo não indígena; aperfeiçoamento intelectual no estudo na graduação, no interesse de tratamento de saúde, o recebimento dos benefícios que já foi citado como da bolsa família, encontro juvenis na ordem dos grêmios, esporte, festibal como evento de todas as etnias, recebimento do provento da aposentadoria e a busca de diálogo com representantes de instituições e de associações indígenas para obter benefício comunitário do espaço urbano em formação. Como bem assinala De Oliveira (1995):

A partir da implantação do Projeto Calha Norte, São Gabriel tornou-se polo regional de desenvolvimento. Outro centro urbano local, com características semelhantes como de Cucuí, é subordinado a São Gabriel da Cachoeira, em termos da constituição de um mercado local e da representação política (sua representação política na Câmara dos Vereadores está restrita a um vereador), e reproduz, em escala reduzida, as condições transformadoras verificadas em São Gabriel da Cachoeira (p.18)

A ida indígena para a cidade polo por causa da dependência política e administrativa supera o aspecto geográfico composto de característica equidistante de matas, rios, cachoeiras, trilhas que desafia qualquer deslocamento nas viagens da aldeia para a cidade, os migrantes viajam passando por um grandioso distanciamento regional, custo e tempo submetem-se ao esforço para cumprirem a viagem com a duração de dias

e semanas até chegar ao centro urbano, até o destino se alimentam de farinha, frutas, peixe e carne moqueada¹⁶⁷ e outros mantimentos.

A dinâmica social interétnica processa algumas particularidades na relação social intercultural, com destaque para a presença marcante da etnia Húpd`a.¹⁶⁸ Considerada por outras etnias como a última na hierarquia de todos os clãs, porém, a etnia Húpd`a também internamente possui a sua formação de uma estrutura social, os seus conhecimentos culturais, a organização política, mantem relações interétnicas e realizam o processo de ida e vinda para o centro urbano, da mesma forma como estruturam outras etnias.

As etnias e os clãs organizados pelas políticas públicas instituídas e os movimentos sociais indígenas, convivem coletivamente em suas relações interétnicas da mesma forma os Húpd`as¹⁶⁹ se inserem na convivência com os outros indígenas. Antes eles dificilmente vinham para o contexto urbano. De fato, são seres humanos, indígenas, iguais tanto quanto os demais, convivem como outro diferente, realizam as trocas de produtos, fazem as compras, se comunicam com outra linguagem e interpretação, falam o seu idioma, conversam em língua portuguesa, ficam nas ruas em grupos e consomem bastante a bebida alcoólica. A hospedagem dos Húpd`as é feita por barracas de lonas entre as pedras no meio das pequenas ilhas localizadas do rio Negro, em frente a cidade e na margem direita e, acima da cidade ainda no perímetro urbano entre as cachoeiras.

A relação intercultural ocorre entre as etnias e os clãs numa dinâmica da manifestação festiva, dialógica, coletiva do ponto de vista político, este processo expressa que a relação decorre como uma atitude de conhecedor cultural, enquanto o não conhecimento da hierarquia comete erro e entra em conflito quanto ao valor da fala, a manifestação cultural do rito e da cerimônia, no uso dos idiomas próprios que conduz ao respeito e sabedoria. Na relação em meio as diversas mudanças e transformações de proximidade entre os indígenas e os não indígenas exige nova atitude de conhecer a si mesmo e aos outros, autovalorizar e dialogar como elemento cultural de outra etnia.

No processo intercultural ocorre a situação que alguém da etnia pode ignorar e excluir pela razão do não reconhecimento e a incapacidade da convivência na presença da cultura alheia, na relação com o não indígena no desconhecimento da cultura alheia

¹⁶⁷ Defumação da carne de caça e peixe para levar em conservação como alimento da família e nas longas viagens.

¹⁶⁹ Última das etnias

impera o racismo, preconceito e fobias na tentativa da superioridade do conhecimento, da língua, a cor da pele, o orgulho.

O Turoporã e outras etnias se misturam porque reconhecem a sua linhagem, a etnia e o clã a que pertencem e afirmam a sua identidade de acordo com o segmento étnico, assim, reconhecem o valor dos outros semelhantes. O não reconhecimento pode causar conflito, preconceito, discriminação na relação entre os indígenas, a tentativa de ter a superioridade hierárquica na formação dos clãs. Portanto, somente reconhecendo o clã é que se pode reconhecer a linhagem, o clã e a etnia de outros indígenas. Cada clã indígena possui o próprio reconhecimento da linhagem e a estrutura étnica, é necessário saber a composição diferenciada do clã para não cometer erro na convivência com os indígenas de outras etnias e com os não indígenas.

Os Tukano reconhecem e se dividem em diversos clãs e em cada grupo étnico com a base nesta formação, é possível comparar com o modelo de organização social do sistema cultural e político dos Nuer, tal como apresenta Evans-Pritchard (1978). Antes da definição deste autor, apresento didaticamente a divisão hierárquica do grupo linguístico, cultural e político Yepa-Mahsã¹⁷⁰, que, de forma hierárquica contempla a formação do clã explicado no quadro que evidencia a arte da divisão e a metodologia para conhecer o clã da etnia Tukano. Esta verdade é recitada, dançada, cantada, gesticulada harmoniosamente pelos sábios. Para Evans-Pritchard (2005),

“Os Nuer que chamam a si mesmos de Nath (singular, ran, são aproximadamente duzentas mil almas e vivem nos pântanos e savanas planas que se estendem em ambos os lados do Nilo, ao sul de sua junção com o Sobat e o BharelGazhal, e em ambas as margens desses dois tributários. São altos de membros longos e cabeças estreitas, como se pode ver nas ilustrações. Culturalmente, assemelhando-se aos Dinka, e os dois povos formam uma subdivisão dos grupos nilota, que ocupa parte de uma área de cultura da África Oriental, cujas características e extensão encontra-se até o momento mal definidas. Uma segunda divisão nilota compreende os shilluk (luo, Anuak, Lango et.). É provável que estes povos que falam shilluk sejam mais semelhantes entre si do que qualquer um deles em relação aos shilluk, embora pouco se saiba ainda sobre a maioria deles” (p.7)

O antropólogo Evans-Pritchard (2005) descreve sobre as diversas etnias Nuer, e os grupos sociais as territorialidades, as relações sociais que organizam, mudam e reconstroem a convivência política, cultural e social. Da mesma forma os clãs e os grupos étnicos Tukano reconhecem cada formação social originária para conviverem no sistema

¹⁷⁰ Etnia Tukano

de parentesco e dialógico entre si. Os sábios Turoporã neste momento de mudança reatualizam a orientação da abrangência da organização dos clãs, em cada classe e secções de acordo com a linhagem do parentesco ágnato¹⁷¹ na estrutura étnica do Tukano na formação dos clãs.

A organização da etnia e do clã é característica cultural, é o núcleo da afirmação da identidade do Turoporã, destacamos o valor da moralidade e o espírito mais profundo do ser étnico e, assim sendo para explicar a magnitude da cultura original do clã Turoporã. A organização do clã é descrita pela hierarquia vista na apresentação do quadro abaixo, as nomenclaturas são as expressões próprias em língua Tukano adotados desde o momento da evolução da espécie humana.

Oseias Marinho elaborou o quadro explicativo para a compreensão da hierarquia dos clãs desde o momento do pam̃ri mãhsã, os nomes são próprios da fala específica em Tukano, cujos significados pertencem a origem com seus significados e com uma regra básica não podendo ser traduzidos para o idioma por exemplo, para a língua portuguesa.

Quadro 3. Os clãs Yepa-mahsã

Sessão primária	Dahsea Dìhpokarikahrã
	Doetihro X Yepario
Seção secundária	Dahseamahsãma'misimiãkurare
	YepaSuriã X Yupahkó YepayupuriWauró YepaÔakahpea YeparãOyé YupuriMímiSiípe YupuriPamô
Sessão Terciária	Ñirãpeporã IremirĩSararo IremirĩSa'kuroa IremirĩBubera YupuriDiípe Turoporã Ñahoriporã Kimarõporã Kohãpá Bohsókahperiaporã

¹⁷¹Indivíduo que é parente por agnação, isto é, consaguinidade pela linha masculina.

	<p>Ahpikeriporã Bohsoá Baaporã</p>
--	--

Fonte: Marinho: (2012, p.45)

Permanece a estrutura clânica, formação social, política, cultural do Turoparã. É específica com singularidade e no sentido original do clã, nesta composição hierárquica podemos fundamentar o parentesco, na sequência correspondente ao pai, irmãos e primos que vigora até o presente. O nome e o sentido das expressões são baseados na mitologia, esses nomes são descritos da mesma forma que se pronuncia, no quadro acima, cada nome está registrado no lado direito de cada sessão, esta amostra auxilia para este estudo etnográfico sobre a compreensão da hierarquia na formação dos grupos e a sequência dos clãs da etnia Tukano.

O nome clânico que perpassa na posteridade compreende a estrutura política conjuntural do grupo Tukano coletivamente chamado de Yepá-mahsã¹⁷², a etnia Tukano, os Dahséa¹⁷³. Esta estrutura hierárquica é a formação de base da sociedade étnica, contida desde o início da evolução da espécie e vivenciada até o momento do tempo presente no espaço geográfico da região.

O tempo não muda a formação da estrutura social, cultural, econômica da etnia Tukano e do clã Turoparã, o advento das influências é que mudam a concepção, comportamentos e pensamento no texto ocupado em cada circunstância temporal. No presente a dinâmica muda para a proximidade das diversas etnias e culturas, provoca fricção interétnica, cresce a convivência intercultural, no espaço da realidade cultural e social uma nova visão formada no território que antes era pensado disperso pelo fato de haver distancias geográficas na localização dos grupos étnicos.

Para Evans-Pritchard (2005),

“Descrevemos, em primeiro lugar, o inter-relacionamento de segmentos territoriais dentro de um território, os sistemas políticos, e, depois o sistema de outros relacionamentos sociais para aquele sistema. O que entendemos por estrutura política tornar-se-á evidente à medida que avançamos, mas podemos afirmar, como uma definição inicial, que nos referimos aos relacionamentos, dentro do sistema territorial, entre grupos de pessoas que vivem em áreas bem definidas especialmente e que estão conscientes de sua identidade e exclusividade. Somente nas menores dentre tais comunidades é que seus membros estão em contato constante uns com os outros” (pp 09-10)

¹⁷² Originários

¹⁷³ Traduzindo em português: os tukanos

A interação étnica entre grupos distintos, na fricção decorrente do encontro com diversas culturas gerou mudanças no território originário fazendo crescer no decorrer do tempo e no processo atual, questões como no modo de diálogo, a forma tratamento do parentesco vivenciado no espaço urbano, as formas e modo de vida política, culturais e sociais.

2.6 Cidade é “civilização”?

O parecer da cidade é a melhoria de vida, a superioridade cultural, classe não existencial do indígena, desenvolvimento social e material, e por outro lado se analisa a realidade desafiadora da dificuldade do indígena ascender alguma ocupação e função social. Surge um questionamento feito pelos mesmos indígenas que descem para o centro, eles experimentam a interação com a cultura e vida na sociedade urbana com suas raízes e assumem nova dimensão da transformação cultural. Constroem uma vivência possibilitada no encontro das novas perspectivas e alcance para dignificar a sua vida.

Porém, para inserir-se na mistura dos comportamentos distintos, todos mobilizam-se no mesmo espaço físico e se relacionam com outras formas com os tipos, de acordo com a luta em conjunto com as outras etnias e os não indígenas.

A cidade de São Gabriel da Cachoeira constitui uma realidade da maior presença étnica onde a interação na convivência, fricção de grupos sociais manifestam o diálogo, fazem acordos, abordagem dos aspectos interculturais moldando os valores da importância no contexto urbano em construção, que segundo Agier (2011), pensar a cidade numa perspectiva antropológica é ir além das barreiras disciplinares, com novos modos de ler realidades complexas.

O contexto indígena é amplo a reconceituação e repensar desta realidade; consiste no aspecto intercultural, compreender a fricção e interação sobre a dinâmica dos diversos grupos étnicos sociais que interagem, organizam e projetam a história, geram uma visão antropológica e cultural com paisagem naturalmente diversificada. A diversificação e mistura ocorre na comunicação com a língua própria, nas vestimentas, nos adornos, nas aparências físicas, nas estaturas, na cor da pele, e nos modos de comportamento. Uma cultura seja étnica e não indígena são diferentes, não são maiores ou menores, melhores ou piores, se percebe quem é o ser indígena, reconhece a sua origem, em que território ele vive, qual é o seu clã na hierarquia étnica em que pertence.

A questão por resolver (através das abordagens “regionais”, “situacionais”. “reticular”) é a que aparece desde os primeiros trabalhos de Chicago e até hoje presente na pesquisa de campo, sobre a capacidade de a antropologia construir uma reflexão e uma metodologia centrada no indivíduo inserido em espaço social e culturalmente heterogêneos, sem abandonar suas questões fundamentais relativas à organização social ou à unidade cultural dos povos (AGIER, 2011, p.61)

A inter-relação étnica e a não indígena gera outras características compreendidas na dimensão intercultural, modificam a dimensão sociocultural particular, o vínculo do contexto da aldeia permanece e se misturam na cultura urbana que transforma as práticas no campo econômico, o uso do sistema monetário, o sistema da compra e venda de objetos e produtos de consumo. A vida cultural étnica da aldeia passa pela experiência da saída dos indígenas para viverem no meio urbano diversificado, múltiplo na conexão das duas realidades sociais.

Kupper (2008) citando Darwin busca elucidar a relação entre corpo e mente: “propiciou uma explicação biológica para o progresso gradual da racionalidade, na medida em que os seres humanos desenvolviam o cérebro e se tornavam maiores”. Ele explica que o corpo por uma razão crescente e ampla, o ser humano cresce de acordo com o cérebro através do conhecimento, da moral e da religião que moldavam a sua formação intelectual. A vida “natural” para o indígena predomina na proximidade da natureza fonte da convivência e construção do espaço e, esta perspectiva muda no ambiente da cidade que constitui um turbilhão de construções fincadas no lugar da natureza.

A realidade de vida étnica quando desconhecida será estereotipada com erros de pensamento como lugar precário, menos importante devido as conotações negativas. Os não indígenas pensam a cidade que alguém construiu e a realidade natural de difícil sobrevivência, além de outras imagens erradas sobre os indígenas chamados de selvagens, nus, preguiçosos e outros adjetivos não necessários, enquanto o indígena é um ser humano conhecedor, sábio, vive no seu território. O pensamento não condizente ao originário representa a visão contraditória dos que vivem a vida urbana, onde vigora a ideia de que a cidade seja pensada como um contexto cheio de maravilhas.

A vida urbana é habitada pelos originários diferente do pensamento de consumo dos produtos industrializados, vestimentas de roupas de qualidade, comunicação em outros idiomas, consumo de comidas e bebidas, ter acesso e uso de aparelhos eletrodomésticos, andar nos comércios, conhecer os bancos, ouvir músicas nas festas, conhecer os brancos com aparências físicas agradáveis. Sobre as noções de lugares e de

espaços na relação social. Augê (2003) afirma, que a vida urbana pode ser produtora de “não lugares”, sem referência histórica, não relacionais e identitários:

“Vê-se bem que por “não lugar designamos duas realidades complementares, porém, distintas: espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços. Se as duas relações se correspondem de maneira bastante ampla e, em todo caso, oficialmente (os indivíduos viajam, compram, repousam), não se confundem, no entanto, pois os não- lugares medeiam todo um conjunto de relações consigo e com os outros que só dizem respeito indiretamente a seus fins: assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não-lugares criam tensão solitária” (p.87)

O olhar de Augê (2003) do mundo urbano mesclado constitui a grande complexidade social, é o lugar de todos ou não é o lugar para todos, na cidade existem grupos sociais, divisão e organização de setores em funcionamento, zonas e territórios com suas finalidades, crenças e religiosidades e tudo acarreta custo, consumo e seus valores, o caminho de acesso a esse mundo para o indígena é a grande novidade. A novidade é cheia dos diferentes olhares e pensamentos com alto consumo, muito diferente do mundo da vida na aldeia vivida com liberdade do conhecimento cosmológico em contato com a natureza e o canto dos pássaros, iluminado no pensamento imaginário mítico que mesmo dentro se parece distante e, se põe na conexão destas duas realidades, que se unem num contexto social, mesmo sendo internamente opostas, mas na verdade são as diferenças culturais que se mesclam e se movimentam.

O contexto social urbano interétnico é o espaço amontoado de olhares, sonhos, perspectivas, pensamentos cosmológicos, encontro de personalidade, delineamento de projetos sociais com a profundidade do conhecimento, valores culturais, a formação da estrutura social com uma população em conexão buscando se enquadrar em cada estrutura urbana institucional.

O espaço urbano idealizado contrapõe com a violência, crimes, roubos que não são atos dos originários e, se questiona, quem são os bárbaros e selvagens, de onde aparecem esses grupos sociais com idéias não necessárias na sociedade em relação ao oposto, o diferente para ser definido, segundo o filósofo Aristóteles “os antigos costumes são excessivamente simples e bárbaros” (KUPER, 2008).

Para entendermos a verdade da razão do costume, o comportamento étnico e cultural em meio urbano.

Qualquer tentativa de subverter esta oposição implicava que a sociedade contemporânea, não era, afinal, tão diferente das dos bárbaros. Em seu ensaio “Dos Canibais”, escrito em 1578, Michel de Montaigne, refletiu a respeito do que ele havia ouvido sobre os povos

do Brasil, e afirmou que não há nada de bárbaro e selvagem naquela nação, pelo que me disseram, exceto que cada homem chama de bárbaro tudo o que não é sua própria prática; porque de fato, parece que nós não temos outra tese de verdade e razão do que o exemplo e os padrões de opinião e costumes do país em que vivemos. (KUPER, 2008, p.45)

Ações bárbaras e primitivismo existem na sociedade urbana parte que afeta na vivência interétnica, dentro do espaço social em que a maioria da população são indígenas, que não projetam na luta contra a vida alheia a violência física e diverso do tipo de ação hegemônica e monopolizadora do poder sobre um ou outro, como uma luta pela divisão ou certo tipo de movimento regionalista como cita Bourdieu (2010). Não insurge confronto de grupos entre os agentes sociais, porque os elementos culturais originais vivenciados na relação interétnica não estratificam as etnias e outros grupos, por mais que Montaigne (1578) pode parecer relativista, ele não põe dúvidas nos padrões absolutos da verdade e da razão. As etnias diferentes se unem no novo espaço social formando vida social intercultural no processo da fusão com as mais diversas características étnicas do conhecimento, costumes, tradições e valores, são experimentáveis voluntário ou impulsionado pelas influências de uma ou de outra realidade social simultaneamente.

A fusão dos elementos sociais neste processo, a adaptação dentro da estrutura social, “mistura” com os elementos da vida urbana, contrastada com outros tipos de linguagem das crianças, jovens e adolescentes étnicos, habitações das famílias, as ruas, bairros, os comércios, a existência das instituições públicas e outros departamentos como o religioso e educativo. O lugar é visível, atuado pela interação de atores construindo uma sociedade intercultural, pois “o mundo social é também representação e vontade, e existir socialmente é também ser percebido como distinto” (BOURDIEU, 2010, p. 118)

A mistura das etnias cria a resistência nos atos simbólicos com os agentes que dispersam ou se organizam com outras estruturas de transformação do contexto social, porque, o que está em jogo é a identidade cultural e social do agente da transformação na sociedade étnica que desenvolve no momento da saída da aldeia e entrada na cidade com o pensamento ultrapassado de tornar-se “civilizado”, pela influência inevitável do tempo.

A ideia da civilização entra na análise para explicar a superação da imposição período negro vivido pelo indígena é existencial interativa na ação do diálogo intercultural, agora na realidade vivida na mistura dos processos culturais e sociais conectados com as forças crescentes dentro das culturas que se encontram, antes vistas e vivenciadas distantes e separadas geograficamente.

Neste contexto, a língua portuguesa revela-se nitidamente, enquanto símbolo “étnico” e social do poder colonizado e hegemônico. Há um número crescente de falantes do português, em detrimento das línguas particulares, faladas pelos povos indígenas da região. Além disso. O aprendizado português estritamente associado ao processo civilizatório imposto pelos missionários Salesianos, pressupõe a “libertação” dos povos indígenas de suas condições “primitivas”, transformando-os consequentemente em seres “civilizados” e ou “modernos” (De Oliveira, 1995, p.20)

A realidade intercultural em transformação para a idéia de “civilização” antes dita como a inversão do estado de ser indígena, processa na posição da comunicação em outra língua na forma da aprendizagem na conexão diversificada de experiência de vida nos espaços da sociedade urbana atuando como agente e autor da urbanização. Os grupos sociais étnicos são agentes que continuam afirmando a sua identidade vivendo em regiões e espaços distintos com a inclusão dos aspectos da civilização própria ultrapassando a condição impostas na ideia do passado isolado de primitivismo.

A realidade interétnica aglomerada de diferentes etnias agrega outros elementos culturais do centro urbano, é um espaço e lugar social representado por vários agentes que se movimentam, atores, gestores e os representantes das instituições que preservam o conservadorismo no modo de pensar, viver. Os serviços públicos hegemônicos conduzidos segundo as normas e as leis antes imperaram sem modificar o acesso indígena nas funções o que no presente se transformou comum a todos, com a atuação do agente indígena vindo da aldeia mesclado no urbano como indígena cidadão diferente do conceito de cidadão não indígena, convive e negocia com outros elementos da minoria não indígena neste ambiente transformada como a luta para ser reconhecido no mundo político e cultural sem ser negado da liberdade e respeito.

Para o agente indígena cidadão residente no centro urbano busca e constrói, os mais jovens, no espaço com acesso a modernidade, as questões burocráticas, uso das tecnologias de informação¹⁷⁴ usadas na escola diferenciada e outros acessos massificados no seu cotidiano na estrutura social determinada pela informatização da modernidade. Para o agente social em trânsito que vem de uma realidade muito distante e diferente, é difícil integrar-se a modalidade de vida porque envolve fatores emocionais, espirituais e a tradição. Wirth (1967) considera que a cidade concentra as inovações tecnológicas fator que diferencia a vida na aldeia.

“A evolução tecnológica verificada nos domínios dos transportes e das telecomunicações, que virtualmente marca uma nova época da história,

¹⁷⁴ Uso das mídias

acentuou o papel das cidades como elemento dominante na nossa civilização e fez expandir notavelmente o modo de vida urbano para além dos limites físicos da própria cidade. A preponderância da cidade, especialmente da grande metrópole, pode considerar-se resultante de sua elevada concentração em instalações e atividades industriais, comerciais, financeiras e administrativas, vias de transportes e linhas de comunicação, equipamento cultural e recreativo, como imprensa, estações da rádio, teatros, bibliotecas, museus, salas de espetáculos, operas, hospitais, instituições de ensino superior, centros de investigações, editoras, organizações profissionais, instituições religiosas e assistência social” (WIRTH, 1967, p.47)

A tradição cultural indígena da aldeia se diversifica com fatores físicos, psíquicos, corporais, espirituais e no encontro com as outras dimensões humanas que habitam no centro urbano, se misturam na forma de vida, a comunicação. A diferenciação no comportamento, a lógica e o raciocínio originário complementam na estrutura social do urbano devido o conhecimento local, se distingue a cosmologia interpretada, escrita e argumentada com a fala e conhecimento da língua portuguesa, antes analisada como imposta, com a aprendizagem viabilizam a comunicação com os habitantes urbanos, para participar das discussões e decisões coletivas. Os fatores mais fortes que modificam a cultura originariam, a estrutura social cultural indígena é citada pelo pensador Louis Wirth (1967) que afirma:

“(...) o centro da cidade regista geralmente uma baixa densidade populacional, enquanto as áreas industriais e comerciais da cidade, onde se estabelecem as atividades econômicas mais características da sociedade urbana, dificilmente seriam consideradas verdadeiras zonas urbanas, aonde quer que fosse, se a densidade fosse literalmente, se a densidade fosse interpretado como critério de urbanismo. Contudo, o fato de a comunidade urbana se distinguir por um extenso agregado de população com uma concentração relativamente densa dificilmente poderá deixar de ser considerado na definição de cidade. Mas estes critérios devem ser relativizados face ao contexto cultural geral em que as cidades surgem e existem, pelo que a sua relevância sociológica reside apenas na interferência que têm sobre a vida social” (Wirth, 1967, p.48)

A população misturada com diversas mudanças marcada inicialmente pela insegurança, posicionando na união, situações reais de preocupação antropológica, os hábitos, a riqueza imaterial permanecem como práticas do indígena que vive no contexto urbano, o não indígena pode não entender ou ignorar esta realidade ele é habituado nas estruturas funcionais como as ações relacionadas ao tipo de atendimento bancário, ter em mão a documentação pessoal, o dinheiro, andar na via pública como trânsito de automóveis e pedestres, na busca de atendimento de saúde, no comércio e tantos outros serviços que são novidades. Para o indígena os hábitos e costumes tem as particularidades,

assim aparecem novos significados, a mistura da população que circula no contato interpessoal legitimando ou suprimindo novos valores culturais e sociais.

Evans-Pritchard (2005) afirma que a estrutura social é definida e faz funcionar as atividades sociais dentro da organização e, destes sistemas ou estruturas estão organizadas à volta de instituições tais como o matrimônio, a família, o mercado, a liderança, e assim por diante cada uma com suas funções específicas.

Uma estrutura social total, isto é, a estrutura completa de uma sociedade determinada, compõe-se de um certo número de estruturas ou sistemas subsidiários, e é por isso que podemos falar de sistemas de parentesco, sistemas econômicos, religiosos ou políticos. As atividades sociais dentro destes sistemas ou estruturas estão organizadas à volta de instituições tais como o matrimônio, a família, o mercado, a liderança, e assim por diante. Assim, quando falamos das funções das instituições, estamos a referir-nos à parte que lhes corresponde na manutenção da estrutura social. (PRITCHARD, 2005, p.27)

No processo da fusão das realidades sociais e culturais a dinâmica de cada estrutura social tende a continuar ou perder a sua função com a caracterização do espaço social que se torna heterogêneo, com a mistura de outros elementos que não consistiam ainda no seu interior da sociedade em formação.

A mudança cultural e social se mistura com a presença dos elementos urbanos. A diversidade interfere na cultura étnica antes isolada e, passa admitir prática das ações culturais com outros elementos, forma de vida e de organização política podendo vir-a-ser como aproximação ou distanciamento social ao próprio indígena. A adesão ou isolamento é uma questão cultural que revela uma perspectiva diferente, compete a reflexão do conhecimento antropológico nas reações individuais ou coletivas de resistência ou passividade no avanço dos elementos diferentes dentro da cultura que se conectam os meios, modos e pensamentos não indígenas, sendo assim, o processo abre o espaço para a análise dialogando com os teóricos que dão o suporte na compreensão imprescindível da realidade étnica em transformação.

Sobre o processo de urbanização, Fortuna (2002),

“A urbanização já não significa apenas o processo pelo qual as pessoas são atraídas a um lugar chamado cidade e incorporado no seu sistema de vida. Refere-se também à acentuação cumulativa das características distintivas do modo de vida associado ao crescimento das cidades e diz respeito, por último, às alterações dos modos de vida tidos como urbanos, reconhecidas por aqueles que, onde quer que seja, sucumbiram perante as influências da cidade, graças ao poder que as suas instituições e personalidades exercem através dos meios de comunicação e transporte” (p.48)

O crescimento da cidade, a migração indígena e dos não indígenas condicionam a direção da mudança, visto em vários ângulos, desde o sentido originário da realidade inicial, focalizando o contexto do sujeito étnico, comunitário, à coletividade e a participação direta na sociedade urbana, junção com o não indígena dentro do espaço urbano dinâmico na convivência com o diferente. A mistura cultural na ideia da interculturalidade abrange diversas etnias que ocupam o território urbano, guardam a característica, convivem no encontro com o diferente, organizam-se politicamente no processo histórico de mudanças e, nos permite a compreensão do mundo indígena que se constrói na cidade diferenciada e significativa.

2.7 Cultura, a família, crianças, adolescentes e jovens Tukano Turoporã e outras novas vozes ressoam na vivência da aldeia e na passagem para a cidade.

A metodologia da interlocução aplicado no processo da vivência em dois mundos interligados possibilitou o acesso ao pensamento das crianças, dos adolescentes e jovens para o diálogo nesta parte do trabalho por razão de pertencerem e vivenciarem a mesma origem dos Tukano Turoporã. A interação e explanação de suas experiências, a comparação de ideias e vivências em diferentes tempos e épocas. As transformações da cultura dos indígenas em diferentes espaços territoriais, indicam os fatos, que caracterizam o processo das mudanças e formas de ser, pensar e viver como indígena no tempo atual na complexa sociedade urbana.

Os interlocutores deste item vivem atualmente no mesmo território que o Ahkutó¹⁷⁵ mencionou no item anterior, experimentaram diversos processos de mudanças como a saída da maloca e a ida para o internato missionário em Pari Cachoeira, para estudo na escola não indígena. E no final, como término do sistema de internato, o que resultou foi a aglomeração de famílias, habitando próximo a escola pela busca de acesso e o acompanhamento do estudo dos filhos e motivos de trabalho profissional em educação e outras áreas de serviço profissional. Lasmar (2005) destaca no processo da influência externa do contato cultural dos povos indígenas da região do Alto Rio Negro com a sociedade envolvente, o que segue:

A chegada da ordem Carmelita no final do século XVII, as epidemias que assolaram a região, os “descimentos”, o sistema de aviação e o consequente endividamento dos povos indígenas ribeirinhos, o boom da borracha, os movimentos messiânicos da segunda metade do século XIX, as práticas civilizatórias, adotadas pelos missionários salesianos que chegaram a região em 1914, o início da construção da BR-307 pelo

¹⁷⁵ Nome de basessé do pesquisador

Batalhão de Engenharia e Construção (1ª do 1º BEC), a invasão garimpeira e a implantação do projeto calha Norte em meados dos anos 1980 e a criação da Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro (FOIRN), que congrega as associações de vários povos dessa região. (pp. 39-42)

Os Turopará e outros do território vivenciam o processo de mudança cultural sem perder as suas raízes, a sustentam pela base do conhecimento da evolução em espécie de seres humanos, a clareza do conhecimento que pertence ao eu individual interno do clã e agrega para a coletividade na relação com o mundo externo. O originário possui uma formação e se preparou em sua estrutura cultural, psicológica, espiritual, estruturada na política do clã, a importância da narração de diversas cerimônias e ritos para interagir no processo da vida urbana cheia das forças influenciadoras do mundo envolvente.

A nova geração continua recebendo a orientação dos sábios e os pais do ensinamento da oralidade, os ritos da iniciação e outras cerimônias que identificam a origem e, na atualidade em transformação isto se torna desafiador para as novas gerações para seguirem para outros rumos de suas vidas. O ensinamento e doutrinação são diferentes daquela dos sábios, esta situação causa a intenção de permanecer na aldeia, para a posteridade é a orientação étnica ou se isola culturalmente sem saber de sua origem vivendo no centro urbano. A aprendizagem da sabedoria originária de cada clã faz a síntese, ainda que a sua versão do saber caracteriza a sociedade a que pertence. Vê-se nitidamente como, a partir de classe e de clãs, compõem-se “pessoas humanas” e, a partir destas, como se compõem os gestos de atores num drama. Aqui todos os atores são teoricamente todos os atores livres. Mas desta vez, o drama é, mais do que estético, religioso e, ao mesmo tempo, cômico, mitológico, social e pessoal (MAUSS,218).

O pensamento anterior sobre o método que “o escutar traz a compreensão e a documentação dos dados” (Malinowski, 2018) experimentado na sua pesquisa. Esta técnica da escuta com atenção e cuidado do valor dos conteúdos colhidos da informação reatualiza assumindo importância dos dados significativos escritos como afirmações reais, a crítica na observação e análise dos dados. Nesta descrição, o pesquisador constrói uma anatomia da cultura determinada onde foi realizada a observação participante e a interlocução. A escrita informa afirmando o tipo de organização social existente no mundo indígena, o lugar territorial de origem onde ainda vivem os sujeitos observados que no processo social integram na estrutura social urbana.

A relação social urbana dispõe a verificação da conduta do sujeito. Escutaremos o relato mais antigo dos sábios desde a origem para certificar como eram e quais eram de

fato a forma de vida cultural e social do clã. Ouviremos comentários e as interpretações das práticas culturais depois da presença dos invasores de terras, comparando as opiniões dos viajantes colonizadores que citavam a visão deles sobre as etnias, agindo com violência e impondo outras vivências na estrutura cultural, na sociedade em terra indígena.

A realidade étnica é a fonte de muitas informações antropológicas, as questões culturais e conhecimentos dos originários que pelo pouco conhecimento os não indígenas expõe de forma romântica, a ultrapassada ideia especialmente dos viajantes e, para aprofundamento os teóricos deixaram a reflexão como Boas (2014) e Malinowski (2018) realizando as análises sobre os sujeitos sociais em situações de pesquisas de campo, para melhor obter informação reais sobre a pessoa originária. Teoricamente o originário pode ser considerado “selvagem”, por pertencer a um estágio antes do processo “civilizatório”. Na realidade, entretanto, ele possui identidade de pertença e afirma o reconhecimento de uma civilização milenar, com sua ciência e conhecimento próprio.

O estudo antropológico e social neste processo da verificação do estado presente da vida como sobreviverá a cultura do Turoporã e outros que afirmam a identidade étnica de ser, pensar e viver com as características próprias e se conectam com os não indígenas, porém, sustentam as raízes culturais vivenciados como os alicerces do clã na resistência na rapidez dos processos influenciadores não indígenas na organização política, no processo educativo, nos trabalhos comunitários, no atendimento de saúde, no trabalho de agricultura e produção para o sustento e a manutenção familiar. As crianças Turoporã muitos nasceram em São Gabriel da Cachoeira e escutam compreendendo o idioma Tukano, enquanto que os mais velhos comunicam sempre no idioma paterno.

A cultura vivida desde a infância considerada originária, pelo conhecimento local se processa na realidade atual com outras perspectivas da continuidade da vivência cultural impactada pela influência de novos elementos urbanos. A origem indígena não muda nos aspectos natural e mítico, transforma a realidade como vivem os Turoporã e outras etnias, neste contexto existe a continuidade da aprendizagem do conhecimento local e dos valores socioculturais no espaço urbano.

Evans-Pritchard (2005) cita no estudo de antropologia, a relevância dos dados, que explicam uma composição e funcionamento de estrutura social, obtidos no trabalho de campo e essas questões serem importantes como fonte de informações da realidade investigada:

O antropólogo social estuda diretamente os povos primitivos vivendo entre eles e durante meses ou anos, enquanto a investigação sociológica se efetua geralmente na base de documentos e especialmente estatísticas. O primeiro ocupa-se das sociedades como um todo: estuda a sua ecologia, a sua economia política, as instituições legais e políticas, a religião, a tecnologia, a organização da família e o parentesco, a ganadaria e a agricultura, a arte, etc, como partes dos sistemas sociais gerais (PRITCHARD, 2005, p. 19).

O sentido de primitivo citado por Pritchard (2005) relacionado na origem étnica no sentido antropológico, a ideia do teórico que será complementada na concepção do contexto étnico atual, comparando a realidade da origem e a atualidade das dimensões sociais, ajuda a entender a formação da estrutura do clã e do sentido da vida cultural dos primeiros indígenas do clã Tukano Turoporã e a conduta da geração contemporânea. A origem e o pertencimento ao clã ensinada na narração e na transmissão dos sábios é um raciocínio que interliga a sequência de toda a concepção do ser indígena, a valorização da tradição da paternidade vinculada na hierarquia da etnia, assim como a valorização do primeiro filho do gênero masculino.

O conhecimento cultural da origem e da hierarquia tem valor moral e ético na etnia, considera o primogênito de uma determinada etnia, o clã estabelecido pelo primeiro líder o avô, o maior, a raiz, assim observada, sempre será aceita esta posição no nível da primazia do conhecimento cosmológico e da ciência cultural étnica. Neste sentido do nome recebido no rito do nascimento e aplicado na cerimônia do benzimento para viver na etnia são atos que expressam o valor e a importância do rito explicativo do sagrado, do grau e o nível da profundidade do benzimento no rito de iniciação. Estas funções compreendem a predestinação para ser como o sábio, cientista, artista, chefe, guerreiro, administrador, que reúne toda a família em torno de si para dirigir e coordenar as ações socioculturais do clã.

Para aprofundar a discussão lemos Glukman (1987) contesta a Malinowski (2024) na teoria funcionalista, devido as constantes mudanças e transformações sociais que atingem o mundo. Os seguidores de Glukman criticam Radcliffe-Brown (1935) no sustento do funcionalismo estrutural das sociedades primitivas e reformulam as perguntas da pesquisa da escola inglesa: como as sociedades se mantem? Como as sociedades se transformam? Pela teoria criada por Glukman e seus seguidores, o processo histórico é o principal meio para compreender os fatos e acontecimentos transformadores e o conhecimento se torna prático.

O campo do conhecimento antropológico a partir do século XIX, assumiu significado profundo na produção científica, em especial a escola de Manchester, com destaque para o teórico Glukman (1987), início da pesquisa das etnias antigas na qual que fez uma análise da situação social na Zululândia, no sul da África, com influência da colonização inglesa. Neste estudo desenvolvido entre os Zulu, na década de quarenta do século passado, reflete sobre as sociedades simples e de pequena escala no processo moderno, e isto nos faz compreender a fricção interétnica, no conjunto de vários aspectos e pensamentos relacionados a realidade cultural daquele lugar.

Glukman (1987) analisou aquela realidade e fundamentou as teorias evolucionistas e difusionistas para explicar a origem da humanidade no estudo do “homem primitivo” e da “cultura primitiva”. Devido as aceleradas mudanças sociais, o teórico diz que iniciou estudo sistemático, bem como as articulações existentes entre vila, cidade e nação que conduziu as transformações da vida e da realidade cultural e social.

O processo de mudança adentrando na cultura, a sociedade do clã Turoporã, exige luta e perseverança na permanência como indígena a afirmação da identidade, a força externa se depara com o saber originaria da mitologia, que é a base do conhecimento que sustenta o espírito interno da identidade e a estrutura da sociedade originaria. Rediscute o valor da dimensão interna incutida na identidade étnica e as referências físicas e geográficas, da população, os personagens, para compreendermos melhor a importância da vivência cultural, reconhecimento dos lugares e dos não lugares, o que contribui na caracterização da luta e do pertencimento territorial no espaço físico e da estrutura social existente, como forma de resistência frente as forças das culturas diferentes.

Glukman (1987) cita a ideia do teórico Durkheim (1978) ao tratar da coerção social¹⁷⁶. Criou a ideia teórica da manutenção da ordem, isto nos faz entender que esta teoria fundamenta o pensamento que não admite a mudança e a transformação, e sustenta a teoria funcionalista fazendo com que a estrutura social, o modo de viver, a cultura da pessoa se torne dependente de alguma necessidade funcional.

O primitivo para alguns deve servir para justificar o pensamento, no sentido conservador do processo de colonização, que motiva a insistir no pensamento de que os

¹⁷⁶A coerção social de Durkheim, tem caráter impositivo, decorre de uma força externa que acomete o indivíduo, mesmo contra a sua vontade. Ela tem função de exercer limites, estruturar a vida humana e suas ações, levando-o a agir de certo modo “sob pressão”, mesmo que esse não perceba, pois certas regras já estão incutidas em seu comportamento devido a convivência comunitária que abriga uma consciência coletiva. ([Anomia Social. Coerção Social. Teoria de Emile Durkheim. Sociologia \(culturalivre.com\)](http://culturalivre.com))

indígenas ainda não atingiram o estágio ou não vivem na “civilização”. O conceito civilização no âmbito antropológico não exclui qualquer cultura seja originária ou outra na sua amplitude, o desconhecimento da cultura e da sociedade étnica erroneamente aplica o conceito de civilização cometendo a discriminação, o preconceito que não corresponde com o teor dos valores, riquezas materiais e imateriais contidas na concepção cultural e cosmológica descrito nesta pesquisa documentada.

A civilização do Turoporã existe desde o início da existência do clã, com o primeiro representante chamado de raiz ou avô do Tukano Turoporã, que se chama Uremirĩ e, para cada um dos seus filhos ele deu um nome e, estes é que formam os clãs de toda a sequência hierárquica da etnia, assim, iniciou a formação dos clãs, os filhos constituem a herança hierárquica no nível categórico estrutural, eles é que são atores reais desta história da civilização.

As pessoas dos lugares colonizados pelo agente externo são consideradas em cada situação social como “atores sociais”, ou numa expressão ainda que seja modificada como os informantes dentro de uma pesquisa de campo (diferenciação já feita por Malinowski, 1922), operacionalizando o estudo da cultura. O outro teórico que trata as pessoas do ponto de vista cultural e que ocupam diferentes lugares é Homi Bhabha (1998). Afirma que o nosso tempo coloca a questão da cultura no além, preocupa-nos na virada do século, a morte do autor ou na epifania no nascimento do novo “sujeito”. O autor segue o pensamento que a nossa existência é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, no limite do “presente”, para o qual parece não haver nome para além do atual prefixo pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo etc.

A mudança atinge o indígena, a sua estrutura sociocultural e isto verifica-se no presente. A presença de fatores que mudam a realidade cultural da organização da etnia que marca a história, expressadas nas condutas diferenciando o passado em relação a geração do presente transformada pela forte influência externa. A característica indígena ainda mantém a dada importância do filho masculino caracteriza a cultura na formação da estrutura social original e em cada etnia o gênero masculino; destina-se para permanecer no território, o lugar de origem, diferentemente cabe o olhar em relação às filhas que deverão deixar a etnia de origem no casamento com etnia diferente, processo que abre o espaço do diálogo interétnico, o pensamento étnico afirma que somente com o filho masculino e pela filiação dele é possível a existência e a continuidade do clã.

2.8. Fala em Tukano e no idioma português nas interlocuções.

As famílias originárias desceram para a cidade com outros papéis sociais assumidos com responsabilidade, as ocupações com características originárias, o masculino tem a decisão de ir para servir no exército, trabalhar, estudar, ter a vida independente e construir a sua vida, enquanto as mulheres saem da aldeia pelo casamento ou mudam junto com os pais.

Antes de dialogar sobre o indígena masculino e o feminino no processo de reconstrução devido a fortes influências, a parte do gênero feminino gera uma relação de interrelação étnica no olhar sobre a mulher possuidora de um papel importante e reserva sobre o seu lugar destacado na sociedade étnica em forma da política do casamento que ocorre entre etnias diferentes. O papel de mulher em cada etnia e clã destaca a importância e o nível relacionado a categoria hierárquica ocupada pelo seu esposo e nessa discussão o diálogo se estende na explicação do significado na cosmovisão do conhecimento Tukano Turoparã. Feliciano diz:

“Numiã entram em outro discurso e é uma parte muito importante do conhecimento específico, porque elas têm a sua importância, está sintonizada na sabedoria mítica, fazem parte da sociedade, momentos de cerimônia, ritos próprios, por isso, a mulher do líder exerce também a liderança junto com o marido, ocupa em destaque o trabalho da roça, serviço doméstico, no cuidado com os filhos. No conhecimento do mito a mulher numiãisetisê aparece com as particularidades, ela é tratada com os cuidados através do rito, as cerimônias próprias, com categorias especiais femininas existente dentro do benzimento, e preparo de cerimônias para sua participação limitada no meio social. A mulher se destaca no casamento, processo que ocorre com muito respeito e valorização, a procriação depende dela, tanto da parte do Turoparã e quando a Turoparã se casa com um membro de outra etnia é feito grande momento político cultural, porque ela com os filhos procriados que legitima o processo da formação dos membros do clã e pertença na etnia, da consideração sobre o cunhado e ocorre uma ampla abertura do diálogo e consideração com o parentesco.”

A categoria do gênero masculino e feminino são importantes na razão da sabedoria constituída na sociedade interétnica, para o filho masculino o sábio ou o pai transmite o conhecimento étnico na forma de narração, segundo a cosmovisão masculina, destaca a parte que trata da mulher cada qual com sua função e destaque na hierarquia étnica, ela ocupa o lugar específico desde a origem, também se faz presente na narração mitológica, porém, a sabedoria étnica é herdada pelo primogênito masculino no sentido hierárquico e paternal. O diálogo e a política do casamento só ocorrem com a importância da mulher que se casa, e o esposo terá o dever de conceder a irmã dele para o irmão da esposa a se constituírem o casamento independente em ambas as partes se as mulheres

querem se casar ou não, é a norma e a forma das etnias organizarem e construir o parentesco.

O modo de construir a lógica cultural étnica valoriza o homem considerado o herdeiro, genitor com respeito, relacionado desde a raiz, com o seu avô, o seu pai ou irmão maior e terá sempre o privilégio de receber a herança da sabedoria local e ele compartilha no clã como alicerce, no exercício do papel da liderança e da responsabilidade pela continuidade do valor e a significância do saber.

A narração da presença e do valor da mulher na etnia e sua função no clã é significativa desde a criação do mundo feito pelo deus criador, e ela realiza o seu papel, em diversas funções; na geração da prole, o ensino dedicado especialmente para a filha, a menina, que perpassa por categoria e nível da sapiência mítica inconfundível na ação de rito e com feito da cerimônia específica repleta de beleza e esplendor correspondente à natureza do feminino.

Na sociedade étnica as funções socioculturais são distribuídas segundo o rito de iniciação. O Turopará, homens e mulheres indígenas se preparam para viver e exercer determinada atividade. Na realidade atual se analisa como se preparam para superar os desafios humanos e racionais, mentais e políticos, os que deixam a aldeia e vida social cultural original e passam a viver no contexto urbano desafiador. Por exemplo, no centro urbano, tendem a esquecer e desconhecer rompe, desestrutura a sua origem e a identidade. Há uma questão humana em que nem todos têm a capacidade de receber o poder, o conhecimento, a função dentro do clã e assegurar a herança na hierarquia paterna masculina ou feminina para superar os conflitos inevitáveis. Como o indígena que nasceu na aldeia, vivencia o valor recebido pelo rito de iniciação, o dom e a habilidade de ser líder, da oratória, da autoridade e liderança numa perspectiva social e política e com notoriedade à autoridade, a liderança e conseqüentemente a habilidade de transmitir o conhecimento como deve ser notado na estrutura social da etnia ramificada no clã.

Conforme Lasmar (2005):

‘(...) que não é possível compreender o movimento destes povos em direção ao mundo dos brancos embasados apenas nestes eventos ou numa posição entre “tradicional” e o “moderno”, e propõe-se a provocar ao leitor um deslocamento de olhar, privilegiado, em sua análise, os conceitos que informam a visão que estes próprios povos têm na sua situação de contato, as relações de gênero e suas configurações no contexto do contato com a sociedade envolvente” (p.39)

A vivência urbana com outra perspectiva, o moderno que tende a separar a origem e a visão do indígena, que ingressa no mundo da cidade e muda o conhecimento da

existência histórica do clã, o pertencimento ao território é reconhecido na constituição hierárquica e a primogenitura do Ʋremirĩ, que tinha os seus filhos, criados e vividos com ele, como já citamos acima nesta discussão. Cada filho se posiciona no lugar definido na hierarquia, que designa a formação da sequência vertical do clã do Tukano Turoparã, esta parte é primordial porque é prescrita e observada em qualquer movimento coletivo, cerimonial, de celebração e para discursar no rito com versatilidade demonstrando a sabedoria dos Turoparã. A estrutura da hierarquia dos Turoparã no sistema social cultural do clã, com característica verticalista e radicalmente masculina, segue esta formação: Yúpuri, Ʋremirĩ, Wesémí, Ahkutó, Suegũ, Yãróri. Esta sequência da família dos Turoparã estará presente na profundidade dentro da organização sociocultural do clã, e todo o indígena possui a perspectiva histórica e afirmação da identidade segundo o conhecimento da origem étnica.

O indígena que habita fora da aldeia e do território de origem se distância da sociedade étnica, devido às grandes mudanças que interferiram na história, a mudança pode ocorrer no discurso do ator, que desenvolve a interculturalidade, não destruíram o percurso vital dos Turoparã e, assim hoje, se pensa e conduz a existência da etnia com outra perspectiva de realidade.

O processo colonizatório deixou marcas na história, interferindo na cultura que tentou padronizar os comportamentos. Pode-se visualizar essas transformações, na teoria da globalização (Hall, 2023), a diversidade cultural com diferentes métodos econômicos e normas de consumo que tentam homogeneizar a sociedade da cultura étnica. A verdade é que estas forças externas influenciadoras fragmentam a identidade cultural.

Para Hall (2023), nas últimas formas de globalização, são ainda as imagens, os artefatos e as identidades da modernidade ocidental, produzidos pelas indústrias culturais das sociedades “ocidentais” (incluindo o Japão) que dominam as redes globais. A proliferação das escolhas de identidades é mais ampla no “centro” do sistema global que nas suas periferias. Os padrões de troca cultural desigual, familiar desde as primeiras fases da globalização, continuam a existir na modernidade tardia.

As teorias dos pensadores explicam como uma cultura é produzida de forma industrial e localizada e se processam nas relações sociológicas referentes às mudanças das identidades culturais, mudam o comportamento e a relação social. Os costumes, por exemplo, são estilos de vida mantidos pelos membros de um determinado grupo, clã e etnia adaptados como sujeitos de uma vivência de acordo com a realidade social.

Segundo Glukman (1987) na perspectiva evolucionista as etnias mudaram no estilo e forma de vida no momento que habitam na cidade e todo o ser humano transforma no lugar em que vive se constrói uma existência cultural no território e espaço de ocupação. Na perspectiva da “colonização”, os habitantes locais passam a adotar novos elementos e características em conjunto com aquelas já existentes internamente, ou incorporar no meio cultural social. Para o pensador citado, a resistência ocorre tanto pelo “colonizador”, assim como pela parte do “colonizado”, o “branco” parece ser sempre o “colonizador” e os demais de outra cor os “colonizados” e seus subordinados consequentemente. O processo de “colonização” é interpretado como dominação em relação ao sujeito étnico originário do lugar.

Pelo processo histórico a etnia Tukano e outras viventes na região são civilizações ao seu modo e forma caracterizada no seu território, muitos estudiosos e missionários coletaram informações sobre diversos grupos inclusive do clã Turopará, rio Tiquié, do alto rio Negro, e os que ainda vivem neste lugar resistem habitando nos afluentes, igarapés e lagos. A própria civilização indígena de diversos grupos segundo a narração mitológica e não necessitariam se submeter a outras civilizações externas que venham validar e definir a autenticidade teórica de ser indígena em seu território.

A civilização não será subjetivamente um benefício para os indígenas e os não indígenas, é uma força externa que atua como oposição ao conhecimento originário, com violência ou se mistura na forma de exploração cultural, hora valoriza ou deturpa as verdades das informações, impõem doutrinas e tentam mudar a característica da vida do pensamento e a organização sociocultural.

Os Turopará resistem a cultura dominadora globalizada no sólido valor cultural, perseverando na formação cultural, guardando o conhecimento étnico da tradição que é a riqueza imaterial há milênios na ordem mitológica. Mesmo afetado, o clã Turopará possui o suporte da vivência originária das novas gerações, no sentido da cosmovisão geradora do conhecimento étnico, para a luta contra as explorações que muitas vezes invadem com violência física, psíquica, afetiva e religiosa homogeneizando as identidades.

Segundo Hall (2023, p.81):

“a) A globalização caminha em paralelo como um reforçamento das identidades locais, embora isso ainda esteja dentro da lógica da compreensão espaço-tempo; b) A globalização é um processo desigual e tem sua própria “geometria do poder; c) a globalização retém alguns aspectos de dominação ocidental, mas as identidades culturais, em toda parte sendo relativizadas pelo impacto da compreensão espaço-tempo”.

O indígena resiste na afirmação da identidade cultural contra as forças externas culturais e sociológicas, mantem a sua raiz interligada com a dimensão cosmológica, a grandeza da ciência ecológica experimental, a expressiva capacidade intelectual racional, biológica, social e religiosa. O ensino dos sábios é permanente e sólido no saber cultural das novas gerações sobre os valores transmitidos, celebrados nas ações por meio do saber mítico, as cerimônias, os ritos, na língua Tukano, afirmam e asseguram o valor da família e do clã a que pertencem.

A habitação em outro lugar é o fundo da reflexão na realidade social diferente e em outros contextos, mantém viva a vida tradicional e afirma a sua identidade cultural, o seu clã e estes fatores serão dificilmente deixados para afirmar a sua identidade, porque são conhecedores de sua raiz, as verdades de sua origem e vida sociocultural, formulam ideias e forças para combater as influências negativas que o mundo não indígena tenta avançar e descaracterizar no ser indígena.

As ideias e experiências fundamentam as novas experiências inovadoras no contexto urbano que tem atrativos, ofertas de diferentes produtos e consumo, na dinâmica veloz da sociedade, com múltiplos tipos de violência na forma de vida cultural, social, comportamento e pensamento. Todo o cidadão precisa da segurança pública e respeito necessário. As curiosidades e interesses são próprias das crianças, dos adolescentes e jovens indígenas. Em que dimensão buscam trabalhar, permanecer nas ocupações do cotidiano; são diversos outros porquês da situação irreversível, os indígenas são atraídos pela busca de acesso à internet, a música, o filme que causa a curiosidade científica, ficção e de ação profissional da polícia, a política e outras personagens famosas no campo artístico, as mídias e chats de diálogos informais do mundo midiático.

Aos 15 dias de março do ano corrente de 2021, na sede do distrito de Siripá¹⁷⁷ no triângulo Tukano, ocorreu o diálogo com o Roque Oseias Junior de 14 anos de idade (Figura 2), cujo nome de basessé, da etnia Tukano, Turoporã Yúpurí¹⁷⁸. Filho de Oseas Ramos Marinho, cujo nome de basessé é Turoporã, Doé¹⁷⁹ da etnia Tukano e de Valéria Gonçalves, da etnia Desano, cujo nome de basessé é Miriô¹⁸⁰.

¹⁷⁷ Traduzido para a língua portuguesa significa: Artefato e armadilha posta no rio para pegar peixe. Nome da sede do Distrito Pari Cachoeira.

¹⁷⁸ Traduzido em língua portuguesa significa: nome do benzimento, refere a um dos primeiros da hierarquia Turoparã.

¹⁷⁹ Traduzido em língua português significa: o peixe traíra.

¹⁸⁰ Traduzido em língua português significa: Flauta sagrada, em feminino, na etnia Desano.

Figura 2: Tuopará Yúpurí



Fonte: Arquivo do pesquisador

O diálogo ocorreu bem, com alguns pontos abordados para os quais não obtiveram resposta, pela não vivência melhor do cotidiano e depende de melhor exemplo e explicação por parte do pai. Mas se dispôs a colaborar, com um pouco de temor que é próprio e característico do indígena quando perguntado.

O jovem Tukano sendo perguntado da origem de sua etnia e do clã a que pertence respondeu:

“Eu que guardo bem o conhecimento dado pelo meu pai, o significado da minha etnia e do meu clã, a origem e a denominação do Tuopará. O meu nome de basessé pertenceu aos meus avôs, os mais antigos do meu clã que chamamos de Tuopará e os meus pais escolheram este nome que eu recebi desde o momento do nascimento e confirmado no nosso rito com a cerimônia do baséssé”.

O ensinamento sobre o significado do rito do nascimento, a cerimônia do primeiro banho, do alimento e da amamentação são regras importante na cultura indígena e se transformam em valores da sua identificação. Conhecer a sua origem, afirmar a identidade, com a mesma função originária, no contexto social que tem pouco espaço para o ensinamento e diálogo da etnia, porque no presente há poucos sábios vivos que estejam disponíveis para orientar e ensinar aos novos Tuopará.

Ciripá¹⁸¹ considerada sede distrital forma a comunidade estruturada numa outra forma de organização social, política e cultural na diversidade étnica e dos clãs, com a infraestrutura modificada em relação a vida original, com a instalação da energia elétrica,

¹⁸¹ Traduzido em português: armadilha para pegar peixe

serviço da internet, presença das instituições religiosas, militares, agentes de saúde e outras fontes de serviço e cada família vivência na sua casa de modo separado de outros indígenas da comunidade.

Perguntado sobre a importância do ensinamento da sua origem étnica, respondeu: *“Estou aprendendo mais com meus avôs, que são tios do meu pai, e quando meu pai me explica consigo aprender o necessário durante as atividades em casa, na escola, roça ou em outro lugar, escuto o que eles comentam no encontro de grupo”*.

A oralidade do avô e dos pais é o melhor ensinamento e continua tendo o respeito e a valorização do conhecimento da origem e de todo o processo do rito do nascimento para acolher o indígena na aldeia e admitir a participação nas cerimônias coletivas na sociedade étnica. O pai sempre é o responsável o mentor da função do ensino no cotidiano, orientador, cientista, sábio, espiritual, dá o apoio psicológico e afetivo na transmissão do conhecimento, cabe ao pai dar o suporte inicial devido ao pertencimento a uma etnia e ao clã no presente e no futuro.

No clã, o sábio e os pais têm a consciência da responsabilidade na solidificação e na estruturação do espírito, do psíquico e intelecto do novo Turoporã, processo ritual do nascimento, no período do crescimento físico, desenvolvimento, segundo a idade cronológica, acompanhado até o nível da maturidade da idade mental e na interação social que são processos específicos, chamados os ritos de iniciação tanto para o menino quanto para a menina divididos em fases segundo o rito e a cerimônia. Esta cerimônia não prepara somente o vínculo cultural e social, prepara e capacita para o amadurecimento e a responsabilidade para ser digno perante a sociedade e ao mundo. O desconhecimento causa a perda da sua identidade e a incapacidade de viver resistindo aos desafios culturais e sociais.

Os valores culturais e sociais, a ciência transmitida e ensinada pelo sábio estarão presentes no conhecimento de todas as gerações, comprovando que o saber do mais antigo é verdadeiro. No presente há a preocupação da diminuição significativa do número dos sábios, quase não há mais no clã porque uns morreram e outros poucos vivem na comunidade de sua origem, isolados e a distância e outros ainda são levados pelos seus filhos ou filhas, para viverem no centro urbano fora da origem e da natureza em que ele sempre viveu desde o seu nascimento. Os adolescentes e os jovens precisam do instrutor do conhecimento étnico porque há a falta da existência dos velhos, a raiz, o avô que são os melhores formadores e mestres do clã Turoporã.

O pensamento e a opinião sobre viver e permanecer na aldeia e comunidade, declarou assim:

“Na comunidade é muito melhor no aspecto da paz, tranquilidade, sem preocupar com o dinheiro, se vive em contato com a natureza se come e bebe o que tiver segundo trabalho na roça. Há espaço e a liberdade para ir à escola para estudar, andar em paz, jogar bola, brincar, animar alguma festinha e sem horas para cumprir, a criança, os jovens e adultos vivem com liberdade”.

A diferenciação do adolescente e jovem Turoporã retrata a importância e o significado da vida originária. O fato de pertencer a etnia, o lugar da vivência será naquela comunidade e naquele território junto com os seus pais, numa eventual mudança de lugar há transformação na vida étnica causando transtornos e diversos abalos que desorientam a perspectiva do futuro da vida, por onde ir, como caminhar e o que fazer na vida fora do seu contexto social étnico. A liberdade natural citada é uma relação saudável no viver sempre o modo do cotidiano do clã Turoporã, e em outros lugares tem o compromisso e o trabalho da ação de desenvolver a sua característica cultural.

No diálogo manifestou a experiência de morar e viver na cidade de São Gabriel da Cachoeira e outra cidade com esta afirmação:

“ Eu vivo na cidade com minha avó, os tios e a minha tia, e também com a minha irmã, conheço outras cidade, converso em idioma nacional, leio livros, me aproximo de diversas pessoas, uso os meios digitais, a internet para comunicar com as pessoas em lugares distantes e conhecer outras coisas que não tem aqui na aldeia como vestir as roupas, comida, música, filme, nos faz conhecer outra realidade diferente da nossa vida indígena. Muito interessante conhecer o mundo aqui fora, mas é preciso ser cuidadoso em muitas coisas que são perigosas, existem propagandas na mídia na realidade é uma outra situação e sou indígena de uma forma ou de outra.”

A realidade social urbana condiciona o acesso aos meios e serviços tecnológicos informatizados, e o principal fator que muda a visão da vida e do mundo na atualidade, o adolescente e jovem indígena sofre fortes influências e a humanidade está vinculada a rapidez da informação e o indígena deve estar preparado para saber sobre a finalidade destes recursos. Acessando a mídia no processo educativo, uso dos recursos dos chats, sites de compras e as pesquisas transpõem o ser indígena para outra realidade distinta de sua raiz de origem para entender o uso de linguagem estrangeira com outros sentidos e significados na comunicação. O espaço urbano, para o adolescente e jovem, uma novidade de características próprias com forças determinadas pela conduta das pessoas no setor econômico responsável pelo autoconsumo e a dimensão cultural indígena que se mescla com a não indígena ampliando a diversidade Turoporã e das outras etnias.

A comparação das duas realidades distintas que parecem causar a percepção de coisas boas e coisas ruins ditas são pareceres relativos aos aspectos materiais. Comportamentos e acessos aos serviços de consumo, que não existem ou pouco são vivenciados na comunidade e aldeia, porém, no contexto urbano são as grandes novidades que atraem e de certa forma, convida para o experimento. A questão da vida urbana cheia das forças ideológicas das atrações materiais que tem implicações na cultura, na visão dos modos de vida, modos de vida e costumes do indígena, ao vivenciarem este outro mundo, oposto a sua origem, os adolescentes e jovens, sofrem abalo, conflitos morais e espirituais.

A experiência da vivência urbana para o indígena é proporcional as razões da saída da aldeia e da vinda para a cidade já citadas no início e em outras partes desta pesquisa. Com muito esforço fazem o movimento da viagem, passando em diversos momentos, pela superação dos valores equivalentes no nível material, o tempo e mudanças da vida do tradicional para o novo aspecto da cultura étnica e urbana. A complexidade do contexto social urbano dificulta a prática da tradição de cada etnia e assim a influência não indígena se fortalece diminuindo a caracterização originária dos Turoporã e de outros clãs.

Aos 25 dias do mês de março, ano corrente de 2021, na sede do distrito de Siripá (que significa armadilha para pesca), no triângulo Tukano, ocorreu o diálogo com a Raylenne Michele Marinho da Silva (Figura 3), com a idade de 19 anos, cujo nome de *basessé* é Duhigó. Filha de Eufrásio Alves Brandão, Tukano, Suegu, é o nome de *basessé* e de Efigênia Macedo Marinho, tukano, Yepário é seu nome de *basessé*. O caso do casamento entre Tukano como em outras situações há a quebra de regra do clã, se contraíram no matrimônio membros da mesma etnia.

Figura 3: Duhigó



Fonte: Arquivo do pesquisador

Com muita liberdade o interlocutor desenvolveu o diálogo com a Tukano que respondeu segundo o seu conhecimento e vivência, e em alguns pontos perguntados, não quis responder porque não vivência melhor o cotidiano, porque depende de melhor exemplo e explicação por parte do pai e, na maior parte das perguntas se dispôs a responder com um pouco de temor que é própria da característica indígena quando perguntado.

As adolescentes e jovens indígenas são mais espontâneas para responderem as perguntas e dialogar quando se fala especialmente nos assuntos de ir viver na cidade. Há um aspecto diferente na ideia das meninas comparando-se com as respostas dos meninos e neste sentido se compreende por que elas podem se casar e ir morar na cidade, pertencer a outra sociedade diferente, construir famílias em outras aldeias, comunidade e centro urbano. Originalmente existe na gestão da regra étnica de união do casamento com os primos de outra etnia que seja observado por todas as gerações na orientação dos pais, sábios da parte da sua etnia e de outra etnia, na realidade o casamento também sofre algumas mudanças nas regras étnicas em relação as normas originais.

A indígena Duhigó questionada sobre o conhecimento local no tempo presente, respondeu:

“É muito importante para a nossa vida, pois, é através dele que é dado o nosso primeiro nome, o nome do basessé, o mais importante na existência do indígena Tukano. Pelo rito e o nome recebido temos a nossa identidade, é a prática da tradição feita desde os nossos primeiros avós. Os sábios e os pais são praticantes do rito mostram a realidade do ato, o significado e o poder espiritual, repleto do conhecimento.”

Esta ação pedagógica que transmite a importância do conhecimento aos adolescentes e jovens do clã, prepara o Turoporã para o futuro e o aprendizado servirá para a vida cultural e social com uma longa existência, vivenciando o sagrado, o nome é permanente para todas as gerações, a herança do valor da terra bases sólidas da afirmação do próprio eu, mediante o mundo, convivência na relação com outras etnias e outras realidades existenciais.

O contexto étnico atual sente a diminuição da existência dos sábios em número menor, esta situação concede o lugar aos pais, o escasso solo e fraca alimentação diminui a qualidade de vida e o clã é desafiado pelas mortes naturais que extinguem a existência dos mais antigos considerados os sábios, perder um avô é perder também todo o valor do

conhecimento que ele detém para transmitir as novas gerações do clã. No presente as influências do mundo envolvente forçam as mudanças culturais e sociais que provocam a escassez e dificultam a afirmação da identidade dos adolescentes e jovens no segmento ao ensino do sábio dos mais antigos.

No diálogo sobre o tempo para escutar os velhos e sábios dos clãs, respondeu: *“Eu tenho pouco tempo e pouco interesse para isso, mesmo sabendo que é importante no valor da cultura, o tempo maior que eu tenho é para fazer outras coisas. Muitas das vezes não faço pesquisa aos meus pais e tios que ainda estão vivos e estão em nosso meio”*.

O tempo pensado como ocupação da nova geração tem outro sentido e o significado difere da cosmovisão étnica do Turoparã. Na aldeia, a dinâmica de tempo estabelecido pelo próprio indígena e é usado para o trabalho na roça, na pesca, na colheita. Com o passar do tempo esta realidade mudou as ações acompanhando outras ocupações, com uma velocidade extrema e quase não se percebe onde começa e termina uma ação, o tempo é consumindo na vida étnica por outras forças que não são étnicas. Os adolescente e jovens se envolvem nesta velocidade do tempo e mudam a conduta, são conduzidos no uso da internet e das mídias e não conseguem vivenciar as características culturais e, por isso enfraquece a vivência e a frequência da tradição étnica dos valores e princípios tradicionais deixando um pouco de lado os momentos de aprendizagem dos conteúdos e práticas do ensinamento do sábio.

O valor do parentesco, no laço familiar ligado na harmonia da natureza, tem uma função importante na vida indígena até assumir a sua própria família no casamento. Do sentido coletivo e as decisões individuais são vias culturais, a importância das opiniões dos pais para encaminhar o futuro do indígena, tem o sentido do viver, existir e povoar na natureza misteriosa e desconhecida.

A aldeia é o melhor lugar que transmite a paz e a alegria de viver mesmo com as influências não indígenas, os vícios e, enquanto a cidade tem muitas coisas boas que são contrastadas com o medo da violência e outros fatores sociais, as negativas como o consumo das drogas causadoras da dependência química e domínio do vício do alcoolismo. Essas questões são compreendidas como a contrariedade da prática da tradição cultural: o problema psicológico e espiritual inverte os valores da forma e o modo de vida social. Na compreensão da realidade do Tukano Turoparã o ipadú, a bebida caxiri, kaapí são elementos rituais com respeito no grau do rito e da festa, e isso ocorre também nas cerimônias. É o momento de autenticação da identidade; sem justificar os males e, sim estar munido de ornamentação e pinturas corporais exteriorizando a arte, a sabedoria

no ato da maturidade do ser indígena incluindo a participação dos adolescentes, jovens, as mulheres e os homens.

Em qualquer espaço e lugar o Turoporã afirma a identidade de ser indígena. É a autenticação étnica e cultural. Em todo o contexto cultural continua sendo indígena, não haverá mudança nas características físicas, mítica do conhecimento da minha cultura. A identidade cultural originária é a principal comprovação de pertencer a etnia e ao clã mesmo condicionada pelo contexto urbano.

A identidade de ser indígena é afirmada para si mesmo e para com os outros na convivência intercultural com as características diversificadas. Isto, implica a principal razão de ser Tukano Turoparã comprovada pelo conhecimento cultural e saindo da vida da aldeia e comunidade objetiva, busca avançar no conhecimento científico e se submete a cursar a ciência não indígena, dialogar e debater na universidade, demonstra a capacidade afim de desenvolver o intelecto tanto quanto os não indígenas. Vivenciando no contexto urbano enfrenta diversos obstáculos de cunho cultural e social, a xenofobia, assume a luta constante na política de inclusão e das cotas de acesso a universidade, o indígena possui capacidade e inteligência suficiente para acessar aos cursos de graduação e pós-graduação, o que dificulta é o caminho do acessar para frequentar os cursos no centro urbano, necessitado suporte monetário e sustentação, a moradia para viver na cidade.

Aos 25 dias do mês de março, ano de 2021, na sede do distrito de Ciripá, que significa em língua portuguesa, armadilha para pescar, no triangulo Tukano, ocorreu o diálogo com a Rayane Marinho Brandão (Figura 4) com 10 anos de idade, cujo nome de basessé é Duhigó. Filha de Eufrásio Alves Brandão, Tukano, com nome de basessé Suegu e de Efigênia Macedo Marinho, Tukana, cujo nome de benzimento é Yepário.

Figura 4: Duhigó



Fonte: Arquivo do pesquisador

A criança Turoporã com a atenção na fala tratando da etnia e vida cultural afirmou do seu cotidiano: “*Em cada dia tenho o orgulho de ser a menina tukano*”. A menina ainda vivente em sua aldeia e no seu clã mantem a compreensão Tukano pelo poder, a beleza, o conhecimento a sabedoria transmitido pelos pais como o sinal de grande prestígio e o destaque na sociedade em que vive. O motivo para dizer como vive no cotidiano, trata-se do conhecimento e está presente na determinação da hierarquia e a importância cultural em relação às outras etnias.

No processo atual valoriza-se o conhecimento dos sábios e velhos. Na educação diferenciada os livros e obras utilizados na escola são produzidos segundo a ideologia dominante e no ponto de vista de alguns autores o conteúdo sobre os indígenas acaba sendo tratada sem muito aprofundamento e esta questão muitas vezes é tratada de forma deturpada e errada, servindo a alguma ideologia, sobre estas questões precisa ser feita uma análise cuidadosa sobre as fontes bibliográficas aplicadas na instituição escolar do Estado ou do Município usadas como instrumentos fortes no domínio da política governamental.

A fase da aprendizagem do conhecimento local e da tradição cultural se transfere em parte para a vida escolar devido a situação da escassez dos sábios. A escola processa o ensino e aprendizagem com característica indígena num ambiente institucional marcado pela luta na organização da forma o modo de ensino e aprendizagem com características pedagógicas indígenas, objetivando o respeito à cultura e valorizando a identidade, introduzindo os elementos culturais no processo de ensino aprendizagem. O viver de uma criança e adolescente indígena se processa na família, na comunidade e outra parte é a vida escolar da educação indígena na responsabilidade dos pais que dedicam e assumem a função de educadores instrumentalizados com várias práticas étnicas e as ciências não indígenas e estas constam na proposta do currículo de ensino e prática pedagógica e são adaptadas no exercício do currículo intercultural.

O indígena aprende o valor cultural da etnia desde criança e adolescência, vivencia o processo de aprendizagem da ciência étnica reconhecendo a importância cultural em todo tempo; participa dos momentos do ver, ouvir e fazer acompanhando o que os pais e sábios ensinam: a verdade indiscutível iniciada nos ritos e nas cerimônias praticadas na vida comunitária. A aprendizagem do menino e da menina são diferenciadas na metodologia, nas funções e seus atos, objetivos e finalidades.

O ambiente familiar é uma unidade de reciprocidade e atenção dos pais que orientam e ensinam para as crianças e adolescentes no desenvolvimento das suas

capacidades intelectivas e sociais para agir, falar e pensar como indígena para viver na sociedade. Os pais determinam em cada fase etária a aprendizagem, as ações do desenvolvimento sentimental, espiritual psicológico e dos dons cabíveis, recebidos desde o basessé no rito do nascimento.

O processo de ensino aprendizagem étnico para uma criança indígena procede no acompanhamento dos pais, seguindo a orientação do pajé que determina no rito de iniciação do benzimento do nome um especial cuidado, o afeto, carinho dos pais e avôs, de extrema importância na convivência familiar. A unidade que ampara desde a infância promovendo o crescimento e aprendizagem do ver, ouvir e praticar o conhecimento no mundo com uso dos valores e as tradições dos Turoporã e comunicar-se com outras etnias ou com os não indígenas. O processo escolar intercultural proporciona a comparação, debate e diálogo a luz da ciência ensinada pelos pais e sábios. Pelos mais velhos, intermediado pelos professores na atividade das crianças e adolescentes que realizam a análise sobre as informações das questões indígenas citadas nas bibliografias.

A aprendizagem é um processo muito importante com o uso do método do ouvir e escrever os conteúdos escutados junto com os mais velhos. A oralidade é o melhor ensinamento mesmo que quase não se conta mais com os sábios na etnia. No clã, em cada família, os pais assumem o papel da informação solidificando a identidade.

A educação étnica é feita pelos pais nas conversas diárias, no trabalho comunitário com a participação nos momentos significativos de prática cultural especialmente no rito do basessé que são explicados serenamente e coerência sobre o valor da vida da criança e do adolescente na aldeia e comunidade além de brincar, pular na água, passear na floresta, pescar, coletar as frutas. A vida é ligada diretamente com a natureza, o cosmo é a fonte do conhecimento e fonte inspiradora da estruturação da ciência étnica.

A aldeia é o lugar de liberdade do cuidado ecológico, do humano e da natureza com segurança, sem ser institucional e, com qualidade de vida inclui na estrutura social, ligada com a natureza, o sustento e a alimentação basicamente natural e rico em vitaminas sem ser escoada e congelada ou incrementada com elementos químicos. A organização social é cíclica, de acordo com o espaço e o tempo. O conhecimento cosmológico ilumina a vida comunitária. A vida da aldeia é muito tranquila sem preocupações com a segurança, horários compras e vendas, se vive na partilha e comunhão com todos.

O indígena criança e adolescente compara o contexto indígena na aldeia, na comunidade e percebe o contraste com o centro urbano caracterizado distintamente. Diferença a sua realidade cultural e social, das disparidades, as desigualdades sociais,

com o forte domínio do poder econômico do consumo no ambiente urbano. O conceito do bom e do melhor é percebido na vivência concreta porque a vida étnica é conceituada e considerada como um grande valor do melhor em todos os aspectos culturais e sociais.

Quando foi indagado à Duhigó sobre a cidade e as motivações, as razões e porque retorna novamente para a aldeia, no diálogo afirmou:

“Durante o tempo das férias da escola viajo com meus pais, eles resolvem os problemas de trabalho, de saúde, tiram documento e eu acompanho com eles. Passamos somente algum tempo e retornamos para a nossa comunidade. Vivemos na aldeia porque a vida é bela, tranquila e sou muito feliz, diferente da vida da cidade que é muito perigosa, tem que ter dinheiro para comprar comida todo dia. Agora com o tempo da pandemia, ficou muito perigoso para ir na cidade. Tomamos o nosso remédio da floresta, minha mãe faz o chá, usamos o cigarro benzido e protegemo-nos, bem como a vida de todos da comunidade aqui na aldeia”.

O tempo de férias, conceito não indígena, refletido segundo os momentos de deslocamento para a cidade com o objetivo de tratar assuntos de interesse da família. Nesta ida usa o tempo em viagem para a cidade, organizado por famílias e grupos para proceder destino que processa no encontro interétnico, o fortalecimento do parentesco e a participação na vida política e social. Na busca de soluções pessoais e de interesses coletivos. O tempo de permanência na cidade ocorre na projeção e cálculo com duração curta. Há uma relação econômica, a moradia e ações determinadas no ciclo de vida étnica em trânsito.

As realidades contrastadas da aldeia e da cidade são hábitos, comportamentos, novas experiências no contato com as outras culturas em tempos curtos pela criança e adolescente indígena. As novas gerações indígenas aprendem a comunicar-se na língua nacional, o português com facilidade, por outro lado não esquecem a língua do clã, o Tukano, são bilíngues na comunicação e assim se procede também na formação intelectual, uma característica similar da realidade. A cultura é vivenciada em todos os aspectos e os indígenas convivem com a dimensão interétnica na diversidade cultural

Aos 10 dias do mês de março, ano de 2019, na sede do distrito de Ciripá, no triangulo Tukano, o diálogo ocorreu com Madalena Renata Gonçalves Marinho (Figura 5) com 9 anos de idade, cujo nome de basessé é Duhígó. Filha de Oseias Ramos Marinho, da etnia Tukano, cujo nome de basessé é Doé e de Valeria Pimentel Gonçalves, Desano, cujo nome de basessé é Mirñon.

Figura 5: Duhigó



Fonte: Arquivo do pesquisador

Na interlocução com a Tukano foi com a simplicidade e espontaneidade típica de uma criança sobre a idéia do futuro da sua vida disse: *“Vivendo com os meus pais me preparo bem para a adolescência e a minha juventude, aprendo bem para que o meu conhecimento na cultura seja mesmo o Tukano Turoporã e penso ainda que sendo indígena desejo afirmar a minha cultura da etnia e do clã”*.

O tratamento do conhecimento étnico dos velhos nas falas é coerente. Receptores que são as crianças, os adolescentes e os jovens, são muito fiéis na escuta do conteúdo das palavras no ensinamento. Guardam a sabedoria afirmada em cada momento que ouvem e veem, as atitudes e as ações são verdadeiras, baseadas na experiência da cultura.

O valor e o respeito do ensinamento dos pais e dos avôs dentro da família assumem a importância na vida cultural da aprendizagem da criança e do adolescente indígena Turoporã ou de outras etnias, perfazendo a sequência do nível e grau do conhecimento das gerações. A casa dos avôs é o ambiente melhor e muito especial para a aprendizagem da criança e do adolescente, muito antes de ir para a escola não indígena, na ausência do pai e do avô paterno e materno, a criança aprende no ouvir e ver com atenção nas ações e na fala dos tios, o irmão do seu pai na convivência do clã, durante a refeição, festas, trabalhos, ritos e cerimônias próprias da etnia, especialmente do clã.

O conhecimento transmitido para a criança, adolescente e jovem através da oralidade ensina que a terra é ligada com a vida étnica e do clã. Com o sagrado e o transcendente. O lugar físico territorial considerado sagrado seja respeitado e cuidado e

administrado com a conduta ética e a moralidade porque é o lugar material referencial histórico desde a chegada dos primeiros do clã Turoporã. O conhecimento local citado em especial pelo velho Severiano Sampaio, o Sibi, este sábio tem todo o conhecimento do pertencimento a etnia e ao clã, também cita que aquele território é do clã Turoparã, a criança notifica concretamente a comunidade onde vive o sábio sabe que pertence a terra dos antigos deixado como herança para toda a posteridade. As palavras ditas pelos mais antigos é conhecimento a ser cultivado. Sustenta a afirmação da identidade, confirmam e certificam a verdade que a sabedoria é milenar e o lugar pertence a etnia Tukano Turoporã.

O valor do conhecimento cultural faz o indígena resistir mediante os desafios influenciadores, é a força do espírito. A profundidade da visão cultural relacionada com a saúde corporal, mental e espiritual. O coração é reconhecido como centro vital de onde flui o pensamento, sabedoria, reflexão e na proclamação cerimonial das festas. São manifestações em que se afirmam todo o teor do conhecimento porque caracteriza o ser e a identidade indígena a do baséssé que identifica a nova geração presente no mundo.

A importância da aprendizagem étnica do ouvir aos velhos, aos sábios, sobre a origem da etnia, o indígena adquire o valor da cultura e do clã a indígena afirmou:

“ A fala dos meus pais e dos meus avôs é muito importante pela explicação que eles oferecem, pois, a etnia e o clã possuem a cultura própria, a língua e a prática das tradições nossas, temos o nosso território, possuímos a nossa ciência, os costumes, hábitos e, isso para mim é o grande valor cultural, por exemplo, o vovô Sibi, o Severiano e o José eles falam marĩá kurákahsé¹⁸², na afirmação do grupo mahsãyé¹⁸³”.

Os valores culturais do clã ensinado na fala da língua em Tukano, praticada no cotidiano pela vivência da organização social, é o processo do ensino e aprendizagem indígena aplicado desde a infância de modo progressivo até a maturidade, seguido no método do ver, ouvir e fazer por parte da criança, adolescente e jovem que participa da coletividade e prática em conjunto, na ação com os pais, os avôs e os sábios. O parentesco possui o aspecto político, organizativo, hierárquico da sociedade construído na vivência do clã, é uma estrutura social edificada com o respeito aos tios, tias, primos e primas, os sobrinhos e sobrinhas, netos e netas. Estas considerações de parentesco são os mais

¹⁸² Nosso clã Turoporã

¹⁸³ Traduzindo em língua portuguesa: Conhecimento do nosso clã, nosso conhecimento.

naturais possíveis entre os membros da família do clã Turoporã condicionada da sabedoria na formação da estrutura da sociedade.

O escutar está direcionado para o momento do novo para o mais antigo, o encontro e a convivência com o mais velho por exemplo o mais antigo hoje é o Sibi, o Severiano Sampaio. Outros são considerados parentes, os avôs conhecedores que são os tios dos pais da criança vivem em comunidades distantes, difícil acesso pela distância, por isso, impede o encontro para escutar o ensinamento do conhecimento que pertence ao clã.

O clã Turoporã vive na aldeia, constituída em comunidade. Possui o território conquistado pelos avôs na origem desde o momento da chegada no rio Tiquié confirmada pelos sábios. As famílias se estabelecem neste lugar é uma vida específica caracterizada com a cultura dos Turoporã. O território, a terra procedem da ideia de forma racional e sumamente ecológica, com respeito e a valorização da vida da natureza. A exploração do recurso natural retirado sem provocar a poluição e a destruição, cujo pensamento e atitude existem permanentemente no conhecimento originário.

A experiência de vida no centro urbano é um processo que engloba as questões da família, a idade, a maturidade, preocupações administrativas para a sobrevivência, a superação dos desafios da questão cultural, social que surgem no associar-se no meio da pluralidade cultural e o esforço pessoal para conviver, e outra situação está no desenvolvimento intelectual pelo estudo, assim no exercício espiritual que exige muito do indígena Turoporã para conviver neste processo.

A criança, o adolescente e o jovem indígena normalmente vão para a cidade com os pais em curto espaço de tempo e retornam para a aldeia e comunidade de origem, naturalmente os pais têm a responsabilidade e os cuidados com os filhos.

A cultura étnica caracterizada pela partilha e vida em comum enfrenta o modo de vida urbana individualizada, a força da concorrência do mundo comercial. O capitalismo entra em conflito com o pensamento coletivo do indígena e na experiência de vida na cidade, se sente o desafio da força econômica de consumo, por mais que os indígenas tenham o mínimo do poder aquisitivo e, por isso, a maioria vive a margem do usufruto dos bens materiais.

O indígena enfrenta da situação econômica a força do setor que implica na conduta urbana e a cultura étnica coletiva e participativa se mistura na sociedade desigual e excludente, ocupando-se como a luta pela inclusão e o direito, o respeito e a justiça como elementos culturais que reúne os originários na região.

O mundo étnico cheio de valores da tradição cultural e social, cuja vivência do conhecimento afirmado e testemunhado na identificação propõe novos modelos de vida social coexistentes na vida do clã Turoporã e outras etnias e não indígena para a capacidade de vivenciar contextos diferentes. Humaniza o pensamento e a ação de cada sujeito humano para que a sociedade urbana seja mais pacificadora, acolhedora, onde todos tenham a vida social organizada e digna.

CAPÍTULO III

Segunda Fase da Pesquisa: Tempo da Pandemia

Ahkutó com coragem, sem apoio de recurso econômico retorna novamente para a sua terra, a sua família, a sua etnia e o clã com o plano de pesquisa, colher informações do estudo com dedicação, profundo diálogo e atenção para o trabalho da pesquisa de campo; com muito esforço e vontade calcado no espírito e também centrado no equilíbrio psicológico, como referido acima, decidido a realizar a pesquisa. A inserção na realidade do território, com o foco da pesquisa e estudo ocorreu no período do imenso inverno do mês de março de 2020, e ainda no tempo marcado e difícil devido o perigo crescente da contaminação da pandemia do coronavírus. No plano de estudo e da pesquisa não constava nesta fase o enfrentamento ao coronavírus. Por esta razão submeteu-se a higienização e aos cuidados sanitários necessários para evitar o contágio da doença entre seus parentes. E se deparou com a pergunta da continuidade da ida para o campo priorizada para o desenvolvimento do trabalho etnográfico. O intuito de dialogar com os interlocutores os membros do clã Turoporã e de outras etnias, poderia vir a ser prejudicado, mesmo assim existia um objetivo para alcançar.

O momento de enfrentamento oportunizou a leitura etnográfica e boa parte na análise antropológica da situação do grande perigo da vida humana causado pela pandemia no mundo na situação tenebroso e assustador causou pânico para todo e qualquer gênero humano existente na face da terra, com os anúncios das mídias e a divulgação das notícias aterrorizantes, além do desafio científico e ao mesmo tempo a visível incapacidade de gerenciamento a nível local e nacional dos poderes públicos do Brasil, responsáveis pela saúde pública no uso dos critérios científicos para conter a proliferação do vírus, com o plano de combate e organização da política pública no cuidado da saúde da população.

O trabalho de campo iluminado pelo emergente brilho da profunda esperança a firme convicção do conhecimento indígena Tukano e do clã Turoporã no âmbito social e cultural é refletida na determinação e prontidão para o destemido combate contra vírus do poder destruidor das vidas humanas pelo corona; o método do conhecimento originário aplicado no *basessé*, estrategicamente usado também os elementos naturais de chá, terapias de proteção, a contenção do avanço do vírus e cuidado sanitário recorrendo aos remédios medicinais eminentemente naturais contra o vírus mortal, constituíram o suporte necessário para dar continuidade ao objetivo inicial de realizar o trabalho de campo.

3.1. Sonho e o perigo do vírus

A pesquisa de campo, devido a pandemia, responde pelo desenvolvimento de análise da dinâmica da ida e vinda citada na primeira parte do trabalho, partindo da vivência na realidade da metrópole da cidade de Manaus, retornando para sede do município de São Gabriel da Cachoeira, nesse espaço, tempo da situação de incerteza de chegar e conviver na aldeia. O núcleo, a questão da análise do processo da vinda do indígena para a cidade e a volta para a origem exige explicação antropológica. O modo da vivência étnica sociocultural urbano, consiste no interesse da pesquisa que responde pelas famílias indígenas e a grande parte da população situada no centro urbano foram em busca do refúgio voltando em sua origem nas aldeias e comunidades vivenciando o distanciamento social como medida paliativa para a não contaminação do coronavírus.

O trabalho de campo marcou o empenho enobecedor do saber em meio aos desafios geográficos pela localização do lugar da pesquisa e estudo; vencendo os empecilhos administrativos, ultrapassando altos índices da diversidade cultural e o mais preocupante, vencendo o perigo do vírus que atinge a humanidade no enfrentamento da pandemia. Com seriedade e independente de qualquer outra situação cultural e social segue o processo de aplicação do projeto de pesquisa e estudo previsto muito antes dos desafios surgidos. Convicto pelo cumprimento do trabalho neste campo do conhecimento investigando a realidade presente concretizando os objetivos planejados da iniciativa etnográfica.

Para De Oliveira (1955),

Mauss, Pritchard e Bordieu, entre outros, tomaram o espaço e o tempo como categorias fundamentais para na análise e interpretação das sociedades humanas. Entre as características dos grupos sociais, uma delas é a reflexão frequente à percepção do espaço, bem como suas formas de organização. Há entre tais grupos distância que se expressam não apenas fisicamente, mas também social e simbolicamente, é como

se os indivíduos projetando no espaço o mapa cognitivo do universo social, revelassem sua humanidade construída historicamente. Assim a organização do espaço expressa e possui propriedades simbólicas, que se comunicam através de signos, cores, formas etc. (p. 169)

O conhecimento antropológico ajuda na compreensão das categorias sociais especialmente nas análises organizacionais como focos de estudo etnográfico das etnias indígenas do local, os originários possuem conhecimento cosmológico, na razão intelectual na produção das novas descobertas beneficiando o fundamento de cunho cultural coletivo

As formas e modos de vida cultural na cidade mesmo diferenciado possuem explicações aprimorando os elementos políticos e sociais e agora, refere as questões sanitárias e remédios da cura, terapias, métodos de prevenção existentes desde os tempos imemoriais.

Ahkató interpela a si mesmo e depõe a sua história para refletir o conhecimento local, muito debatido neste trabalho, e a busca de depoimentos e uma bela memória de caminhada da comunidade indígena Tukano Turoporã, experiência dos membros da comunidade, sentido duplo da vivência em realidades aparentemente paralelas concomitante na interface contínua de uma transformação e a sequência de interferência na cultura originária.

O pesquisador reviveu neste momento a execução em graus de ida para o urbano na saída da aldeia pela opção de estudo no curso do ensino ginásial no sistema do internato da instituição dos religiosos missionários salesianos, modo atual de ensino fundamental fase I e o II. Sair da família da vida comunitária na aldeia e submeter-se ao sistema educativo de internato significa fazer mudança na conduta e no pensamento de ser indígena estudante, brasileiro, com o espírito religioso católico.

Prosseguindo as idas e vindas no estudo encerrando o ginásial da época, deixa o internato e rumou para a sede do município na cidade de São Gabriel da Cachoeira para cursar o magistério profissionalizante, denominado de segundo grau, no período compreendido pelos anos 1984 a 1987, época em que experimentou a dura realidade de viver na cidade, aprender a comunicar na língua nacional, sem moradia, sem o sustento econômico e o suprimento necessário para enfrentar o tempo de estudo e, pelo destino ingressa para o seminário menor local diocesano na formação espiritual seminarística e finaliza o curso do magistério para atuar no trabalho como professor e cumpre eminentemente a profissão.

Entre os anos de 1988 e 1994 sai da sede do Município de São Gabriel da Cachoeira e ingressa para o seminário maior regional na cidade de Manaus onde cursou graduação em filosofia e teologia no Centro de Estudo do Comportamento Humano, órgão subsidiado pelo Conselho Nacional dos Bispos do Brasil Regional Norte 1ª, da Igreja Católica. Com apenas 24 anos de idade termina os cursos, das duas graduações e aprendeu a sobreviver, a ser vitorioso nas experiências culturais e sociais dentro da complexa realidade. Obtém a percepção do mundo diferente vivenciado na conexão de dentro das realidades a indígena carregada dentro de si e vivenciando não indígena, percebendo a extrema fragilidade na convivência social, com força na superação constante em cada um dos desafios surgidos no mundo com os não indígenas, prevalecendo com criticidade e vontade de vencer as diferenças culturais na idéia da igualdade, justiça, respeito e dignidade a luz da Teologia da Libertação.

O indígena nascido, crescido e vivido como indígena, sempre será o que ele é em qualquer contexto e realidade em que estiver vivenciando no tempo e no espaço. Carrega dentro de si um sentimento profundo e puro incondicional da sua característica cultural e dos valores étnicos fundados na natureza própria de viver e pensar. Existem interferências das forças externas e o indígena Turoporã convive na junção de duas realidades. Experiências tidas na aldeia e na educação e a vinda e permanência na cidade.

As novas gerações percorrem no decurso da vida indígena Turoporã, ou de outras etnias e envolvimento do sujeito, o indígena que convive no contexto social e cultural urbano adota outra maneira e forma de viver numa determinada realidade social. Michel Foucault (1926-1984), aplica o conceito do sujeito como um instrumento analítico que, em sua abrangência, compreende as realidades empiricamente observadas, a representação dos que buscam transformá-los e a efetiva crítica das mesmas. Os jovens indígenas e outros assumem uma vida cultural e social diferente da origem étnica convivem com os outros significados, exercem outro papel do sujeito como agente de transformação social.

O ser humano indígena ou não indígena é sujeito que vivência a experiência da transformação na dimensão coletiva no sentido sentimental, funcional, psicológico e espiritual. Convive no diferente contexto de modo que a socialização cresça fazendo a adaptação em vários lugares de vivência espontânea, por escolha, indução ou obrigação. O ser indígena sendo o sujeito, apoiado no alicerce da sua origem, o conhecimento local, escolhe conviver no outro contexto sociocultural com inúmeras experiências e as consequências; obtendo os acessos e fechamentos, entre as dificuldades e facilidades.

O processo ergue o pensamento do sujeito indígena ou não indígena relacionado na concepção de gente ou pessoa, gênero, idade, localização com marcantes lugares distintos no grande processo de mudança e transformação social, é uma questão emergente. O sujeito permanece isolado ou essa pessoa se envolve numa experiência das mudanças decorrentes do lugar de vivência; a sua origem une no encontro com as forças culturais e sociais de contextos distintos que atingem o indígena Turoporã na amplitude pelo processo de mudança na estrutura social e nos valores da tradição cultural. E estas interferências são constantes no clã Turoporã e outros grupos étnicos, surgem diferentes pensamentos e condutas que regem os segmentos sociais e culturais.

A adesão nas outras realidades físicas e contextos sociais com a multiplicidade cultural geram as consequências na mudança dentro da realidade indígena, as novas relações de parentesco e vida social, a adoção da língua, geralmente a portuguesa, espanhola, a transformação corporal a parte física que muda a concepção social, cultural no espiritual e imaterial. O indígena atingido pelos elementos vindos de uma realidade complexa passa a criar nova relação étnica, outros conceitos morais e normas de vida coletiva do clã, aparecem diferentes modos de comportamento de ser pessoa na atualidade que consiste na análise e aprofundamento para a formulação do dado científico.

A conceituação científica de indígena na realidade social e cultural do ser específico dentro do contexto físico, analisa na particularidade da relação complexa do centro urbano, a abrangência da compreensão do objeto pensado no presente do estudo científico. As relações históricas darão o suporte da sequência da formulação da ideia de forma estratégica para obter explicação dos acontecimentos, da memória, do consciente e do inconsciente na dinâmica do contexto social estudado.

As ideias teóricas e experiências ajudam as novas e atuais pesquisas etnográficas, na abordagem das transformações, no uso dos métodos e para compreender uma determinada etnia um grupo social de forma mais rápida, para elaborar inventário exaustivo de costumes e crenças que levariam mais tempo para obter as explicações. Os conhecimentos dos nativos no contexto das etnias levam anos, assim como seus complexos hábitos, a língua em que exige toda uma construção de arcabouço central de toda a estrutura de uma cultura. O pesquisador aplica o método da observação participante que dá o suporte para adentrar ao universo do sujeito numa determinada estrutura social e cultural.

Clifford (2013) cita:

O “método genealógico” de Rivers, seguido pelo modelo de Radcliffe-Brown baseado na noção de “estrutura social”, fornecia esse tipo de atalho. Era como se alguém pudesse deduzir os termos de parentesco sem uma profunda compreensão da língua nativa e o necessário conhecimento contextual convenientemente limitado (p.30)

No espaço social a cultura étnica é importante para entender a explicação da genealogia para poder afirmar a origem e seguir a formulação do conceito de pertencimento ao grupo social étnico, o grau de parentesco entre outros. As informações são colhidas dentro de um longo tempo de duração, processo que atenda a investigação, a fim de chegar, uma compreensão satisfatória do objeto observado na pesquisa. Ao fazer proposições limitadas e sem fazer segredos das dificuldades de sua pesquisa, Evans-Pritchard e Coelho (1981) conseguiram apresentar seu estudo como uma demonstração, desenvolveu a sua teoria efetuada no campo da pesquisa. Evans-Pritchard conseguiu focalizar os aspectos da “estrutura” social e política referente a tribo Nuer, analisada como um conjunto abstrato de relações entre segmentos territoriais, linhagens, conjuntos etários, e outros grupos mais fluidos.

O lugar original para as gerações antigas será o de vivência coletiva na distância da dita “modernidade” isolado do mundo em desenvolvimento cultural, do reconhecimento da ciência e do conhecimento da etnia e do clã, com raízes e conteúdos originários míticos e históricos, vivido em todo o tempo e, para as novas gerações muda a cosmovisão original devida as outras ideias, as outras atitudes, outros comportamentos em outro espaço físico. Este lugar de vida de vivência cultural e social é que favorecerá a afirmação da identificação, da organização política, da estrutura da sociedade étnica e outros grupos sociais, o conhecimento da língua, interação entre os membros da sociedade no cotidiano, conhecer-se a si mesmo o mundo étnico e o clã.

O lugar e o espaço em transformação resultam da ação humana acompanha a mudança no processo atual submetendo a complexa realidade moderna. Com atenção especial existe a diferença cultural, é necessário verificar as novas relações sociais. O ser humano membro de determinada origem da sociedade cultural faz a experiência de vivência em contextos diferentes em lugar distinto de sua origem social e diferente na sua complexidade com as outras normas, outros valores.

Na sequência será abordada como os indígenas vão viver na cidade e as razões por que mudam do ambiente original da aldeia para viverem no centro urbano; vir de um lugar vital e harmonioso atualmente com influências, natural e acolhedor na concepção original, para ingressar no lugar oposto e cheio de movimento, o ainda não vivido

integralmente passa a ser habitado. Alguns aspectos numa passagem rápida, já foram destacados no item anterior e aqui será problematizada a saída da aldeia para permanecer no centro urbano, para poder realizar a análise antropológica e social nas questões mais atingidas neste processo. Estudo que muitos pesquisadores e antropólogos já devem ter analisado, mas a reta intenção é abordar a relação da realidade atual da vida da aldeia e a vivência étnica urbana.

A interlocução possibilitou a obtenção dos conteúdos e a elaboração das ideias a partir dos dados das experiências vividas pelos indígenas para com os indígenas membros das mesmas e de outras etnias ou também na relação com os não indígenas, instrumentalizados pelas influências, dos contatos contidos no diálogo e análise do contexto étnico em transformação que envolvem as questões da identidade, organização social e a continuidade na prática tradicional cultural. Os indígenas escolhidos perguntaram com surpresa e um olhar de desconfiança como característica étnica: o que e em que o pesquisador estaria interessado com o trabalho na interlocução? qual era a finalidade de perguntar e obter as respostas relacionadas com a vida étnica da saída e a vivência na cidade? O indígena especificamente o adolescente e o jovem são orientados pelos pais e sábios para guardar a sabedoria étnica como segredo e, portanto, o conhecimento, o significado ritual e cerimonial não seria revelado. Na crença se o significado for revelado, os efeitos favoráveis ao iniciado e cerimônia não se efetivam. A quebra por falta de ética não permitiria alcançar a eficácia do rito e da cerimônia realizada na iniciação.

O pesquisador explicou a razão da interlocução e do que se tratava a coleta das informações, os comentários e análises da realidade do contexto social étnico. Este empenho refere-se a um trabalho de pesquisa para a construção da tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas. A proposta da investigação será a relação da experiência indígena de vida na aldeia e a vida no contexto social urbano na concepção dialética do processo de mudanças constantes nos tempos atuais.

A interlocução deverá ocorrer com o uso da fala em idioma Tukano facilitando a coleta do conteúdo do conhecimento, a ciência mítica, os valores originários, o sentido de pertencer a terra, a tradição e toda a gama de experiência dentro da vida étnica estendida na faixa etária de adultos seguidos mais de 25 anos até os de 40 anos de idade. Líderes e agentes indígenas são sujeitos de sua história, ocupam função social, afirmam a identidade e vivenciam outros processos de mudanças, são protagonistas no campo

social, educativo, estruturação política e social e autores dos projetos interculturais. Os indígenas são pertencentes a maioria da etnia Tukano de diferentes clãs e diferentes etnias, falam de diversos aspectos formando as idéias e opiniões a serem analisados.

A composição e organização dos conteúdos colhidos serão analisados na relação da realidade étnica em processo de mudanças e transformações na vida urbana, dialogando com a leitura das ideias dos teóricos, comparações, críticas, complementos descritos que se vinculam ao trabalho metodológico feito na interlocução.

3.2 As interlocuções de indígenas adultos e adultas na cidade

A busca da informação foi direcionada seguindo o percurso feito pelos indígenas na experiência de vida da aldeia e a parte constitutiva no contexto desafiador cultural e social na diversidade do centro urbano, verificando o pensamento a conduta que serão abordados na reflexão no momento presente.

Os sujeitos selecionados para a interlocução são membros étnicos viventes nas diferentes aldeias com um grau de experiência da vivência interétnica, são jovens e adultos que vivenciam nos dois contextos, a da aldeia e do centro urbano com finalidade na ocupação do trabalho, missão da igreja ou estudo, representação indígena em alguma instituição pública.

Os assuntos da interlocução focalizam a visão cosmológica de sua origem, a diversidade da experiência de vida cultural no contexto urbano, a interação social com o não indígena, e a construção de outras perspectivas com novos olhares no outro mundo sociocultural antes desconhecido e ainda não vivenciado.

A categoria jovem na visão étnica corresponde à faixa etária entre adolescência e a juventude, período apto para o casamento, aquele indígena e aquela indígena que não contraiu matrimônio, que permanece no estado de jovem na condição inaceitável, se limita a sua participação nas cerimônias e ritos coletivos, enfrenta a rejeição na aceitação social comunitária por não ter esposa ou esposo e os filhos consequentemente.

A vida étnica compõe de regras e normas sociais culturais e o solteiro e a solteira, sendo jovens, vivem com os pais, todas são prometidas a casar-se de modo preferencial como seus primos e suas primas, as que participaram da interlocução tem uma vivência urbana com reais opções de vida.

Aos 20 dias, do mês de janeiro, de 2020 no centro urbano da cidade de São Gabriel da Cachoeira, Estado do Amazonas, realizou-se a interlocução da indígena com nome de Batismo Católico de Deusimar Cruz Sarmento (Figura 6). Nascida em 1982, na aldeia hoje denominada de Cucura, igarapé Cucura, afluente do rio Tiquié, pertence a etnia

Desano, filha de Durvalino Moura Fernandes, mãe Judite Sarmento. Possui a formação de nível superior, Graduação em Biologia, exercendo a função de educadora na rede pública municipal.

No diálogo a Desano foi perguntada pelo conhecimento da história da origem de sua etnia, de seu clã, da sua raiz e da sua cultura. Ela respondeu:

“Então eu sou Deusimar, meu nome de basessé é Waró, da minha etnia Desano, eu sou do quinto clã na hierarquia do desano, Wāridupotiróporã, eu conheço sim, a mitologia né, da minha etnia, da origem de como surgiu, ainda quem me contou foi o meu avô, o Americo Fernandes nome do basessé o Diácuro. Há um livro publicado que ele fala, por isso, nós conhecemos, ainda tenho oportunidade que o pai buscou sempre converso e conversamos sobre a nossa origem de onde surgiu e como fomos parar onde nós morávamos lá na Cucura e esta é a história.”

Figura 6: Waró



Fonte: Arquivo do pesquisador

Conhecer a si mesmo para a indígena significa pertencer a origem, na identificação, a espiritualidade, a mítica de ser Desano configurando o conhecimento na ciência cosmológica em vários processos de vida e a existência. O avô é reconhecido como um sábio, orientador e educador cultural na etnia e sabiamente colabora na composição da obra referenciada no serviço a etnia Desano e o clã ao qual pertence. No conhecimento local foi perguntada como aprendeu a história da sua origem, e ela respondeu assim:

“Desde a comunidade e meu avô sempre tinha a pratica de contar e contava para todos nós que éramos netos em forma de oralidade, contou e o meu pai também tem a prática de contar e depois os dois escreveram o livro sobre a origem que é chamada a mitologia sagrada

do povo Wāridupotiróporã¹⁸⁴ que é da nossa etnia do nosso clã, por isso, então, foi por meio da oralidade e depois por meio do mito que Deus criou, que eles escreveram e depois continuam falando e tem muita coisa que a gente vai conhecendo, conversando nestes últimos anos”.

Pós o processo da evolução a aldeia e atual comunidade é o berço da vida do clã e da etnia, o discurso da ciência ocorre na relação do território e os sujeitos considerados os autores e atores da experiência concreta. Constrói a estrutura política, social, econômica e cultural no processo dinâmico do funcionamento e vivência coletiva.

Aos indígenas, a vida familiar e comunitária são a base da educação no exercício da prática sócio cultural que condiciona ao membro da etnia Desano e o clã ou, de outras etnias sendo sujeitos capazes de produzir ações e atitudes que referenciam a nossa origem, como os membro da etnia e do clã, afirma o pertencimento, isto é, o valor cultural e a sabedoria étnica construídos via canal do ensinamento, da oralidade ministrado e demonstrado pelos sábios segundo a tradição da afirmação da identidade.

Os sábios, velhos do clã se preocupam com os filhos e netos na transmissão do conhecimento local para as crianças, adolescentes e jovens, considerado em cada etnia o melhor ensinamento na contraposição da força da influência do mundo envolvente, isto, dificulta a adequação dos momentos e processos para demonstrar e ensinar para as novas gerações, as constantes mudanças provoca a preocupação de não acontecer mais a demonstração de interesses por parte das crianças, adolescentes e jovens e pela parte dos sábios a extinção dos números devido a pandemia e outros males. As novas gerações acompanham outro processo do ensinamento e da aptidão do saber e conhecer, aprender a ciência étnica quase fica despercebido, há uma desvalorização da importante raiz que sustenta a identidade indígena e a vida da comunidade. No futuro pela falta do conhecimento da ciência social e cultural própria os membros da étnica do clã terão a dificuldade de sustentar a origem e manter a firmeza de que são indígenas e afirmam a identidade desde a origem. A Desano questionada do fato de vir morar na cidade de São Gabriel da Cachoeira, respondeu:

“Eu e a minha família mudamos para a cidade porque naquela época não tinha ensino médio na aldeia, a minha comunidade (em Cucura), este foi o motivo maior para estudar e tive que sair da aldeia, com a esperança da oportunidade de ter emprego e também, somente aqui na cidade havia o funcionamento do Curso do Magistério. A vinda para cá coube aos nossos recursos e o retorno para aldeia deixa-nos em dificuldade financeira, o tempo e a distância, o acesso na escola urbana

¹⁸⁴ Nome do clã desano

devido o acúmulo de indígenas migrantes não dispõem das vagas, essa é uma situação de experiência de viver na cidade, por exemplo, na escola do distrito de Pari Cachoeira somente havia o ensino fundamental e as vagas eram poucas em relação a grande demanda correspondente para os indígenas moradores do distrito que permanecem no território de abrangência”.

A ida de um lugar territorial para outro é a própria dinâmica da tradição indígena, parte da cultura que pode circular no próprio lugar da origem étnica, rumar-se no lugar distante e diferente, o fato de sair da aldeia e ir para o centro urbano se justifica pelos objetivos diferenciados da origem como o de estudo e aprimoramento do conhecimento próprio e da ciência não indígena. O pensamento de aprender mais a ciência é uma perspectiva étnica envolvendo na inter-relação dialógica e intercâmbio com a sociedade não indígena, demonstrando a capacidade intelectual que compactua com a mesma racionalidade e aptidão mental como tantos outros não indígenas.

A vivência indígena no contexto urbano é a consequência de uma opção feita especialmente nas faixas etárias do adolescente e jovem, a maioria dependente dos pais que naturalmente estão na fase da formação cultural, enquanto, na cidade ingressa no nível médio e superior da formação intelectual. Como qualquer outro ser humano o estudo dá a garantia do emprego, ganho salarial e sustento, o indígena tem sua capacidade e conhecimentos próprios que dão o otimismo como destaque na sociedade intercultural.

Na interlocução sobre o viver na cidade surgiu a pergunta se a indígena mantém o contato com os indígenas parentes e amigos, da família étnica que ainda vivem na comunidade Cucura, ela respondeu:

“Mantenho sempre dependendo da oportunidade nos determinados períodos e, em todo ano eu tenho oportunidade de ir na minha comunidade devido à minha função social, pela razão do meu trabalho, pelo trabalho que exerço na diocese, a igreja católica, viajo para as comunidades para todas as calhas dos rios atendendo as distantes paróquias, tenho o contato não só com minha comunidade, mas, também com outras comunidades e sedes distritais de todo o município nos distritos como em Iauretê, Taracuí, Assunção do Içana, Cucui, Pari Cachoeira que são as paróquias que a nossa equipe pastoral mantém o contato, hoje acabamos de chegar do atendimento da calha do rio Negro. Encontro alguma dificuldade na comunicação com o uso da língua que são diferentes do Tukano ou Desano, a língua geral, Werekena, Hupd`a, Cobewa, Curipaco e outras não difíceis de entender e no diálogo com os falantes”.

O indígena mantém o diálogo naturalmente com o seu idioma numa ligação com a família e não desliga o laço do parentesco mesmo na distância sempre retorna ao encontro com as visitas aos membros familiares de origem nas diversas circunstâncias. O uso do idioma é o traço da identidade, pois, difere entre os grupos de diversas etnias, em

cada região e território há um estilo da linguagem com os membros da etnia e do clã, esta forma fundamenta as raízes e as características culturais e sociais da etnia e do seu clã original. A consideração do parentesco abre o diálogo e a interação do conhecimento e a prática da tradição, os ritos e a prática das cerimônias.

“A Desano explanou sobre a opinião do que a cidade tem de bom e do que tem ruim, assim: *“A cidade é pensada como o lugar onde pode encontrar as oportunidades quando a gente busca e o que se quer alcançar, é um modo de pensar que envolve uma grande luta, isso é muito bom, com coragem ter acesso e correr atrás do algo desejado. A face do ruim também pode ser encontrado pela má escolha, a incapacidade e fracasso na luta, ao mesmo tempo é a falta de oportunidade, problemas sociais, ampla concorrência e muitos indígenas não conseguem vencer esta dura batalha. O que não é bom são os perigos dos vícios, é o alcoolismo que destrói o indígena e a indígena, atrapalha a vida social, o empenho no estudo e trabalho; as drogas, ultimamente cresceu bastante, vejo tanta violência sexual contra as mulheres indígenas. É muito difícil tornar público estas questões do abuso sexual e pedofilia, as crianças e adolescentes mulheres elas se calam e não falam com medo de sofrerem as represálias, as vítimas são intimidadas, elas sofrem ameaças e, por isso, não tem coragem de denunciar, essa questão do respeito a vida e a cultura feminina vem sendo trabalhada muito e, isso também nas comunidades, em forma de roda de conversa para ouvir o que as às crianças, as adolescentes e as jovens indígenas vêm a falar. Sou consciente também que o machismo a supremacia do homem é forte na cultura étnica e, isso fortalece a violência dos homens não indígenas contra o gênero feminino, continua forte o domínio dos homens não indígena, o próprio indígena também deve valorizar a indígena, estamos conversando nestes dois últimos anos como trabalhar e ajudar as próprias mães que informam que a violência existe e, por isso, há uma necessidade para inverter o quadro”.*

Existe a diferença entre o contexto urbano a estrutura social e econômica, a divisão do trabalho, sendo que na cidade a mudança ocorre no serviço que diminui a divisão hierárquica de homens em relação ao feminino, o alto poder de consumo e a vida da aldeia e comunidade com o estilo de partilha e vivência basicamente comunitária, em cada realidade existe uma dinâmica social e cultural que caracteriza a prática cultural, no cotidiano os comportamentos diferem na complexidade da relação social e organização política, econômica atrelados a burocracia e normas, ações boas e maléficas dos cidadãos.

A mudança da vida cultural ocorre desde a vivência no espaço geográfico original, a estrutura comunitária modifica com as fortes influências da vida urbana, com os modos e formas de organização social em estilos no cotidiano, os hábitos complexos e inovadores com as condutas formais e padronizadas e muitas não adequadas no modo de pensar e viver como indígena. A cultura até então considerada isolada transforma misturada, coletiva e diversificada, a vida originária livre e natural encontra desafios na realização de cerimônias e ritos tradicionais, porque o indígena passa a habitar no outro

contexto fora do original com tendência da perda do sentido da pertença da raiz significativa modificada

A vivência de práticas originárias passam a ser restritas com o risco de esvaziar o sentido e significado transcendental e espiritual. No centro urbano se cultiva a tradição cultural, nas danças, nos ritos e cerimônias e em muitos casos esses valores imateriais acabam sendo realizados em forma de representação e dramatização para mostrar ao público que valoriza apenas como consumo artístico sem o respeito a cultura indígena.

3.2.1 O registro das falas sobre a origem étnica

Aos 20 dias do mês de janeiro, ano de 2020, nas dependências da sede da Diocese na cidade de São Gabriel da Cachoeira, Estado do Amazonas, ocorreu a interlocução com a indígena da etnia Tukano do clã Bosócaperiporã¹⁸⁵, com o nome de batismo sacramental católico, Roberta Massa Duarte, nascida em 2002, no distrito de Taracuí, com o nome do basessé, Yepário, tendo a filiação de Sebastião Mario Lemos Duarte da etnia Tukano e de Clara Mota Massa da etnia Desano.

Figura 7: Yepário



Fonte: Arquivo do pesquisador

A Tukano do distrito de Taracuí perguntada sobre o conhecimento da sua história, da sua etnia e do seu clã, respondeu:

“Eu conheço um pouco a história, a mitologia da nossa etnia e do povo da região. Do meu povo, por meio da conversa dentro da família, depois do almoço, ao sentar-se ao redor do fogo em casa e compartilhar o conhecimento. Por curiosidade eu queria saber da nossa origem como pessoa, como um ser que faz parte do nosso clã, até mesmo para saber da nossa identidade. Na fase da minha idade surge

¹⁸⁵ Traduzindo em português significa: Filhos dos olhos do acutiwaia.

uma certa curiosidade a vontade para sabermos quem somos nós e por que nós estamos aqui ou ali, realizamos certas ações diferente das outras etnias, como podemos interpretar o lugar de onde nós surgimos e poder fazer a comparação do que estamos vivenciando no presente. A partir do momento que elaboro as perguntas e questionamentos, eu pergunto a mim mesmo e a minha família também tem a mesma preocupação na pequena roda de conversa”.

O conhecimento da origem da etnia, a formação do clã, a estrutura da família é a essência da vida étnica. O conhecimento indígena fundamenta na história, na mitológica, na cosmovisão que forma a sabedoria e a ciência. O mundo presente impõe urgências sobre diversos questionamentos para compreender existência étnica e do clã, as fortes influências exteriores transformadoras. O conhecimento étnico existente desde a origem evolui e desenvolve em cada processo, solidifica a justificação da identidade originária.

No aspecto do seu aprendizado a Tukano contou sobre a história da sua origem, assim:

“Foi o pai do meu pai o meu avô, as conversas junto com meu pai, geralmente foram eles que partilhavam o conhecimento e a ciência valiosa da nossa etnia e do clã, isso significa que a família tem importância, meu pai e o meu avô ele é pajé fez a cerimônia de basessé e ele que me deu no rito do nascimento o nome de basessé e eu sempre tenho o sustento e força recebida nas palavras do sábio, porque são postas com fundamento. Com o ensinamento recebido abro o diálogo com as outras etnias, faço comparação da sabedoria com os valores e desvalores, as riquezas materiais e imateriais na relação com as outras culturas, as igualdades e diferenças que caracterizam a origem humana, o conhecimento da mitologia, a prática da cultura da vida cristã sobre a presença na história de origem, conheço e vivo a minha fé, foram meus pais principalmente e a minha mãe que sempre partilhava como surgiu e qual é a origem humana a partir da versão dela da etnia do Desano, porque cada etnia tem a sua versão de origem”.

A origem étnica e a formação do clã têm suas raízes e se tornam base do ensinamento dos pais e dos sábios que é na forma pedagógica a transmissão do conhecimento mitológico, prática da tradição, os ritos e a realização das cerimônias, a importância e o valor dado na ocupação territorial do clã, a vivência da elaboração da lógica do conhecimento local indígena. As expressões da língua em Tukano, assim como nas diferentes etnias existem forma das concepções e a formulação racional da oralidade, dando a sequência da versão ensinado pelo sábio do clã. Os indígenas formam uma sociedade com cultura própria, a etnia percorre na história, constitui o conhecimento local sistematizado na estrutura cosmológica, tratado pelos sábios e ensinado as novas gerações como atividade sistemática dentro do clã. Na interlocução a Tukano foi perguntada se considera importante conhecer a origem, ela disse:

“A minha origem tem uma importância na vida indígena, porque ser indígena motiva a ter um orgulho próprio na afirmação da origem, a identidade cultural, o modo como vivo no cotidiano, é muito importante também porque pela minha identificação é que conheço a mim mesma e aprendo a conviver com outros indígenas e os de origem diferente. As mudanças influenciam na valorização da origem indígena e eu, continuo sendo o que e quem eu sou. Todo o processo de vivência, identifico o que eu sou. Se não valorizar a mim mesma, sou eu que perco e sendo assim conheço e afirmo a minha identidade”.

A importância do conhecimento sobre a origem se processa da ação pedagógica dos pais, dos sábios e na participação na presença dos ritos, cerimônias e vida comunitária. Estabelece o espírito do pertencimento à sua etnia e ao seu clã na raiz de ser indígena reconhecendo a estrutura do parentesco. A organização sociocultural processa a partir da característica cultural inerente a vida comunitária, compõem de membros com funções e ações específicas a serviço da etnia, promove o diálogo, interno e com outras etnias e essas características fundamentam a estrutura de organização política, cultural e social da etnia. No questionamento se a Tukano considera importante escutar os velhos e sábios da etnia, respondeu:

“ A escuta sempre é muito importante principalmente eu senti esta necessidade desde que eu saí da comunidade, não tenho mais os meus avós como pessoas mais velhas da minha etnia e família e, esta situação é alarmante, somente pude ouvir os sábios enquanto vivia na comunidade antes da minha saída da aldeia, na minha infância e parte da juventude e como eu saí ainda nova dessa vida, deixando a minha comunidade, não tive a oportunidade tão necessária para a minha aprendizagem. Eu desejo e preciso conhecer mais a sabedoria, a ciência da minha origem cultural e social e, ainda tenho o sonho também de ouvir das mulheres que são as minhas avós que não tive oportunidade conversar e saber a minha origem. Essas coisas delas, aprender com elas o que sabem, ainda tenho a curiosidade se tiver oportunidade de sempre procuro estar à disposição para ouvir, sempre tendo o tempo poderia ir até na minha realidade porque pelo esclarecimento e aprofundamento conhecerei os valores culturais que envolvem a cultura na sociedade étnica e terei mais força no presente. A luta e a resistência decorrem na influência das forças externa que descaracterizam e desvalorizam os aspectos mais importantes da cultura. A sabedoria e a tradição que fortalece a afirmação da identidade de ser, praticar e falar seguindo e ouvindo aos mais velhos”.

Na cultura étnica em cada estrutura do clã os velhos considerados os sábios são valorizados e respeitados na relação com os mais jovens, cada um tem a função espiritual, social e cultural, são detentores da sabedoria e do conhecimento, ensinam e transmitem a todas as gerações do clã o conhecimento pertencente a eles, dialogando com os membros étnicos internos e de outras etnias, celebrando, ritualizando e executando as cerimônias como indígenas, na interação com os não indígenas, dialogando na convivência

superando as barreiras criadas nas relações interétnicas. Sobre a pergunta por que vive na cidade e faz a experiência urbana, a indígena, afirmou:

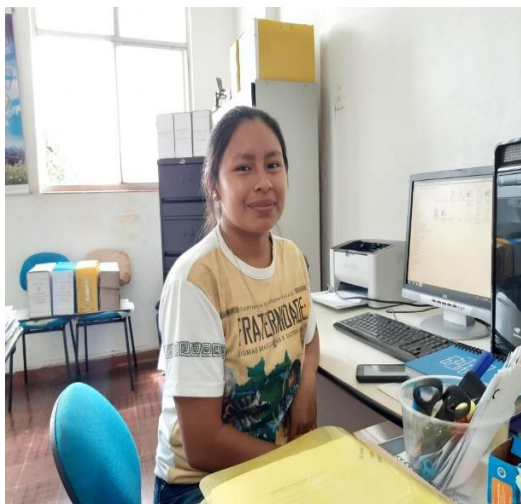
“Eu saí da minha comunidade de Taracúá com 15 anos com o objetivo de fazer uma experiência com as irmãs catequistas franciscanas que motivaram a vivenciar em várias comunidades, inclusive a capital de Manaus, no município de Iranduba no Amazonas, em Rondonópolis no Mato Grosso, Dourados no Mato Grosso do Sul. A experiência de vivenciar essas realidades diferentes também ampliou um pouco sobre a minha visão sobre o valor das culturas diferentes, os costumes, as diversas tradições no jeito de viver e olhar a vida de uma forma diferente”.

A vida na cidade é uma opção e escolha decidido, em consenso com a família e em muitas situações as famílias se transferem para residir em meio urbano e os filhos percorrem as suas vidas nos processos diferentes das realidades sociais. A criança, o adolescente e o jovem passam a adaptar-se conciliando a dimensão indígena com a urbana, e essas duas realidades faz com que o ponto de encontro seja o espaço social, com dificuldade, conflito e o sujeito indígena integra na nova ordem social, econômica e vivência cultural, é uma descoberta de outro modo de viver a cultura e a relação social.

A experiência da vida no contexto urbano é diferente da aldeia, na comunidade, coexiste numa força diferente do aprender e conhecer reafirmando a identidade indígena. Esse é o fator que aumenta a capacidade da aprendizagem de novos conhecimentos ou, por outro lado, é provável que também seja prejudicial no aspecto causador da perda da identidade cultural e social, da capacidade da comunicação, da continuação, da consideração pelo parentesco e a valorização étnica da existência mútua compartilhada. O viver com a família no clã é sempre importante por diversas razões no valor linguístico, no diálogo, a consideração da pessoa como parente, o respeito mútuo acolhendo e compartilhando o conhecimento, na partilha dos bens materiais, o afeto e dignidade.

Aos 20 dias do mês de janeiro do ano de 2020, na cidade de São Gabriel da Cachoeira, Estado do Amazonas, ocorreu a interlocução com a indígena com o nome de basessé Diathó (Figura 8) e pelo sacramento do batismo da igreja católica com o nome de Vera Lúcia Aguiar Moura. Nascida em 1997, filha do Orlando Massa Moura da etnia Tukano e, de Natividade Maria Costa Aguiar, da etnia Desano, exerce a função de secretária da Fazenda Esperança de São Gabriel da Cachoeira.

Figura 8: Diathó



Fonte: Arquivo do pesquisador

Com notável espontaneidade, Vera Lúcia Moura dialogou com muita liberdade, formulando bem suas falas, apresentando repostas claras e coerentes para cada questão. Baseou-se na afirmação da característica inerente da identidade própria fazendo ao mesmo tempo a análise da realidade da vida indígena do processo histórico com a experiência em contextos não indígenas. Na interlocução a Tukano descreveu o histórico mito da etnia, assim:

“Conheço em parte especialmente o mito da etnia, na minha língua em tukano o clã é diípéporã¹⁸⁶, a minha etnia pelo ensinamento dos meus avôs e do meu pai viemos do rio Papuri¹⁸⁷, atualmente moramos no rio Tiquié. Segundo a história somos os líderes da etnia Tukano, mas, dialogamos na hierarquia dos clãs, cada uma tem a organização, o conhecimento e segue a característica e modo e forma de vida, compreendemos a composição dos primeiros filhos, líderes na hierarquia do clã. A nossa origem é conhecida que segundo os meus avôs da etnia do povo tukano o grupo étnico que eu pertencço surgiram da cobra canoa¹⁸⁸.”

A mitologia da origem dos indígenas Tukano e outras etnias têm a marca viva na narração segundo o conhecimento próprio, a versão de cada etnia e do clã. Tradicionalmente a narração da cobra canoa que percorre o litoral passa pelo rio Amazonas, rio Negro e chega na cachoeira de Ipanoré¹⁸⁹, no rio Waupés onde ocorreu o processo da evolução das espécies humanas dando origem as diferentes etnias que habitam o mundo. O conhecimento da origem das etnias é de suma importância para saber

¹⁸⁶ Traduzindo em português: filhos do buraco, reserva do tipo da argila, para fazer panela de barro .

¹⁸⁷ Rio Papurí é afluente do rio Waupés.

¹⁸⁸ Mito da transformação da espécie humana.

¹⁸⁹ Nome da Cachoeira da transformação em espécies humanas. Localizada no rio Waupés.

as manifestações da classe hierárquica de cada uma delas, a nomenclatura, a manutenção do diálogo político que define o grupo seguindo a sequência, a hierarquia classificatória das etnias e dos clãs, razão que constrói o território habitado, a tradição, a ciência e a estrutura social própria.

O ensinamento dos avós, dos pais, ensinados na oralidade histórica da origem, da etnia e da formação do clã, é a tarefa dos pais e dos sábios com as particularidades das narrações mantém aspectos, graus e níveis, expressado no diálogo com o respeito entre as diferentes etnias, grupos e hierarquias constituídas dando abertura no compartilhamento do conhecimento local.

O mundo em que vivemos hoje não dá espaço para os jovens de viverem mais com a família ou na sua comunidade e passam a habitar na cidade e se distanciam da raiz originária, do conhecimento local tradicional fragilizando a essência e a percepção cosmológica, os saberes e a estrutura hierárquica, o sentido da vida comum. Na atualidade houve o êxodo rural, esvaziando-se da origem, corre o perigo do desconhecimento por não se interessar pela cultura. Cresce gravemente o distanciamento da raiz original, diminui a valorização cultural e a identificação, com diferente convívio no mundo juvenil na cidade com outros interesses no divertimento, festas, dança, nos jogos, o acesso da internet, o uso do celular e ver conteúdos apresentados na televisão.

A mudança da vida do jovem da aldeia para a cidade constitui traços de rompimento éticos para a experiência urbana com outros comportamentos, transformação das aparências físicas, atitudes e modos de vida próprias do centro urbano. O contexto urbano, no tempo e no espaço para o jovem indígena opera forte influência na vida, na cultura e na convivência social, são outros elementos e padrões de vida cultural cheias de novas e outras atrações que modifica o sentido da vida, a sociedade urbana transforma o uso do tempo, a concepção do mundo, descaracteriza a idade, a origem, o ciclo relacionado na atividade e ação cultural que era vivida em cada tempo costumeiro, marcado pelo movimento da natureza, da lua, do sol, das estrelas, canto dos pássaros, piracema nos rios e lagos, além de outros momentos de transformação existentes na natureza. O distanciamento e o significado do casamento, nascimento de uma criança, uma viagem modifica os momentos estruturais do ciclo de vida no tempo vivenciado na sociedade e na cultura do Tukano.

O pensar de viver na cidade ser a melhor escolha, pode até ser, se o sujeito tiver emprego para trabalhar e ter os seus sustentos, a vida da aldeia e da comunidade do sítio ainda é a melhor opção de viver com muita liberdade na proximidade da natureza sem se

ater-se muito na vida veloz e estressante do mundo da cidade. Questionada como habitante urbana você se comunica com os velhos e sábios étnicos, respondeu:

“A comunicação permanece constante nos momentos que tenho possibilidade, a aldeia e a cidade são distantes geograficamente, o espírito, a identidade e o pensamento de afirmação indígena são presentes, pessoalmente em cada final de semana faço a visita e chego lá, converso, dou um tempo para trocar a experiência, o conhecimento valido para mim na escuta que o velho tem a falar”.

A fala do velho sempre é uma pedagogia que ensina a sabedoria do rito indígena, as cerimônias sagradas para cada idade. Vigora o respeito do significado da origem étnica, a territorialidade, a hierarquia do clã que fundamentam a sabedoria e tradição étnica. Para o jovem e membro da etnia e do clã, a fala do velho se torna um ensinamento para que seja orientado é uma verdade persistente há milênios existente na sabedoria originária, ilumina a afirmação da identidade étnica.

Aos 12 dias do mês de julho, do ano de 2020, a interlocução ocorreu com o indígena tukano, intermediado pela mídia social e da internet o Whatzapp. As informações e diálogos imperam no mundo globalizado através de ferramentas com alcance mundial, a mídia e a internet com alcance de longa distância obtivemos pelo whatsApp. Para o indígena a mídia e redes sociais são novidades e ele consegue comunicar-se com esta mídia participando na emancipação da comunicação. A interlocução com o indígena Tukano, estudante em São Paulo, com o nome de batismo da igreja católica, Marinaldo Almeida Costa e nome de basessé Yupuri. Nascido em 1990, filho do Tukano, com nome de batismo da igreja católica, Dionísio Borges Costa e de basessé Doé, de Etelvina Teixeira Almeida, nome de batismo da igreja Católica, nome de basessé Suegʉ, O local de nascimento foi em Pari Cachoeira, rio Tiquié, Amazonas.

Figura 9: Yupuri,



Fonte: Arquivo do pesquisador

A tecnologia moderna induz ao uso da mídia, sendo mais uma influência do mundo globalizado, consumista que afeta todas as culturas nas realidades sociais, até mesmo os indígenas quando viventes na aldeia e no contexto urbano acessam as ferramentas digitais no usufruto das forças de comunicação intermediado pelas redes sociais, com precaução e inteligência, muitas vezes perigoso na troca de mensagens que misturam a característica da cultura e valores dos indígenas Tukano e tantos outros milhões.

Entrando no mundo midiático o indígena não perde da raiz cultural étnica, faz um trabalho profundo psíquico e espiritual, uma verdadeira batalha interna e externa sustentado no conhecimento originário, interpela as funções e consequências na mistura cultural, busca a explicação no âmbito das ciências humanas e biológicas para compreender a idéia e o pensamento de um indígena que faz reflexão de sua própria vivência no tempo que se mistura nos diferentes mundos socioculturais, espaços geográficos e políticos.

Questionado sobre o sentido de viver na aldeia ou comunidade, o Tukano, afirmou: *“A melhor vida na aldeia é a tranquilidade, navegar de canoa remando, banhar e pescar dentro do rio e eu gosto muito de andar pela floresta e da mesma forma tenho a experiência e do desenvolvimento do viver social em coletivo”*.

A vida cultural e social indígena está construída no ambiente originário de paz e de muita tranquilidade, vivendo assim, cria outra mentalidade que repercute no valor e sentido do ser humano, da natureza. A forma da vida cultural munido de experiência e conhecimento e dos valores existenciais.

Na cidade impera o individualismo porque cada um vive preso dentro do seu mundo e muitas vezes não conhece nem a si mesmo e o seu próprio vizinho. Entretanto, a vinda para uma cidade pequena e outras grandes metrópoles, exige o poder e coragem para resistir. É necessário para estar neste lugar complexo, estudar, capacitar para reconhecer a identidade afirmando tanto quanto os demais de diferentes origens.

A vida no contexto urbano se movimenta na característica da diversidade cultural. A multiplicidade étnica e social, na compreensão do coletivo gira em torno do dinheiro. O consumo, comércio, eventos, o funcionamento das instituições, para o indígena nesse contexto se torna desafiador pelo fato de causar outra visão social e cultural, diferente lógica e forma outra concepção de sociedade, de interação e formas de reciprocidade e compartilhamento.

Na ideia comparativa sobre a opção é melhor viver na aldeia ou na comunidade, argumentou: *“Para mim é bom viver na aldeia e comunidade é mais saudável na minha humilde opinião, o valor da vida se torna mais significativo, vivenciado no contato com a natureza sempre me fez bem”*.

A vida na aldeia é significativa, proporciona o contato e o conhecimento da natureza, o cosmo, e a sabedoria indígena se desenvolve na estrutura de vida em experiência, o cotidiano é a prática do viver, olhar, dialogar e manipular os elementos naturais, agir de acordo com a tradição é o modo mais eficaz da caracterização da identidade indígena, são ideias muito diferentes como ocorre o estilo da cultura urbana.

Na questão das dificuldades de viver na cidade, afirmou: *“A adaptação, a comida, e capital material para o sustento. Eu estou passando na cidade por algum tempo por causa do meu estudo, encerrando o estudo devo retornar à aldeia de onde eu vim para desenvolver os trabalhos de afirmação da cultura indígena”*.

A educação é a parte mais valorizada pelos indígenas, razão da saída de aldeia para a cidade para enfrentar novos desafios e frequentemente fazer a passagem de uma realidade para outra, investir do melhor modo no processo de ensino e aprendizagem. Muitos alcançam êxito e outros não, com observação particular as indígenas que se casam, amasiam ou se engravidam tendo filhos neste processo de mudança de ambiente e experiência de vida.

O estudo como opção e desenvolvimento do conhecimento local é importante. Quanto a estudar em uma universidade, afirmou:

“O meu conhecimento adquirido fora da aldeia me dará o retorno na hora que eu voltar e servir para a comunidade na procura das alternativas para ajudar no conhecimento da nossa ciência, a organização política, social na luta constante de resistência dos povos da minha etnia e outras da região que permanecem sempre no abandono do atendimento da saúde, na educação, sem apoio na agricultura de subsistência. Vivemos sob as ameaças do atual governo de extermínio devido a invasão das terras dos não indígenas fazer o debate, propor com as novas ideias, projetos interculturais, inclusivas e democráticas na saúde, participação nas políticas públicas, educação diferenciada”.

O pensamento do jovem indígena é a parte mais tocante na observação da interlocução quase todos tem a reta intenção de retornar para a comunidade e servir de apoio, assumir no papel do líder para dinamizar a ação do protagonismo do indígena em várias dimensões que o envolvem, isto, porque os que atuaram na geração anterior passam como já mencionamos a escassez dos sábios.

Aos 15 dias do mês de julho de 2020, na cidade de São Gabriel da Cachoeira, Estado do Amazonas, ocorreu a interlocução com: o indígena da etnia Tukano com nome de basessé de Yepasuriü e com nome de batismo católico João Paulo Moreira Marinho. Nascido em 1978, na comunidade de Yuyutá, na atual comunidade de Barreira Alta, Rio Tiquié. Filiação do Tukano, Uremirĩ, Clã Turopará, batizado na igreja católica de João Bosco Aguiar Marinho e, a mãe da etnia Tariano, nome de basessé Regina Moreira Marinho. Exerce a função de Pedagogo da Rede Pública Municipal de município de São Gabriel da Cachoeira.

Figura 10: Yepasuriü



Fonte: Arquivo do pesquisador

Na interlocução o Tukano perguntado sobre o conhecimento local do clã do Turopará e quem foi que lhe ensinou, respondeu:

“A nossa sabedoria da etnia Tukano do clã Turoporã, é muito profunda e vasta com riquezas espirituais, hoje percebemos a importância e, por isso, precisamos pesquisar com maior duração de tempo, colher as informações. A minha sabedoria e o conhecimento recebi na transmissão oral do meu pai no cumprimento do papel dele de repassar o conhecimento, os valores culturais e a tradição, a oralidade da mitologia étnica da origem para reconhecer o nosso surgimento. Ainda quando eu era criança ele explicou quem somos nós e quem são os nossos irmãos maiores e os nossos irmãos menores, os nossos primos, a localização e a formação do nosso território, a aldeia em que eu nasci com português chamada de Barreira Alta, as coordenadas da localização das aldeias que formam o nosso clã. O território habitado, neste espaço físico consideramos que é local da nossa raiz cultural e social, no imaginário demarcamos os pontos geográficos que são compreensões da ocupação, a chegada e o desenvolvimento cultural e prática da caça, da pesca, da agricultura na roça. No nível espiritual o nosso conhecimento do basessé é o maior valor cultural que pelo parentesco há um certo compartilhamento entre os clãs, é a parte da ciência e de toda a sabedoria presente no rito considerado sagrado. A dimensão da arte na produção de artesanato aborda o conhecimento, a habilidade e a responsabilidade da exploração dos meios naturais para confeccionar a arte da tecelagem, como a prática, da arte de cantar, a arte da dança, as habilidades são vivenciadas em todas as idades. No presente a tendência é a perda dos valores e da sabedoria milenar, distanciamos da prática e do aprendizado do nosso conhecimento”.

O Tukano perguntado se ele encontra resposta e o sentido de ser indígena Turoporã no presente, argumentou:

“O sentido é vital, moral e ético de ser e afirmar que sou Tukano do clã Turoporã, pelo ensinamento dos meus pais e mestre do saber, o conhecimento da hierarquia do meu clã, o parentesco que reconhece os meus tios e aos meus avôs, o meu pertencimento a etnia. Aprendi e sei que temos a nossa terra, a importância da cultura e a tradição milenar nos atos das cerimônias e ritos diversos do basessé, assim, posso me situar na minha origem e conviver na complexidade da outra realidade fora da esfera da minha realidade cultural e social. O sentido de reconhecer as minhas raízes me faz sentir orgulhoso, me dá a coragem para seguir a minha vida e fazer história na convivência com outros diferentes e na diversidade inclusiva de não me submeter a homogeneidade e racismo que mata qualquer cultura desvalorizando o diferente”.

A resposta do Tukano valoriza as raízes que continuam fincadas no lugar do nascimento e a aldeia, razão que fortalece para subsistir e lutar pela dignidade indígena. Essa é a essência de uma afirmação cultural e social, conviver e construir a justiça e a igualdade de si mesmo no mundo complexo, hoje os originários são pensados como a minoria, porém a articulação e a luta são imensas em relação a mentalidade de um pequeno número que resiste firme na terra étnica.

A fala do Tukano caracteriza a própria constituição da sociedade cultural indígena, implanta os aspectos de solidariedade e igualdade social tendo o sentido das considerações de parentesco, o compartilhamento dos bens, o trabalho sem divisão que ofereça condições na sobrevivência com todo o suor e fruto colhido. O conhecimento local natural e originário é praticado dentro da comunidade no sistema comunhão, muito diferente do contexto e da cultura dominante urbana.

O estudo é o caminho eficaz para manter vivo o conhecimento de interesse dos jovens para dialogar profundamente com o mundo da ciência e com os elementos influenciadores que chegam com todas as forças provenientes da sociedade envolvente, penetra na realidade cultural Tukano e do clã Turoporã de forma desenfreada, a influência causa a mudança e a transformação sociocultural de ideias e comportamentos na vida étnica. Inicialmente ocorreu e ocorre ainda pela chegada da vida missionária na catequese e evangelização da igreja católica e simultaneamente a atuação na educação bancária integracionista em diferentes missões da congregação salesiana neste território indígena e hoje são as paróquias da diocese e politicamente denominados como organizações e distritos que formam o Triângulo tukano.

Os Turoporãs possuem o estilo de vida cultural, a ciência e a vivência social comunitária pelo advento das forças exteriores influenciadoras notam-se as interferências constantes na estrutura das dimensões centrais da etnia e do clã, na fala de Yepasuriũ destacamos a sua preocupação com a educação:

“atualmente se fala muito da educação convencional e educação escolar indígena, e ensino a distância, ead - digital. Em resumo: 01) - escola indígena é aquela que preocupa com a luta e a manutenção do conhecimento das raízes da sua cultura pelos jovens indígenas e que revitalizar na minha opinião está difícil. Defende o uso da língua de instrução no bilingue (língua portuguesa e a indígena), no campo educacional que seja preparado nos dois campos do conhecimento no indígena e no não indígena. Até os anos 80 em São Gabriel da Cachoeira o Turoporã que usava na comunicação a língua de seus pais era visto como animal precisava ser reeducado para ser gente, eu em particular estou a favor de sua casa, metas da escola bilingue, sejam servidas onde cada um se comunica na sua língua paterna naturalmente no mundo do trabalho. 02 – a escola convencional – escola do branco aquela que os missionários trouxeram como sendo a melhor é aquela que ensina a ler e escrever na língua portuguesa, a mesma cita como retrocesso à valorização da cultura; oferece vantagens no futuro do cidadão na comunicação com a comunidade nacional e dá abertura à cursos profissionalizantes preparando os Turuporã ao mercado do trabalho, gerando a perda da identidade, dos conhecimentos culturais; a conservação é vista como retrocesso, atraso na era digital em pleno século 21. 03) - A história do ensino a distância – EAD é outro desafio da atualidade entre os jovens indígenas do alto rio Negro, nós povos indígenas incluso os Turoporã somos artigos de propaganda. Até agora essa ferramenta de trabalho não

chegou as nossas comunidades como nas grandes megalópoles brasileiras, portanto, considero um desafio para os nossos filhos, apesar das dificuldades de acesso comportam como pessoas de filhos com condições ao acesso. A internet por sua vez, para o pensamento de muitos Turoparã veio para solucionar os problemas enfrentados no cotidiano na vida dos indígenas, diz: a nossa maneira de valorização é aleijada, pois acaba com toda estrutura de um povo em todos os sentidos. Uma coisa que sempre me faz lembrar a fala dos sábios que tratavam de irmão, sobrinho, neto e de tio das diferentes etnias da calha do rio Tiquié”.

A vida cultural e social do Tukano Turoparã de acordo com o tempo está realmente se modificando. No passado a nossa formação coube a nossos pais, atualmente vemos nossos filhos caminharem em outro modo de pensar e falar, além de preocupar-se com o aprimoramento de estudo na graduação e pós-graduação tem o acesso aos meios informatizados, muito uso de internet e ocorre a desvalorização, o esquecimento da ciência étnica. No passado não havia informatização e nem a internet e não se falava disso, por isso os adolescentes e jovens aprendiam os bahsesé, os bahsamori¹⁹⁰, as interpretações cosmológicas. Para os filhos são deixadas como a herança da ciência porque depois da morte dos velhos e dos sábios a responsabilidade recai sobre os pais. Tenho a preocupação devido a curta existência no mundo se as novas gerações terão o recurso do conhecimento essencial na busca das soluções e benefícios para eles às suas esposas, filhos, filhas e netos.

No momento atual os adolescentes e jovens indígenas usam os celular, que também é o instrumento de uso de todas as idades, toma o tempo no acesso as informações da internet, as mídias os atraem com força para escutarem música, compondo com as caixas de som; o uso do material informatizado para o diálogo nos sites sociais; o computador é usado minimamente para digitalizar os trabalhos de pesquisa em contraste no acesso as mídias que ocupa o tempo em maior proporção; conhecem o mundo e outras culturas dos não indígena, interagem com o mundo global de concorrência, consumismo e a esta experiência caracteriza a busca da valorização do consumo e do mundo da informatização maior do que o conhecimento étnico e vivência original; conhecem outra linguagem e falam das questões do mundo pós moderno trivial e acelerado.

A vivência do indígena na vida urbana se processa na adaptação de outros valores culturais da vida coletiva caracterizada pelo poder econômico. A opção por parte do estudo, o exercício do trabalho são dimensões muito diferentes em relação a vida da comunidade originária. Constata-se a diferença na relação social de vida do clã do sistema

¹⁹⁰ Os níveis e as categorias do benzimento do conhecimento do clã Turoparã

de parentesco e da troca, na vivência do cotidiano e no contexto do centro urbano há o modo de vida comercial que impera gerando dificuldade e desigualdade social

O Tukano perguntado sobre a sua opinião de sair de Barreira Alta e viver na cidade, afirmou:

“ No primeiro momento a mudança de uma vida da comunidade para viver na cidade é um grande atrativo, porém, como consequência encontrei muita dificuldade na expressão e comunicação em língua portuguesa de origem latina vinda da Europa, para um indígena e uma indígena conversar, explorar ideias, é muito difícil na convivência social. Para os não indígenas a linguagem é questão de status e, o bilinguismo que existe muito mais abrangente no mundo étnico, porém, mesmo sendo falado pela maioria da população no território pesquisado a língua em Tukano não ocupa lugar de destaque na sociedade, somente a língua portuguesa. Tradicionalmente somos acostumados a falar somente na língua Tukano enquanto no perímetro urbano predomina a português. Eu comecei a falar a língua portuguesa somente depois de quinze anos vivenciando na cidade e, este foi o primeiro obstáculo dentro da escola como exigência pedagógica da aptidão do saber. Então foi muito difícil essa parte, mas, com o passar do tempo vim superando, depois que tive a aprendizagem e o passar do tempo afirmo que a luta foi boa e eficaz, passando por dificuldade, objetivando a superação com um grande esforço”.

A luta na aprendizagem da língua nacional é um esforço, mas, a resistência e a luta pela valorização do nosso idioma surtiram efeitos na inclusão no sistema educacional municipal no processo ensino e aprendizagem, amparado na lei municipal, marca da conquista da dignidade, o respeito, dentro do espaço e lugar na sociedade que continua frente os desafios que aparecem e vai continuar aparecendo nesta vida.

O viver do indígena na cidade na busca da melhoria de vida, estudo e emprego transcorre pelas vias da modificação no modo de comportamento, do pensamento, na dimensão social, cultural que sofrem alteração na característica original da afirmação da identidade como o uso do outro meio e forma da linguística na comunicação; muda também a prática econômica, o diálogo com o parente próximo, a prática das cerimônias de iniciação, ritos do dabucurí com admissão de outros valores não mais com a característica da partilha coletiva.

Neste processo da mudança causada pelas influências externas o indígena luta para permanecer na sua raiz original devido, há uma superação no enfrentamento dos obstáculos na experiência de vida das realidades diferentes, o conhecimento, a formulação dos conceitos que transformam no uso da língua, aspectos diferentes na comunicação e a prática da vida profissional em conexão da característica cultural, social indígena e o urbano. O modo de vida urbana infunde outros valores na vida do indígena que passa a admitir outros elementos culturais ainda não pertencentes na vida de

comunidade de origem, assim como os inúmeros fatores existentes no espaço urbano, este processo em outras vias causa incompreensão, rejeição, fobias, preconceito e violência.

O significado existencial, constante do valor familiar e comunitário, vertentes que solidificam a relação do parentesco interna e externamente aos demais indígenas considera-se pelo seu clã, a hierarquia constituída no diálogo e acolhimento. Para Yepasuriũ :

“ após os missionários conseguirem dominar e controlar todo o sistema organizacional dos povos indígenas da calha do Rio Tiquié, moradores de cada comunidade recebeu um sobrenome do não indígena, assim os Turoporã de Yuyutha (Barreira alta) ficaram generalizados de “Marinho”, internamente os irmãos marinhos manteve a ordem de sua linhagem observando a ordem do nascimento para poder fazer o uso de consideração do parentesco: aos pais dos pais de avôs; aos pais de tios; aos filhos de sobrinhos, aos filhos dos filhos de netos. Cada família nuclear morando na sua casinha própria, esta forma de organização fez manter o espírito de cidadão daquela aldeia - ti mahkākahrã. Também o respeito e a trato de boa vizinhança com as pessoas das aldeias próximas era rígida, independente do clã de pertencimento. Literalmente o espírito de irmão de um ou irmão do outro, da comunidade vizinha não se distancia, pelo contrário se fortifica o sentimento de vizinhança e de conhecido estando na cidade – po ’terikarã (pessoas provindas do interior/nascentes dos rios). Estranho para os Turoporã é um branco, aquele que negligencia a cultura e só se fala a língua portuguesa, que apenas pelo fato de olhar a diferença física começa a desprezar um animal.”

Pela origem, a raiz, desde a evolução da espécie humana o Turoporã conhece-se a si mesmo e pela cosmovisão compreende também outros indígenas de diferentes clãs na mesma região onde foi desenvolvida a pesquisa e o estudo, verificando o sistema de parentesco e a hierarquia étnica dos clãs. Considerando-se parentes há uma dinâmica de diálogo, compartilhamento e interatividade na vivência cultural valorizando o parentesco familiar e do clã para continuar afirmando como ser e viver indígena na sua vida, a sociedade em que pertence, principalmente do clã Turoporã desenvolver a prática do reconhecimento do parentesco na própria aldeia e comunidade original é muito importante essa interligação.

Na vida urbana é diferente os indígenas não encontram o reconhecimento e a valorização do parentesco porque as relações culturais e sociais são diferentes, aqui se depara com uma lacuna mediante o valor cultural e tradicional da essência do saber indígena. Ocorre um distanciamento da raiz de uma vida indígena, afasta o valor do parentesco os tios ficam longe, os avôs ficam no anonimato, os sobrinhos ficam no outro bairro e não tem aquela interação comunitária de vida original. Impera o individualismo, não há o sentimento familiar, comunitário e do parentesco. A vivência cultural verdadeira

riqueza imaterial existente na comunidade desde a origem, contrapõem o apego material fortificado no centro urbano considerado individualista pelas características econômicas e comerciais do sistema capitalista diferentemente dos hábitos e costumes de troca da sociedade na aldeia. Na cidade o modo de vida é individualista, concorrida, egoísta, violenta e prevalece o ter e possuir os bens materiais, com grande corrida econômica e apego nos valores em moeda.

No diálogo surgiu a pergunta qual é a sua opinião hoje sobre a vida na cidade, quais são as razões para continuar vivendo no centro urbano, respondeu assim:

“No contexto urbano a experiência com o passar do tempo, tendo vivenciado, reflito sobre a chegada da colonização que atingiu a nossa vivência cultural, a tradição e o conhecimento cosmológico e provocou a transformação da vida comunitária da aldeia. Pela minha vinda para a cidade, isso significa, que eu percorro outro momento denominada migratório. Da aldeia para o urbano reconhece-se que ainda persistem conhecimentos não indígenas, porque, querendo ou não é a parte da cultura não indígena está chegando nas comunidades e a gente tem que estar se preparando para conviver, por isso, que é importante a gente conhecer a outra cultura também para poder continuar vivenciando em tempo e época diferente”.

No aspecto cultural e do conhecimento étnico desenvolve a interculturalidade para contextualizar a não compreensão do processo que gera ato do julgamento das culturas na tentativa de desqualificação, menosprezo. É útil uma real atenção a presença dos outros elementos culturais, econômicos e sociais que chegam à aldeia transformam a realidade contribuindo o surgimento dos novos desafios, as mudanças, superação que dinamizam na estrutura da sociedade dos indígenas aldeados conhecedores de outra cultura para poder conviver socialmente. No campo do trabalho profissional, assim argumentou:

“Em primeiro lugar afirmo com orgulho a minha identidade indígena, o meu conhecimento cosmológico, pois assim, consigo comunicar na fala da língua em Tukano, dialogando com os membros das comunidade, guardo o conhecimento do parentesco do Tukano Turoporã dou a importância e a valorização. Não posso esquecer a minha raiz da origem, esta verdade dita ajuda na superação do desafio chegado de ser pedagogo a nível municipal que inclui no território as etnias e os clãs distribuídos em diversas comunidades.”

Verifico com cuidado o processo da com a transformação cultural e social, então, o nosso trabalho inicia na superação e contrapor os perigos manifestados pelos próprios desafios, ajudando aos indígenas das comunidades com alguma coisa, alguma ferramenta. Então eu fiz o meu estudo, me preparei e voltei para a aldeia para eu poder ajudar a todos no aspecto educativo diferenciado. No estudo adquiri conceitos, fórmulas e ideias, sem

saber o que eu ia fazer, mas, depois com o passar do tempo, com o campo de experiência do trabalho pedagógico amadureci como indígena consciente e responsável agente do trabalho na educação, eu trabalho na parte do rio Tiquié e Waupés.

Conduzo a cultura, na educação e prática da vida de aprendizagem de acordo com os conhecimentos originários, orientando a parte pedagógica como pedagogo, sem deixar a essência da riqueza cultural, sem deixar a educação indígena. O desafio é também a educação escolar indígena, é muito difícil, então, o nosso trabalho para organizar e sistematizar, precisa compartilhar a responsabilidade. É árdua a educação diferenciada, mas é muito bom trabalhar fincado nas próprias raízes, e quando chegar a organização a sistematização vai ser melhor ainda”.

Após esses momentos da interlocução, interessante notar como eleva o diálogo para um aprofundamento na manifestação do ser, pensar e viver como indígena em diferentes contextos. Revela uma experiência rica do conhecimento e crescimento intelectual, convivência com outras pessoas de outras culturas. Os indígenas que participaram da interlocução permitiram ser fotografados com simpatia e disposição de responder as perguntas feitas a cada um, com muita confiança houve uma sequência valiosa durante a interlocução sem interrupção ou desconfiança no desenvolvimento do trabalho. As falas foram gravadas, também com a autorização dos autores e serão arquivadas no teor da tese em construção.

As relações interétnicas abrem espaço de vivência e diálogo na partilha dos bens materiais e celebração dos ritos do benzimento e celebrações das cerimônias festivas como o do dabucuri, vence a delimitação de fronteiras geográficas impostas pela cultura e posição não indígena. É uma característica particular, este processo aumenta a compreensão da realidade étnica numa perspectiva dinâmica em transformação, existência de ideias fixas, comportamentos e conhecimentos tradicionais de uma sociedade étnica.

Os grupos étnicos sustentam a vida cultural, a língua, a “tradição”, forma de vida, o conhecimento e desse modo, parece existir nesse processo os limites, que na realidade é uma fronteira vista subjetivamente. Os grupos étnicos vivenciando a cultura e tendo a concepção de fronteira contrapõem a ideia de raça que consiste na compreensão biológica.

3.3 O distanciamento social

Isolamento entre a aldeia e a cidade em tempos de pandemia

O isolamento como elemento da cultura indígena, vivida junto com a natureza, vista como distancia na relação da cidade no tempo de estudo e da pesquisa de campo no município de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, durante a pandemia, causadora de mortes, situação que não estava prevista no processo de estudo, momento de grande mudança social cultural, econômica e da existência e, este elemento obrigou a delinear a compreensão da vida do pesquisador e traçar novos rumos da vida e da pesquisa na segunda fase com dificuldade de acesso às fontes para a obtenção das informações e do conteúdo antropológico referente ao assunto objetivado.

O advento da pandemia causou grande mudança social atingindo na composição da vida urbana, assim como a medida sanitária populacional com o isolamento, sendo que a realidade étnica possui esta característica de isolamento em relação ao urbano. O atraso na execução da pesquisa e dificuldade no acesso ao lugar e encontro de pessoas para efetivar a atividade etnográfica.

O problema crucial afetou a vida humana planetária depara com o desafio na medicina, na ciência, a pesquisa, tecnologia a científica na busca do medicamento, dificuldade do diagnóstico, a imunização e a cura, a história mais trágica da vida humana é vive o medo, o pânico, transtornos psicológico e mental, desagregação econômico, grandes desafios nas políticas públicas.

O contexto indígena considerada de grande vulnerabilidade foi atingida pelo medo no momento em que no urbano ocorriam inúmeros óbitos e, parecia confirmar o desgoverno usado na postura do governo executivo deste país no momento em que a doença pudesse o fim e o extermínio das etnias, pelas circunstâncias reais atenderia a insensibilidade manifestada pela opinião política representativa deste país, no processo em que a doença já havia matado centenas e milhares de vidas de pessoas no mundo todo e que continua dizimando, por este perigo que os indígenas agora se mantêm a luta frente a dor e sofrimento, no âmbito urbano a contaminação alastrou na população, com óbitos e o pequeno hospital da cidade despossuída de estrutura suficiente para o atendimento não conta com respiradores e outros equipamentos, remédios, pessoal de saúde qualificada e, por fim, é administrado pelos militares.

As etnias indígenas ricas do conhecimento local, na ciência natural cultural e na produção do saber experimental se uniram e com a força coletiva responderam no combate contra o poder mortífero da pandemia, foi uma atitude em comum utilizado no recurso medicinal natural, enquanto o governo comprou e tentou impor o uso do hidroxiclороquina propagada insistentemente preocupando apenas na questão econômica.

Os indígenas não se entregaram a doença, recorreram a ciência milenar, buscando na natureza os recursos medicinais, prevaleceu o poder do baséssé, enquanto isso, o poder instituído omitiu na ação que poderia estabelecer na luta pela vida fortalecendo o sistema de saúde, com o investimento na ciência e na pesquisa institucionalizada publica que são os verdadeiros caminhos do progresso e o desenvolvimento de uma país.

Neste contexto vemos o mais trágico da vida humana e o inconcebível posicionamento governamental, pondo a uma contradição na valorização da vida, mesmo com o aumento das mortes, entre a grande mídia e a força da telecomunicação que apropriaram na publicação dos dados críticos da pandemia enquanto que o governo federal publicava as controvérsias e pronunciamento de conteúdos não confiáveis e enganosas causadoras de um desconhecimento real em grande escala na situação de calamidade da saúde a nível local, regional, nacional e mundial.

A pandemia transformou a vida humana em grande catástrofe na perda de vidas em nível mundial, desafiou a fé, a medicina, a força bélica tombando vidas entre os pobres e os ricos, o mundo desenvolvido ou subdesenvolvido, os poderes e culturas. A realidade urbana vivenciou o perigo do ataque do vírus e a transmissão em grande massa por ser populosa e podendo ser alastrada pelo vírus, a nível nacional até chegar o regional no território urbano de Manaus.

O isolamento como medida paliativa foi executada em todos as repartições públicas e institucionais, a Universidade Federal do Amazonas mudou o calendário da programação das atividades que estava previsto para o primeiro semestre de 2020, assim como, a sociedade urbana seguiu a orientação da Organização Mundial de Saúde , cabendo a responsabilidade da decisão coletiva de paralisação das atividades acadêmicas compostas na programação do semestre planejado pela instituição aderindo ao distanciamento social para conter o contágio do vírus da pandemia.

As diretrizes jurídicas publicadas que regeram para o distanciamento decretaram o fechamento de todas as instituições públicas do centro urbano da cidade de Manaus, a população iniciou a paralisação do transito em funcionamento restringindo na abertura apenas dos serviços essenciais das padarias, drogarias, supermercados e, isso, mudou completamente o ritmo da vida da coletividade, diminuiu o habito e a convivência da grande aglomeração e acúmulo de pessoas nos lugares públicos, o uso reduzido dos meios de transporte do centro urbano rodoviário, aéreo e fluvial.

Os decretos do Estado e do Município de Manaus normatizaram o fechamento do funcionamento das empresas de transporte fluvial, aéreo e rodoviário, os setores

industiários, os bancos, as faculdades privadas, escolas públicas, as igrejas, inclusive a igreja católica que se preparava para as celebrações solenes e tradicionais da semana santa que não foram mais possíveis a realização dos cultos e celebrações pascais deste ano para conter a proliferação do vírus.

No dia 20 de março eu e a minha mãe Senã¹⁹¹ Tuyuka embarcamos saindo do porto de Manaus com destino a cidade de São Gabriel da Cachoeira no município do mesmo nome para cumprir o distanciamento social e cultural defendendo a vida, observando as medidas da prevenção adotadas para não sermos contagiados pelo mal do coronavírus que corrói a vida e a existência da população no mundo inteiro, decidimos retornarmos para o nosso município de nossa origem a São Gabriel da Cachoeira, Amazonas.

Faço uma inclusão deste processo com apreciação dialética das medidas, situação de vulnerabilidade que atinge a vida e a saúde, refletindo na dimensão antropológica neste tempo que entre o isolamento e a higienização coletiva da população local e mundial, ocupei para aprofundar melhor na leitura da realidade vivencia que proporcionou o estudo e a aplicação do método das grandes pesquisas e análises no campo da ciência humana, incluindo o pensamento, a área cultural sociológica, a biológica, a terapêutica e hospitalar envolvendo o conhecimento da sapiência secular indígena numa leitura crítica da realidade política da conjuntura atual.

Ao chegarmos ao porto de Camanaus¹⁹² localizado a margem direita no sentido jusante do Rio Negro, verificamos algo totalmente diferente no funcionamento da área portuária, os cuidados sanitários e meios de serviço de controle e fiscalização aplicado pelos agentes da saúde do município, claras exigências do cuidado máximo do tempo em crise de saúde mundial. Submetemos aos diagnósticos, medidas de pequenas observações preventivas prescritas a nível mundial e registros iniciais devido a nossa vinda do grande centro urbano.

O governo do município de São Gabriel da Cachoeira determinou em decreto municipal citando que a viagem que realizamos seria a última pela via fluvial de navegação expresso e outros meios conduzindo passageiros da capital para o interior, a circulação fluvial no território municipal ficou restrito liberado apenas a vinda das balsas para o transporte de combustível e derivados e a alimentação.

¹⁹¹ Nome de benzimento Tuyuka

¹⁹² Porto fluvial localizado a 40 km da cidade de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas.

Na chegada no porto percebemos a diferença no comportamento social o distanciamento entre a população, não havia o modo tradicional da calorosa acolhida dos indígenas para os viajantes chegados e, observamos a mudança do comportamento mantendo o distanciamento social para o bem de todos, menos contato para prevenir o possível contágio seguindo a orientação geral sanitária da Organização Mundial de Saúde, órgão que orienta a toda a humanidade. Os indígenas acataram bem as orientações, compreenderam bem a proposta definida na saúde em favor da vida de todos. Vendo esta realidade transformada a indígena Senã Tuyuka comentou:

“chegamos no tempo muito difícil, da doença perigosa causadora de muitas mortes e as pessoas todas diferentes, distante um do outro, cada qual fique em casa com saúde e paz, que esta forma de comportar dos indígenas possa ser feita para o bem, permanecer longe um do outro neste tempo de perigo que enfrentamos pela ocorrência do vírus que nos assusta, com o perigo da morte, aqui nesta terra longe, esperamos que não chegue a nos atingir, com a proteção de Deus e da Virgem do Perpetuo Socorro. Nós indígena esquecidos de tantas pelos poderosos, sem ajudas continuaremos no esquecimento, porque já enfrentamos muitas dificuldades de pobreza material e abandono político governamental.”

As mudanças na relação social são vivenciadas com adoção de novas formas e modos caracterizados no distanciamento social, modos que não pertenciam no costume dos indígenas e dos não indígenas, a convivência social passa pela adoção de novas formas ainda não contidas na cultura dos habitantes do município na convivência social do centro urbano. As medidas adicionadas como paliativas do uso das máscaras, a aplicação da limpeza do álcool em gel constantemente que implementa novas características dentro da cultura original, são as medidas que antes não eram praticadas e, pelo distanciamento social diminuiu o diálogo e a troca de experiências, a aglomeração na rua e recintos públicos e das instituições desfez a harmonia coletiva da população local.

Nesta mudança da convivência social Senã, Tuyuka complementou:

“Nunca vivemos em nossa vida tempos igual como este cheio de sofrimento de todas as pessoas, esta doença parece dominar o mundo, sem remédio para a cura e, esta é uma doença que atinge as pessoas com toda a força da violência, não há remédio ou vacina que possa impedir que esta doença continue matando as pessoas e a nós indígenas. De onde surgiu este mal? Como apareceu neste mundo a doença incurável em muitos casos? Como vamos agora sobreviver com um problema tão grande que modifica toda a vida humana?”

A sociedade étnica urbana passou a adotar uma nova relação social no modo de distanciamento seguindo a medida paliativa sanitária pela mesma razão adotada por toda a humanidade, para minimizar a proliferação do vírus que causa o medo, pânico, tensão

como ocorre em outros contextos sociais humanos. Os indígenas de diversas etnias do município se mobilizaram para que todos cumpram as orientações gerais sanitárias determinadas pela secretaria municipal de saúde na contenção do coronavírus e iniciando a busca e o uso dos remédios naturais e as terapias tradicionais do conhecimento originário

Iniciou a fase no estudo e da pesquisa no contexto em que a população local, a humanidade toda ficou surpreendida na relação no nível social, política, econômica e cultural étnica, até então não planejada e pensada na história mundial e, esta realidade chegou ao contexto dos indígenas habitantes da cidade. Perguntou-se, portanto, que a cidade não era o sinônimo do bem-estar, dos meios modernos, do prazer e da qualidade de vida. Repensando o sentido de viver na cidade instituíram uma intensa ação de luta pela vida, assim como, a humanidade inteira ingressou na ação vital na realidade étnica, a comunicação a mídia para envolver a todos nas orientações sanitárias.

As mudanças na relação social são processo indubitáveis da análise da ciência, a tecnologia e a medicina indígena e a não indígena que envolve na atuação especificamente no campo epidemiológico, a profunda importância científica que passa a ser desafiada pelo contágio e o poder de destruição das vidas pelo vírus da doença, confrontando as mortes inevitáveis devido a não existência do diagnóstico e, assim impossibilita o uso do medicamento correto para aplicar nos pacientes testados positivos.

Para aprimorar o diálogo e acender uma luz da vida, saúde e de esperança houve o encontro com o vovô Turoporã, Feliciano Gomes, no centro urbano e pudemos continuar com nossa investigação e reflexão da realidade vivenciada. Em verdade presenciando a realidade, pela reflexão e experiência da ocasião, ele afirmou que:

“as doenças, os males que são inimigos da nossa vida e especialmente a nós indígenas, sempre existiu neste mundo, não esperávamos isto, mas o mal nos aproxima e “parece” que tem força de matar como falam os “brancos” na televisão. Será que é algo produzido por ele e nos faz pensar e preocupar como surgiu, anda pelo mundo todo e veio esse mal causando tanta morte. Penso eu na minha velhice e digo que vamos lutar muito e o criador do universo e de todas as coisas irá nos cuidar e nos proteger, vamos ver também como os “brancos” vão fazer o trabalho contra isso, nos dá medo meu neto porque nós somos pessoas humanas, mas temos nossas forças e nossos conhecimentos.”

O vovô analisou a situação epidêmica que a força do mal e o bem coexistem, os indígenas e os não indígenas devem defender intensamente a vida, nesta face terrestre não há uniformidade, existe a diversidade no tempo natural e nas atitudes dos homens e das

mulheres, percebemos que esta doença inesperada é assustadora e, ainda dentro da humanidade há líderes e governantes responsáveis pela gestão pública da saúde despreparados para estes momentos de perigo. As instituições de saúde possuem o pessoal técnico e agentes que trabalham na precariedade no cotidiano e na pandemia surge grande demanda e proporção de pacientes transformando a realidade hospitalar em calamidade sem a possibilidade real do atendimento e atuar no enfrentamento, por isso, gera a crise sanitária e mortes no centro urbano

No contexto indígena que vivem na cidade a incerteza do futuro diante do mal devastador vendo milhões de mortes, causa o sofrimento das famílias, contrasta a vida humana fragilizada e, todos são se tornam possíveis vítimas, por outro lado, os indígenas e outros se responsabilizam na luta e no cumprimento das medidas paliativas da higiene para o bem comum, preservar os ambientes sociais sadios é uma obrigação comum.

Neste processo social incerto e questionador que atinge a saúde biológica, mental, psicológico que afeta fortemente a economia, a estrutura da vida sociocultural a nível mundial e, é nesta realidade que insistimos em viver ainda em que demonstra na interlocução entre diferentes olhares e pensamentos. O diálogo na interlocução continuou na escuta das ideias do vovô Feliciano Gomes que atenciosamente refletiu sobre a realidade do contexto urbano que entrava no processo de mudança da estrutura do funcionamento institucional em diversas dimensões atingindo toda a população originária e os “brancos” analisando o processo vigente afirmou o vovô Feliciano Gomes:

“Para nós turoporã viver isolado já existia desde o tempo de nossos avôs, quando tinham os perigos de fora, de longe, o perigo trazido pelos brancos, seja da violência contra a nossa tradição, as causas que gera o sofrimento das doenças, os avôs primeiros eles naquela época se escondiam e iam fugindo pelo mato, é o melhor lugar para nós, onde os brancos não vão nos seguir, mato é o lugar de fonte saúde e harmonia com a vida da natureza. Viver no mato é estar dentro da roça, plantar e colher dos frutos das maniwas e outras fruteiras; coletar outros produtos de consumo; pescar nos igarapés para conquistar a alimentação segundo o ensinamento dos antepassados nossos avôs; pratica a caça de animais para a alimentação da família e outras coisas para o bem de todo clã.”

O isolamento é o ato da sabedoria indígena, distanciamento social é uma característica da vivência do tempo de outrora dos avôs Turoporã porque em diversas vezes em épocas históricas tiveram que ir se distanciando da comunidade por tempo determinado a retornarem na floresta como a forma de lutar e salvar a vida e continuar existindo neste mundo, encontrar com a vida no mais sublime sentido natural e puro. A

cosmovisão indígena é fruto da reflexão feita tradicionalmente no silêncio, entrar em transe no diálogo com os espíritos dos primeiros Turoporã, soma da força natural, em sintonia com os animais e todo o aspecto intelectual se volta no encontro com o invisível, espiritual e mental longe do barulho que atormenta a vida e não ajuda na compenetração a contemplação.

Os Turoporã possuem muitos conhecimentos relacionados como a sua vivência cosmológica além do baséssé, também fazem a busca na força oculta e transcendental, o material da floresta que oferece a medicina para a cura e bem-estar. O trabalho feito no ensino dos sábios está relacionado com o conhecimento da natureza, cosmo, biológico, diferente do sistema tradicional do ensino aprendizagem não indígena, o não conhecimento favorece a interpretação discriminatória daqueles que não compreendem o conhecimento indígena do mundo cultural.

A natureza reconhecida a fonte da riqueza de extração do material medicinal para as curas das enfermidades, das arvores retira a madeira para diversas finalidades, as fibras de diversas palmeiras são fabricados os artefatos de pesca e caça, os artesanatos, com as palhas e o cipó se constrói a casa, da própria natureza tiram a matéria prima para fazer instrumentos para a guerra, do tronco das arvores fazem a construção da canoa, dos meios da natureza obtém a matéria prima para fabricar os objetos de artes, adereços utilizados no cotidiano do Turoporã basicamente o consumo provém da fonte natural.

O originário e a natureza mantem a sintonia da obra criada por deus um dom gratuito doado para as etnias verdadeiros ecologistas cuidam e valorizam a beleza a riqueza natural, manipulam a fonte natural com o uso da razão por que ela é a fonte do sustento, da sobrevivência e do conhecimento ligada integralmente na relação com a vida étnica. A valorização da natureza é uma questão sagrada que comunica com transcendente dando a importância e o significado dos movimentos do vento, ciclos da pesca e da agricultura, as estações, dos astros, das variações das características do clima, tipos de vegetação de forma cíclica estão presente na geografia do mundo que envolve o Turoporã.

A relação do Turoporã com a natureza é vital, intrínseco, histórico na dimensão temporal vivenciada em todas as gerações, pertença harmoniosa junto da natureza é uma realidade determinante na cultura originária, assim, foi constituída e não muda a relação indígena com a natureza denominada de mãe, berço da vida e outras denominações racionais, poéticas e folclóricas. Neste sentido a relação do indígena com a natureza como conhecimento cosmológico fundamenta profundamente no conhecimento local específico dos ciclos naturais da vida, a formação da sociedade, e a interpretação se renova em cada

época, no advento dos diferentes fenômenos da natureza, nos movimentos circulares climáticos, na vegetação, tipo de solo, água dos lagos, rios, das chuvas que correm nos igarapés fecundando a terra, líquido que acolhe os peixes e outros seres aquáticos.

A água natural consumida pelos originários é pura, tem a função sagrada, e compreende o conhecimento dos outros elementos líquidos como a seiva das plantas e das folhas consideradas medicinais, a bebida feita com a água produz efeitos da saúde mental, corporal de equilíbrio no espírito utilizado nas cerimônias e diversos ritos. A ecologia na responsabilidade da apropriação dos meios da natureza é a defesa da vida e do bem material na sua bondade e generosidade, os originários manuseiam, exploram os bens naturais sem poluir e desmatar a imensa floresta e a terra.

A organização política cultural social acompanha o processo de acordo com as características do ciclo da natureza, a vida comunitária, os trabalhos, os projetos, programações a serem cumpridas por toda a comunidade. O indígena organiza o seu calendário, calcula o tempo com determina as ações, as manifestações e as práticas cerimoniais e rituais em cada época. A vida étnica corresponde a um elemento imaterial compreendido como conhecimento eficiente da vida prática, está ligado a natureza e materializado na produção da agricultura, da pescaria, caça e a pesca, a mística animadora de uma festa, a íntima ligação das forças cósmicas que fortalecem vitalizam a cultura dos indígenas no caso do não cumprimento no tempo previsto da ação poderá ser prejudicada pela falha no conhecimento e da organização. Afirma vovô Feliciano Gomes:

“meu neto a nossa vida, a vida do clã Turopará sempre está e estará unida com toda a vida da natureza, a vida está nas árvores com suas raízes e força de frutificação, o ar puro livre de todo o tipo de vírus, o solo fértil que faz brota a semente e florescer as novas plantas, as raízes que alimentam as plantas de toda a vida existencial. As nascentes de igarapés com água branca, a água vermelha, a água preta, as cores marcantes que significam o poder da vida citada da versão do nível e grau do benzimento, os animais silvestres de todas as espécies que povoam a floresta e habitam nesta casa que o próprio deus preparou para eles, os passarinhos no seu mundo vivem no seu estilo incomum, os peixinhos dos igarapés de águas vermelhos, escuras e claras vivem e se procriam constantemente sem serem destruídos, toda a natureza em comum é a fonte da vida, a natureza tem vida e a nossa vida depende da vida da natureza. A natureza pertence a nós e nós pertencemos a ela, nos comunica como será o dia de amanhã, se teremos saúde ou vamos ficar doente, indica se o futuro será bom ou será difícil, mantenhamos sempre a atenção no cuidado da vida do clã, a união e a força para continuarmos vivendo”.

A vida originária muito importante ligada com a natureza absorve a força no significado das cores a fim de atribuir a sanidade integral da mente humana, a

racionalidade, nesta dimensão que se busca o código do *baséssé* que são movimentos, gestos para direcionar na expulsão do mal e reconstituir a saúde conduzido na cura, renova, purifica o ser humano, as plantas, os animais que são elementos misturados com elementos invisíveis benevolentes do ar, das árvores, das águas e do solo todos puros que penetram especialmente no corpo e no espírito, na mente, no psicológico, além de ser a fonte de recursos hídricos, minerais, do alimento. A fertilidade é a soma das dimensões mencionadas acima e, assim se compreende o grande valor da importância da relação natureza e o conhecimento local a vida originária.

A relação intrínseca com a natureza flui o fator da organização da vida social Turoporã e outras, numa constante interdependência natural e social que coexistem em todo o processo da vida humana étnica. Aqui está a razão maior da luta pela natureza existente, a defesa incontestável no campo da ecologia, o meio ambiente repleto de riquezas nela existem, são criadas pela força transcendental e desenvolvem na natureza.

A reflexão do valor do encontro da vida originária com a natureza no processo do distanciamento social revela a interdependência citada que é uma questão existencial solidificada na cultura do Turoporã, manifestada em cada rito e em cada cerimonia que contempla o mistério e o espírito da relação da importância da vida e do viver no mundo para o mundo. A força natural abordada relaciona também no mito onde são representados os seres como deus, canoa cobra o *pamərí mahsã*, figura da mulher, os peixes inanimados, e outras muitas ideias do próprio ser humano que exterioriza esta união invisível presente no conhecimento local.

O distanciamento social consiste em uma forma da prevenção da contaminação do vírus, antes já havia esta prática na característica da cultura originária, no momento crucial da luta contra o perigo da doença, transforma em medida do cuidado, a fuga, o esconderijo que faz o indígena se reintegrarem com a natureza buscando o refúgio e a segurança salvaguardando a vida.

A proximidade ou distanciamento é uma dinâmica social do ser originário no modo de vida social própria em que vive, desenvolve a sabedoria, constrói o modo de vida de organização social, explora racionalmente os benefícios que contêm na mata, campo, rios, lagos e igarapés, cuida e preserva sem desmatar e poluir este lugar e espaço precioso e significativo. O olhar de fora para os não indígenas pode parecer uma problemática se isolar circunstancialmente na mata dentro do mundo étnico, pois, a vida no isolamento modifica a vida comum constituída na participação do meio em aglomerado de pessoas.

O isolamento interpretado como distanciamento da vida urbana separa da corrida econômica, do alto consumo da vida urbana, rompe o atrativo dos produtos industrializados, a agitação constante de pessoas, o consumo desenfreado nos setores gastronômicos, a dinâmica da procura e a venda direta e outros modos e formas de viver a inclusão social e econômica do acesso dos bens e serviços industrializados e tecnológicos. Os tukano Turoporã e outros grupos vivenciam na aglomeração no contexto urbano, e conseguem retornar para o lugar da aldeia e, assim, vivem em dois mundos com por decisão e escolha.

3.4 Ritos e cerimônias culturais na prevenção, combate étnico contra o vírus

Os originários vivem a dimensão do rito, a ação da cerimônia pelo fato de terem a raiz própria profundamente ecológica, constituir-se essencialmente comunitários, a vida clânicas tem início no meio da floresta podendo habitar no centro urbano também com outros modos de vida misturados no aspecto social e cultural. O hábito da partilha e os valores culturais sociais permanecem na estrutura familiar, na rua ou no bairro mantem os laços de parentesco e não são extintos na diversidade étnica e a não indígena.

Na vida do Turoporã já houve a experiência do distanciamento social vivida em outros momentos da história, em épocas do advento da “civilização” a chegada dos “brancos” que tendiam aprisionar os indígenas para levar aos seringais, piaçabais em longos anos e muitos não retornavam a aldeia, “brancos” são todos aqueles que não pertencem a origem local, os invasores do lugar de vida cultural indígena, usaram da violência física, religiosa e moral, com as ações de forçar os originários a usarem roupas, habitar em casa por família, falar o idioma português, viver no internato religioso mudando as características próprias de identificar como indígena.

A civilização é entendida negativamente como ataque aos indígenas que contaminaram com as doenças contagiosas como o sarampo, a coqueluche, a gripe ou ainda no ataque a terra habitada para extinguir com o intento dos não indígenas exploradores das riquezas naturais a madeira, a sorva para fazer o látex da seringa, o ouro, até mesmo as pesquisas científicas, objetos tiradas que não foram devolvidos com ideias e obras produzidas e no mundo econômico explorador muitos se tornaram opositores dos indígenas sendo inimigos exacerbados pelo egoísmo, a ganância em busca do lucro, escravizados pela dureza do coração e encolerizados na vontade.

O distanciamento para os “brancos” é compreendido como o nível de vida no lugar excluído da sociedade vigente, longe de acesso de bens e serviços, do consumo ofertado e produzido pelo sistema capitalista no mundo globalizado, a modernidade com discurso de integração, mas, não inclui ninguém, muitos continuam vivendo sem acesso a técnicas e tecnologias e bens de serviços. O distanciamento seria o processo em que todo aquele que está à margem da revolução material, técnica e científica, vive no atraso e em pleno desconhecimento, enquanto que, para o Turoporã é o reencontro com a natureza, a sabedoria e o conhecimento do usufruto da paz, incluir-se no silêncio que caracteriza a contemplação e a harmonia com o cosmo e o transcendente, é o momento do exercício da sensibilidade no nível do pensamento, do olhar e a percepção dos acontecimentos e fenômenos sociais marcados em cada circunstância.

No processo de aumento do contágio do vírus do coronavírus, o vovô Feliciano, saiu do centro urbano, retornou para a aldeia a sua moradia no igarapé Castanho, afluente do rio Tiquié no nosso território de origem do clã. A ida do interlocutor principal para aldeia seria despedida foi o período da intensa luta, enclausuramento na habitação urbana, prevenção integral para evitar o contágio da doença por causa da idade avançada, preservar a saúde e do perigo mortal do vírus da covid-19 que se alastrou na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

A população étnica a maioria retornou para a aldeia, a floresta, o seu habitat fonte da vida, o uso dos recursos salvou muitas vidas dos indígenas das diversas etnias reavivaram as malocas, os povoados e comunidades, o basessé e o remédio natural superou o mal da doença do século passou leve no meio das etnias, teve mortes, o conhecimento local e o material natural venceram a pandemia que desafia a medicina científica e temida pelo mundo inteiro.

O olhar externo vê distante a vida indígena dentro do território próprio ocupado desde o momento da evolução da espécie humana, vivenciando na cidade os Turoporã assumem a mistura naquela terra, a realidade da etnia e especificamente do clã desenvolve e luta muito contra o vírus independentemente de qualquer interpretação, longe ou perto, distante ou próximo varia muito na visão dos teóricos e pesquisadores. O distanciamento é ato cultural importante mais utilizado no tempo supera o que muitos pensaram no isolamento da cultura indígena. Evans Pritchard (2013), afirma sobre o conceito do primitivo:

Tal como se emprega na literatura antropológica, a palavra «primitiva» não significa que as culturas que qualificam sejam anteriores no tempo ou inferiores as outras. Tanto quanto sabemos,

as sociedades primitivas têm uma história tão longa como a nossa, e se em alguns aspectos se encontram menos desenvolvidas, noutros estão muito frequentemente à nossa frente. Por esta razão é que a escolha do vocábulo não foi excessivamente feliz, mas atualmente a sua aceitação como termo técnico é tão ampla que não podemos evitá-lo (p.16).

Seguindo o processo histórico encontra a importância da cultura é viável discutir a questão primitiva diferente da conotação da proximidade e distanciamento como existe na opinião pública, na explicação de teóricos que pesquisaram a etnia Turoporã e outras etnias descrevem que os indígenas vivem e viveram sempre a margem do centro urbano. As denominações em língua tukano expressam a diferença no seu dizer poterikarã¹⁹³ e os não indígenas seriam denominados cirorikarã¹⁹⁴, aqui podemos verificar o bom e o mau, melhor e o pior, o início e o fim, a modernidade e o atraso de modo classificatório.

O distanciamento ou a proximidade compreendida em relação aos “brancos” como exclusão ou inclusão, para os indígenas tem outro sentido, nessa época defender contra o vírus a medida se faz útil e necessária, retoma no plano social prática já existente no contexto do Turoporã e sendo readotada no presente do hábito de viver originária, afirma Evans Pritchard (2013):

Estas sociedades são interessantes em si mesmas, porque nos oferecem uma descrição da forma de vida, dos valores e das crenças dos povos que vivem privados daquilo que estamos habituados a considerar como os requisitos mínimos do conforto e da civilização (p.18).

O distanciamento é um valor social para o Turoporã e reassume significado cultural no tempo em que a sociedade em geral necessita recorrer a modos do afastamento sem relativizar a interação social de qualquer tipo de característica cultural que justifique uma ideia de ruptura da relação função da estrutura social. No distanciamento social o Turoporã continua com a vivência comunitária e a própria etnia pode decidir fazer o distanciamento como grupo ou por família de forma distinta de privar-se por uma razão evidente relacionado a algo para permanecer temporariamente ou no tempo previsto necessário no isolamento sem comunicação e ligação com os meios das outras realidades humanas.

O distanciamento como outro qualquer elemento cultural pertencente indígena gera muitos questionamentos, as ideias, opiniões e interpretações distintas entre os pesquisadores criando uma opinião dentro das instituições como afirma Pritchard (1981)

¹⁹³ O sentido de referenciar o indígena vivente em sua etnia e o clã distante da vida e a cultura urbana.

¹⁹⁴ É uma expressão que referência a todos os que não são indígenas especialmente os brancos,

e no mundo acadêmico e olhares distintos na convivência social e cultural. O distanciamento analisado como elemento cultural étnico no contexto objetiva na reestruturação da vida e com o uso do método etnológico coexistente na ideia de Evans Pritchard (2013) aplicado no estudo antropológico distingue entre as disciplinas das ciências sociais:

A Etnologia ocupa-se de classificar os povos em função das suas características raciais e culturais, para depois explicar, baseada no movimento e mistura de povos e na difusão de culturas, a sua distribuição no presente e no passado (p. 16)

A etnia tukano e outras etnias se difundem nas funções e classificações da cultura, neste sentido o distanciamento não previsto por nenhuma cultura e grupo social é uma vivência nova e inesperada tanto para o indígena étnico e este processo passa por uma nova compreensão de inserir o modo de vida reorganizada. O retorna para a floresta como o reviver da origem, o lugar de onde surgiu na evolução e o inicial de vida humana étnica e da existência do clã, esta dimensão cultural compreende a ação que referencia os tukano e outras etnias, e pergunta-se também, como a sociedade admite esta prática nesta época e além de preocupações sanitárias feitas em perguntas atuais ajudarão na construção de uma nova compreensão nesta época de perigo da vida de toda a humanidade.

A vida da aldeia na prática do isolamento como foi citado no item acima é uma realidade social no uso do conhecimento os indígenas viveram na floresta no tempo de outrora e retornam para viverem no distanciamento rumando para a floresta. O viver na floresta como observaram muitos pesquisadores anteriores em diversas épocas estudaram as etnias isoladas no presente coletando novas observações e discussões na busca da explicação sobre a situação involuntária. Abordando Pritchard (2013) reformula-se o uso dos termos aplicados nas diferentes realidades:

Os termos « sociedade », « cultura », « costume », « religião », « sanção », « estrutura », « função », « político », « democrático », nem sempre comportam o mesmo significado, quer para diferentes pessoas, quer em diferentes contextos. Este problema podia sanar-se introduzindo uma série de vocábulos novos ou dando um significado restrito e técnico às palavras de uso quotidiano (p.12).

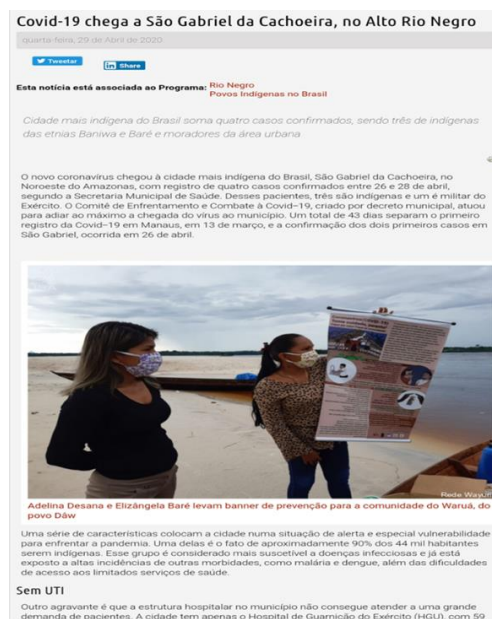
O conhecimento local do Tuaporã também possui as expressões marcantes são diferentes no modo de falar, pensar e de exprimir em cada assunto tratado, traduz as múltiplas dimensões visíveis e invisíveis na comunicação de acordo com a cosmovisão e ideias diferentes do raciocínio dos não indígenas e, por isso, em cada processo histórico

há uma exigência direcionada para as novas compreensões antropológicas e em ciências sociais. Os teóricos elaboraram os conceitos, expressões e as palavras que explicam as questões analisadas e pesquisadas, esta forma de vida cultural distinta e livre tem certa autonomia e harmoniza em seu sistema cósmico, a natureza, os animais e em relações as outras etnias e aos não indígenas.

As etnias urbanas na convivência social misturada ampliam o fortalecimento do parentesco, pelos casamentos dos filhos e filhas com os membros de outros grupos é importante nessa situação o reconhecimento da hierarquia da linhagem paternal de cada indígena, a fala com a língua própria na comunicação e a prática das tradições fundamentais da cultura e do clã somando a força da luta em comum em diversas finalidades. A mobilidade da ida e vinda de indígenas e outros que se destinam constantemente para Manaus e que retornavam para o município, contagiaram progressivamente a doença mesmo no distanciamento devido os transeuntes já infectados de coronavírus e, por isso, a iniciou a contaminação do vírus pondo o perigo a condição da saúde da população na maioria indígena do município.

As notícias transmitidas na mídia falando da pandemia parecia a confirmação da chegada da morte a curto prazo, em grande massa, mais ainda era assustador porque o biótipo do organismo indígena não possui muita imunidade para combater na contaminação. Alguns recortes dos noticiários são expostos a seguir mostrando a ação sabia dos indígenas no combate e incentivando o cuidado com a saúde pública.

Figura 11: Recorte de noticiário do G1



Fonte: Site do G1, noticiário, abril 2020

A imagem acima mostra o serviço e a orientação para conter a contaminação do coronavírus projetada pela administração municipal de saúde iniciou a intensa fase de contenção e prevenção assegurado pelos decretos com determinação de horários de mobilidade urbana, fechamento dos comércios, cancelamento das viagens marítimas e aéreas, liberando apenas somente os serviços emergenciais e públicos.

A grande luta não conteve a presença de indígenas contaminados e continuou o processo de contágio dos indígenas e óbitos causados da pandemia, gerou o colapso da mínima estrutura hospitalar existente no centro urbano administrado pelos militares.

Nos dias incertos e duvidosos para continuar vivendo no dia 22 de março do corrente ano houve a última celebração da missa nas igrejas da religião católica com a participação dos fiéis na catedral e nesta ocasião foi comunicado a suspensão da liturgia devido o perigo por observação ao decreto sanitário do município e orientação da pastoral local. As medidas decretadas entraram em vigor para que toda a população cumprisse as normas e regras prescritas para o bem da convivência social.

Figura 12: Bairro da Fortaleza



Fonte: Arquivo de pesquisador

Com a vigência do decreto municipal de ordem sanitário a sociedade passou a adotar as medidas necessárias de distanciamento e proibições de causadores das aglomerações intensificando o isolamento, porém, as normas e regras não foram aderidas com unanimidade, a população continua mantendo viagens clandestinas da capital para o município ou vice-versa e, isto exigiu estabelecer-se o sistema da fiscalização e vigilância pelo rio a ida e vinda de viajantes no porto de Camanaus, especificamente as viagens clandestinas devendo ser controlando e monitoramento no período de quarentena.

Na Figura 13, a feirinha da cidade onde se compra os produtos locais permaneceu interditada porque é um lugar público e costumeiro da grande presença de pessoas diariamente, o distanciamento como medida da prevenção do contágio exigiu o cumprimento para efetivar o cuidado e a contenção da pandemia um mal desconhecido inculcava cada vez a busca da compreensão no nível do conhecimento indígena. As ruas urbanas ficaram desertas até as últimas ordens do controle dos agentes sanitários do município do governo público e das instituições responsáveis que cumprem o papel social.

Figura 13: Rua da feirinha



Fonte: Arquivo de pesquisador

A comunicação mundial transmitia conteúdos assustadores provocando o medo e o terror em diversas mídias se tornaram uma paranoia de uma situação irreversível de morte em grande número, a relação social atordoante amedrontava qualquer cidadão de qualquer classe, causando pânico, medo de ser contaminado em qualquer contexto social, parecia enfrentar um monstro exterminador se aproximando de todo o ser humano e na verdade a doença letal incurável levando milhões de óbitos no mundo.

Para o contexto em que 95% da população do município são os indígenas, pairou um eventual genocídio pandêmico e grande proporção que poderia extinguir todas as etnias desta região, seres humanos carentes, desprotegidos, uma população abandonada, desassistida em todos os sentidos pelo poder público governamental. As instituições se uniram na luta pela vida atuando nas orientações higiênicas o uso das máscaras, a higienização com o álcool em gel e assegurados pela medicina natural as terapias, chás e diversas cerimônias de *baséssé* com atuação direta e intensas sessões iniciadas nos trabalhos dos pajés e de todos os cidadãos indígenas para evitar o contágio.

No contexto difícil e perigoso da circunstância social muitos indígenas urbanos retornaram para os lugares de sua origem as suas aldeias e a cidade se tornou um deserto de habitantes, mesmo para ir ao hospital era um risco, além de não haver nenhum tipo de atendimento hospitalar, porém, os indígenas foram justamente no lugar como já foi refletido no item anterior tratando do isolamento social indígena noticiado pela Rede Globo, programa Fantástico, 22 de junho, 2020. Na aldeia foram feitas as decisões em comum para não aceitarem nenhum viajante vindo do centro urbano como medida da precaução do contágio do vírus da pandemia, observadas metas adotadas para o bem da vida de todos os membros étnicos com organização social e cultural e sistematização interétnica.

As famílias em cada aldeia isolaram, continuaram vivendo normalmente o cotidiano com suas atividades, trabalhos de agricultura, a pescaria e a vida tradicional permanecendo com o estilo de ser indígena e serias precauções para não serem atingidos pelo vírus que pudesse extinguir com a da população originária. A vida social mudou a forma de pensar, e organizar, ser e viver o clã em sua comunidade diferente de outros momentos, aplicando necessariamente o máximo de cuidado para não entrar em contato com outras pessoas fora do perímetro do território do clã, medida importante efetiva no controle social da vida da aldeia e a relação de ser habitante da cidade.

Os indígenas que permaneceram no perímetro urbano enfrentaram o cotidiano mudado sistematicamente a forma de organização social de vida restrita a horários e funcionamento de instituições para evitar as aglomerações, medida social orientadora foi aplicada, ainda não experimentada pelos indígenas e também aos demais não indígenas, especialmente na ideia da dinâmica populacional no contexto em que se vive mais o contato livre atendo-se a flexibilidade nas regras sociais. A medida social restrita é a orientação a ser seguida na sociedade devido a não existência de vacinação para a imunização da população, é a nova compreensão no habito e comportamento social e os cuidados necessários, por mais que alguém não entenda a importância e não viva o isolamento social e a restrição, à mídia, os agentes de saúde, membros das instituições e representantes dos movimentos sociais massificaram no trabalho de orientação para o cumprimento das regras como um dever e responsabilidade social.

O contágio entre os indígenas ocorreu pela vinda clandestina de pessoas que residiam na capital Manaus para o município local e por essa via que proliferou a contaminação da população, porém, a prevenção e a medida sanitária de quarentena foi mantida para todos os provenientes de outros lugares para dentro do município, aplicar a

triagem e o monitoramento com o critério na defesa do contágio, este processo foi realizado com esforço e eficiência superando as barreiras da deficiência administrativa em nível federal, estadual e municipal deixando a saúde especialmente a realidade indígena escasseada e abandonada pelo poder público.

A pandemia provocou mudanças inesperadas na vida social e cultural da população indígena e não indígenas habitantes do município de São Gabriel da Cachoeira de diferentes aldeias e distintas etnias, os que vivenciavam no centro urbano, passaram a enfrentar a decisão de retorno para o clã, a etnia e a casa no encontro com a origem. Os que vivem na aldeia e comunidade ficaram com a família diferentemente em outros momentos da vida cultural e não indo mais para a cidade.

Os cartazes na Figura 14 foram postos em cada porto da comunidade mostrando a força da organização de luta contra pandemia na condição de isolamento a própria forma de estruturar a sociedade é a defesa estabelecida a norma de distanciamento dentro do território de vivência sem deixar da pesca, da caça, a agricultura da roça nos perímetros da comunidade.

Figura 14: Recorte de noticiário



Fonte: Site do G1, noticiário, abril 2020

A circunstância consistia nas duas opções em continuar no centro urbano ou regressar para a aldeia como medida de segurança na escolha de lutar pela saúde e a vida continuando isolado na cidade ou ir pelo caminho do retorno ou para o reencontro com a realidade cultural natural o ambiente étnico transformou em esperança numa atitude de escolha sabia e cultural.

No contexto político governamental em diversas esferas administrativas o contexto social se tornou alvo válido da análise na realidade da pandemia retardou muito nas medidas e critérios de favorecimento para a população no país chamado Brasil. No nível municipal a luta se intensificou envolvendo toda população para participar do novo processo do isolamento, cuidado de saúde no cumprimento das regras sanitárias e normas sociais decretadas e acima de tudo a valorização do uso da medicina natural milenar e do benzimento como terapia intensiva do conhecimento étnico.

A luta envolveu as autoridades locais do município, secretaria municipal de saúde, a saúde indígena, agentes estadual de saúde, grupos sociais indígenas, a igreja se mobilizaram para prevenção, testes e monitoramento da população da cidade da sede do município, tiveram a iniciativa educativa de orientar como proceder na circunstância crítica com o pedido e a divulgação para os habitantes de ficarem em casa, no isolamento, não aglomerar, sair de casa somente quando for preciso e necessário, as mídias sociais, rádio, televisão local massificaram com a comunicação sobre as medidas sociais de higienização orientando a população com os idiomas oficiais a tukano, a língua geral e a Baniwa.

A população permaneceu orientada sendo a maioria étnica falante não idiomas oficiais possibilitou a comunicação com as três línguas nativas, facilitaram a divulgação das medidas e decretos por meio da comunicação de massa, assim compreenderam não só o cumprimento das medidas sanitárias como também o uso das cerimônias do benzimento, o uso das medicinas naturais, chás e outras terapias eficazes para prevenção e tratamento se estiver contaminado pela coronavírus. Os remédios naturais com sua eficácia foram orientados como extrair os insumos, a técnica da preparação as medidas e dosagens de acordo o equivalente por faixa etária de idade, os possíveis efeitos colaterais.

3.5 A pandemia e a questão indígena.

A fase da pandemia afetou profundamente a pesquisa e a composição do trabalho, o isolamento e a interrupção do programa de estudo, a experiência de ver a inadequada atuação da gestão pública gerou a consequência da morte de inúmeras vítimas da pandemia mais um momento da luta de tantas outras em favor da vida, da terra e da dignidade.

O presente estudo não deixaria de fazer neste item uma leitura conjuntural analítica de cunho social antropológica averiguando especialmente a situação política governamental da saúde nas instâncias dos parâmetros institucional do governo federal,

estadual e municipal, e outras dimensões sociais e culturais atingidas pela pandemia que envolve também a educação, o meio ambiente, a cultura, o comportamento e o pensamento de cada cidadão no período da pior crise sanitária, humana e racional.

A situação social fez transparecer a imagem negativa e amoral, transtornando o administrativo e judicial da realidade social vivida pelos cidadãos deste país. Afirmou o Presidente da República do Brasil: *“índio está se evoluindo cada vez mais é um ser humano igual a nós”*. Há uma tendência para o desconhecimento na afirmação em plena pós-modernidade na era das transformações e no processo da necessidade de governabilidade e responsabilidade social (TUZZO; BRAGA, 2022).

Esta análise da pesquisa desenvolve no contexto étnico e, por isso, sublinha a questão indígena que grita pela vida, e a realidade mostra como a organização e as decisões em comum são fortalecidas contrapondo o despreparo na atuação e afirmações dos líderes políticos. A questão indígena, as terras habitadas, os solos ricos são muito discutidos somente nas pautas por interesse da exploração das riquezas naturais que chamam a atenção do mundo todo, porém, quando se refere a vida cultural há uma omissão e o presidente atual ignora o valor histórico dos povos étnicos e desrespeita subestimando os indígenas.

Os indígenas na história são reconhecidos os primeiros habitantes desta terra com as tradições, e modos culturais ímpares, são pessoas humanas, inteligentes e hábeis, continuam articulados e com coragem na luta pela resistência em favor da vida, da terra, da identidade cultural, da educação diferenciada e o respeito na vida livre em suas terras.

A realidade social deste país se tornou um caos visto pelas informações noticiadas pelos telejornais, nas redes sociais se expunham as verdades e também a negatividade causando diversos questionamentos pelas atitudes e a postura do governo federal no tempo crítico da pandemia, enquanto a sociedade clamava a urgência das ações e medidas imediatas administrativas projetadas em favor da vida da população. O governo federal ignorou e contrariou as medidas paliativas do isolamento e distanciamento, fechamento dos estabelecimentos institucionais e agências de atendimento público e de diferentes serviços dificultados na ação presencial e muitas foram realizadas no sistema híbrido.

O governo federal deste país demonstrou atitudes e falas ausentes de humanidade e responsabilidade, não respeitou as vidas humanas, única preocupação parecia estar incentivando o setor econômico do país no tempo em que as vidas eram dizimadas e a perda dos entes de milhões de familiares que crescia a cada momento. Em plenos dias de muitos óbitos das vidas humanas afirmou: *“se dependesse de mim, quase nada teria*

fechado”, atitude de desrespeito em relação a população da sociedade que perdem vidas em um sistema político desumano, os cidadãos racionais pediam: “*fica em casa*”, *para não fazer a circulação do vírus* (IRINEU; SOUSA; LOPES, 2022).

No processo do combate contra o avanço do covid-19 a nível nacional não há tempo para pensar e projetar outras prioridades econômicas, políticas partidárias, votações e decisões e, no entanto, pelo contrário ocorreu os constantes ataques contra as medidas sanitárias, o isolamento e flexibilização, demonstrou a irresponsabilidade em relação a saúde, apoiando atos públicos antidemocráticos de desgovernos comprovando a falta de iniciativas e ações do governo em favor das vidas de pessoas humanas ferindo a dignidade humana, obscureceu a democracia importunando a política de forma desastrosa em tempo sombrio do mal sofrido pela humanidade.

A importância da ciência e a pesquisa foram ignoradas, os espaços onde viria a resposta para o combate ao vírus na promoção da pesquisa científica, desvirtuou o trabalho profissional do pessoal da área médica e da saúde que iniciaram a luta contra o poder destruidor da pandemia, desgovernou no momento do progressivo contágio de pessoas, com estruturas de hospitais em colapso, mortes em series de pessoas e agentes de saúde, parecia que o governo federal governava em outro mundo ocupando em outras preocupações contra si mesmo e contra todos outros níveis de governo do seu próprio governo, de modo que nada se investia ou pelo menos houvesse a definição do secretário de saúde.

O momento crítico de saúde pública transpareceu como uma realidade social sem iniciativa governamental de projeto ao combate do coronavírus, constantes conflitos, falas constrangedoras, apoio aos grupos extremistas semanais que provocavam manifestações ao contrário do isolamento, ignorou fortemente o mal da pandemia e se tentou fazer uma potência intocável de sua própria pessoa acima da lei constitucional da nação que ele mesmo jurou no momento da posse da função que ocupa. Em público sem máscara como uso obrigatório e desrespeitando o distanciamento social afirmou o presidente do Brasil:

A mídia com o aval da justiça divulgou o vídeo da reunião fatídica ministerial do Governo Federal do dia 22 de Abril, vergonha para todo o cidadão brasileiro no momento em que a nação passava pela dor e sofrimento com a perda de centenas de cidadãos, mesmo assim, continuou e continua com os constantes ataques as instituições do poder que salvaguardam a soberania do país, fragilizando a democracia, razões contraditórias mediante a lei e desrespeito aos ministros guardiões da lei constitucional e causou na

opinião pública interpretações das arbitrariedades e contradições no momento forte da crise de saúde.

A reunião ministerial do governo federal do dia 22 de abril de 2020 caracterizou também a atuação direta do pessoal da área ideológica que tenta minimizar os projetos sociais em nome do patriotismo, civismo, tradicionalismo que na verdade são inconvenientes com a postura em que dizem defender, prejudicando a educação e a saúde do país. A atitude irônica do governo federal imitando as sensações da falta de ar dos infectados, em estado de agonia, menosprezou a força destruidora do coronavírus como se fosse uma simples gripe quando os óbitos estavam no ápice¹⁹⁵ em que havia mortes em números elevados causando dor e sofrimento os abalos, medo da morte, incerteza de viver, sequelas na mente, sentimento e psicológico.

Os indígenas convictos na defesa da vida subsidiados pelo conhecimento local milenar recorreram ao uso remédio natural, mantiveram a prática tradicional, superando o retrocesso plural no enfrentamento do coronavírus assumida uma postura do desgoverno marcado de atos violentos e reprováveis na função que ocupa não proporcionou o dialogar com as instâncias governamentais dos estados, municípios num processo de governo e administração de suas competências de forma democrático, dialógica, consensual e independentemente de partido político, cor, língua, classe e religião.

O momento de preocupação sobre a falta de estruturação e investimento no sistema da saúde e, consequência da falta de políticas públicas provocou o retrocesso político, científico e administrativo em todos os sentidos, inclusive afetou o Sistema Único de Saúde entrou em colapso e a doença dizimou muitas vidas, das pessoas como consequência da má gestão, sem definição do Ministro de Saúde no comando, resultou a deterioração da saúde pública desvalorizando a vida de milhões de habitantes deste país de diversas cidades ficaram contagiados provocando em crescente número de óbitos que marcou o país.

Contrariando a Organização Mundial de Saúde o presidente se expôs indo ao encontro das manifestações dominicais em apoio aos seus seguidores e apoiadores, mesmo sendo grupo mínimo agiram continuamente com dizeres e marcas de violência contra os poderes instituídos alvos de ataque, repercutindo mal a nível nacional e

¹⁹⁵ 18 de Março de 2020. Leonardo Sokomoto. “apenas uma gripezinha”

internacional, atingindo contra o isolamento, com a tentativa de abrir o funcionamento dos setores de trabalho, assim encaminha para a infindável luta contra a pandemia.

Os manifestantes antidemocráticos justificam que a ação deles é a favor do Brasil, da democracia e da liberdade de expressão, a compreensão é que perante a lei todo o cidadão tem direito e deveres constituído na carta magna como nos orienta uma reflexão sociológica, e neste sentido, a sociedade como toda sentiu inúmeras atitudes, falas e frases nos cartazes dos grupos de manifestantes com sinais de perversidade. Os movimentos antidemocráticos caminham ao contrário da opinião da preocupação em comum e, um governante que ignora a realidade, os ministros e assessores dando apoio tenta adotar uma doutrina ideológica e pela análise filosófica, sociológica e antropológica a democracia, a liberdade de expressão os direitos de cada cidadão foram feridos gravemente.

A sociedade fragilizada em que o mandatário do país tentou também esconder os índices de contágio, os recuperados e dos óbitos. A tentativa da sabotagem da atuação dos médicos, da atuação na saúde dos governos estaduais e municipais, fraudando dos esforços na demonstração da realidade para ele fugir das responsabilidades sociais e administrativas, dados que serviria para o combate da doença, a contenção orientadora e educativa da população.

A postura de insensibilidade e irresponsabilidade, desrespeitou a medida sanitária porque a nenhum momento usou de sua função para fortalecer e encorajar os cidadãos no momento de pouca esperança, não demonstrou a solidariedade as famílias que perdiam os seus entes e, a população vai continuar perdendo familiares vitimados pela covid-19 e, em determinado dia, quando perguntado na saída do Palácio do Governo pelos repórteres sobre o número aterrorizador dos óbitos e a tentativa de esconder os índices o presidente respondeu “ eu não sou coveiro, pergunte ao seu governador e prefeito”.

Em meio a pandemia não houve uma conduta plausível para atuar como líder, abertura no diálogo pautando projeto social na saúde na aquisição de equipamentos, investimentos urgentes e a valorização do pessoal da linha de frente dos profissionais da saúde em todo o território nacional. Vimos a inexistência de uma postura responsável do governo federal em que deveria assumir uma responsabilidade e respeito em relação aos cidadãos cumprindo prioritariamente ações de urgências das políticas públicas na área de saúde que seria a marca fundamental de um governo democrático.

A sociedade sentiu profundamente o ataque do vírus, ideológico e político e tornou impotência na busca de resposta científica mediante a força do mal mundial somatizada na atitude que parecia ser autoritária no uso do poder do governo federal

desequilibrando toda a estrutura governamental e enfraquece a confiança, o sentimento humano patriótico e aumentou a desesperança e a angústia na busca de apoio e resposta para superar o momento crítico.

O crescente contágio do covid-19 devastador a população, aumenta os índices diários de óbitos, o governo se perde tentando ser mais do que o parecer da própria constituição, aparecem ideologias, contrariando o distanciamento social com o apoio do próprio governo agravando com ideias de ataques as instituições tentando ditar atos violentos contra a democracia. No governo democrático sempre houve a autonomia das instituições no cumprimento do dever na execução soberana de cada ação a nível federal, por isso, cabe investigar e aplicar severas punições relacionados aos atos que favorecem o Ato Institucional de nº 5, da ditadura militar, fechamento do senado e do congresso, alusão ao nazismo e grupos de terrorismo e extremistas.

Os movimentos das ações de ataque e desrespeito foram decorrentes contra os ministros e o Supremo Tribunal Federal, inverteram o sentido da democracia para atos de violência, a liberdade de expressão como se fosse a deriva e ações violentas, atitude de desvalores passíveis de punições severas.

A reação dos poderes instituídos pela lei e a justiça e a opinião pública que conclamam pelo respeito no momento de luta contra a pandemia, as instituições pediram explicações das pessoas envolvidas nos atos caracterizados criminosos, envolvendo o próprio governo federal. A postura do poder instituído impede o retrocesso político, administrativo e governamental e a tentativa autoritária, as contradições e arbitrariedades não tem espaço no momento histórico da realidade,

A realidade social deste país a postura contraditória do governo atual transparece confirmando as suas próprias palavras, em que ele quer se blindar dos seus eventuais erros e incompetências e defender a sua família, amigos e pessoas do seu governo afirmadas energicamente por ele próprio na reunião citada. A postura contraditória exigiu um posicionamento urgente e pressão inevitável do poder instituído que iniciou a apuração dos fatos e o próprio governo federal é possível envolvido nas questões postas, com ações de líderes políticos.

Para todos os cidadãos como dever moral cabe cumprir os protocolos de prevenção do covid-19, independente de circunstâncias, lugares são necessários para evitar a contaminação, há uma necessidade geral o entendimento da norma a medida social e seguir a orientação dos infectologistas. A visão política do governo federal seria de responsabilidade no combate a pandemia para salvar tantas vidas que se perderam, ser

autoridade e atuar em nível de um país que possui uma história e reconhecimento mundial, não se ater como se estivesse em uma campanha política partidária autoritária e abusiva.

A autocritica relaciona os itens enfatizados na mídia e redes sociais a família tradicional com estrutura de vida humana, o combate a corrupção, governar sem entregar-se no vício da troca de favores em troca de funções, o que na realidade estes itens a nenhum momento são inclusos do possível projeto de governo, que sugere a ideia da contradição ou até mesmo ser pensado que estes pontos foram utilizados com enganações a muitos que confiaram nesse governo.

Há ainda esperança da vida política democrática, onde indígenas e toda população seja cuidada, respeitada e participe do desenvolvimento cultural e social, somos solidários pelas tantas famílias que perderam seus entes queridos, que descubra a vacina o medicamento da cura para todos.

3.6 A cultura, sabedoria milenar, ritos, a cerimônia do básessé, poder medicinal natural no combate ao coronavírus.

Ao inverso da posição governamental, na ação interétnica os indígenas que permaneceram na cidade em suas casas, assim, os que se isolaram indo para as aldeias combateram a doença que veio de fora para dentro o combate com a arma do valor do conhecimento local étnico presente na sociedade construída há milênios prevalece na cultura Tukano. Turoporã urbano e da aldeia entraram na massificação do combate na cidade como foi verificado logo no início da pandemia no município, e de todos que retornaram isolando-se para as suas origens nas aldeias e comunidade ao longo das trilhas, dos rios, igarapés e lagos.

O processo do retorno aos lugares de origem étnica, fechar-se em casa, foi causado por uma doença vinda de fora do contexto étnico, isto é, veio da cidade e, por isso, podemos afirmar que o coronavírus surgiu dentro de um contexto não indígena, causou a mudança inesperada na estrutura social, faz pensar e analisar de que a questão de ser não indígena não produz somente os aspectos bons e belos como costuma ser idealizado o ambiente urbano que produz o bem-estar para todos os que vivem neste. A visão cosmológica étnica que a descida para a cidade causaria muitos transtornos na cultura e vida social étnica é o que fica evidente, na visão mítica do surgimento da espécie humana já existia a presença do inimigo contra a vida humana, produzida ou não, agora se depara nos questionamentos do valor conhecimento local, da ciência cultural que existe desde a origem e o percurso feito até culminar no aparecimento com aspectos humanos, a

organização social, e política, a vivência cultural no território habitado constatando a ameaça do vírus que contrapõe a verdade da existência e o conhecimento humano.

A conhecimento local e cultural com a apropriação e o uso do saber oportunizou para recompor a compreensão da estrutura social abalos da estrutura política na saúde e vida cultural abrangendo novos e atualizados discursos nos campos que envolvem a humanidade os conhecimentos que buscam as explicações e viáveis soluções para a sociedade urbana que passa em perigo.

A atitude sabia no momento em que a etnia volta ao berço e a origem que poderia ser comunitária torna-se compreendida como isolada, enquanto, na vivência tradicional é coletiva em relação ao indígena que vive fora do seu contexto e que se envolve na grande mudança da visão cosmológica, a razão de existir e de ser, as transformações dos conceitos e perspectiva de vida muda a cultura afetada pelo desenvolvimento e o progresso. As consequências sentidas, experimentadas não somente no corpo, mas no espírito cultural, são consideradas como os desafios para a tradição do conhecimento do conhecimento local indígena direcionada na saúde, na educação, a gravidade do descaso e atitude incompetente atuada na gestão política governamental representativa fica sendo a maior causa da pouca esperança nas instituições públicas que deveriam implementar urgências dos projetos para o combate do coronavírus e outras doenças para o bem estar da saúde de toda a população.

Para Park (1967),

Em tempos recentes a cidade tem sido estudada segundo o ponto de vista de sua geografia, e ainda mais recentemente segundo o ponto de vista de sua ecologia. Existem forças atuando dentro dos limites da comunidade urbana - na verdade dentro dos limites de qualquer área de habitação humana - forças que tendem a ocasionar um agrupamento típico e ordenado de sua população e instituições. A ciência que procura isolar estes fatores, e descrever as constelações típicas de pessoas e instituições produzidas pela operação conjunta de tais forças, chamamos Ecologia Humana, que se distingue da Ecologia dos animais e plantas. (p.30)

No isolamento vivenciando as origens ecológica as etnias buscaram esperança da saúde retornando a habitar na aldeia raiz da sabedoria pelas vias da manipulação dos elementos naturais obtidos com propriedade na prática dada pela natureza do rico conhecimento local que possibilitou a eficiência na prevenção e a cura utilizando os materiais medicinais, os procedimentos dos ritos, as cerimônias constantes do benzimento e outros meios necessário sem favor e a defesa da vida e da saúde de toda a população perseverando a ação cultural.

No centro urbano produziram os insumos naturais no combate ao coronavírus, a natureza é a principal fonte dos bens materiais existentes no local, produzida pelas folhas, árvores, raízes existem no território em lugares e trilhas específicas que indicam o caminho de extração das matérias primas do breu, o cicãtá, as folhas, óleo do amago, cascas e raízes para produzir os chás e outras substâncias para serem utilizadas neste momento crucial na luta pela vida.

O contexto indígena considerado de grande vulnerabilidade não confirmou os atos do desgoverno e a doença não exterminou os originários deste país, entre as circunstâncias reais a cultura indígena é maior do que a insensibilidade manifestada pela opinião política representativa deste país, no processo em que a doença já havia matado centenas e milhares de vidas de pessoas no mundo. O urbano com a contaminação alastrou na população, com óbitos e o pequeno hospital da cidade da cidade São Gabriel da Cachoeira não atendeu porque é despossuída de estrutura para o atendimento e não havia respiradores e outros equipamentos, remédios, pessoal de saúde qualificada e, por fim, é administrado pelos militares.

As etnias indígenas ricas no conhecimento local cultural e na produção do saber cultural experimental com união e a coletividade deu resposta interrompendo o poder mortífero da pandemia, foi uma atitude em comum utilizado no recurso natural, enquanto o governo a compra e tentou impor o uso do hidroxicloroquina propagada insistentemente preocupando apenas na questão econômica. O apoio a melhoria devida do sistema de saúde é visto ainda como uma grande perspectiva, investimento na ciência e na pesquisa institucionalizada publica que são os verdadeiros caminhos do progresso e o desenvolvimento de uma país.

O isolamento de precaução em todos os contextos culturais na aldeia e nos centros urbanos criada como medida paliativa com sua importância no sentido da prevenção da contaminação da doença, na cultura o indígena sendo elemento de vida, porém, para os não indígenas pode ainda significar o “atraso” na ideia da marginalização e exclusão da “civilização”, a “modernidade” no ponto de vista econômico opondo a realidade cultural originária.

“Muito do que normalmente consideramos normalmente como a cidade – seu estatuto, formal, edifícios, trilhos de ruas, e assim por diante – é ou parece ser, mero artefato. Mas essas coisas em si mesmas são utilidades, dispositivos adventícios que somente se tornam parte da cidade viva quando, e enquanto, se interligam através do uso e costume,

como uma ferramenta da mão do homem, com as forças vitais residentes nos indivíduos e na comunidade” (PARK, 1967, p.30).

Os indígenas viventes em duas realidades a cidade estruturada e a aldeia natural ligam entre si e com os outros entre as transformações e o seu costume de vida comunitária, assim, reconstroem e reorganizam em cada processo defendem o território a vida cultural na luta contra os vírus e a má atuação da política governamental. No urbano organizaram fechamento e decidiram não receber outras pessoas indígenas e não indígenas provenientes de qualquer outro lugar procedente fora do território e na aldeia proibiram a vinda e a permanência dos que não sejam membro da comunidade, assim poderem isolar-se e mergulhando a distância social em favor da vida de todos os membros do clã.

O indígena diante do momento crítico em relação a vida retorna ao encontra com a origem enquanto que na cidade aumentaram dificuldades no aglomerado dos habitantes, a escassa infraestrutura sem o plano diretor, um ambiente onde não há boa estrutura habitacional, a necessidade de água encanada, quase a inexistência de saneamento, transporte coletivo básico que pela análise se pergunta tantos problemas da vida humana nesta terra, alguém não indígena arriscaria a viver na aldeia o lugar natural na selva amazônica? Eu já vi e reconheço que alguns antropólogos já viveram na nossa aldeia e conviveram conosco no tempo de sua pesquisa de campo, no processo histórico de paz e alegria sem a pandemia.

Segundo Park (1967),

“A verdade, entretanto, é que a cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam. A consequência é que a cidade possui uma organização moral bem como uma organização física, e estas duas integram mutuamente de modos característicos para se modificarem uma a outra. É a estrutura da cidade que primeiro nos impressiona por uma vastidão e complexidades visíveis. Mas não obstante essa estrutura tem suas bases na natureza humanas, de que é suas bases. Por outro lado, essa enorme estrutura humana que se erigiu, em resposta à necessidade de seus habitantes, vez formada, impõe-se a eles como um fato externo bruto, e por seu turno as formas de acordo com o projeto e interesse nela incorporados. Estrutura e tradição são aspectos apenas diferentes de um aspecto cultural comum que determina o que é característico e peculiar na cidade, em contraste com a vida em aldeia, e a vida nos campos abertos” (p.32).

A vida no isolamento dos indígenas da aldeia como modo de vida contou com a composição dos meios naturais e rituais que produziram eficiência e segurança no combate do poderio da pandemia, uma luz da ciência brilho uma grandeza esperança e a luz do conhecimento diante de pouca expectativa de cura, a falta do remédio próprio e

superação do coronavírus, o próprio conhecimento milenar indígena que contém a força, o nível, a categoria espiritual do *baséssé* do pajé na realização dos ritos que elevavam seus trabalhos de benzimento, modo específico espiritual de proteção, terapia e cura.

O *baséssé* contém um poder do efeito da terapia que atua no nível invisível por intermédio do conhecimento cultural como já foi refletido, se crê na proteção e imunização de todo o organismo indígena, fortalecimento do espírito e do psicológico, apesar de passar por circunstância de vulnerabilidade o conhecimento local do indígena tem as soluções de conter o alastramento e impediu que o os membros da aldeia e da comunidade fossem contaminados pelo vírus.

O *baséssé* procede da ação direta do pajé, o sábio da etnia e do clã, ele prescreve a dosagem, a quantidade da defumação se for o cigarro e a fumaça do breu e cicâtá, o ambiente e a própria pessoa envolvida deve obedecer e cumprir o dever de resguardo entre outras prescreve o cuidado e a observação de não comer pimenta, não comer coisa gordurosa, não andar debaixo da chuva, não pegar o sol para cuidar da saúde, caminhar no lugar determinado, jejuar a relação sexual e outras medidas necessárias assegurado a saúde no equilíbrio espiritual e emocional a fim de que o vírus não atinja e desenvolva no organismo das pessoas e este rito impede também que cresça a contaminação dentro do ar respirado por toda a população.

Na batalha contra o vírus buscamos o benzedor Joanico Garcia (Figura 15) de 85 anos, da etnia Piratapuaia¹⁹⁶, morador de São Gabriel da Cachoeira desde 1950, reside na Rua Fortunato Soares do Bairro da Sagrada Família, local habitado por diversas etnias.

Figura 15: Benzedor Joanico



¹⁹⁶ Etnia localizada no rio Papurí

Fonte: Arquivo de pesquisador

O Joanico especialista em *baséssé* da sua etnia atendeu inúmeras vezes as solicitações dos Turoporã e de outras etnias é a acreditar no poder da transcendência que dialoga com o poder superior para defesa do corpo, o ambiente e a cura, com intensidade praticado na tradição na aplicação surtiu efeitos bons para o combate da pandemia. E pouco tempo após, faleceu o humilde e sábio Joanico, Piratapuia¹⁹⁷, permanece a sua sabedoria e memorável habilidade na ligação do nível transcendental.

A pratica cultural do rito do *baséssé* citado nos itens anteriores, na afirmação da identidade e, no tempo da pandemia comprova a eficácia na ação do poder da proteção da vida humana e da cura dos que foram contaminados, o valor do rito é uma invocação da sabedoria milenar ligada ao transcendente para trazer uma força da libertação e expulsão do mal da enfermidade do vírus que atinge o ser humano, normaliza a respiração, desfaz a inflamação, a dor de cabeça, a febre e equilibra o espírito e o psicológico atingido pela pandemia.

As ações do rito do *baséssé* e outros neste tempo foram publicadas pelos noticiários também há informações midiáticas a luta indígena frente a pandemia, insistência da resistência da luta indígena pela vida é histórica e primordial em todos os tempos e épocas, agora a situação vital se torna muito vulnerável com as dificuldades geográfica e sociais e pouca gestão pública governamental.

Os indígenas que vivem na cidade, assim como os que retornaram para as aldeias recorreram ao conhecimento no uso de recursos puramente naturais, a natureza é a melhor fonte de medicina sem efeitos colaterais que sustenta o sistema da saúde indígena, dentro da floresta há uma fonte de vida, os espíritos da própria natureza cuidam desta força natural desde a origem de toda a espécie de plantas, raízes e frutos.

A floresta nos seus mistérios codificados na cosmologia do Tukano Turoporã oferece os produtos do uso no cotidiano subsidiando a alimentação das famílias na comunidade e na cidade as hortaliças, frutas cítricas e folhas comestíveis usadas como condimentos são indicados para o remédio, uma mescla de gengibre, limão, jambu¹⁹⁸ e mel foi o melhor chá, santo remédio, consumida no cotidiano para fortalecer o sistema imunológico e cura para os que estão contaminados e enfermos é a medicina consumida

¹⁹⁷ Etnia do Joanico, do *baséssé*

¹⁹⁸ Codimento para a calderada, no tacacá (iguará da cultura paraense no Brasil)

pela população de modo geral. Na Figura 16, algumas o material para o baséssé e a manipulação de alguns elementos específicos naturais no combate a pandemia.

Figura 16: Material, chá, *Basessé*.



Fonte: Arquivo de pesquisador

O material mostrado serve para a produção do chá consumido no cotidiano pertence a tradição indígena cultivado e vivenciado na aldeia e no urbano com o não indígena faz a continuidade da medicação natural e popularmente usado como condimento em preparo de alimento, estas riquezas da natureza imuniza o organismo, porque o indígena possui o sistema biológico de baixa imunização de fácil contágio das doenças epidêmicas, precisa da defesa do organismo do vírus, criado pelo costume e consumido pela população indígena e o não indígena.

As matérias e o modo de vida espiritual na cidade são feitas com as raízes, seivas, folhas, mel que são fonte de elementos materiais para a pinturas e penas, entre outras e com muita inteligência foi utilizada no banho a folha do bará que tem a força que imuniza na aproximação vírus ao corpo para evitar o mal no organismo humano, o odor aromatizado tem a potência de afastar o mal que se aproxima, isola o vírus e adorna com a força imunizadora penetrante no organismo e para os indígenas é a essência do uso para a festa. O conhecimento local complementa com a Organização Mundial de Saúde (OMS) que orientou o uso do álcool em gel e a máscara como medidas paliativas, devido à ausência ainda da vacina e do remédio que possa combater e curar os indígenas e os não indígenas, os cuidados ameniza o perigo da contaminação que até, então, o mundo ainda não descobriu cientificamente a vacina e o remédio para o tratamento adequado.

A folha da rama bará é usada como ornamento e perfume na festa, a higienização contra o mal, doença, o odor exalado defende e retira os males produz os anticorpos que com o odor da folha penetra pelos poros e elimina os vírus. O indígena possui a medicina natural no uso e na finalidade, a eficácia que a planta produz no poder da imunização, surte os efeitos necessários contra da pandemia que penetra na respiração pelo nariz, as mãos, e pelos pés e, por isso, o uso no cotidiano com o banho da folha do bará impede que o vírus atinja o organismo humano.

Os indígenas conhecem o método da prevenção cultivado há milênios numa relação da arte e a manifestação cultural como o urucum¹⁹⁹ que serve para tingir a rede de dormir, o pussá para a pesca com traçados artísticos e científico no conteúdo, tinge as fibras do tucum para fiação, o material do urucum usado na pintura corporal, além da arte tem a função de imunização do organismo cria os anticorpos na defesa contra o vírus da doença, cada produto natural beneficia do próprio ornamento não causa efeitos colaterais. O óleo extraído da casca da árvore para pintura das fibras de arumã preparado para tecer cestos e balaies, os traçados das pinturas simbólicas, reverentes na composição da arte com as mensagens e do conteúdo da criatividade e valor cultural registra a hierarquia da etnia e do clã e o poder do cuidado do corpo do tukano Turoporã na sanidade duradoura livre dos vírus causadores das doenças e sofrimentos.

Os produtos naturais possuidores da essência de cosméticos usados para a beleza, os odres agradáveis, tem a função de salvaguardar o corpo biológico do indígena está preservada, a saúde consiste nos cuidados contra os vírus, o corpo são e a mente são harmonizam na existência indígena através de cores, movimentos, sons, a arte que explica no espetáculo e o brilho do conhecimento. O indígena cultua a corporeidade no devido cuidado desde o nascimento, ele foi consagrado no rito do benzimento para não contrair doença e sim o corpo está preparado e designado para viver, pois, a corporeidade indígena é aparada pelas substâncias da natureza que acopla no corpo para produzir efeitos de proteção e sustento de vitaminas adentrando pelos poros e se espalha na pele e no organismo.

O cuidado da saúde provém do elemento puramente da natureza, Figura 17, de forma gratuita e a tradição ainda é praticada sem o uso dos produtos não indígenas, as mães banhavam os bebês com folhas aromatizadas e espumadas extraídas das folhas e

¹⁹⁹ Fruto que produz o líquido para a pintura do corpo, dos bancos e dos utensílios.

cascas das arvores e os filhos cresciam com a imunização desde que o ritual fosse mantido periodicamente.

Figura 17:Folhas de Bará



Fonte: Arquivo de pesquisador

Esta é folha da rama utilizada na cultura originária desde o surgimento étnico conhece-se bem o efeito artístico, saúde e cosmético da folha do bará²⁰⁰ o uso dela combate à doença que circunda no movimento do ar ou no chão e este efeito dissipa a existência do perigo do mal do espírito relação social e coletiva da realidade étnica, a parte da higiene e a prevenção é uma necessidade no composto da fonte natural somada no estado do isolamento para o bem da saúde individual e na vida coletiva.

A cultura indígena desde os tempos primordiais valorizou o material de resíduo cicãtá, Figura 18, extraído da natureza na floresta a ceiva de uma árvore e, este material com aroma ímpar e no uso queimado serve para defumar o corpo e o ambiente vivido, facilitando a respiração do bebê recém-nascido, proteger os habitantes da maloca dos perigos dos males, a casa habitada pelas famílias, sem efeitos colaterais. O cicãtá benzido e diluído na água podendo ser consumida para imunização é o remédio eficaz contra a falta de ar e para fortalecer a normalização do funcionamento dos pulmões contra os sintomas do coronavírus.

²⁰⁰ Rama e Folha de adorno festivo com aroma e simbolismo originário

Figura 18: Resíduo cicâtá



Fonte: Arquivo de pesquisador

O produto que produz o medicamento natural exala o odor agradável suave é utilizado no rito do baséssé perfaz a eliminação da presença do espírito mal, o vírus da doença, o inimigo e nesta época do coronavírus é um a força máxima do combate e a eliminação do vírus que afeta a respiração e a fumaça deste material queimado mata todo o tipo da doença que poderá poluir o ar. O cicâtá é um material raro, usado para imunização do corpo, sendo queimada produz a fumaça ou consumido no chá harmonizado pela força do baséssé. observe o uso produto e a defumação na foto abaixo.

O resíduo com a língua tukano o óhpé²⁰¹, com português o breu, retirado é outro produto de uma árvore na floresta, material raro e de grande importância usado no benzimento no rito do nascimento, nas cerimônias de iniciação com o objetivo da proteção da vida contra os males e as inimizades, valorizar a vida em todos os sentidos da existência, material usado no benzimento, o óhpé, quer dizer, o breu é a essência matéria principal que se investe na proteção da vida originária. O óhpé serve também para manutenção dos utensílios como a calafetação da canoa, o barco, artefatos e outros do uso do cotidiano desde a origem da espécie humana como os Turoporã e outras etnias.

²⁰¹ Breu usado no rito do benzimento

Figura 19: Óhpé



Fonte: Arquivo de pesquisador

No baséssé há uma ação cultural com o opé que usa para baséssé feiro pelo pajé e posteriormente se queima e defuma sobre no corpo da pessoa, e com o abano se espalha em toda a habitação, maloca, casa para imunizar as pessoas na defesa contra todos os tipos de males, consagrar as pessoas e os objetos para não serem atingidos pelas desgraças e vivificar a força do novo espírito e o bem da vida das pessoas e no sentido sagrado do material usado purifica o espaço, habitação, lugar social eliminando os vírus e outros males que agridem a vida. Esses dois resíduos puramente naturais extraídos e utilizados para diversas finalidades pelos indígenas.

A minha mãe Senã Tuyuka, defumou cotidianamente a nossa casa com o opé e o cicãta passado pelo baséssé do pajé, ela queima e espalhando a fumaça em toda a residência da família para defender, protegendo e imunizando a respiração com o poder espiritual contra os vírus da pandemia. Vivemos fortalecidos com a prática milenar adotada pelos Turoporã e outras etnias, crendo que a fumaça espalhada a força espiritual, ao mesmo tempo medicinal é preventivo, defesa forte contra a ação do ataque dos inimigos. Essa força imunizadora acreditada na defumação é duradoura e sendo renovada permanece a defesa favorecendo vida. Observa na Figura 20, Senã Tuyuka operando guerra cotidiana no isolamento contra o coronavírus.

Figura 20: Senã Tuyuka



Fonte: Arquivo de pesquisador

A defumação utilizando o cicãtá e o breu é uma prática milenar prevenindo contra o ataque do vírus causadores da doença, ato simples de profunda eficácia que protege a respiração, feito com respeito e aceitação, é um método natural do conhecimento medicinal e terapêutico indígena, cultivado e usado agora no momento mais crítico do afetamento da doença, meios totalmente eficazes que imuniza e elimina a doença no ar favorecendo a respiração, limpa a terra, purifica e aumenta com o poder da autodefesa, esta verdadeira crença na eficácia invisível que curou e defendeu muitos indígenas contagiados pelo vírus.

O fumo é cultivado e consumido pelos indígenas de várias etnias há milênios na cerimônia ou nos momentos da reflexão do sábio, com o cigarro da paz ou da guerra se acende e com força do sopro sobre o ambiente, e em especialmente no corpo do bebê recém-nascido simboliza dar a ele a força do espírito, o conhecimento, habilita o funcionamento do coração, esta consagração relaciona transmissão de todas as qualidade e méritos racionais, liderança, capacitação de criança, que desenvolverá durante a sua vida, com efeito do uso do cigarro existente desde a criação, o indígena participa do rito do baséssé na iniciação e existência da vida, é o elemento natural utilizado na cerimônias de cura e grande cerimônias de festas.

O cigarro (Figura 21) tem um valor mítico com fumo apropriado para o uso cerimonial no presente contém o mesmo valor cultural do material e sentido usado por deus criador no momento da criação do mundo, o gesto do sopro do fumo que surgiram as espécies de seres aquáticos e depois de humanos na versão do conhecimento mítico

Turopolã. O pajé na cerimônia do cigarro é o agente que exerce a aplicação dos níveis do saber cultural aplicado no benzimento põe o poder do bem elimina o mal reconstruindo a corporeidade e no espírito com o efeito da cura, abaixo se observa o cigarro preparado no benzimento.

Figura 21: Cigarro cerimonial



Fonte: Arquivo de pesquisador

O fumo e o cigarro usado desde o momento da evolução em espécie voltam a tomar efeitos, baséssé tradicionalmente fortalece o corpo e o espírito integralmente no equilibra a estrutura o psicológico e o emocional, na defesa da contaminação do vírus, restabelece o bem-estar da pessoa, devolve a convivência familiar e social, o poder do cigarro não provoca vício porque se usa no rito e na cerimônia sagrada. O efeito negativo conhecido como assopro do benzimento do cigarro pode ocorrer provocando danos e doenças para a pessoa direcionada com efeitos negativos a vida, ao corpo, no seu trabalho e dificuldade na convivência social.

A casca da árvore da carapanaúba (Figura 22) consumida basicamente como chá da casca cotidianamente no tempo do ataque do coronavírus este medicamento natural local consumido pelos indígenas há milênios, a parte da madeira usada na construção da maloca, casa e habitação, no tempo crítico da pandemia os indígenas recorreram a sabedoria cultural dos meios naturais como já tendo usado para efeitos medicinais pelo poder da cura da malária e por isso no tempo da pandemia usaram o chá da casca desta árvore no combate as fortes dores de cabeça, pressão alta e outros sintomas.

Figura 22: Casca de carapanaúba



Fonte: Arquivo de pesquisador

O chá da casca da árvore carapanaúba curou muitos sintomas do coronavírus produz os efeitos para baixar a pressão arterial, ameniza a dor de cabeça e outras vertentes, os indígenas e outros não indígenas curaram com o uso do chá medicina natural beneficiada pela natureza a floresta grata com preciosidade para o fortalecimento do organismo e a saúde mental e espiritual.

O conhecimento cultural indígena é um valor profundo na dimensão cultural e a sua eficiência como refletimos nos itens do saber cultural étnico do Turoporã e de outras etnias, são riquezas materiais e imateriais permanente dos originários étnicos, condizente com a afirmação da própria identidade analisado e descrito, ressalta o salvamento da vida no momento de perigo de morte pela sabedoria cultural no uso dos recursos naturais no manuseio da ação coletiva de forma tão diferente ecologicamente em que se vive ainda em harmonia com a natureza.

O conhecimento cultural milenar prova a sua validade a vitória em grande proporção na cura de muitos indígenas e os não indígenas que vivem nesta realidade, inspirado no poder do conhecimento da raiz e dos primeiros do clã, no momento da crise e obscuridade recorremos a riqueza da cultura vinda no ensinamento que é o papel social dos velhos, pajés e sábios que continuam transmitindo o conhecimento a todas as gerações as técnicas e os valor da manipulação dos objetos da natureza transformar em medicina natural com efeitos espiritual e invisível.

A sabedoria cultural é a afirmação de identidade indígena, intrínseca no modo de vida, na atitude e comportamento diferente dos outros das demais culturas e sociedades humanas incomparável nos elementos interculturais, independentemente de qualquer

objeção prevalece a partilha que consiste na soma engrandecedora na amplitude da convivência social, as coisas materiais e imateriais são doados uns com os outros, assim, há uma quebra dos estereótipos errôneos criados pela visão racista e preconceituosa que menosprezam a cultura e o conhecimento milenar indígena.

A existência neste mundo possui o término, a vida existencial terrena é muito rápida, no meio do processo de profundo estudo, tempo de enfrentamento e formalização da interlocução, fomos interrompidos no dia 27 de maio de 2021, faleceu o grande e importante interlocutor e valoroso sábio do clã Feliciano Gomes em sua humilde casa e moradia na comunidade de Trovão, nosso território no igarapé Castanho, afluente do rio Tiquié. Sinto imensa dor por esta ida do vovô para a eternidade, agora ele se une com o Urēmĩrĩ e todos os primeiros Turoporã, homem de uma simplicidade, alegre e acolhedor, líder de referência pela sabedoria na visão cosmológica da existência do nosso clã.

A equipe da interlocução caminha para frente com a cabeça erguida com coragem para imortalizar neste trabalho todo o conteúdo que foi dito pelo sábio Turoporã Feliciano Gomes, o conhecimento, os ritos, a cerimônia na continuidade da resistência de viver e permanecer na face da terra com todo o ensinamento do nosso sábio que viverá na memória do saber vivo e eficaz. Os sábios passam para a eternidade e eternizam o conhecimento local do clã da étnica, do baséssé que não vai morrer, permanece os valores culturais e o imenso espaço para o desbravamento da busca dos novos conhecimentos antropológico social, para documentar, estudar, pesquisar e divulgar em obra.

CAPÍTULO IV

A cidade e a vida urbana indígena em “transformação”

A transformação cultural e social urbana tornou o espaço diferente para pensar na formulação dos conceitos, ideias, debates teóricos feito nos tópicos anteriores que são fundamentais para a compreensão deste capítulo que norteia a reflexão do dinamismo do contexto da cidade “Indígena”. A transformação reproduziu ações apriorísticas, não material, não formatada e, por isso, se revela na interação das identidades dos diferentes sujeitos que ocupam papéis sociais, os enfrentamentos, superações, adaptação dos desafios interculturais, descida étnicas sob as variáveis condições econômicas que ora desempenham atividades e profissões no meio urbano rápido, transformador, tecnológico e capitalista. Segundo Marinho (2012),

Os indígenas urbanizam nos bairros surgidos na cidade e a imigração do Turoporã a nova geração apresentada no quadro do clã, na sequência hierárquica fazem parte desta dinâmica e da chegada de muitas etnias e os não indígenas, em suas moradias simples, algumas mais cidadinas de acordo com o ganho e situação econômica do habitante. Os bairros habitados pelos Turoporã e outras etnias nos bairros do Dabarú, Areal, Teotônio Ferreira, Domingos Sávio, Boa e a Nova Esperança, Alberto Barbosa, Sagrada Família, com ruas, postes de luz, água encanada, uso de banheiro, cada família do clã Turoparã experimenta a diferença da realidade misturada, complexidade cultural e política, os papéis e as funções exercidas pelos originários, a internet, rapidez da comunicação, a economia, burocracia e especialização do trabalho no âmbito da cidade de São Gabriel da Cachoeira. Para Cardoso de Oliveira (1957:5-6) “(...) uma etnia não existe por si mesma, mas somente em contraste com a outra”. Contato formal dos não indígenas com indígenas no Rio Tiquié presume a veracidade da proibição da prática dos saberes indígenas, os Turoporã e dos demais grupos linguísticos do Rio Tiquié passou por uma inovação cultural pela não indígena, que visou propor a ascensão social baseada no domínio da leitura e da escrita, conversão para a religião deles como aborda Leslie White, (2009: 46): “o termo cultura foi uma ferramenta conceitual importante para lidar com modos de vida diferentes, com os quais os europeus estavam mantendo contato”. Trata-se da modificação da sociedade indígena tradicional, a sociedade civilizada (p.82)

A vida cultural na inter-relação da aldeia com a cidade provoca as indagações, dúvidas e admiração sobre os indígenas, chegada ao alcance do momento da afirmação em que a densidade demográfica consta entre os 40 e poucos mil habitantes da população, os 95% com suas tradições, ritos e cerimônias, são originários de diversas etnias, são os dados de pesquisa que podem mudar sempre devido a mobilidade populacional étnica e não étnica na cidade de São Gabriel da Cachoeira, Estado do Amazonas.

4.1 A cidade indígena

Há compreensão diferente da aldeia, a comunidade em relação a cidade constituída na mistura da cultura indígena e com os brancos, todos que não são indígenas são chamados de brancos, esta mistura na imbricação constitui a complexidade da sociedade urbana direcionada pelas constantes transformações. A cidade desenvolve diferentes grupos sociais, políticas, alternativas econômicas em uma realidade pluriétnica já citada pelo Andrello (2006). A diversidade na prática das tradições e da comunicação no desenvolvimento da convivência com o diferente e outros fatores relacionados à dimensão social e cultural da realidade urbana.

Afirma Weber (1999),

Pode-se tentar definir “cidade” de formas muito diversas. Apenas uma coisa tem em comum todas as definições: que se trata, em todo caso, de um assentamento fechado (pelo menos relativamente), um “povoado”, e não de uma ou várias moradias isoladas. Ao contrário, nas cidades

(mas não apenas nestas) costumam as casas encontrar-se muito perto uma da outra, hoje em dia, em regra, germinadas. A ideia corrente associa também com a palavra “cidade” características puramente quantitativas: é um povoado grande. A característica em si não é imprecisa. Do ponto de vista sociológico, significaria o seguinte: um povoado, isto é, um assentamento com casas contíguas, as quais representam um conjunto tão extenso que falta um conhecimento pessoal mútuo dos habitantes, específico da associação dos vizinhos (p.408)

São Gabriel da Cachoeira ²⁰² é uma cidade conhecida pela população indígena “descida” da cabeceira do rio segundo o consenso do diálogo do grupo dos sábios Turoporã, a transformou em uma associação de diferenças culturais. Situada no extremo Noroeste do Brasil é constituída por várias etnias como, por exemplo, os Arapaço, Baniwa, Barasana, Baré, Desana, Hupda, Karapanã, Kubeo, Kuripako, Makuna, Mirititapuya, Nadob, Pira-tapuya, Siriano, Tariano, Tukano, Tuyuka, Wanana, Werekena e Yanomami.

Figura 23: Vista aérea da Cidade de São Gabriel da Cachoeira



Fonte : <https://portalamazonia.com/amazonia-de-a-a-z/sao-gabriel-da-cachoeira/>

A São Gabriel da Cachoeira apesar de estar encravada na selva amazônica, a realidade desta cidade é dinâmica pela sua diversidade étnica, com uma riqueza cultural que apresenta diversas maneiras de se relacionar com a natureza.

²⁰² São Gabriel da Cachoeira é um município brasileiro no Estado do Amazonas, Região Norte do país, onde nove entre dez habitantes são indígenas, sendo o município com maior predominância de indígenas no Brasil.

O mundo urbano antes pensado como um lugar da não existência de etnias e idealizada como um lugar habitado somente pelos não indígenas muda com características físicas próprias opostas aos indígenas, moradias de prédios, circulação de carros nas ruas asfaltadas, aviões de grande porte pousando e decolando no aeroporto, alto consumo dos meios e produtos industrializados e na atualidade o acesso e o uso da informatização.

A cidade habitada pelos indígenas é diferente da concepção do “moderno”, “desenvolvido”, “civilizado”, conceituado na globalização, palavras usadas para excluir os originários, aqui se estruturou uma cidade no espaço originário o lugar incorporado de elementos mitológicos, evolução das espécies, representados na paisagem dos pontos sagrados na natureza, os lugares são respeitados e valorizados como fonte do saber, constitui um significado específico existente na própria natureza física, a cachoeira, a praia, o lago, o rio, as serras e montanhas são percursos de uma descrição oral e escrita baseada na mitologia. Para os não indígenas este lugar é apenas visto na beleza externa no nível paisagístico como um atrativo natural turístico, em que gorjeia a beleza instantânea e duradoura transmissora do esplendor de lugar ímpar cheio de encantos, que atrai a atenção dos que vislumbram pela natureza desigual.

A vista panorâmica natural é marcante no contexto urbano harmonizada na paisagem forte do rosto indígena, caboclo ou caboclas filhos ou filhas de indígenas com os não indígenas, das origens diferente com as características humanas e naturais que engrandecem a cultura e a sociedade do município e a cidade de São Gabriel da Cachoeira e, todos os que vivem neste lugar, transeunte e outros se encantam no espaço geográfico único existencial tocante com o nível valor imaterial, rico nas fontes naturais e na expressão cultural significativa na convivência social diversificada. Lembrando Wirth (1967),

Sem dúvida, algumas das características das cidades, enquanto fatores determinantes da natureza da vida urbana, são mais significativas do que outras e é legítimo esperar que os traços mais salientes do cenário social urbano variem de acordo com a dimensão, a densidade e as diferenças funcionais das cidades (p. 49)

As diferentes etnias em movimento transformaram esta cidade mais indígena, estabeleceu uma relação social e cultural indígena substancial em relação a realidade anterior predominante da pequena parcela dos habitantes homogeneizada dominadora no comércio e setores do poder público constituído e a grande massa era representada na paisagem populacional da realidade urbana.

Os indígenas vistos na condição da urbanização ou que vive como urbanizado, é o mesmo oriundo de cada aldeia, vive na cidade em contacto com diversas culturas no desenvolvimento da frequência em lugares públicos, escola, comércio, hospitais, igrejas e quartéis desde os tempos imemoriais viveram desta maneira em cada etnia e clã. O território natural étnico transforma-se em urbano com características e forma de organização de vida local diferente na dinâmica da presença com a cultura originária e a envolvente entre indígena e a não indígena.

O olhar externo se interessa e tem curiosidade para conhecer os indígenas, investigar e aprofundar as situações, processos e fenômenos no modo de vida cultural no cotidiano. Inúmeras investigações já foram desvendadas nesta realidade atípica para aprofundar o conhecimento no campo antropológico e outros assuntos científicos. As transformações com a velocidade da informação e distintos pensamentos influenciadores atingem a população indígena na permanência do centro urbano de maneira especial na categoria juvenil que busca a internet e outros mecanismos da comunicação midiática como diversão e pesquisa.

Desde o início da estruturação urbana a convivência com a população originária e a presença das culturas não indígenas manteve o ambiente sem muitos conflitos ou enfrentamentos, com algumas ressalvas de conflitos que atenuam no contexto, o ser indígena e o não indígena são parte integrantes de distanciamento ou de aproximação.

Conforme Wirth (1967),

A cidade não só tem tolerado como tem mesmo recompensado as diferenças individuais. A cidade tem juntado povos dos confins da terra, porque são diferentes e, portanto, úteis uns aos outros, e não porque sejam homogêneos ou apresentem as mesmas inclinações (pp.51-52).

O mundo urbano se difere e consiste em atrativos bons e por outro lado a cidade é marcada por insegurança geradora de violência com mortes dos indígenas e os não indígenas como consequência da desigualdade social. A cultura urbana diversifica no agir e pensar, os Turoporã são protagonistas de viver na dimensão transformada na cultura originária, desceram para a cidade de São Gabriel da Cachoeira e outras cidades, grandes metrópoles como Manaus, São Paulo, Recife e outros centros urbanos do país com o sentimento e a afirmação da identidade cultural sem desfazer a ligação do parentesco, a língua e as tradições.

A descida da aldeia para o centro das transformações culturais, sociais não revelam apenas coisas boas para os indígenas, crianças, adolescentes e jovens e perspectivas de

vida. Há grandes lacunas e incertezas mediante os projetos e sonhos deles como qualquer ser humano, na cidade há marginalização, os vícios que destroem vidas indígenas, nos itens anteriores discutimos a superação das tutelas e dependência no papel do desenvolvimento social, por isso, é necessário transformar a visão política e institucional. De Oliveira (1995) afirma,

A experiência urbana tornava-se cada vez mais concreta. No contexto da “modernidade”, o mundo local transformava ambigualmente, o padrão de suas relações, as suas cosmovisões e suas expectativas diante do curso da história que a situação de contato, iniciada no século XVIII, havia colocado no horizonte dos povos indígenas da região. A cidade configurada, na atualidade, o projeto civilizatório moderno. E a gramática da modernidade inscrevia-se no contexto regional através dos processos migratórios em direção aos centros urbanos, em formação de um exército de trabalhadores e da coexistência das relações de reciprocidade, além de outras “híbridas” dadas nas relações de trabalho assalariado (p.30)

O modo do indígena habitar na cidade para muitos deve ser duvidosa e criticada, para as etnias e clãs indígenas na realidade é uma grande luta na conquista de estar naquele espaço, trabalhar, estudar, ocupar as funções públicas hierarquizadas que eram ocupadas em sua maioria dos setores pelos não indígenas, atualmente a presença indígena é significativa no mundo do trabalho profissional e organização social participando das discussões em diversos assuntos sociais, os Turoporã atuam em grande parte e as novas gerações estão na formação em diversos campos da ciência com aprovação nos concursos públicos, especialmente em educação.

Os estudos e a formação específica e suas finalidades objetivadas representam “modernidade” ao Turoporã e outros na sociedade do centro, competitiva e subjetiva. A transformação é cultural e social em relação a realidade urbana dentro a estrutura, a sociedade plural em que a maioria são indígenas. A estrutura urbana transforma no nível cultural e funções sociais compatíveis a realidade, e os indígenas que possuem a sua sabedoria e a tradição implementam no bairro, na rua, grupo de diálogo, no funcionamento das instituições constitutivas, os departamentos que atendem a população numa sociedade caracterizada na pluralidade.

Para Wirth (1967),

A densidade, o valor dos terrenos, as rendas, a acessibilidade, a salubridade, o prestígio, as considerações estéticas, a ausência de fatores de perturbação, como o ruído, o fumo e a sujidade, determinam a capacidade de atração de várias áreas da cidade para a fixação dos diferentes sectores da população. O lugar e a natureza do trabalho, o rendimento, as características sociais e étnicas, o estatuto social, os costumes, hábitos, gostos, preferências, preconceitos contam-se entre os fatores mais significativos, de acordo com os quais se processa a

seleção e a distribuição da população urbana pelas diferentes zonas da cidade (p.55)

A sociedade urbana de São Gabriel da Cachoeira é uma diversidade em todos os aspectos culturais, sociais, reproduz outro sentido de pertencer de forma heterogênea aos grupos de pessoas que habitam no espaço de forma isolada ou coletiva sendo que tradicionalmente para os indígenas a coletividade é intrinsecamente cultural, isto é, o amago da vida étnica e habitam na cidade com os seus valores na construção coletiva equilibrada concomitante dentro do atual espaço urbano.

4.2 Cidade e Município de São Gabriel da Cachoeira a mais indígena em representação.

Os Turoporã e outras etnias desceram para compor a população de São Gabriel da Cachoeira tem as residências no bairro do Centro , na Fortaleza, Dabarú, Graciliano Ramos e circunstancialmente se encontram nas comemorações, festas e outros momentos da tradição coletiva, este espaço se tornou indianizado pelo índice demográfico, porque os indígenas continuam com a característica tradicional marcante na representação populacional sendo transeunte ou residente como citou De Oliveira (1995), na área urbana com suas famílias, a mesma cidade que compunha a minoria não indígena que ocuparam as principais funções da atividade econômica e política na atualidade, o poder se estabelece numa estratégica presença dos indígenas atuando para subsistir no fortalecimento das decisões do bem comum.

De Oliveira (1995) afirma,

A história de migração na região não é recente. Um antigo morador de São Gabriel, filho de cearense e maranhense, relatou-nos que em 1914, chegou por ali o primeiro Salesiano na região. Era ainda um menino, mas lembra da existência de pessoas vindas do Ceará e do Maranhão, para trabalhar, principalmente, na indústria extrativa da borracha e do comércio de regatão (p.179)

A cidade se organiza de forma misturada com atores não indígenas de outros estados brasileiros, ainda paira no pensamento dos indígenas que os não indígenas são como grupos superiores e melhores que estruturaram, planejaram com as suas ideias e sapiências, medidas e critérios segundo o plano científico e a sociedade. O não indígena caracterizado e citado nos capítulos anteriores, muda a convivência no modelo cultural complementado pela sociedade projetada com saberes e a cosmologia indígena

comunitária, que muda o individualismo para a economia sustentável, discurso da valorização ambiental, exploração das riquezas naturais de forma racional.

As tradições culturais vividas na aldeia coexistem no urbano como planos de trabalhos sociais, o diagnóstico da saúde como a técnica dos pajés e, obviamente a realização dos ritos e seus efeitos se limitam, e por isso, no caso da gravidade da enfermidade recorreremos para o atendimento médico não indígena, assim, é necessário que os dois campos do conhecimento sejam valorizados no complemento do resultado para o processo da recuperação do paciente.

O sentido do misturado, o imaginado branco interpretado do fogo, brilho, claro, agora é real na conexão da aldeia e cidade, questão citada nos capítulos anteriores unem-se estes dois mundos culturais e sociais, vivências de sujeitos que se encontram, reorganizam as correspondências da vida e a cultura local étnica. Adequam-se na forma das leis urbanas, controles habitacionais, índices demográficos, desenvolvimento de projetos para o bem comum com as outras ações e participação a luz do conhecimento local.

O indígena e o não indígena mudam o antes pensado no sentido dicotômico da separação, e se organizam em conjunto diversos projetos nos âmbitos cultural e social racionalmente, reprojeta e redimensionam o ambiente urbano. Para Da Silva (1999),

A questão indígena, no meio acadêmico ou não, sempre é tratada e discutida a partir da espacialidade, da aldeia, da reserva, das terras indígenas, que servem de referência para caracterizar o lugar dos índios. Tanto assim que as discussões em torno da saúde, educação, autodeterminação, ações assistenciais, políticas indigenistas e indígenas, são direcionadas para esta espacialidade (p.116)

O centro urbano para o indígena é um contexto do desenvolvimento acadêmico, ambiente de discussão, projeção na estruturação cultural, o que antes era ação dividida, particularizado dentro do tempo e espaço em ações determinadas, são projetadas e organizadas coletivamente em horas e seus tempos com a finalidade incluindo a ideia e a lógica dos não indígenas. A sociedade diversificada tem a normatização cabendo a cada cidadão cumprir o programado e projetado e, por isso, viver na cidade é um processo, uma abertura da mudança para o indígena e o branco pela razão própria da relação da cidade ser estruturada na terra indígena.

Os espaços públicos são instâncias de emancipação cultural originária, institucionais e sociais, os ambientes urbanos são frequentados pelos indígenas e pelos não indígenas no comércio, bancos, os bares, lanchonetes, as igrejas católicas, como já

afirmou Da Silva (1999), as praias, hospitais, casas de saúde, ambientes noturnos e o trânsito de embarque e desembarque do transporte aéreo e fluvial sem dificuldades e impedimentos. No setor público institucional há uma especificidade na responsabilidade indígena como a conquista do mandato no poder público municipal, a educação, a saúde, são coordenadas e dirigidas pelos agentes indígenas, sendo o atendimento diferenciado no sistema bilingue instrumentalizando o valor da língua Tukano, Língua Geral e Baniwa.

O processo educativo na sociedade urbana de São Gabriel da Cachoeira iniciada pelos salesianos missionários e missionárias assume outro patamar da ciência com a marca do trabalho que envolveu as instituições a nível nacional, para o funcionamento do ensino médio indígena obtido como fruto de muita luta interinstitucional realizada no ano de 1994.

Os setores da sociedade assumem a nova face da organização social e política enraizada e libertadora dos habitantes locais capazes de pensar e ler acompanhando as transformações do mundo e atuando diretamente na realidade local. Em outrora pensado de forma contraditória era essa ideia, Brüzzi (1969) destaca que,

para a totalidade das crianças escolares, os 5 ou 6 anos de estudos, no regime de internato, não bastam para que consigam aprender as 4 operações. O índio, como fisicamente é lento de movimentos, também é tardo, para dar-nos a mais óbvia resposta. Moroso para entender um& ordem que lhe damos, encontra dificuldade em acompanhar o nosso raciocínio, quando com ele conversamos. De ordinário é preciso repetir-lhe os ensinamentos muitas vezes. Talvez por isso é que, nas conversas entre si, há tantas repetições (p.138).

A opinião acima escrita naquela época não corresponde a realidade presente com avanços e desenvolvimento das aptidões mentais modificou a cultura para outro contexto cultural de conceber o indígena, a educação com o apreço ao conhecimento local participa da diversidade com outras ciências não indígenas aumentam o nível do desenvolvimento intelectual, mental, psicológica e a capacidade no protagonismo da sociedade local. Os Turoporã a maioria são professores da rede pública e municipal, emancipam as opiniões derradeiras que fomos atribuídos há décadas passadas. Segundo Brüzzi (1969),

São altivos das próprias qualidades, e comprazem-se em que lhas louvem. Embora com suas crenças bem radicadas, assimilam bem a nossa civilização nos seus elementos materiais, e até, quando voltam a sua maloca, imitam o que viu os civilizados fazerem. No íntimo atribuem a superioridade destes aos recursos de que o indígena não dispõe, e porque aprenderam de outrem. São estas as duas razões (assim julgam eles) por que não podem realizar tudo o que os civilizados fazem, seja mesmo um gerador elétrico, um motor de lancha, ou um avião (p. 161).

A cultura é diferente para cada grupo, sem serem inferiores ou superiores, cada membro pode aprender e desenvolver a sua cultura e conviver no mundo diferente da sua origem, realizar intentos e agir na sociedade plural, a mudança é interna e exterioriza na vivência da cidade na relação interétnica.

O setor sanitário institucionalizado coordenado na cidade realiza o atendimento abrangente da saúde exercendo um trabalho específico com agentes na maioria originários e atinge as comunidades nas calhas, igarapés e trilhas, é uma atuação de serviço importante e significativo executado pelos atores indígenas no uso da técnica tanto da sabedoria milenar e do tratamento elaborado no plano em conjunto com os não indígenas na imensa região.

A cidade indígena possui a população marcante e eles mesmo exercem funções específicas sociais os Turoporã são a maioria professores, os membros de outras etnias atuam também nas instituições públicas, educativas, nas atividades religiosas, alguns trabalham nos pequenos e médios locais comerciais, serviços informatizados, o serviço militar, medicina elaborada e outras instâncias sociais são setores com formato indígena. Da Silva (2015), destaca que,

as ocupações profissionais exercidas pelos índios variam. Os que possuem a escolaridade de segundo grau, em muitos dos casos exercem funções burocráticas em lojas, hotéis, órgãos públicos e escritório comerciais. Aos que tem somente o primeiro grau restam as atividades de serventes, empregadas domésticas e operários da construção civil entre outras (p. 133).

O trabalho muda no avanço do processo do movimento indígena na dimensão política organizacional projetou a vida indígena urbana, elevou as suas ações e atividades profissionais, além da política pública da saúde, a educação escolar indígena, progrediu no exercício da cidadania a construção da composição do governo municipal em alguns pleitos tem-se alcançado eleger representantes na câmara e na cadeira o majoritário do município o mais indígena.

A transformação social das ocupações laborais da roça para as funcionais públicas institucionais que regem a sociedade caracterizada pelos agentes indígenas, na responsabilidade com resultados do preparo da formação intelectual em estudos, prova a capacidade e a sabedoria indígena com esforços coletivos surtindo fruto na política indígena como a organização da Federação da Organização Indígena do Alto Rio Negro

(FOIRN)²⁰³ instituição inclusiva estruturada na participação de todos no exercício da cidadania. Esta iniciativa constitui a forma de vida e de pensamento propriamente étnica da interação étnica devendo avançar a presença indígena em setores sociais urbanos, na instituição pública do setor econômico e social, tanto quanto ocuparam os não indígenas imigrantes de vários pontos geográficos do território nacional.

Segundo Da Silva:

A construção ou a reconstrução da identidade, em espaços distintos dos seus, são formas encontradas por cada uma das etnias, para recompor-se ou formarem-se no processo de distintividade, que visa a reunião de grupo através de sinais diacríticos no espaço social (Carneiro da Cunha, 1987:17). Identificar à primeira vista o componente indígena na cidade Manaus é um tanto complexo, tendo em vista que os olhos amendoados, cabelos ondulados, pele morena, estatura mediana, constituem-se em aspectos físicos que caracterizam o homem amazônico: o caboclo²⁰⁴ (pp. 113-114).

A identidade indígena na vida urbana naturalmente difere na atitude, comportamento no campo do trabalho, mesmo que não seja para todos movimentada a atividade econômica, o sustento, a ideia urbana sempre conotada de ação de compra e venda, diversidade cultural, política e distingue do pensamento da vivência da comunidade e aldeia étnica que proporcionava a troca em vista da promoção do parentesco enquanto que na cidade contrasta numa atividade do comércio da compra e a venda que envolve toda a população. cita o Weber (1999),

Toda a cidade aqui adotada da palavra é “localidade de mercado”, isto é, tem um mercado local como centro econômico do povoado, mercado no qual, em virtude da existente especialização da produção econômica, também a população não urbana satisfaz suas necessidades de produtos industriais ou de artigos mercantis ou de ambos, e, como é natural, também os próprios moradores da cidade trocam entre si os produtos especiais e satisfazem as necessidades de consumo de suas economias. (p.409)

É controversia pensar ou afirmar que no perímetro urbano todos os indígenas participam do consumo de produtos industrializados, devido à falta de recurso econômico e a não apropriação de vínculo empregatício que os exclui na ação direta da vida econômica, o que difere é pensar que a parte não indígena se dispõe de emprego e obtenção de salários para participar do usufruto dos meios e o consumo dos produtos comercializados, para ambos a realidade é desafiadora. Um problema social em que os

²⁰³ Federação organizada propriamente nos anos 90 para a participação de todos as indígenas do alto Rio Negro.

²⁰⁴ Mistura de indígena com o branco

originários enfrentam assim como os não indígenas, pois há uma grande desigualdade social na realidade local e nacional.

4.3 Viver no centro urbano e afirmar a identidade indígena no mundo não indígena

Como muitos ainda pensam que o indígena deve ficar na aldeia no núcleo familiar, a comunidade da aldeia ou que ele deve participar da “modernidade”, a “civilização”, o “desenvolvimento” mostra-nos nos processos e situações relativizadas para o indígena e os não indígenas. São Gabriel da Cachoeira revela uma ideia que explica que a família nuclear, comunidade se multiplica na interação da realidade em que a vertente cultural soma com outras diferentes, a sociedade muda a posição da experiência interétnica e, por isso, a cidade é indígena, as etnias ocupam o espaço físico e são distribuídos em localizações urbanas.

Conforme De Oliveira (1995),

Na distribuição espacial da cidade, entretanto, é possível localizar “enclaves étnicos” distribuídos em bairros que concentram os diferentes segmentos sociais. Existem em São Gabriel um total aproximado de 9 bairros: Tirirical, Praia, Dabarú I e II, União, Irã, Iraque, Nova Esperança, Graciliano Gonçalves, Fortaleza e Centro. Há também áreas restritas aos oficiais do exército, além de um trecho localizado na estrada (BR-307) que liga a cidade ao aeroporto onde estão o quartel e a residência dos sub-oficiais. Destes, pelo menos três, concentram uma população “descida” e diversa, variando por ordem decrescente o Tukano, Tariano, Desano e Tuyuka. A maior parte destes é originária da parte do rio Tiquié (p.189).

Da “descida” da aldeia para a cidade traça uma simétrica cultural, ainda surgiram os bairros: Areal, Teotônio Ferreira, Alberto Barbosa, Sagrada Família, pensada, projetada, construída pelos não indígenas onde adequa a cultura do Turoporã, os espaços que agregam esta cidade indianizada, uma aproximação e construção social de várias raízes. Não perde o simbolismo e o significado que define uma obra, construção, o momento do rito de iniciação, o benzimento, a cerimônia cultural étnica na instalação de alguma casa para a habitação, a roça ou construção para outras finalidades.

Justifica-se da afirmação que aqui é um ambiente específico, ecológico, compreendido no saber mitológico da evolução humana, inicialmente habitada pelos seres inanimados num nível próprio e específico não explorado pelo conhecimento humano, agora são pessoas diversificadas viventes numa mesma cidade. A habitação no urbano não é mais comunitária ou forma a família que mantém ambiente de pessoas numa realidade que possa facilitar o elo do parentesco e a comunicação neste contexto ocorre por intermédio dos meios telefones e outros recursos com custo devido ao consumo.

Para Da Silva (1999),

A presença de índios no contexto urbano é uma realidade. Os bairros periféricos constituem-se de lugares privilegiados para onde convergem várias famílias indígenas provenientes de diversos horizontes. Discotecas, bares, bordéis, igrejas, festas comemorativas e ações políticas indígenas constituem por sua vez em espaço onde as relações sociais entre os índios são mantidas e os laços étnicos reforçados. Estes locais não estão sendo centrados num único ponto no bairro: pelo contrário, estão situados em vários locais da cidade (p. 112).

Os indígenas locomovem em diversos lugares urbanos interagem com outros membros de grupos e origens culturais e sociedades, aparecem novas perspectivas sociais étnicas ou podem ser desafios urbanos na percepção do Tukano do clã Turopará e de outras etnias, os lugares e ambientes constituem de sujeitos e atores diferentes. A interação ocorre no estudo, na igreja congregada, em uma festa, na feira de produtos regionais, instituição pública de atendimento que reforça a complementação o sentido diferenciado no espaço da cidade de São Gabriel da Cachoeira.

O espaço físico insere a socialização de forma centralizada na junção de diferentes sujeitos culturais que constroem a sociedade compartilhada como as grades curriculares diferenciadas do tradicional na escola, ensinamento dos diversos conteúdos que integram a indígena e a não indígena, as perspectivas dos campos de conhecimento que discutem a posição das influências ideologias dominadoras, a contradição e determinismo das regras e normas sociais e culturais com muitas tendencias exclusivas. Os sonhos e a busca da realização dão o interesse da união e participação dos movimentos, associações em diversas dimensões sociais, culturais, econômicas e políticas organizacionais.

Os indígenas Turopará e de outras etnias objetivaram os estudos de graduação de diversas áreas de conhecimento oferecidos pela Universidade Federal do Amazonas nos polos urbanos, são um dos motivos para o deslocamento dos jovens indígenas e muitos juntos com suas famílias. Os indígenas da nova geração projetam no estudo alguma meta para alcançar em sua vida, aprimorar o conhecimento para ter a segurança na estrutura da vida e poder ocupar com dignidade em alguma função social posteriormente. A graduação para atender melhor teria de assumir as características culturais das etnias do local, grande desafio pedagógico na adequação do corpo docente, material pedagógico, o conteúdo equivalente para que ministrassem as disciplinas acompanhando diretamente aos indígenas o uso metodológico, as técnicas, a língua, os

valores reconhecidos e abordados fortalecem o ensino para não suprimir a parte originária.

A formação intelectual aumenta o nível de alfabetização, o indígena é esclarecido e não mais retrocederá a ignorância, a realidade indígena é uma região com menos índice de analfabetismo, valorizando os conteúdos do conhecimento étnico das disciplinas faz a diferença da estrutura currículo implementando a realidade utilizando os elementos culturais no campo da educação e na prática da vida social é o caminho que consolida a formação diferenciada de acordo com a sabedoria originária.

A vida urbana para o indígena é viver no compromisso engajado na promoção da dignidade contra a violência, etnocídio, na resistência contra a xenofobia e racismo, o contexto social urbano desafia a vivência intercultural dos princípios e dos valores sociais da cultura étnica e modos de vida de comunidade, o comportamento, as atitudes de interação superam as diferenças étnicas originárias e urbanas. A cultura é dinâmica, passa em movimento na inter-relação originária e não originária minimizando os conflitos tantas vezes mencionada a dimensão dialógica.

Os últimos anos ficaram marcados em São Gabriel, com homicídios de indígenas e das indígenas, os adolescentes, os jovens e as jovens vítimas de uma estrutura e de ações violentas, pedofilia, homicídios, como consequência dos problemas sociais de desemprego somados pelos fatores do alcoolismo, consumo das drogas que desordenam e aumentam os furtos, a criminalidade e a violência. Desvirtuam o valor, a ética, a moralidade no âmbito urbana contrastando a vida coletiva do respeito da partilha e da pluralidade étnica. No clã são refletidas e verificadas que não corresponde nas raízes da cultura e, por isso, é inaceitável aquilo que denigre e destrói a vida cultural mesmo que seja diferente pela importância e o poder que desenvolve o respeito e o bem-estar de toda a população.

A pluralidade étnica contrasta no contexto urbano os valores sociais e culturais que se mesclam no processo e com isso, aparecem alguns problemas sociais, desvalores que atingem a relação indígena e o não indígena de modo crescente como as questões do racismo contra os indígenas, a discriminação a preconceitos, os assassinatos, assédios, o feminicídio da supremacia do machismo, poder econômico e exploração vulnerável

O movimento cultural e social luta pela vida e dignidade da população indígena com a ação constante para conter a proliferação das ações e violências, tráfico de entorpecentes e de pessoas que invisibilizam o valor e a importância da cultura indígena da existência da diversidade étnica. A parte da cidadania cresce no pensamento indígena

na coletividade, operado de diversas formas para que não haja sofrimentos das vítimas e morte do modo de viver na cidade indígena, sustenta a prática religiosa de fé, a moralidade e a sabedoria que semeia especialmente o futuro e sonho das crianças, dos adolescentes, das adolescentes, dos jovens, das jovens indígenas a futura geração que residem no contexto urbano indianizado.

Para De Oliveira (1995),

Ainda mais, constituem um sistema polissêmico, no qual, há variedade de versões condensam a heterodoxia dos processos civilizatórios. A leitura polissêmica que as atividades mágicas permitem fazer, apontam, entretanto, para outras questões. No caso do Rio Negro, parece ser possível uma estreita relação dois planos: o primeiro, que se refere ao sistema simbólico “polissêmico”, que expressa a memória mítica do contato através das “camadas de significado” que contidas nos processos civilizatórios; e um segundo, circunscrito por uma segmentação real, produto concreto dos processos econômicos e políticos de ocupação regional (p.198)

A civilização mais uma vez toca na realidade cultural e social entre a inevitável classificação social, a hegemonia e a pouca política pública no âmbito popular, missão em conjunto assumida nas associações diversas intensificam a objetividade da promoção humana e de dignidade a todos especial atenção aos indígenas na ação de líderes e agentes da vida pastoral e missionária das entidades religiosas e dos movimentos sociais se erguem no grito em favor da vida e da paz discutir sobre o uso da terra, do trabalho educativo no contexto urbano, pela democratização dos espaços, vida e prática das tradições indígenas cumulada de ações e participação direta da organização e vinculação dos projetos, movimentos e trabalhos que respaldam a cultura na diferença.

A dimensão cultural e social étnica é um elemento construtivo que engrandece fortalecendo a estrutura social urbana na pluralidade somando a diversidade cultural e a cosmovisão local na arte, canto e na dança na educação e eventos compreendidos no nível do mundo de empreendimento que circunda na interação com outros elementos exteriores visíveis e invisíveis influenciadores entre as culturas diferentes. Viver e pensar numa realidade urbana como a de São Gabriel da Cachoeira é adentrar-se num mundo cheio de elementos no pensamento e comportamentos que se cruzam no diálogo não mais no silêncio dominador e no avanço harmônico do reconhecimento do valor cultural indígena que criam e recriam as origens da estrutura social urbana.

Para os indígenas da região que passam a habitar na área urbana é um fenômeno cultural social compõem o fator de significado com vantagem ou desvantagem forma uma imagem representativa empírica e se imbrica no formato cultural da diversidade cultural,

social, a política, antes ocupada e formada pela minoria não indígena que detinha o papel social. A importância da cultura original esta força e o poder temporal funcional que visibiliza o espaço geográfico e cultural existencial, potencializa as famílias nucleares nos territórios urbanos se articulam na consideração de parente.

A etnografia ajudou a descrever a viagem da cobra canoa, sobre gente de transformação, narrativas dos Tukanos em processo lento e em diversas etapas como cita Andreilho (2006), indígenas interagem e se imbricam na cultura, social e desenvolvem a estrutura do espaço urbano intercultural. A cultura indígena com base da tradição se torna presente em cada originário sendo atores e todos são portadores de sonhos e projetos contido nos valores culturais e conhecimentos locais milenares próprios sempre vivos, cujo legado conecta na dinâmica da inter-relação no aspecto conhecimento local, modo de vida cultural, provado na realidade original, autóctone e experimentam no centro urbano a conexão do valor cultural transformado na diferença como um pilar sustentável, ecológico e digno em qualquer ambiente humano.

A cidade é um lugar múltiplo socialmente e diversificado de cultura, e, por isso, não de afastamento e não perda da identidade, todos se integram, seja indígena e não indígena interagem transformando este lugar, que pode ser pensado também de desaldeamento e fechado, destribalização (Da Silva, 2015). Por este salutar e desempenhado estudo empírico se compreende que o indígena de qualquer etnia pode viver no centro urbano, estudar, ter a sua moradia, o seu emprego, o seu carro, viajar de avião. A análise é a consequência de processos social e cultural no sentido político chamado de luta, de um espírito valente de uma cultura sábia, a primeira deste Brasil, inoportuno que alguém possa afirmar algo contra o ser originário, que nada impede a complementar a globalização indianizada.

A juventude transformada navega na intermedia, consomem esta magnitude global nas ferramentas das redes sociais, o facebook, instagran, whatsapp e outros meios de comunicação rápida de alcance mundial. As culturas de fronteira, da aldeia, do rio Tiquié navegam nas ondas da internet com seus familiares, fazem as amizades, compras, a interlocução ocorreu também por estes meios modernos não indígenas pelos indígenas. Grandes impactos atinge na personalidade e identidade do indígena que tem a raiz e a cultura do diálogo, da coletividade e vida em comum.

A cultura indígena urbana com todo o seu valor, não se embranquece, contém as raízes ligadas ao cosmo original, no pensamento e modo de ser urbano reconhece o parentesco numa amplitude adverso pluriétnico transformado e em construção. Assumem

outras perspectivas que atende as mudanças culturais na atuação da organização social direcionada para a diversidade sem desligar ou subir novamente para estabelecer na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hákə́tó fez trabalho árduo desde o núcleo da origem com o sentimento de sujeito étnico refletiu detalhadamente o clã na base mítica e o lugar da constituição da aldeia e como faz parte da imensa sociedade, construção da sua história, sentimento interior de si mesmo com a experiência vivida em inúmeras transformações da cultura no tempo e no espaço, cuidadosamente discute e analisa o contexto da sociedade múltipla urbana, enfrentando a hegemonização, supremacia tendenciosa que provocam as desigualdades na sociedade em processos, reflito do significado da cultura originária no passado e a projeção com indagação na realidade social do Turoporã atual abrangendo as outras etnias e clãs.

As palavras escritas do idioma Tukano compõem da coerência linguística, antropológicamente não são e não podem ser traduzidas para outro idioma com a preocupação para não deturpar e cometer erro na concepção da raiz e do significado étnico.

O trabalho revela com clareza o meu ser e o modo de pensar, escrever como o indígena Turoporã afirmando verdadeiramente quem eu sou e, o meu pertencimento a minha etnia o meu clã com o constante diálogo mostro a ligação que eu e os demais indígenas mantêm com outros indígenas no mundo diversificado. Aproprio da antropológica que me torna capaz de conhecer e descobrir, descrever de mim o sujeito indígena conhecedor dos núcleos da minha origem cultural e com a vontade de caminhar entre as transformações interagindo com outras etnias e discutir as ideias teóricas renomadas na antropologia local e tradicional sem me perder ou deixar que as forças dos elementos não indígenas possam sobrepor, vivencio com equilíbrio e sigo firme na construção social com característica específicas. Assim posso dizer que estou abrindo portas, janelas, caminhos e diferentes vias para outros novos pesquisadores neste campo e lugar do conhecimento sobre a identidade cultural privilegiada no modo de construir a ciência com epistemologias advindas da complexa diversidade étnica da região com novas perspectivas.

A metodologia com os parâmetros técnicos proporcionou o desenvolvimento do plano de estudo voltado para o indígena com uso da interlocução e com liberdade alcancei a veracidade de pensamento pelas narrativas das crianças, jovens e adultos com diversas e rica experiência vivida, a consulta incessante aos sábios a fim de verificar e analisar os

fatores antropológicos do presente que envolve a participação e vivência na diversidade cultural e social urbana do passado, presente e futuro cosmológico.

A temática da pesquisa foi atuada no trabalho vencendo as barreiras materiais e geográficas com o ímpeto da vitória almejada e sou indígena que sente orgulho da identidade focada na especificidade no clã Turoporã inclui outras etnias na abordagem cultural, permanência e viagens territoriais, tipo de organização social em análise das informações obtidas na observação e no testemunho de indígenas de gerações diferentes na faixa etária, com as quais formulamos as referências explicativas da situação real da vivência cultural da origem em processo da transformação social da aldeia mudada para a cidade. A fala em idiomas diferentes sincroniza a realidade urbana, o parecer da valorização dos ritos, as cerimônias na dinâmica social, a prática das tradições no âmbito contextual diversificado.

Os dados empíricos buscados no desenvolvimento de análise das práticas de sujeitos originários que vivem no cotidiano na aldeia e conduzido para a cidade, os diagnósticos cuidadosos direcionei na escuta e perguntas sobre as questões mais conflituosas como o “por quê” dos indígenas vivem na cidade, e o que vão fazer na cidade, documentei os acontecimentos, questionamentos políticos mediante o perigo da morte, perguntei constantemente sobre o bem e o mal, o que nocivo e precioso para a humanidade em favor da vida e da sabedoria no mistério e do invisível. Os inúmeros diálogos com horas da feliz escuta pra não perder nenhum brilho das riquezas dos Turoporã que incomparavelmente são fatores que transmitem o conhecimento local determinante para continuar vivos e são no mundo em transformação. A leitura teórica das ideias estonteantes em madrugadas e de um turno e outro do trabalho em educação primorosamente contribuiu no apogeu da antropologia trazendo para mim o conhecimento da etnia e o meu clã como um feito do conhecimento aprofundado para a veracidade esclarecedor das questões com informações corretas que fortalece nova e atual compreensão sobre o surgimento, evolução mítica e como o indígena vive na cidade, isto redimensiona o conhecimento sobre o originário vivente na cidade no tempo do isolamento evitando contágio do coronavírus, combatido com o poder salutar natural, e espiritual que considero a significativa atuação dos pajés e setores das instituições públicas de saúde antes restrita ao branco, protagonizada no papel social indígena na grande diferença interétnica.

A cultura do Turoporã é uma entre tantas outras, por isso, nesta interculturalidade faz parte da diversidade étnica possuidora de cabedais das informações na formação da

estrutura social, dá abertura para compreender outras ideias e os conceitos relacionados a cosmologia que edificam as estruturas da organização e o funcionamento social. As discussões, análises formam a intelectualidade indígena e me ajudou na observação dos dados empíricos inseridos na diversidade, diferente da hegemonia cultural e digo não a homogeneização arbitrária de entes e ideologias, que exclui e ilusiona contrariando o caráter coletivo, sou aprendiz do pensamento da partilha e tipo de economia sustentável que vigora na identidade cultural, com o propósito do diálogo, crítica, objeções, argumentando para estabelecer um novo olhar antropológico e social. O novo olhar implanta a ideia reestruturada da vida cultural e da sociedade do Turoporã, as constatações de mudanças nas relações interétnica, os casamentos, o parentesco de modo coletivo e, por isso, o estudo que abordei favorece o ver em muitos ângulos com diferentes significados e a importância da realidade e do sujeito originário que interage na diversidade. Fazer-se parte do espaço, a cultura, e a sociedade é o agir, o construir e não a dominação, escravidão ou a morte.

A cultura originária do clã Turoporã engrandece a profundidade do conhecimento antropológico e formula uma nova imagem na sociedade urbana, soma na sociedade diferenciada porque tem sua importância salutar desde o mito da evolução na cachoeira de Ipanoré a cidade de São Gabriel da Cachoeira, até onde estiver o indígena não perde o poder da raiz do *baséssé*, a interação social que cito é a prática social para ambientar e permanecer vivo com o sentido e o valor próprio na mistura cultural interétnica ligada na origem. O indígena sempre será indígena, mudando de lugar, papel social, função institucional só aumenta o seu conhecimento no mundo complexo, transforma o modo de pensar na relação da diferença com outra postura referente as questões mais relevantes no contato da realidade primeira e o modo de ser indígena hoje.

As partes das diferenças são elementos mutuamente aceitáveis e acolhidas pela sua importância e significado na convivência humana dentro das instituições educativa, igreja, política que são partes da organização social com diferença na construção e realização em cada processo histórico com responsabilidade e coerência.

A cidade mais indígena é símbolo de uma descida e retorno para o espaço sagrado porque a terra é indígena, o Turoporã pertence e vive neste lugar, trabalha, constrói, tanto quanto o não indígena promovendo equilíbrio social na dinâmica da mudança. Habitar na cidade disseminando a propagação da ecologia humana e natural, sendo que a destruição humana e da natureza não é a obra do indígena porque ele conhece a cosmologia, o mito prescreve o ensinamento da verdade, a relação com outros semelhantes, a conduta e a

postura permanece na viagem da descida que mostra o indígena hoje, é um processo direcionado para o olhar diversificado cultural e social.

A urbanização do Turoporã e outras etnias é considerada uma construção da sociedade diversificada de novos elementos culturais, no cotidiano não muito observado ou pensado, existem as ações com a conquista no campo da educação de estudo e avanço intelectual, o destaque no trabalho profissional sempre com a identificação e perspectiva antropológica com o sentido humano intelectual participante do cosmo. A dinâmica social com perspectiva cultural movimenta na implantação das formas de vida social, desenvolvimento econômico, educação diferenciada, prática religiosa, economia sustentável, a ciência trabalhada com o espírito inclusivo e qualidade de vida não de exclusão e abandono.

Considero que a vida cultural indígena local e regional contém os princípios morais, e étnicos relacionados com a natureza, os semelhantes, os animais, um valor dos originários socializado na formalização do empenho coletivo que beneficia no redimensionamento das instituições tradicionais com proposta de projetos sociais viabilizando o conhecimento e respeito a vida natural aberto para a pesquisa e diálogo de aprofundamento. A característica da cultura indígena complementa a sustentação do funcionamento da política, a saúde pública com as diretrizes e tipos de normas jurídicas e leis nas reivindicações dos movimentos sociais contra as invasões de terras, crimes que impeçam o crescente aquecimento global com a validade da democracia ecológica e que a força dos membros sociais seja mais fraterna e humana para impedir os desastres da natureza da aldeia e da cidade.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. Editora Terceiro Nome, 2019.
- ANDRELLO, Geraldo. **Cidade do índio: transformações e cotidiano em Iauaretê**. Editora Unesp, 2006.
- ATHIAS, Renato. Kumuá, baiároá e yaís. Os especialistas da cura entre os índios do rio Uaupés-Am. **Revista de Estudos Amazônicos**, v. 7, n. 1, p. 87-105, 2007.
- AUGÉ, M. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 2003.
- BARTH, Fredrik; LASK, Tomke. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Contracapa Livraria, 2000.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Londres, Nova York, 1998.
- BOAS, Franz. **As limitações do método comparativo da antropologia**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRÜZZI, Alcionílio Alves da Silva. **A civilização Indígena do Uaupés**. Linográfica Editôra Ltda, São Paulo, 1969.
- CLIFFORD, James. Culturas itinerantes. In: **Estudos Culturais**. Routledge, 2013. p. 96-
- DA SILVA, Raimundo Nonato Pereira. De aldeados a urbanizados: aspectos da identidade étnica indígena na cidade de Manaus. **RUA**, v. 5, n. 1, p. 109-119, 1999.
- DA SILVA, Raimundo Nonato Pereira da. A cultura política dos Sateré-Mawé: a relação entre os povos indígenas e o Estado brasileiro. 2015.
- DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de antropologia**, p. 13-37, 1996.

DE OLIVEIRA, Ana Gita. O mundo transformado: um estudo da " cultura de fronteira" no Alto Rio Negro. Museu Paraense Emílio Goeldi, 1995.

DURKHEIM, Émile. O que é fato social. **As regras do método sociológico**, v. 6, 1978.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Antropologia Social**. Routledge, 2013.

FORTUNA, Carlos. Culturas urbanas e espaços públicos: sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 123-148, 2002.

FRAZER, James George. **O escopo da antropologia social**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A Reinterpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, LTC, 2008.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, p. 227-344, 1987.

GOODY, Jack. A lógica da escrita e a organização da sociedade. Leya, 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Lamparina, 2023.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em 23 de junho de 2022.

IRINEU, Lucineudo Machado; SOUSA, Aline Pereira; LOPES, Francisca Natália Leite. Ideologia e discurso: a construção da polarização ideológica em falas de Jair Bolsonaro. **Diálogo Das Letras**, v. 11, p. e02204-e02204, 2022.

KUPER, Adam. **Reinvenção Da Sociedade Primitiva Transformações de Um Mito**, a. Editora Universitária UFPE, 2008.

LASMAR, Cristiane. **De volta ao lago de leite: gênero e transformação no Alto Rio Negro**. Unesp, 2005.

LEENHARDT, Maurício. **Do Kamo: pessoa e mito no mundo melanésio**. Imprensa da Universidade de Chicago, 1979.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. 5ª edição. 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Pensamento Selvagem (o)**. Papirus Editora, 1990.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma Teoria Científica da Cultura-3a Edição**. Leya, 2024.

MALINOWSKI, Bronisław. **Argonautas do pacífico ocidental**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

MARINHO, Oséias Ramos. **Identidade e hierarquia entre os Turoporã do rio Tiquié, Amazonas**. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

MARINHO, Josimar Ramos. **Processo de organização escolar e educação indígena do Distrito de Pari Cachoeira-Tiqué**. 2016.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, v. 1988, 1976.

PARK, Robert Ezra; VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, 1967.

PRITCHARD, Evans. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2005.

PRITCHARD, Evan; COELHO, Ana M. Goldberger. Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. In: **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. 1978. p. 276-276.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred R. **El concepto de función en la ciencia social**. 1935.

RIVERS, William HR. O método genealógico na pesquisa antropológica. **A Antropologia de Rivers**. Campinas: Editora da Unicamp, p. 51-67, 1991.

SIMMEL, Georg *et al.* A metrópole e a vida mental. **O fenômeno urbano**, v. 2, p. 11-25, 1973.

SIMMEL, George. **Questões de sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

TYLOR, Edward Burnett. **A ciência da cultura**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2014.

TUZZO, Simone Antoniacci; BRAGA, Claudomilson Fernandes. O índio: um ser humano quase igual a nós. **Estudos em Comunicação**, n. 35, 2022.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: Fundamentos da sociologia compreensiva. Editora Universidade de Brasília, São Paulo, 1999.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. **O fenômeno urbano**, v. 4, p. 90-113, 1967.

